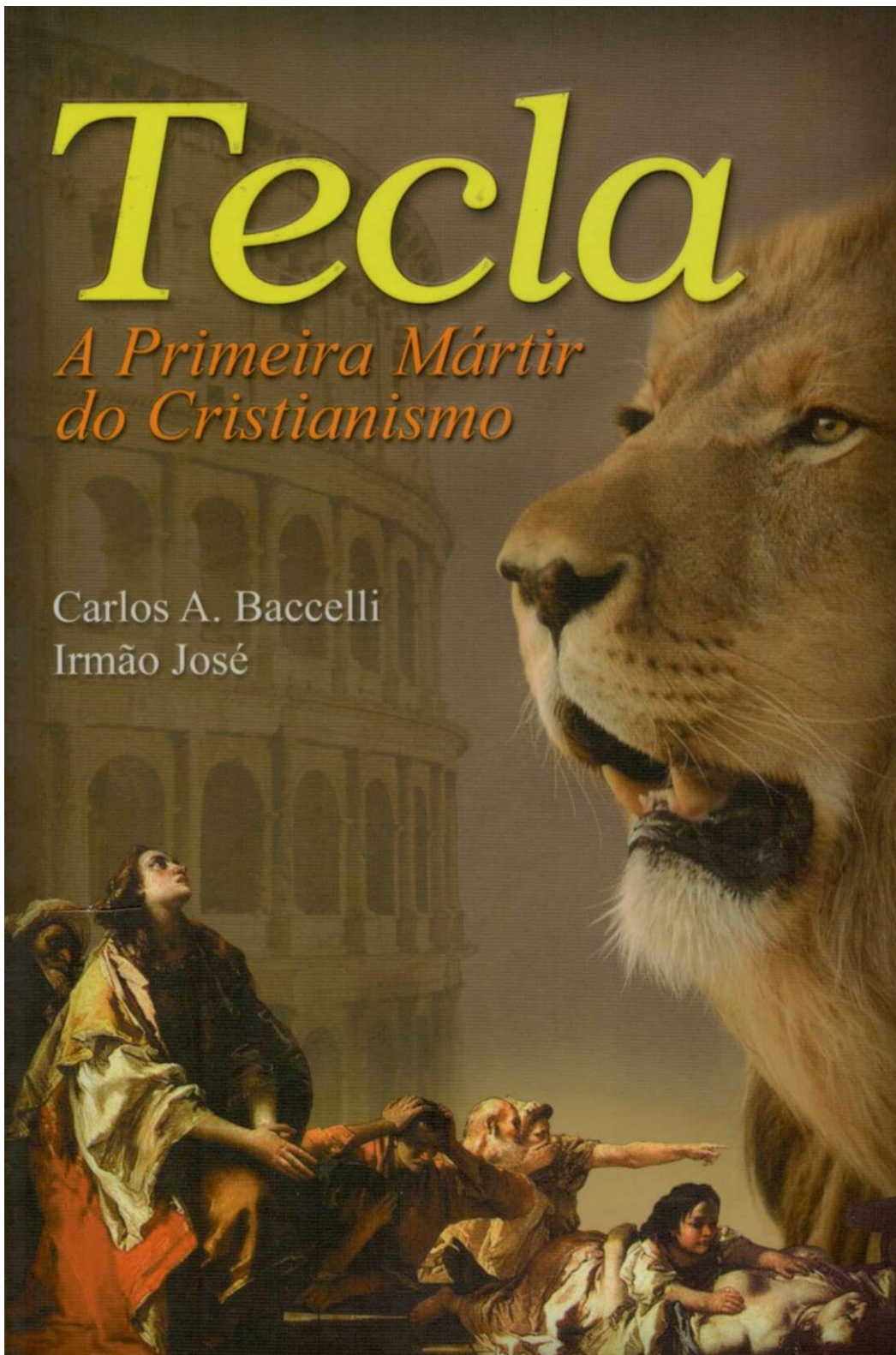
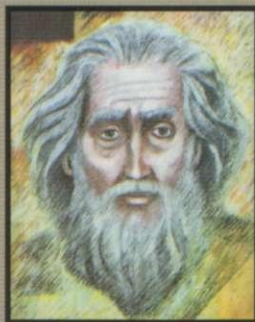


# Tecla

*A Primeira Mártir  
do Cristianismo*

Carlos A. Baccelli  
Irmão José





Devotado seareiro da Vida Maior, Irmão José, há longos anos, tem se desdobrado no labor da Doutrina no céu do Triângulo Mineiro, fazendo parte da legião de Espíritos que, da França, veio para o Brasil com o compromisso de aqui trabalhar pela sua implantação.

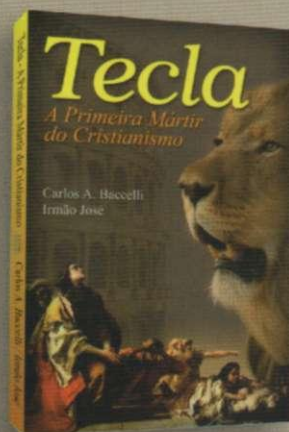
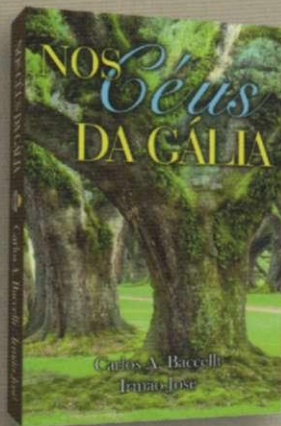
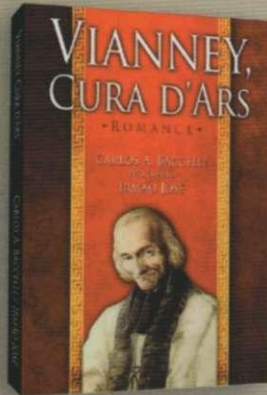
Durante muitos anos, Irmão José expressou-se mediunicamente através de D. Maria Modesto Cravo, nas inesquecíveis sessões do Centro Espírita "Uberabense", casa-máter da Doutrina na cidade de Uberaba, Minas Gerais.

Ainda pelo que estamos informados, Irmão José é o autor de algumas das páginas inseridas em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", tendo sido ele, à época do Cristianismo primitivo, abnegado companheiro das lides missionárias de Paulo, o apóstolo da gentilidade.

Vinculando-se atualmente ao médium Carlos A. Baccelli, Irmão José tem nos legado ensinamentos de profundo significado espiritual, continuando a cooperar, através de suas obras, na divulgação das mensagens espíritas, exortando-nos à sua vivência no cotidiano. Tão profundamente entranhou-se n'alma dos espíritas uberabenses que, em sua homenagem, no dia 2 de abril de 1993 foi inaugurada a sede do Grupo Espírita "Irmão José", núcleo que, construído na periferia da cidade, recorda as atividades da inesquecível "Casa do Caminho", de Jerusalém.

**Endossando-lhe os elevados méritos, Emmanuel, pela abençoada mediunidade de Chico Xavier, publicou com ele, de parceria, o livro "Crer e Agir", editado pelo IDEAL, São Paulo - SP.**

Outras obras do autor:



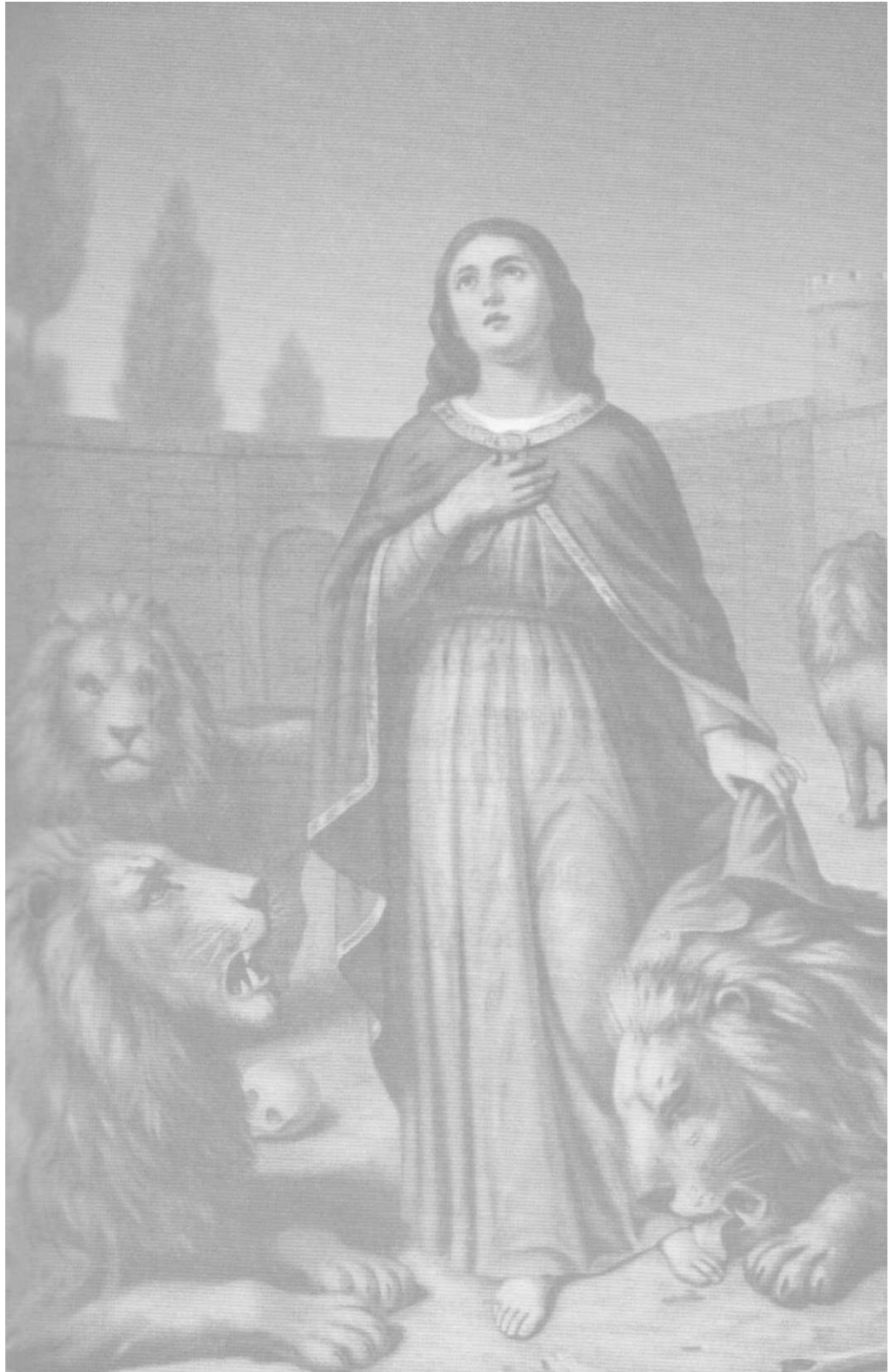


---

LEIA, ESTUDE E DIVULGUE AS  
OBRAS DA LAVRA DO MÉDIUM  
CHICO XAVIER.

---





**FICHA CATALOGRÁFICA**

(Preparada na Editora)

Baccelli, Carlos A.

TECLA, A Primeira Mártir do Cristianismo / [pelo espírito]  
Irmão José ; [psicografado por] Carlos A. Baccelli, - Uberaba, MG :  
Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo", 2014.  
352p. ; 14x21 cm.

**ISBN 978-85-60628-48-3**

1. Obras psicografadas.                      2. Espiritismo.

I. Baccelli, Carlos A.

II. Título

CDD-133.93



A primeira Mártir  
do Cristianismo

Carlos A. Baccelli

Irmão José

**Revisão:** Editora LEEPP

Arte **Final da Capa:** Paulo Moran

Projeto Gráfico: Cristiane de Oliveira

**Impressão e Acabamento:** Editora Vitória - [edvitoria@mednet.com.br](mailto:edvitoria@mednet.com.br)

---

Copyright 2014 by ©

**LIVRARIA ESPÍRITA EDIÇÕES "PEDRO E PAULO"**

Avenida Elias Cruvinel, 1202 - Bairro Boa Vista

Telefax (0xx34) 3322-4873 - 38070-100 - Uberaba, MG

E-mail: [lepp@terra.com.br](mailto:lepp@terra.com.br) - Site: [www.lepp.com.br](http://www.lepp.com.br)

---

*Os direitos autorais deste livro foram doados às obras assistenciais da  
Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo", Uberaba-MG.*

---

**1.ª edição - Do 1.º ao 8.º milheiro  
Janeiro/2014**

**Impresso no Brasil**

---

*Printed in Brazil*

LIVRARIA ESPÍRITA EDIÇÕES  
"PEDRO E PAULO"



TECLA

A Primeira Mártir

do Cristianismo

Carlos A. Baccelli

Irmão José

1ª Edição  
Ano 2014  
Uberaba - MG

# TECLA,

## *A PRIMEIRA MÁRTIR DO CRISTIANISMO*

A única referência histórica sobre Tecla, a jovem mártir, convertida por Paulo ao Cristianismo, está contida nas páginas da obra de Eusébio de Cesareia, em "História Eclesiástica", sob quase anônimo registro a respeito de seu testemunho de fé, nos primeiros tempos do Evangelho na Terra.

Aliás, diga-se, poucos foram os nomes de mulheres cristãs que o respeitável historiador teve oportunidade de fazer figurar na galeria de quantos, por amor ao Cristo, se entregaram ao sacrifício extremo, nas perseguições que, infelizmente, perduraram por cerca de trezentos anos, com o insano intuito de sufocar a Mensagem Cristã.

Contudo, ao lado dos homens que não hesitavam em confessar-se seguidores do Nazareno, pagando elevado tributo pela coragem no campo da fé, incontáveis foram as mulheres, de todas as idades, inclusive crianças, que, perecendo nos circos onde foram martirizadas, em atos de violência inimagináveis, concorreram para que o sacrifício do Senhor não fosse vão.

Escrevendo sobre alguns episódios da vida extraordinária de Tecla de Icônio, não tivemos outro propósito que não fosse o de fazer justiça ao seu heroísmo, que, até hoje, no mundo inteiro, segue inspirando milhares de almas que, a partir de si mesmas, se decidem a cooperar com Jesus na construção do Reino Divino para toda Humanidade.

Temos consciência das limitações desta narrativa e, por isto, rogamos escusas a nossos leitores, informando que, para efetuar-la, tivemos de recorrer aos arquivos falhos da própria memória, de vez que, conforme se poderá facilmente constatar, a vida da grande Mártir supera as expectativas que se possam fazer em torno das linhas despretensiosas que aqui deixamos consignadas, em torno de sua biografia.

Preferindo esperar que, através das singelas páginas deste livro, a missão que Tecla desempenhou nos primórdios do Cristianismo fale por si mesma, acreditamos ter colaborado para que os exemplos de alguns vultos cristãos dos primeiros séculos continuem a ser resgatados de seu quase esquecimento histórico, continuando a inspirar, na atualidade, quantos anseiam por melhor servir Àquele que nos é e sempre será Caminho, Verdade e Vida!

*Irmão José*

*Uberaba - MG, no Natal de 2013.*

## *Índice*

1 - Icôniq.....	13
2 - Em Casa de Onesíforo.....	24
3 -Tecla.....	35
4 - A "Casa do Caminho".....	46
5 -Sementeira.....	57
6 -A Conversão.....	68
7 -Tecla Cristã.....	79
8 - Paulo em Listra.....	90
9 - Diante do Procônsul.....	102
10 - Condenada à Fogueira.....	113
11 - Testemunhos de Fé.....	124
12 - Primeira Mulher a Pregar o Evangelho.....	136
13 - Com Paulo e Barnabé.....	148
14-"Casa do Pão".....	160
15 - Rumo a Jerusalém.....	171
16 - Tecla e Simão Pedro.....	182

17 - A Mulher e o Evangelho.....	193
18 - Novas Lutas.....	204
19 - Tecla e Maria de Nazaré.....	215
20 - Diálogo Inesquecível.....	226
21 - Tamar, a Filha Adotiva.....	237
22 - Estêvão.....	248
23 - De Atália a Jerusalém.....	259
24 - "Atos de Paulo e Tecla".....	271
25 - Viagem Missionária.....	282
26 - Em Trôade e Filipos.....	294
27 - Em Atenas.....	305
28 - Morte de Pedro e Paulo.....	316
29 - Últimos Dias.....	328
30 - No Mundo Espiritual.....	339

## Icônio

**A** cidade de Icônio, ou Konya, hoje uma das mais progressistas da Turquia, próxima das cidades de Listra e Derbe, foi, em remoto passado, um dos palcos onde grandes lutas foram travadas pela implantação do Cristianismo na Terra.

Sucessivamente, esteve ela sob o domínio dos frígios, do licônios, dos capadócius, dos gálatas e, por último, dos romanos, que a fizeram localizar no sul de sua Província da **Galácia**. O seu nome, segundo a Mitologia, deveu-se à vitória de Perseu contra um dragão, sendo que os seus habitantes, a fim de homenageá-lo, lhe edificaram um obelisco, ou ícone.

Em sua primeira viagem missionária, na pregação da Boa Nova, em companhia de Barnabé, após ter sido expulso de Antioquia de Pisídia, Paulo visitou-a, deparando-se nela com entranhado culto aos deuses e grande degradação de ordem moral.

Isso se deu logo após João Marcos, sobrinho de Barnabé (José de Chipre), ter-se separado do tio e do próprio Paulo, deliberando voltar a Jerusalém.

Icônio, nos primeiros lustros da Era Cristã, era uma cidade predominantemente povoada por gregos e judeus, estabelecendo-se entre eles acirrada disputa no campo religioso, de vez que os gregos, também escravizados pelos romanos, não haviam abdicado da idolatria, à qual se opunha o fanatismo do povo judeu.

Interessante é que os romanos mostravam-se condescendentes com os gregos, de quem haviam adotado a cultura, inclusive a de natureza anímica, mas não com os descendentes de Abraão, Isaac e Jacob, que pugnavam pela existência de um Deus único.

Em Icônio, como, aliás, em toda a Judeia e também no Egito, travava-se ferrenha conflagração que, desde o patriarca Abraão e o faraó Akhenáton, fora deflagrada pela ideia monoteísta, em oposição ao politeísmo, aliás, zelosamente defendido pela casta sacerdotal predominante. Tanto entre os judeus quanto entre os egípcios, a crença em um Deus único era causa de conflitos e derramamentos de sangue. Evidentemente, ambos, Abraão e Akhenáton, também chamado Ámen-hotep, eram espíritos provenientes do sistema planetário de Capela, na Constelação do Cocheiro, que, exilados na Terra, trouxeram consigo considerável concepção mais avançada a respeito do Criador de Todas as Coisas.

Os judeus primitivos, influenciados pelos assírios e caldeus, adoravam diversos deuses, como a Tamuz, do qual o deus Baal, que motivou o profeta Elias a enfrentar os seus sacerdotes no Monte Carmelo, é uma das manifestações. No Egito, Tamuz era conhecido como Amon, a quem o faraó monoteísta fez destronar, introduzindo o culto a Áton, o que

Ihe rendeu ferrenha oposição dos prioritários sacerdotes de Ámon, porque, desde os primórdios, o poder religioso se traduzia por poder de ordem divina e humana, com inevitável ingerência no campo político...

Akhenáton, que era poeta, chegou, inclusive, a compor hinos de glorificação a Áton, que ele comparava ao esplendor do Sol:

*"Bela é a tua aurora no horizonte do céu,*

*Ó vivo Áton, Começo da Vida!*

*Quando te levantas no Oriente,*

*Enches todas as terras com a tua beleza".*

É, infelizmente, certo que o ousado e tenaz reformador religioso e político jamais venceria a terrível oposição defendida pelas castas sacerdotais, senão do próprio povo egípcio. Então, insuportável reinar em Tânis, transferiu-se, com a esposa - a bela Nefertite -, em resistência, para Mênfis, onde se deu por vencido...

Esse mesmo movimento, orquestrado pelas Leis Divinas, no sentido de impulsionar o progresso espiritual da Humanidade, se verificaria em outras partes do Orbe, como na Pérsia, com Zoroastro, ou Zaratustra, que, igualmente, encarnou com a missão de proclamar a crença em Mazda, o Senhor da Luz!

A verdade, porém, é que os espíritos capelinos, entre os habitantes primários do Planeta, sempre intuíram a existência de um Ser Supremo, porque, mesmo entre os deuses do Olimpo, Zeus sobressaía de todos os seus pares, que, segundo a Mitologia, não passavam de seus coadjuvantes na tutela do destino dos homens...

Escolhendo doze Apóstolos, o Senhor, referindo-se a Deus na condição de Pai que "está no Céu", transferia o Olimpo para as mais remotas e transcendentais Dimensões do Universo, crença que, gradativamente, evoluiria para a concepção monista dos tempos atuais, à qual Ele próprio não deixou de se referir, quando, em várias oportunidades, afirmou que "o Reino de Deus está no coração de cada um".

Não obstante, voltemos a Icônio.

Na praça central da cidade, que, naquela tarde ensolarada, regurgitava, podemos testemunhar mais um dos muitos embates entre gregos e judeus, os quais, praticamente, não passavam um único dia sem digladiarem, moral e fisicamente, por conta de suas crenças religiosas. Embora o luminoso advento de Sócrates e Platão, no século IV antes de Cristo, combatendo o antropomorfismo, os dois grandes sábios, no máximo, haviam logrado que, no Areópago, se introduzisse um nicho destinado ao Deus Desconhecido, ao qual Paulo, visitando Atenas, teria oportunidade de se referir, em seu ponderável pronunciamento. Por esse motivo e outros, Allan Kardec, de maneira inspirada, haveria de considerá-los como Precursores da Ideia Cristã e do Espiritismo.

— Zeus é o Senhor Supremo do Céu! - bradava em alta voz um grego que se inflamara, ante a provocação que um judeu lhe fizera. — Poseidon e Hades, seus irmãos, cuidam do Mundo Oceânico e do Mundo Infernal! Esta é a nossa Trindade Universal! Não sejam tolos!...

— Idiota! - retrucava o judeu, com as mãos crispadas. — Jeová é o Senhor dos Exércitos! Ele nos libertou da Servidão do Egito e, durante quarenta anos, nos guiou à Terra Prometida... Vocês são estrangeiros aqui! Fora! Fora! Este lugar nos pertence! Não o dividiremos com vocês!...

— Para fazê-los escravos dos romanos!- provocou outro grego, arrancando sorrisos da multidão. — O Rei de vocês, ao que dizem, foi morto numa cruz como malfeitor... A libertá-Lo, vocês próprios preferiram conceder liberdade a tal Barrabás, que vivia assaltando as caravanas e espoliando as viúvas!...

— Ele não era e não é nosso Rei! - redarguiu um segundo judeu, prestes a se lançar sobre quem o desafiava. — O Messias, anunciado pelos nossos mais iminentes profetas, ainda está para vir... Ele, sim, nos libertará e engrandecerá de vez! Somos o povo escolhido! Deus é um só! Vocês são idólatras e pecadores, destinados ao Vale de Hinom! Porcos imundos!...

— Vocês tentaram destruir o templo de Ártemis, irmã gêmea de Febo! Não aceitaremos tal violência... Os próprios romanos adoram todos os nossos deuses, mudando orgulhosamente seus nomes! E vocês?! Jeová, um Senhor dos Exércitos que dizem ter aparecido num monte que, nem em altura e majestade, se compara ao Olimpo, cujo topo se perde por entre as nuvens...

Mal terminara de alardear estas últimas palavras ofensivas, o grego que assim os insultara recebeu na frente uma violenta pedrada, que o fez rodopiar e cair por terra, com o sangue a esguichar na poeira. Num átimo, a confusão se generalizou, deixando ao fim um saldo de três mortos e dezenas de feridos, sendo necessário que, uma vez mais, os soldados romanos sediados em Icônio interviessem com enérgico rigor.

Além de se defrontarem com os gregos, os judeus, constantemente - fosse nas ruas ou no singelo prédio em que haviam improvisado uma sinagoga - altercavam mesmo entre si, dividindo-se entre os seguidores de Moisés e os do Cristo, o qual, até então, para esmagadora maioria, realmente não passava de alguém que merecera morrer crucificado.

Em Icônio, portanto, na época a que nos reportamos, praticamente, não existiam cristãos absolutamente convictos, que, ainda em pequeno número, se concentravam em Jerusalém e algumas aldeias, como Betsaida e Cafarnaum e outras às margens do Rio Jordão e do Mar da Galileia. Corriam notícias de que alguns seguidores do "Caminho" estavam sendo perseguidos, e na cidade muitos comentavam o que acontecera a Estêvão, morto por apedrejamento, como o primeiro mártir cristão.

Enquanto alguns presos eram conduzidos à cadeia por soldados, o comandante do destacamento, como que a dizer impropérios, ia falando em voz alta à multidão que não se dispersava:

— Roma está sendo excessivamente tolerante com essa gente fanática... Não há um só dia em que não tenhamos de sair para apaziguarmos os ânimos exaltados dos judeus! Perto desses selvagens, os gregos nos dão menos trabalho!... Melhor que passássemos todos a fio da espada e acabássemos de vez com esses loucos!...

E acrescentava, indignado:

— Esse povo não pensa em outra coisa, senão em seu Deus, que dizem ser o Deus Verdadeiro! Ora, por Júpiter, tenho comigo que o Imperador ainda há de se arrepender de tanta tolerância!...

Porém, quando a noite caía, Icônio, praticamente, se transformava em nova versão de Sodoma e Gomorra, com homens e mulheres se embriagando, entregues a perversões e promiscuidades de toda espécie.

Parte humilde e trabalhadora da população vivia com medo e, assim que começava a escurecer, trancava-se dentro de casa, porque acontecia muitas crianças e adolescentes se-

rem raptados e vendidos como escravos, nunca mais sendo vistos pela família.

Os seus desvios de conduta no campo da libertinagem eram tão arraigados, que, mesmo após muitos deles terem se convertido ao Evangelho, Paulo necessitou escrever-lhes de forma veemente, como se encontra registrado em sua Carta aos Gálatas, capítulo 3, versículo 1 a 3: *"Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado? Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da Lei, ou pela pregação da Fé? Sois assim tão insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais agora vos aperfeiçoando na Carne?"*

Icônio estava na rota da primeira peregrinação missionária de Paulo, o ex-Doutor de Tarso, que se deu no ano 45 da Era Cristã. Em companhia de Barnabé e João Marcos, aquele que seria o jovem Evangelista Marcos, filho de Maria Marcos, irmã do primeiro, eles seguiram, inicialmente, à Ilha de Chipre, onde foram recebidos com grande alegria pelos moradores, os quais tinham Barnabé em alta estima. Ali, sem maiores problemas, eles efetuaram as suas pregações, partindo, após, para Perga e Panfília, na direção de Antioquia, na Pisídia.

João Marcos, no entanto, ainda adolescente de 14 anos, desalentado ante as muitas dificuldades que encontravam, passando fome e frio, deliberara voltar a Jerusalém, deixando que Paulo e seu tio, um tanto decepcionados, continuassem sem ele ao encontro de maiores testemunhos. A viagem, apenas cumprida parcialmente, não haveria, porém, de lhe ser inútil, porque, durante todo o percurso, o jovem os escutava falarem a respeito dos feitos e das lições do Cristo, que, então, apenas verbalmente se propagavam. Em compensação, muito significariam, por fornecer-lhe subsídios para, mais tarde, redigir as suas preciosas anotações, a se completarem com os depoimentos de Simão Pedro.

Em Antioquia, comparecendo anonimamente à sinagoga, quando um dos chefes lhes franqueou a palavra, Paulo levantou-se e, conforme se pode ler, de maneira sucinta, em "Atos dos Apóstolos", capítulo 13, versículos 16 a 41, falou com a eloquência de outrora, que aprendera de Gamaliel, seu antigo mestre no Sinédrio:

*"Varões israelitas, e vós outros que também temeis a Deus, ouvi:*

*O Deus deste povo de Israel escolheu nossos pais e exaltou o povo durante sua peregrinação na terra do Egito, donde os tirou com braços poderosos;*

*e suportou-lhes os maus costumes por cerca de quarenta anos no deserto;*

*e, havendo destruído sete nações na terra de Canaã, deu-lhes esta terra por herança,*

*vencidos cerca de quatrocentos e cinquenta anos. Depois disto, lhes deu juízes até o profeta Samuel.*

*Então eles pediram um rei, e Deus lhes deparou Saul, filho de Quis, da tribo de Benjamim, e isto pelo espaço de quarenta anos.*

*E, tendo tirado a este, levantou-lhes o rei Davi, do qual também, dando testemunho, disse: Achei a Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade.*

*Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe Deus a Israel o Salvador, que é Jesus..."*

Com o seu extraordinário poder de síntese e a lógica irrefutável de seu pensamento, o Grande Converso, profundo conhecedor das Escrituras, apresentava a Jesus na condição

do Messias que o povo de Israel não queria aceitar. Nenhum dos Doze se fizera mais talhado do que ele para a missão, que o próprio Senhor lhe designara às portas de Damasco. Dificilmente, outro espírito, em que pese à sua intolerância religiosa como rabino, haveria de se haver tão bem na tarefa para a qual Paulo, certamente, nascera predestinado. Acreditamos que até mesmo a perseguição que fez desencadear contra os cristãos, dando início a trezentos anos de martírios inenarráveis, serviu para lhe formar o espírito, cravando-lhe um "espinho na carne" da própria consciência culpada, que assim o impelia a se doar sempre e cada vez mais a Jesus Cristo, ao ponto de dizer: "*... já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim...!*"

O êxito que Paulo e Barnabé obtiveram naquele sábado na sinagoga de Antioquia não passou do prenúncio dos testemunhos que os aguardavam adiante, de vez que, no sábado seguinte, quase toda a cidade comparecera para ouvi-los falar, o que despertou a inveja dos judeus conservadores. Acontece que, "cheios do Espírito Santo", ambos, durante a semana, haviam realizado diversas curas, inclusive a de uma senhora cega de nome Sara, que, desde menina, nunca enxergara a luz do dia, e de um menino que não conseguia andar, a não ser se arrastando penosamente, utilizando a suas mãos como se pés fossem.

Sentindo-se assim desprestigiados, os judeus que comandavam a sinagoga começaram a espalhar que Paulo e Barnabé, a serviço de Roma, não passavam de espíões, que ali estavam para descobrir e denunciar quem demonstrasse simpatia pelo Crucificado. Semelhante artimanha não lhes foi difícil conceber, porque, afinal de contas, a figura de Paulo ainda não conseguira sobrepujar de todo a figura de Saulo, o orgulhoso doutor da lei, que, praticamente, era o mentor da perseguição contra os seguidores do Nazareno.

Enquanto os gentios de todas as partes, ávidos de esperança numa vida melhor, hauriam profundo consolo nas palavras de Paulo e Barnabé, predispondo-se à aceitação do Cristo, os judeus, de espírito endurecido, começaram a instigar "*as mulheres piedosas de alta posição e os principais da cidade*" contra eles, fazendo com que corressem risco de vida. Fazendo-lhes ameaças públicas e veladas, eles os expulsaram de seu território.

— Não se aborreça, Paulo! - confortou Barnabé o amigo que não se deixava abater tão facilmente. — Pelo menos, nos foi concedido falar na sinagoga... Muitos sequer tinham ouvido falar a respeito de Jesus! Não podemos pretender que as sementes plantadas floresçam assim tão depressa... Simão costuma dizer que o Senhor sempre repetia que o Reino de Deus não vem com visível aparência! Pressinto que teremos grandes lutas pela frente, e elas estão apenas começando...

— Não estou triste - respondia o Apóstolo das Gentes, enxugando as lágrimas que lhes escorriam dos olhos - pelas humilhações que sofremos, ou por termos sido expulsos como se fôssemos leprosos... Aborreço-me ao pensar que, de certa maneira, sou o culpado por tudo, pois fora eu a insistir com o Sinédrio para que considerasse os seguidores de Jesus na condição de hereges!

— Todos nós erramos - prosseguia Barnabé, dizendo. — Muitos dos profetas, nossos pais, a pretexto de defenderem a Lei, ordenaram que muitos fossem mortos. Por ordem do próprio Moisés, num só dia, três mil idólatras foram mortos... Com todo o respeito, não seriam eles nossos irmãos?! Não nos ensinou o Senhor a amarmos mesmo nossos inimigos?!...

— Todavia - insistia Paulo -, em minha consciência, eu não encontro justificativa para o que fiz...

— À exceção de Jesus Cristo, eu não conheço nenhum homem virtuoso que assim tenha saído do ventre de sua mãe!

— Você tem razão, Barnabé - retrucava o companheiro de viagem -, e preciso dizer-lhe que o que Gamaliel significou para mim no Judaísmo você está significando no Evangelho! Sem você, eu não conseguiria empreender esta viagem...

— Quem me dera! Eu tenho quase o dobro de sua idade e não consigo lhe acompanhar os passos... Por vezes, falta-me o fôlego, e sinto o coração bater descompassado em meu peito. Tenho orado a Deus para que me fortaleça! Paulo, a fim de mais bem servir aos propósitos do Senhor, eu gostaria de ter o seu corpo robusto...

— E, com o mesmo propósito, eu gostaria de ter a robustez de seu espírito!...

Assim dialogando, fosse sob a luz das estrelas ou sob o sol causticante das estradas quase abandonadas, parando muito pouco para descansarem e comerem, é que os dois amigos puderam, por fim, chegar a Icônio, cidade que distava 140 quilômetros de Antioquia.

## 2

### Em Casa *de* Onesíforo

**E**m Icônio, Paulo e Barnabé, extremamente exaustos, foram bater à porta da casa de Onesíforo, um recém-convertido que lhes fora indicado por um amigo comum. A viagem, sem dúvida, lhes estava sendo proveitosa, em promissora semeadura, mas os ânimos contra os adeptos do "Caminho", logo conhecidos como "cristãos", se mostravam cada vez mais exaltados. É que as legiões trevosas intuíam os adversários do Cristo para o perigo que o seu Evangelho representava, em seus propósitos de libertação espiritual da Humanidade escravizada às Sombras.

Não há outra maneira de se explicar o ódio encarniçado que se passou a votar aos seguidores do Nazareno, incapazes de erguer a mão para se defender do menor ataque. Eles, quase sempre, eram constituídos de homens e mulheres extremamente simples, pobres e doentes, que não representavam ameaça para ninguém.

Onesíforo havia sido um escravo que, tornando-se cristão, por ter curado a filha do homem a quem servia, por intercessão da mãe da menina, que aparecera com estranhas manchas violáceas no corpo, ganhara a liberdade, passando, então, a morar com a família numa pequena casa que lhe fora presenteada pelo genitor da pequena.

Os três, evidentemente, não se conheciam, mas Paulo, portando carta de recomendação de Ibraim, para quem o ex-rabino trabalhara como tecelão em Antioquia, apresentou-se a Onesíforo, a fim de que este os hospedasse em sua casa. Barnabé, igualmente, mostrara-lhe carta escrita por Eustáquio, a quem o antigo escravo conhecia pessoalmente.

Convém sempre destacar que ambos, Paulo e Barnabé, procuravam, aonde chegavam, não ser pesados a ninguém, sendo uma de suas primeiras iniciativas encontrarem trabalho com que pudessem garantir a própria sobrevivência, na conquista do pão de cada dia. À época, devido ao grande fanatismo que imperava em toda a Judeia e, de resto, no mundo todo, era muito grande o número de exploradores, que, valendo-se da ignorância e da superstição, extorquiam dinheiro do povo.

Quando eles atravessaram a Ilha de Chipre, chegando a Pafos, tiveram que se defrontar com um judeu, mágico e falso profeta, de nome Barjesus, que, segundo Lucas anotou no capítulo 13 de "Atos dos Apóstolos", estava a explorar um Procônsul de nome Sérgio Paulo, que havia muito padecia de insidiosa enfermidade.

Barjesus, também chamado Elimas, era, sem dúvida, um médium vinculado a espíritos infelizes, que, servindo-se de suas faculdades mediúnicas, manipulavam o povo com suas mentiras. Sabendo que os dois pregadores do Evangelho haviam chegado a Pafos, o Procônsul, com o intuito de lhes

ouvir a palavra, mandou chamá-los, o que, de imediato, provocou inveja ao mágico.

Este episódio, em riqueza de detalhes, é narrado por Emmanuel, no livro "Paulo e Estêvão", de sua lavra espiritual. Ouvindo Paulo, que sempre se fazia acompanhar de Barnabé, o Procônsul passou a se interessar por Jesus e, através da cura espiritual que assim obtém, reconquista a saúde do corpo debilitado, comprometendo-se a fundar uma igreja em Pafos.

Desprestigiado, Elimas encoleriza-se e, diante do Procônsul o qual, de imediato, se desfaz de seus serviços, enfrenta a Paulo e Barnabé, acusando-os de poderosos feiticeiros, que, certamente, haviam aprendido a arte de ludibriar com mestres desconhecidos...

— O nosso único Mestre - rebateu Paulo com firmeza - é Jesus Cristo, que nos recomenda "darmos de graça o que de graça recebemos"... Não vivemos a expensas da fé! A diferença entre nós está em nossas mãos - falou diante do Procônsul atento, mostrando, com Barnabé, as mãos feridas pelo trabalho rústico.

— Mostre-nos as suas mãos, para que lhe conheçamos o coração! - insistira Barnabé.

Algo hesitante, mas sob o severo olhar do Procônsul, Elimas estendeu as mãos espalmadas, que não exibiam uma única calosidade advinda de algum trabalho de ordem material. Desde muito, o falso profeta vivia de explorar a boa-fé das pessoas, administrando-lhes poções que apenas lhes proporcionavam melhora aparente de paliativos.

Paulo que, até aquele momento, buscara se controlar emocionalmente, tomado de profunda indignação, disse a Elimas as palavras que se encontram registradas no citado capítulo de "Atos dos Apóstolos", versículos 10 a 13:

*"Ó filho do Diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor?"*

*Pois agora eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o Sol por algum tempo. No mesmo instante, caiu sobre ele névoa e escuridade e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão.*

*Então o Procônsul, vendo o que sucedera, creu, maravilhado com a doutrina do Senhor".*

Onesíforo, que morava com a esposa e dois filhos, abraçou os dois companheiros e, com imensa alegria, os convidou a entrar, dizendo:

— Vocês chegaram na hora do jantar... Não reparem na sua pobreza, mas venham participar de nossa mesa! Teremos imensa alegria em dividir com vocês tudo que temos!...

— A mesa do Senhor é sempre farta de bênçãos! - exclamou Barnabé, que sempre fazia questão de se colocar um passo atrás do amigo de viagem. — Num simples pedaço de pão, Ele pode multiplicar as nossas forças ao infinito!...

A gratidão de Paulo à hospitalidade e amizade de Onesíforo ficaria imortalizada na sua Segunda Epístola a Timóteo, no capítulo 1, versículos 16 a 18, escrita no cárcere:

*"Conceda o Senhor misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me deu ânimo e nunca se envergonhou das minhas cadeias.*

*Antes, tendo ele chegado a Roma, me procurou solícitamente até me encontrar.*

*O Senhor lhe conceda, naquele dia, achar misericórdia*

*da parte do Senhor. E tu sabes, melhor do que eu, quantos serviços me prestou ele em Éfeso".*

A conversa naquela casa, na qual se fundaria a primeira igreja cristã em Icônio, estendeu-se até a alta madrugada. Onesíforo e sua família escutavam com atenção as notícias de Jerusalém, em torno de Jesus Cristo, que, em verdade, estavam repercutindo longe, até mesmo na Capital do Império. Comentava-se, inclusive, que Tibério César, o Imperador, se havia deixado tomar de simpatia por Jesus, mormente após ter lido o que, a respeito dele, lhe escrevera o Senador Públio Lântulus, sendo o sublime texto denominado "Retrato de Jesus".

— Diante do que me relatam - ponderava Onesíforo -, não resta dúvida de que Jesus de Nazaré, filho de José e Maria, é o Messias anunciado pelos profetas de nosso povo. Tudo que Isaías escreveu a seu respeito veio a se confirmar...

E citava de memória um trecho das Escrituras:

*"Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.*

*Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido.*

*Mas ele foi trespassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados".*

— Deveremos, então - indagou a esposa de Onesíforo, de nome Ester -, esperar que sejamos libertados do jugo dos romanos... Moisés nos libertou da escravidão do Egito, e

o Cristo nos libertará da escravidão de Roma - é isto?! Ah!, como anseio que os meus filhos cresçam livres!...

Barnabé, sorrindo, pousou a destra sobre a cabeça de um dos filhos de Onesíforo e Ester, respondendo:

— A libertação que o Cristo nos oferece transcende a libertação das algemas com que Roma nos subjuga! Da forma com que Ele nos liberta, ninguém nunca mais poderá nos escravizar, porque o Messias não veio a nós para libertar corpos que, naturalmente, haverão de se libertar com a morte. Ele veio para que, através do conhecimento da Verdade, nos emancipemos das cadeias da ignorância que nos retêm o espírito!...

— Todavia - perquiriu Onesíforo, que conhecera dupla escravidão -, não nos será lícito esperar que sejamos uma nação livre? Eu também tenho esperanças de que meus filhos e netos...

— Irmão - redarguiu Barnabé, que, inclusive na palavra, raramente se antecipava a Paulo -, o homem não é escravo senão de si mesmo... Quem nos poderá colocar peias ao pensamento?! Quem nos conseguirá impedir de ser o que somos em nosso interior?! O Cristo nos ensinou que somente é verdadeiramente livre aquele que ama a quem o odeia...

— Trata-se de uma doutrina maravilhosa, no entanto - observou Onesíforo -, creio que não seja para todos... Amar os que nos escravizam e os que nos perseguem e caluniam?!...

— Tive oportunidade de ler - elucidou Barnabé - algumas palavras que Levi escreveu dos ensinamentos que o Senhor transmitia aos Discípulos, justamente falando sobre o amor que também devemos aos inimigos: *"Aprendestes que foi dito: 'Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos.' Eu, porém, vos digo: 'Amai os vossos inimigos; fazei o*

*bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos do vosso Pai que está nos Céus e que faz se levante o Sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos. — Porque, se só amardes os que vos amam, qual será a vossa recompensa? Não procedem assim também os publicanos? Se apenas os vossos irmãos saudardes, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem outro tanto os pagãos?."*

Dos olhos de Onesíforo e Ester escorriam abundantes lágrimas.

— Meu Deus - exclamou o ex-escravo - será que teremos forças para atender a tão altas recomendações?!...

E Ele ainda nos recomenda-emendou Paulo: — *"Aprendestes que foi dito: olho por olho e dente por dente. — Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal que vos queiram fazer; que se alguém vos bater na face direita, lhes apresenteis também a outra..."*

— Papai - surpreendeu-nos Alexandre, filho de Onesíforo, um garotinho de apenas nove anos de idade -, Jesus é o Rei do Céu! O seu trono deve ficar entre as estrelas e o seu carro deve ser o Sol... Nem o próprio Imperador pode se comparar a Ele em poder e grandeza! Ele veio nos libertar... Como somos felizes, papai! A bondade Dele há de se estender à Terra inteira!...

Ester abriu os olhos, admirada, porque, segundo ela, Alexandre era de conversar muito pouco e, por este motivo, todos supunham que ele até padecesse de surdez.

— Não! - exclamou Barnabé, que, minutos antes, tocara com a destra a cabeça do garoto. — Este menino está cheio do Espírito Santo! Por intermédio dele, as Vozes do Céu estão

conversando conosco! Não está escrito: *"Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor"?!*

Assim, naquela noite memorável, conforme dissemos, fundara-se a primeira igreja cristã de Icônio, cujos alicerces, ao longo dos séculos, haveriam de resistir às arremetidas das Sombras.

Entrementes, nos dias seguintes, proveniente de Antioquia, chegara a Icônio, um israelita que participara da expulsão de Paulo e Barnabé da cidade. Procurando os judeus na sinagoga, ele começou a inflamá-los contra os dois, que, então, já tendo começado a sua pregação pública, se faziam admirados por quantos tinham oportunidade de ouvi-los. A multidão que acorria era tão grande, que foi preciso os gentios interessados nas pregações dos apóstolos lhes oferecessem um espaço em mais amplo salão.

Praticamente, todas as tardes, antes que escurecesse totalmente, logo terminadas as atividades profissionais do dia, os dois se dirigiam para o local de suas pregações, anunciando que Jesus Cristo era o Messias, aquele de quem João, o Batista, havia dito: *"Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo".*

Em quase todas as tardes-noites de pregação, em meio à multidão, irrompiam estranhas vozes que procuravam contradizê-los, contestando a palavra lúcida dos dois Apóstolos. Eram os espíritos desafetos da Luz, que, do Outro Lado da Vida, não concediam trégua aos cristãos da primeira hora do Evangelho na Terra. Eles, que, em ousadia sem tamanho, haviam se confrontado com o próprio Senhor, como no episódio da "tentação no deserto", se esgueiravam nas Sombras além da morte, lutando para impedir a propagação da Boa Nova.

Numa dessas reuniões, uma mulher, conhecida mendiga em Icônio, que vivia dizendo impropérios pelas ruas da cidade, caiu em transe e, completamente transfigurada, começou a desafiá-los com voz masculina.

— Mentirosos! Calem-se! - vociferava o espírito. — Vocês são aproveitadores... Eu os conheço! - E, dirigindo-se a Paulo, acusava: — Você é um assassino... Com que autoridade vem falar a respeito do Crucificado, você que, até ontem, apenas conheceu o poder e a luxúria! Agora está arrependido do que mandou fazer e do que fez?! Todo o sangue derramado por sua causa faria transbordar o próprio Poço de Jacó...

Ante a humilhante acusação, Paulo, naquela tarde, sentiu-se baquear, porque, afinal de contas, a consciência pelos erros cometidos outrora lhe tomava contas todos os dias.

Barnabé, percebendo que o amigo hesitara, ele, que zelava por Paulo com interesse paternal, não correspondendo à verdade o que cogitam os historiadores a respeito de possível rompimento entre ambos, levantou-se e, envolvido por forças de ordem superior, respondeu com serenidade:

— Meu irmão, o Cristo não veio para curar os sãos, mas, sim, os enfermos! Todos nós temos necessidade de sua misericórdia e de seu amor! *"Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado"*, e este, segundo creio, não é o seu caso e o de nenhum de nós outros! Eu próprio, eis que me confesso de público, tenho muitos erros a serem ressarcidos...

— Velho nojento! - gritava o espírito através da mulher que ninguém ousara conter e sequer tocar, porque era crença corrente entre eles que, se alguém tocasse um médium quando este estivesse em transe, o espírito que o tomava se *passaria* para ele, ficando a atormentá-lo. — Cale-se, seu bruxo! Quantas vezes terá esvaziado você o cálice do prazer?! Agora,

que se aproxima da morte, arrepende-se?! Hipócrita! Tenha coragem de, pelo menos, ser quem sempre foi!...

— Sob as bênçãos de Jesus Cristo - redarguia o Discípulo -, não sou mais o cego que sempre fui, pois conheço muito bem os erros pelos quais terei de pagar... Eu também não recalitrarei contra os agulhões! - emendou, recordando-se das palavras do Converso de Damasco, no inesquecível diálogo que ele manteve com o Sublime Ressurecto no deserto escaldante. — O Senhor afirmou que tinha vindo à Terra, em procura das ovelhas perdidas da casa de Israel, e você, meu irmão, qual nos acontece, também é uma delas! Regresse conosco ao Aprisco Divino! Regresse, enquanto é tempo, e liberte-se da Geena em que se encontra!...

A mulher soltou terrível grito e, caindo, começou a convulsionar, permanecendo no meio do círculo humano que em torno dela se fez. Então, na companhia de Paulo, Barnabé se aproximou da pobre mendiga e ambos impuseram-lhe as mãos à altura da cabeça, livrando-a daquela insidiosa obsessão, que, desde muito, fazia com que passasse por louca nas ruas de Icônio.

As opiniões em torno deles se dividiram, sendo que *"uns eram pelos judeus, outros pelos apóstolos"*.

Onesíforo, que os hospedava em sua casa, fora ameaçado pelos judeus, inclusive pelos que eram seus fregueses e lhe garantiam a sobrevivência, adquirindo os queijos de leite de cabra, que, em companhia da esposa e dos filhos, ele confeccionava, além do azeite que comercializava.

— A minha casa não mais me pertence - dizia ele com firmeza. — Aqui, agora, o hóspede sou eu! Paulo e Barnabé nela permanecerão pelo tempo que quiserem...

— Isso mesmo, papai! - incentivou-o o pequeno Alexandre, que, mais tarde, ainda adolescente, se transformaria num dos principais nomes do Cristianismo, passando a ser conhecido por Alexandre de Jesus.

Contudo, semanas mais tarde, grave acontecimento viria provocar a fuga de Paulo e Barnabé, que, às escondidas, deixariam Icônio, em direção à Listra, prosseguindo, intimoratos, na tarefa de fazer com que o Evangelho fosse levado aos gentios.

# 3

## Tecla

**S**ecundando a missão que, dos Dois Lados da Vida, o Cristo viera desempenhar na Terra, na evangelização da Humanidade encarnada e desencarnada, vários espíritos se candidataram a nova existência no mundo. Desde muitos séculos antes de seu nascimento, espíritos de todos os níveis evolutivos se espalharam por todo o Orbe considerado civilizado, anunciando-Lhe a chegada.

Das Gálias à Galileia, os seus precursores, revezando-se no corpo, foram se sucedendo, revolvendo a terra dos corações para que, sobre elas, o Divino Semeador lançasse as sementes de seu Amor e de sua Sabedoria.

Esses espíritos, em maioria, não haviam feito a sua evolução no Planeta, posto que os seus habitantes primitivos, com raríssimas exceções, ainda não se mostravam aptos para tão elevada tarefa de cunho espiritual. Provenientes de outras Esferas, principalmente do sistema planetário de Capela,

eles haviam sido convocados ao transcendente labor, que, ao mesmo tempo, lhes serviria de resgate aos erros cometidos em experiências vivenciadas noutras moradas da Casa do Pai.

Espíritos, por exemplo, como Hermes, no Egito; Zoroastro, na Pérsia; Confúcio e Lao Tsé, na China; Sócrates e Platão, na Grécia; Sidarta Gautama, na Índia; e tantos outros, como Abraão e Moisés, Elias e Daniel, na Judeia, pertenciam a outros domicílios espirituais.

Dentre esses espíritos, precursores do Cristianismo na Terra, ou seus contemporâneos ou, ainda, mesmo seus herdeiros, destaca-se a extraordinária figura de Tecla, filha única de Mésimo e Teóclia, eminente casal da cidade de Icônio.

O seu pai, Mésimo, homem de várias propriedades, também possuía vasta biblioteca, que fazia questão de exibir aos visitantes, sem que, no entanto, se dispusesse a ler os preciosos volumes de sua coleção, ao lado dos quais, em destaque, perfilavam inúmeros manuscritos dos sábios gregos, que ele fazia questão de adquirir daqueles que os comercializavam na clandestinidade. Desde que Roma invadira a Grécia, a partir do ano 146 a.C, a cultura grega se viu espoliada em sua fabulosa riqueza literária, sendo que, infelizmente, muitos livros foram simplesmente incinerados pelos seus incultos conquistadores!

Aos tempos atuais, infelizmente, dos sábios gregos que antecederam Sócrates, considerado o Pai da Filosofia, ou seja, dos chamados pré-socráticos, não chegaram mais que alguns poucos fragmentos, que, não obstante, falam de seus vastos conhecimentos em quase todas as áreas do saber humano. Estamos nos referindo, principalmente, aos que pertenciam à Escola de Mileto e de Abdera, como Tales e Anaximandro, Leucipo e Demócrito, sem que, contudo, esqueçamos um Heráclito de Éfeso e um Pitágoras de Samos.

Quando o Cristo foi crucificado, Tecla não deveria ter mais que cinco anos de idade e, praticamente, fora alfabetizada entre os livros da rica biblioteca de seu pai, passando a adolescência e juventude a ler os poetas gregos e mesmo os latinos, bem como as obras de Platão, que haveriam de influenciar os Pais da Igreja, notadamente Orígenes, no que tange à crença na Reencarnação, "proibida" pelo I Concílio de Constantinopla, em 553, mediante exigência da Imperatriz Teodora ao esposo, Justiniano, Imperador do Oriente.

Tecla crescia indiferente às coisas do mundo, afastada das outras crianças, que, em maioria, apenas se preocupavam com os folguedos próprios da idade, divertindo-se com fantoches e balanços, quando não com pandorgas e jogos de damas e xadrez.

Muito introspectiva, não raro, entretinha-se com a mãe em longos diálogos, crivando-a de perguntas, porque os deuses cultuados em imagens dentro de casa contrastavam com o que, gradativamente, vinha aprendendo nos livros de Filosofia aos quais se afeiçoara.

— Mãezinha - perguntava ela -, Sócrates e Platão nos dão a entender que existe um único deus... Este pensamento foi uma das causas da morte de Sócrates, a quem os juízes obrigaram beber cicuta. Eu também não consigo entender a existência de muitos deuses, pois os nossos profetas afirmaram que o Deus de Abraão era superior a todos os demais.

— Tecla - respondia-lhe a genitora -, você ainda é muito menina para andar com essas ideias... Preocupo-me com você. Tamíride a visita com frequência, mas você não lhe dá importância. Saiba que o seu pai tem interesse em quem você escolha para seu futuro esposo...

— Ora, mamãe! Eu não creio que toda mulher tenha

nascido para se casar e ter filhos... Vejamos o exemplo de Safo de Lesbos, que fundou uma escola somente para moças, onde ensinava poesia, música, canto e dança!

— Mas você é a nossa única filha, a esperança de que a nossa família se perpetue. Você sabe o que o seu pai pensa a respeito, e não devemos contrariá-lo - argumentava Teóclia, que conhecia de perto o gênio algo inflexível do marido.

— Não é minha intenção desrespeitar a vontade de meu pai, mas, sinceramente, eu não sinto que nasci para me casar... Experimento um incontido desejo de aprender mais sobre a Vida. Intrigam-me, por exemplo, as palavras de Sócrates aos seus jovens discípulos em Atenas, falando a respeito da existência de um deus sobre o qual, até então, ninguém havia ouvido falar. Segundo consta, no Areópago...

— Ah, filha! Eu não entendo nada dessas coisas - redarguia a senhora, com preocupação estampada no semblante.  
— Prefiro cuidar de colocar a nossa casa em ordem, conforme o seu pai gosta. A única coisa que imploro aos deuses é pela sua felicidade...

Tecla, embora o cortejo que lhe fazia Tamíríde, belo jovem judeu, igualmente único filho de pais muito ricos, preferia a companhia dos livros, que não se cansava de folhear, e de duas virtuosas escravas tessálias, com as quais, pela manhã, costumava passear pelas ruas de Icônio, levando pão para os mendigos.

— Que Demetér, a deusa da fertilidade, a abençoe, minha boa jovem! - agradecia-lhe maltrapilha senhora que Tecla sempre socorria. — Oro aos deuses para que você encontre um bom esposo e tenha muitos filhos!...

— Deseje-me outra coisa, Ana - replicava Tecla a sorrir.  
— Eu não pretendo levar a vida de minha mãe... Ultimamente

- acrescentava - tenho pensado em fundar uma escola em Icônio, como a que Safo fundou em Lesbos. Tantas meninas sendo vitimadas pela prostituição!...

Nesse exato momento, aproximava-se uma garota grávida, que não deveria ter mais que quinze anos de idade.

— Estela! - exclamou Tecla, abraçando-a. — Por onde você andava?! Nesta semana, eu não consegui vê-la uma única vez...

— Ah, senhora! Eu tenho estado muito doente, com febre...

De fato, a menina, extremamente pálida, mal estava conseguindo sustentar o corpo em pé.

— Que está acontecendo?! - perguntou Tecla, preocupada. — A sua roupa está manchada de sangue e o seu rosto, cheio de hematomas... Que houve, Estela?!...

— Há dias, mesmo estando assim grávida, fui atacada por um homem bêbado que me bateu e ainda me violentou... Desde então, não mais tenho sentido a criança mexer-se em meu ventre! Fui falar com os policiais, mas eles não se importaram...

Assim dizendo, frágil como se encontrava, a garota desmaiou, sendo amparada por Tecla e pelas duas servas tessálias.

Providenciando uma carroça, puxada a cavalo, a futura Mártir do Evangelho deliberou levar a adolescente para sua casa, instalando-a no mesmo aposento destinado às escravas. Em seguida, pediu a uma delas que chamasse sua mãe, e, depois, fosse atrás de seu professor, que, em Icônio, também acumulava as funções de médico.

— Tecla, minha filha - preocupou-se Teóclia - o seu pai não irá gostar disso... Você sabe como ele a repreende por essas suas ações junto aos pobres! E, igualmente, como sempre, irá me culpar...

— Mamãe, mas Estela está morrendo!... Veja como o seu ventre está inchado! Ela está ardendo em febre...

Nesse exato momento, a menina, a qual começara a receber compressas de água fria sobre a fronte, entrou em sucessivas crises convulsivas e, quando o médico chegou, não havia nada mais a ser feito! Sofrendo irreversível parada cardíaca, Estela se desprendera do corpo!

— Precisamos sepultá-la - disse a mãe, temendo que o marido chegasse a casa e, indignado com a situação, efetuasse as retaliações que, quando contrariado, já estava habituado a fazer. — O seu cadáver não pode ficar aqui! O seu pai foi ao mercado e voltará a qualquer momento...

Auxiliado pelo seu preceptor, homem de bom coração, a carroça que servira para transportar a adolescente grávida até à casa de Tecla, que, em comparação a muitas construções de Icônio, era um palacete, serviu para levar embora o cadáver.

— Onde a enterraremos?! - perguntou Zizo, o professor. — Ela era uma indigente...

Entregando-lhe pequena bolsa com algumas moedas, fruto de suas economias, Tecla lhe disse:

— Isto será mais que suficiente para que ela seja enterada com dignidade. Compre-lhe um túmulo e sepulte-a, mas não sem antes lhe preparar o corpo de maneira conveniente...

As servas da Tessália, por ordem de Teóclia, apressavam-se na arrumação do quarto, a fim de que não restasse

vestígio que pudesse chamar a atenção de Mésimo, o qual não demorou a adentrar a casa, em companhia do jovem Tamíríde, pretendente à mão da filha.

— Tecla! - chamou ele. — Veja quem está aqui! Tamíríde trouxe um presente para você...

De fato, o jovem, que seria herdeiro de uma grande fortuna, trazia nas mãos um delicado embrulho em pano de veludo rosa, contendo em seu interior um lindo camafeu em marfim.

— Trata-se de um presente de noivado - explicou-se, de olhos fixos em Tecla, por quem, verdadeiramente, se mostrava apaixonado. — De noivado informal, claro, porque se você aceitar este meu pedido, faremos uma grande festa...

— Sem dúvida! Sem dúvida! - emendou Mésimo. — Uma das maiores que a cidade já teve!... E, para quando vocês forem se casar, pretendo convidar até o Governador!

Com as mãos trêmulas, a jovem tomou o camafeu e, dando a impressão de que estava emocionada, exclamou com extrema dificuldade:

— É lindo! Deve ter custado muito caro...

— Para mimoseá-la, minha querida, o presente mais caro nada vale! - redarguiu Tamíríde, que, além da beleza da moça, lhe admirava a inteligência.

Tecla era alta, esguia, olhos negros e percucientes, com cabelos castanhos escuros e lisos a lhe caírem sobre os ombros. O seu porte era o de uma dama! Embora a insistência do pai e da mãe para que provasse carne, alimentava-se frugalmente, preferindo cereais, castanhas e frutos. Os seus lábios

nunca haviam provado uma taça de vinho, e, por toda a vida, assim seria.

— Então?! - inquiriu o jovem. — Você aceita o meu informal pedido de noivado?...

Ainda abalada com o episódio envolvendo Estela, Tecla fitou a sua mãe e, naquele momento, não ousou desobedecer ao seu pai.

— Aceito - respondeu. — No entanto, peço-lhe, Tamíride, um pouco mais de tempo para oficializarmos o noivado. Sinto que preciso estar mais segura de mim mesma...

Feliz com a resposta da jovem, que, naquele momento, sequer conseguia raciocinar direito, o moço, depositando-lhe um ósculo na mão que tomara entre as suas, observou, grajeando:

— Desde que não me faça esperar até que nós dois envelheçamos, você terá todo o tempo do mundo!

Porém o que acontecera com Estela ainda mais reforçara em Tecla o desejo de não se casar. Amava as crianças, pelas quais, sempre que saía pelas ruas da cidade, demonstrava especial carinho, mas o casamento e a maternidade não estavam em seus planos, porque, sem que nada suspeitasse, havia nascido predestinada a outros compromissos, que, aos poucos, se lhe delineariam.

À noite, quando conseguiu conciliar o sono, alta madrugada, sonhou que estava numa campina verdejante, em paisagem completamente diferente daquela quase totalmente árida de Icônio. Na companhia de dezenas de outras pessoas que não conhecia, sentia-se extremamente leve, sem lograr em seu entendimento nenhuma explicação para o fenômeno.

De repente, à sua frente, percebeu Estela, que, quase saltitante de alegria, lhe acenava com insistência, chamando-a para o sopé de um monte iluminado, qual se, naquele momento, o Sol estivesse nascendo no horizonte, emprestando-lhe uma aura de luz.

Sem atinar com semelhante prodígio, sentiu que, ao lado de muitos outros, homens e mulheres, em vez de caminhar, ela simplesmente deslizava!...

A visão de Estela rediviva se desfez, e Tecla, atraída para a figura de alguém no cume do monte, cuja fisionomia não conseguia divisar com nitidez, não sabendo identificar se se tratava de um homem ou de uma mulher, começou a ouvir uma voz dirigida à pequena multidão que ali se congregara.

— *Meus irmãos - dizia o elevado espírito - aproxima-se o instante em que todos vós sereis chamados aos mais penosos testemunhos... Todavia faz-se mister que não deserteis aos compromissos assumidos antes de vossa atual incursão na carne perecível! Do testemunho individual de cada um de vós dependerá o futuro espiritual de toda a Humanidade! Sob as bênçãos do Senhor, sois os construtores de um novo tempo, chamados a trabalhar nos alicerces do edifício que, gradativamente, haverá de se levantar... As vossas lágrimas, não duvidem, serão convertidas em argamassa de luz na edificação do Reino Divino! Os vossos exemplos de fé sancionarão a força da Mensagem que, ecoando aos quatro cantos da Terra, há de libertar as consciências de todos os homens! Serão dias extremamente difíceis, porém, diante da felicidade que vos aguarda na Eternidade, dias e séculos nada significam!*

*Vede!* - continuava a voz com serenidade, apontando para outra multidão que se situava num plano um pouco mais alto da planície. — *Estes nossos irmãos e irmãs, à espera do renascimento no Orbe Terrestre, haverão de vos suceder no*

*testemunho que ceifará milhares de vidas, porque não podemos almejar outro caminho que não seja o que o próprio Senhor nos traçou com o seu extremo sacrifício no Madeiro Infamante! Não nos esqueçamos, inclusive, que, antes Dele, todos os profetas foram convocados à árdua luta que se estenderá por milênios sem data, até que, com Ele, alcancemos a vitória definitiva sobre nós mesmos...*

*Assim como o Senhor não nos deixará sem alimento espiritual que nos robusteça na batalha em que não conheceremos trégua, nunca haveremos de nos sentir sozinhos na Causa, porque, nos diversos campos em que tombaremos vitimados pelos seus ferrenhos opositores, o próprio sangue que vertermos no testemunho da Fé suscitará corajosos companheiros que ombrearão conosco na mística cruzada que empreendemos.*

*O mundo, como nunca se assombrou, haverá de se assombrar ante o silencioso heroísmo de milhares, que, cantando, não temerão ser imolados na glorificação do Amor, que cobre multidão dos pecados!*

*Nada temais, porquanto a existência humana é extremamente fugaz, e o corpo, transitória vestimenta do espírito, não passa de instrumento para que ele logre a sua Bem-Aventura Eterna!*

*Não esqueçais a recomendação do Divino Amigo: "Bem ditosos sereis, quando os homens vos odiarem e separarem, quando vos tratarem injuriosamente, quando repelirem como mau o vosso nome, por causa do Filho do Homem. — Rejubilai nesse dia e ficai em transportes de alegria, porque grande recompensa vos está reservada no Céu, visto que era assim que os pais deles tratavam os profetas!"*

*Todos vós fostes chamados para este momento único,*

*não obstante, caberá a cada um de vós ser escolhido pela maneira com que se houver no cumprimento do sagrado dever com que vos compromissastes, empenhando palavra e coração.*

E, nesse instante, apontando para outra direção, onde se podia ver uma estrada que ligava a Terra àquela região espiritual nas proximidades da Crosta, o Emissário prosseguiu:

*— Vede! Eis que chegam do Orbe os primeiros mártires que pereceram pela Causa do Evangelho! Notai como resplandecem em seus corpos espirituais, principalmente, nas feridas que lhes foram abertas pelos seus implacáveis algozes...*

Tecla, observando aqueles anônimos combatentes, que, de fato, mais resplandeciam nas partes do corpo que lhes haviam sido mutiladas, como braços, tórax e cabeças, quais se as suas horríveis chagas tivessem sido cicatrizadas por material de sutilíssima luminescência, não conteve as lágrimas e chorou copiosamente.

A guiá-los para os Cimos, como que a descerrar-lhes o caminho que irrompia das sombras do mundo para as clariidades sublimes da Grande Altura, vinha Estêvão, que tivera a honra de passar à História como o primeiro mártir cristão.

## 4

### A "Casa do Caminho"

**T**ransferindo residência de Tiberíades para Jerusalém, Simão Pedro transformara a sua casa em aconchegante abrigo para os necessitados de todas as procedências. A construção, inicialmente, não era muito ampla, contudo, com o auxílio de diversos colaboradores, muitos dos quais nutriam anônima simpatia pela mensagem de Jesus, o ex-Pescador, contando com a colaboração direta de Tiago, filho de Alfeu, João e Filipe, de acordo com as carências no campo assistencial, edificava pequenos cômodos, os quais, aos poucos, fizeram com que ela triplicasse em tamanho.

A chamada "Casa dos Apóstolos" erguia-se na periferia da cidade, em bairro extremamente carente, e, entre crianças e adultos, eram muitos os assistidos. Sem que de nada suspeitasse, Simão, inspirado pelas Forças do Alto, erguera em sua própria residência inexpugnável fortaleza do Cristianismo nascente, que, por longo tempo, passaria a ser o maior ponto de referência espiritual para os seus seguidores.

Pode-se, pois, afirmar que a Caridade foi o berço em que o Cristianismo passou a se desenvolver, o invencível argumento contra o qual todas as vozes discordantes terminavam por se calar.

Enquanto, nas sinagogas, os judeus polemizavam em torno dos textos das Sagradas Escrituras, muitas vezes chegando a se agredirem fisicamente, em defesa de seus pontos de vista, Simão e seus companheiros estendiam mãos generosas aos doentes e famintos, fazendo com que a sua casa tomasse as feições de hospital e de refeitório, do qual ele mesmo e os seus amigos eram os enfermeiros e os cozinheiros.

Que força extraordinária emanaria daquele pequenino núcleo de amor aos semelhantes, que, a cada dia, se transfigurava em ponto central de resistência da fé nascitura, detendo, através de suas invisíveis muralhas, toda e qualquer tentativa de invasão por parte dos ferrenhos adversários da Causa?!

Diariamente, de manhã até ao anoitecer, dezenas de carentes batiam às suas portas generosas, inclusive os chamados "imundos", que eram os leprosos, os quais, de preferência, caminhavam no escuro, para que ninguém lhes notasse as deformidades no corpo e não os apedrejasse, expulsando-os da cidade.

Em certa noite chuvosa, Simão, quando se preparava para repousar por algumas poucas horas, escutou alguém a chamá-lo com insistência. O dia havia sido extremamente cansativo para ele, e, já deitado em seu pobre catre, faltou-lhe ânimo para que se levantasse. O vento frio como que lhe enrijecia as pernas, e todo o seu corpo estava dolorido. Na tentativa de conciliar o sono, Simão fechou os olhos, enquanto lá fora aquela voz solitária continuava a chamá-lo num lamento de dor.

Completamente vencido pela exaustão, passou a refletir que, fosse quem fosse, aquele mendigo poderia esperar até que amanhecesse. Era mais do que justo se concedesse algum tempo para recompor as energias, pois, afinal, naquela casa, o trabalho de amparo aos desvalidos era cotidiana rotina.

Assim pensando, chegou a cochilar, quando, saindo parcialmente do corpo, foi, em espírito, até à porta de sua residência e, então, vislumbrou, na face daquele pobre rapaz, a face do próprio Senhor, que, ao perceber que Simão não viria para atendê-lo, se retirava debaixo do temporal.

— Senhor, não! - gritou o Apóstolo, tomado de desespero. — Não vá embora! Eu já estou indo, Senhor! Eu já estou indo! Perdoe-me, mas eu não sabia que era o Senhor!...

Assustado, com o coração em descompasso, Simão ergueu-se e, trêmulo, dirigiu-se à porta da casa, onde, de fato, um jovem leproso, apoiado num bordão, estava todo encharcado nos farrapos a cobri-lo.

— Venha, Senhor! Venha! - disse quase a chorar, abraçando o doente que nada pôde entender. — Perdoe-me, perdoe-me! Eu não lhe reconheci a voz...

Atraído pelo barulho, João, o mais moço dos Apóstolos, igualmente, se havia posto de pé, acorrendo à porta, com o intuito de verificar do que se tratava.

— João, veja! - explicou Simão com os olhos brilhando de felicidade. — É o Mestre, que, mais uma vez, nos veio visitar! E eu quase não lhe abro a porta de nossa casa!...

Compreendendo que o amigo tivera mais uma de suas costumeiras visões, João, sem nada dizer, auxiliou-o a enca-

minhar o pobre doente, que tiritava de frio e, com certeza, estava com fome.

— Pedro, pode deixar - disse-lhe João. — Deite-se e descanse um pouco. Logo estará amanhecendo, e temos muito trabalho à nossa espera!...

— Não! Eu não posso me deitar! - redarguia o Apóstolo em transe. — Como descansar, se o Senhor me chama?! Não! Eu não vou dormir! Preciso permanecer vigilante... Bem que Ele nos havia avisado: *"...ficai vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá!"*...

Foi preciso que João dissesse a ele que o Senhor também necessitava repousar por alguns instantes, a fim de que se convencesse a voltar para o leito estendido no chão.

No outro dia, mal se haviam apagado as estrelas no firmamento, Simão despertou, notando que a faina habitual começara naquele templo de amor. João, que não pudera voltar a dormir naquela noite, velara à cabeceira do amigo, o qual, assim que o viu ao seu lado, foi logo contando:

— Esta noite, tive mais um daqueles sonhos... Não sei dizer se era real ou não. O Senhor batia à porta e me chamava com insistência... Imagine, João, outra vez, Ele me pegou dormindo! Ah, meu Deus! Quando será que sempre permanecerei desperto para Ele!...

— Acalme-se, Simão - confortou-o o terno companheiro, que lhe estendera pequena cuia com um pouco de leite de cabra aquecido. — Não foi sonho o que você teve! De fato, uma vez mais, por seu intermédio, o Senhor nos visitou! Você se levantou, foi até à porta e colocou para dentro aquele jovem leproso que veio nos pedir socorro...

— Como?! - exclamou o ex-Pescador de Cafarnaum. —

Não é possível?! Tenho absoluta certeza de que era Ele! Eu o vi e o escutei a me chamar repetidas vezes... Você se recorda, João, quando adormecemos no Getsêmani e Ele se entristeceu conosco, dizendo-nos: "*Então, nem uma hora pudestes vigiar comigo?*".

— Sim! E como me recordo! - respondeu com certa tristeza o filho de Zebedeu e Salomé. — Mas, foi o Senhor, Simão, que trouxe este pobre rapaz à nossa casa... Você o despiu, trocou-lhe a roupa molhada e deu-lhe de comer. Depois, impôs-lhe as mãos e, demoradamente, pensou as suas feridas!...

Impressionado com o fato, Simão se aproximou do leito do mendigo leproso, e, para espanto seu e de João, notou que as chagas pustulentas praticamente a cobrirem todo o corpo do jovem estavam, a bem dizer, cicatrizadas!

— João! - exclamou o Apóstolo. — Ele está curado!...

Olhando para si mesmo, Efraim, o leproso, percebendo que estava quase limpo das feridas que a hanseníase tinha aberto em seu corpo, tomou as mãos de Simão e começou a beijá-las em sinal de profunda gratidão.

Efraim, durante muito tempo, se transformaria num dos melhores colaboradores da "Casa do Caminho", oferecendo-se, mais tarde, para acompanhar Filipe nas pregações que ele realizaria na Grécia e na Ásia Menor.

O trabalho dos Apóstolos em favor dos marginalizados de toda espécie, a pouco e pouco, ia causando grande repercussão, fazendo com que os adeptos do Judaísmo se sentissem incomodados. Praticamente, todas as noites, os Apóstolos se revezavam na pregação pública da Mensagem, e, nessas oportunidades, dezenas de interessados acorriam ao templo humilde, ávidos de conforto espiritual. Quase todos queriam

que Simão os tocasse e ficavam maravilhados quando João, ainda tão moço, fazia uso da palavra, passando a discorrer sobre a Boa Nova.

Embora lhe faltasse a eloquência de orador experiente como Paulo, João sensibilizava os corações, motivando lágrimas da assembleia, detendo-se, de preferência, nas palavras que ele próprio faria constar de suas anotações: *"Eu sou o pão da vida; o que vem a mim, jamais terá fome; e o que crê em mim, jamais terá sede!"*

— *Meus irmãos - comentava - o Senhor não apenas multiplicou pães e peixes para a multidão faminta... Estava lá e eu tudo pude presenciar, quando, tomando de alguns poucos pães e peixes, alimentou uma multidão de mais de cinco mil pessoas, fazendo com que ainda sobrassem doze cestos! Cheguei a duvidar do que Ele fosse capaz, porque as maravilhas que habitualmente fazia eram de nos fazer imaginar que nós próprios nos alucinávamos... Contudo, o Senhor não veio ao mundo apenas para alimentar os famintos do corpo, mas, principalmente, os famintos do espírito! Ele afirmava que tinha vindo em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel, ou seja, das ovelhas perdidas do "espírito", porquanto perdidas de Deus e de si mesmas!*

*Essas ovelhas tresmalhadas somos todos nós, que há tanto tempo esperávamos pela vinda do Messias, e, quando Ele chegou, nós não o reconhecemos. "Estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam"! Até mesmo nós duvidamos e até mesmo nós desertamos, no momento de seu testemunho, e não fomos capazes de perseverar com Ele nos instantes finais...*

*Ele limpou leprosos, fez andar paralíticos, enxergar os cegos, escutar os surdos e ressuscitar os mortos, como foi o*

*caso de Lázaro, o irmão de Marta e Maria, em Betânia, mas as suas Palavras de Vida Eterna são endereçadas ao espírito, que não vai morrer, e não ao corpo, que perecerá.*

*Por este motivo, todos nós estamos aqui, porque, repetindo as palavras que os nossos pais nos disseram, Ele também nos disse que "não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus", e não resta dúvida de que Deus é que nos falava por intermédio Dele!*

*A fome espiritual da Humanidade é de todos os tempos... O Cristo é o maná vivo, que, um dia, caiu do Céu e, durante quarenta anos, saciou a fome de nossos ancestrais que peregrinavam no deserto, à procura da terra de Canaã!...*

Visivelmente emocionado, João fez uma pausa, para, logo em seguida, continuar sob a inspiração do Alto:

*— Entre nós, talvez, nunca tenha sido tão grande a fome de esperança e de fé... Somente o Senhor poderá impedir que todos venhamos a perecer à míngua do pão que nos atende às necessidades de sobrevivência íntima, ante as lutas que enfrentamos no mundo! De que nos valem fartos celeiros, se trazemos a alma vazia?! Tempos ainda virão, no grande futuro, que mesmo os mais indiferentes à Boa Nova compreenderão a sua necessidade de Jesus Cristo e, depois de muito padecerem, para Ele se voltarão...*

*Sim, porque apenas o Cristo pode nos estender consolo e coragem! Vejamos que bastou ao homem um pouco mais de esclarecimento para que começasse a retirar de seus altares os deuses que ele próprio entronizou, porque eles não passam de deuses feitos de pedra, tão insensíveis quanto o mais insensível coração de quem não se compadece de seus semelhantes. A mensagem do Evangelho nos lança um supremo desafio, que é ode "amarmo-nos uns aos outros como Ele nos*

*amou"! Porque muitos não suportaram ouvi-la, como muitos outros, durante longo tempo, não suportarão, o Mestre foi pregado na cruz...*

*Meus irmãos - continuava João, perpassando um olhar de extrema ternura sobre a platéia, que parecia magnetizada pelas suas palavras - precisamos nos amar e nos amar muito, através do amor que devemos dedicar aos nossos semelhantes! Todos somos irmãos, e, embora nos tenha dito: "Eu vim para lançar fogo sobre a Terra e bem quisera que já estivesse a arder", o Cristo veio para nos irmanar... O fogo ao qual Ele se referiu é o fogo do amor, que é luz acesa na alma! Tomara mesmo que esse "fogo" já estivesse a arder em toda parte, inflamando todos os corações!...*

Quando terminou de falar, como se ainda prosseguisse em transe, o mais jovem dos Apóstolos caminhou por entre as pessoas do povo, impondo-lhes as abençoadas mãos sobre a fronte, tocando-lhes as feridas e lenindo as suas dores. Eram homens e mulheres de todas as idades, e crianças esqueléticas, exibindo nas faces grande sofrimento, que, ao toque de suas mãos, experimentavam grande conforto.

Em seguida, alguns prestimosos colaboradores passavam com cestos de pão entre eles, deixando que cada um retirasse a sua cõdea - a única refeição que, naquele dia, muitos estavam obtendo, de vez que, durante todo o dia, haviam mendigado em vão nas ruas de Jerusalém.

Quando terminavam de distribuir o pão que era confeccionado na própria "Casa do Caminho", os mesmos cooperadores tornavam a passar, mas agora distribuindo canecas com água magnetizada, que chegava a borbulhar ante os olhos de todos.

— Meu pai - aproximando-se de João, disse uma se-

nhora, que trazia pequena criança no colo e outra maior, a que puxava pela mão -, não tenho onde passar a noite com os meus dois filhos... Desde que o meu marido morreu, fomos enxotados de nossa casa e vivemos vagando pelas ruas... Há quase dois dias, nada comemos! A minha filhinha está febril e temo pela sua vida! Se o senhor nos concedesse um canto onde pudéssemos nos ajeitar... Por caridade!...

— Entre irmãos - respondeu o Discípulo que Jesus amava - ninguém deve implorar por caridade, porque, para nós, a caridade deve ser simples obrigação. A casa está repleta de doentes, mas a senhora poderá ficar com os seus filhos na minha cama! Eu é que me ajeitarei em qualquer lugar... Não se preocupe! Permaneça conosco pelo tempo que desejar...

Entrementes, ouvindo o que João dissera àquela mãe, Tiago, filho de Alfeu, o mais racional dos Apóstolos, chamou-o em particular e passou a repreendê-lo pelo excesso de generosidade.

— João, você sabe que não suportamos mais... A nossa dispensa está quase vazia! Não temos como abrigar todos os pobres de Jerusalém... Daqui a pouco, seremos nós a mendigarmos o pão de cada dia!...

— E já não estaremos a fazê-lo, meu caro?! - respondia João. — Como poderíamos dizer "não" a uma mãe com os dois filhos menores sem sequer terem onde passar a noite?! O Senhor proverá... Não nos esqueçamos de que, em Caná, Ele transformou a água em vinho, e multiplicou pães e peixes para uma multidão...

— Tanto quanto você, eu fui testemunha disso tudo e muito mais. Acontece, porém, que, agora, o Senhor não está mais aqui conosco - precisamos contar com os nossos próprios recursos. Diante da necessidade que, diariamente, bate

às nossas portas, eles são muito pequenos... Não me interprete mal, João!...

— Não, sei identificar o seu zelo, Tiago, e, de fato, compreendo que alguém precisa pensar por nós. No entanto, até o presente momento, algo nos tem faltado?! - perguntou o Apóstolo, tendo os olhos marejados.

— Não! Nada nos sobra, contudo nada nos falta...

— Oremos, pois, para que assim possa continuar, porque, afinal, para que haveríamos de querer ver a nossa dispensa cheia, com tanta gente passando fome lá fora?! O que o Senhor nos manda é para ser distribuído, porque Ele nos ensinou a pedir somente o pão de cada dia!...

As atividades da "Casa do Caminho" haviam se encerrado naquela noite, e Tiago, após a conversa que tivera com João, terminou por convidá-lo a dividir consigo o seu próprio grabato.

No outro dia, pela manhã, ambos foram despertados por fortes batidas na porta. Imaginando que, talvez, se tratasse de mais uma das inspeções periódicas que sofriam por parte dos representantes do Sinédrio, levantaram-se às pressas e foram atender. Para a sua surpresa, porém, se depararam apenas com uma pequena sacola que, propositadamente, ali havia sido deixada.

Abaixando-se, Tiago pegou-a, e, olhando para João, sempre mais contido em todas as suas reações, abriu-a com cuidado, percebendo que aquela pequena mas pesada sacola continha substancial doação em dinheiro, que daria para que, durante uma semana, eles cobrissem todas as despesas da Instituição!

Ainda com os olhos fitos no jovem Discípulo, que não

fez o menor comentário, Tiago não conseguiu conter as lágrimas que lhe saltaram dos olhos e, debruçando-se sobre o ombro de João, chorou copiosamente naquela manhã.

— Não chore, Tiago! -dizia-lhe João, confortando o amigo, que, durante todo o resto do dia, passaria ensimesmado.

— Eu estou chorando de alegria e tristeza - respondeu o companheiro de apostolado. — Choro de alegria por, uma vez mais, constatar que o Senhor não nos abandona... Mas também choro de tristeza, porque eu tudo daria, João, para que o meu espírito fosse igual ao seu ou ao de Simão ou ainda ao de Filipe! Ah!, como eu gostaria de ter um pouco menos de cérebro e um pouco mais de coração!...

— Todavia, Tiago - indagou-lhe João inspiradamente - de que nos valeria um corpo que só tivesse coração ou outro que apenas fosse dotado de cérebro?! O Senhor recomendou, sim, que nos amássemos, mas não se esqueceu de dizer que somente o conhecimento da Verdade nos libertará!...

## 5

### Sementeira

**A**tentos ao que Jesus recomendara: *"Depois disto, o Senhor designou outros setenta e os enviou de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade e lugar onde ele estava para ir"*, os Doze Apóstolos, com Matias tendo substituído a Judas Iscariotes, se preocupavam em preparar divulgadores de sua Palavra, sendo que a "Casa do Caminho", em Jerusalém, também se transformara em escola de formação de novos discípulos.

Assim que se sentiam aptos para a difusão da Boa Nova, muitos daqueles mendigos, chamados de "pobres de espírito" pelos judeus, saíam percorrendo as estradas e as mais distantes aldeias, a falarem das excelências do Reino de Deus.

Formados na vivência do amor aos semelhantes, através da prática da Caridade, não se preocupavam em levar bolsa, nem alforje, nem sandálias... *"Quando entrardes numa cidade e ali vos receberem, comei do que vos for oferecido. Curai os*

*enfermos que nela houver e anunciai-lhes: A vós outros está próximo o Reino de Deus”\*

Convertendo-se ao Evangelho, Paulo e Barnabé haviam compreendido isto, principalmente Paulo, que se valia de todos os recursos de sua inteligência na sua propagação. Desde cedo, entendendo que a sua tarefa era de espalhar as sementes da Mensagem Divina, Paulo, que se considerava na condição do gentio que o Senhor buscara às portas de Damasco, quando, justamente, movia implacável perseguição contra os cristãos, a ela se entregou de corpo e alma. Ele foi um dos maiores incentivadores das letras evangélicas, pedindo que tudo quanto o Senhor havia dito ficasse registrado para a posteridade -foi por influência dele, inclusive, que Marcos, Lucas e o próprio João se animaram a redigir os evangelhos de suas reminiscências. A única exceção era Mateus, que, logo após a crucificação, tinha se preocupado em anotar em pergaminhos algumas das lições do Senhor que mais o haviam impressionado...

Neste sentido, precisamos fazer justiça a Gamaliel, orientador do ex-doutor de Tarso no Judaísmo, que, além de introduzi-lo na arte da retórica, sempre o incentivava ao exercício da escrita, como sendo a melhor maneira de memorizar as Escrituras.

— Saulo - dizia o preclaro mentor, que, mais tarde, se converteria ao Cristianismo -, até os nossos dias, a Palavra de Deus, ecoando através dos lábios dos Profetas, tem se propagado de maneira verbalizada; por causa disso, muito de seu conteúdo vem se perdendo ou se deturpando, ao longo dos séculos... O futuro pertence à palavra escrita! Não nos esqueçamos de que os Dez Mandamentos, recebidos por Moisés, no Sinai, foram grafados a fogo pela graça divina - duas vezes, as Tábuas da Lei foram entregues a Moisés, escritas na pedra, a fim de que se perpetuassem para a Eternidade!

Foi através deste exercício intelectual que Paulo pôde desenvolver a sua capacidade mnemónica e o seu profundo conhecimento das Escrituras. Portanto, quando sentiu que precisava fazer com que a sua palavra chegasse aonde, evidentemente, não poderia estar, ele não teve dificuldade alguma em escrever as suas famosas Epístolas, cujo conteúdo se mesclava de suas próprias considerações e das que lhe eram inspiradas por Estêvão, o emissário do Cristo sempre presente ao seu lado.

Tecla, a contragosto, aceitara o informal pedido de noivado de Tamíride, que acertara com Mésimo, o seu futuro sogro, que a festa oficial aconteceria em Listra, onde residia com a sua família.

Naquele dia, após o significativo sonho que, à noite, tivera com os mártires cristãos, de coração angustiado, Tecla se refugiou na biblioteca de sua casa, entabulando franca conversação com Zizo, o seu professor. Aquele camafeu de marfim, que ganhara de Tamíride, mais se assemelhava a uma pedra a lhe pesar sobre o coração. Ela não amava o rapaz, que, a bem dizer, tinha mais na conta de um amigo de sua família.

— Mestre - ela perguntava a Zizo, observando o céu azul de pequena sacada -, o que será que nos sucede quando morremos?! Esta noite, eu tive um sonho, que, para mim, foi muito mais que um sonho... Estávamos numa campina verdejante, e muita gente chegava da Terra! Todos me pareciam mais vivos do que vivos sempre estiveram... Tenho profundo respeito pela palavra dos Profetas, a quem o meu avô me ensinava a ler de joelhos, mas não encontro nelas respostas para as minhas indagações... Não posso dizer isto em voz alta, mas, por vezes, os pensadores gregos me satisfazem mais o espírito que as palavras dos Salmos!...

— Fale baixo, minha menina! - repreendia Zizo. — Se o

seu pai ouve o que está dizendo, ele me demitirá a bordoada! Ele há de pensar ser eu quem está colocando essas ideias na sua cabeça...

— "Ó Ser bom, Ser misterioso que me criaste, Ser benéfico! Se existes e se me amas, e eu sei que existes e que me amas, jaze, como desejo, que eu Te conheça"! Sacia a fome de meu espírito! Preenche a minha alma vazia! - Tecla, como que se punha a orar, fitando o Sol radiante no firmamento.

— Tecla - confidenciava o professor à sua inquieta pupila -, você sabe que os filósofos gregos admitem a sobrevivência da alma após a morte. Xenófanes de Cólofon afirmava a existência de *"um único deus, o maior entre deuses e homens, nem na figura, nem no pensamento semelhante aos mortais"*. Ele dizia que esse deus, que transcende qualquer espécie de forma, *"todo inteiro vê, todo inteiro entende, todo inteiro ouve. E sem esforço move tudo com a força do seu pensamento"*!.

— Por vezes - ponderava a jovem - eu penso que, numa outra existência, como nos diz Platão, eu já vivi entre os gregos... Tenho, por exemplo, grande admiração por Aspásia de Mileto!

— Fale mais baixo, boa criança! - insistia Zizo. — Aspásia, companheira de Péricles, era considerada uma cortesã, porque Péricles, por ter se separado de sua esposa, pelas leis gregas, não podia casar-se com ela.

— E que tem isto?! - inquiria Tecla. — Pelo menos, ela era livre e inteligente, tão inteligente que se fez admirada pelo próprio Sócrates! Ah!, eu não concordo com a submissão em que nós, mulheres, vivemos em nossa cultura... Coitada de minha mãe! Por isso, meu bondoso mestre, eu não quero me casar e vivo na esperança de que o destino tenha algo diferente reservado para mim.

— Os gregos sempre acreditaram na *palingenesia*, ou seja, na possibilidade de o espírito voltar à Terra inúmeras vezes, inclusive em corpos de animais, por punição - observa o professor, procurando falar cada vez mais baixo. — Jeremias, filho de Hilquias, um dos maiores profetas hebreus, afirmava ter ouvido o próprio Senhor lhe dizer: *"Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci e antes que saíesses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações"!*...

— Mostre-me, Zizo - pedia Tecla -, mostre-me essas palavras no pergaminho! Essas palavras, por si, consagram a crença nas muitas vidas, que, aliás, sempre foi unanimidade entre os homens mais sábios. Ouvi dizer que, no próprio Sinédrio, alguns dos nossos doutores mais eminentes têm especulado a respeito do assunto...

— Eu não tenho comigo as palavras de Jeremias, mas, pessoalmente, já as pude ler e memorizar - explicava-se o preceptor. — Quanto a isso de você ouvir dizer sobre o que algumas de nossas mais altas autoridades especulam é verdade. Circulam rumores de que um deles, de nome Nicodemos, conversou com certo profeta de Nazaré, que, por sinal, foi condenado à morte na cruz. Mas este assunto é muito perigoso, porque, segundo estou informado, alguns de seus seguidores também têm sido perseguidos de maneira implacável - perseguidos e igualmente mortos, como ele o foi!

— Como ele se chama?! - perguntou Tecla, profundamente interessada. - Pressinto que tal profeta tem a ver com o sonho que tive esta noite...

— Dizem que ele se chamava Jesus de Nazaré, filho de um carpinteiro de nome José e de uma jovem chamada Maria. Impressionado com a sua sabedoria (comenta-se que, aos doze anos de idade, ele estava no templo explicando as Escrituras aos sacerdotes), Nicodemos, certa noite, o procu-

rou, perguntando a respeito da doutrina da *palingenesia*, que também é conhecida por *metempsicose*.

— Por favor, conte-me, Zizo, tudo quanto você sabe a respeito - solicitou a jovem pupila, que, com novo ânimo, se sentara próximo ao mestre.

— A verdade, Tecla, é que tal crença não é novidade entre nós, pois não apenas Jeremias se referiu ao assunto. Isaías também disse: *"Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos"*

— E o que o profeta de Nazaré conversou com Nicodemos?! - tornou a jovem que, naquele momento, parecia estar descobrindo um novo sentido para a vida.

— Antes que os escribas e fariseus tramassem contra ele, que, segundo consta, foi traído por um de seus discípulos mais próximos, um homem de nome Judas, com ambições políticas, Nicodemos, que era senador e nele parecia reconhecer um verdadeiro Mestre, perguntou-lhe: *"Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruíres como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os prodígios que fazes, se Deus não estivesse com ele"...* Foi quando aquele sábio homem lhe respondeu: *"Em verdade, em verdade, digo-te: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo."*

— Mas terá sido este o motivo de sua condenação à morte?! - indagou Tecla.

— Não apenas - elucidou Zizo. — Ele foi condenado por ensinar nas praças públicas, por contrariar certos preceitos da lei e, inclusive, por *ressuscitar* mortos...

— Que absurdo! - exclamou a prometida de Tamírde, inconformada. — Quase pelo mesmo motivo, Sócrates foi condenado à morte - obrigaram-no a tomar uma taça de cicuta! Eu não sei como Platão, seu discípulo, não teve a mesma sorte!

— Acontece - observou o preceptor - que, com a condenação de Sócrates à morte, estranhamente, os juízes que o condenaram como que começaram a ser perseguidos por uma espécie de maldição... Um deles, de nome Meleto, que possuía fama de adivinho, contraiu obscura doença intestinal que o levou à morte em poucos dias.

Zizo pausou por instantes e voltou a falar:

— Isto tudo sem contar que a população de Atenas se revoltou enormemente e fez com que os outros juízes fugissem da cidade. Sobre os que se levantaram contra Jesus Nazareno, ocorreu a mesma fatalidade. Herodes, denominado "o Grande", que reinava na Judéia quando do nascimento de Jesus Nazareno, que, por causa de uma profecia a afirmar que um menino recém-nascido haveria de destroná-lo, mandou os seus soldados decapitarem todos os recém-nascidos, foi acometido por uma febre interna, que lhe fez inchar os intestinos e lhe provocava horríveis dores sem alívio. A sua perversidade era tamanha, que, percebendo que iria morrer, *"chegou a Jericó, onde, tomado de desespero e mal contendo a ameaça de suicídio, realizou um ato supremo do mais nefando caráter. Juntou os homens ilustres de cada vila de toda a Judeia e mandou encerrá-los no chamado Hipódromo. Então, fez chamar Salomé, sua irmã, e o marido dela, Alexandre. 'Sei', disse ele, 'que os judeus se alegrarão com a minha morte; mas posso ser lamentado por outros e ter esplêndidos ritos fúnebres, se vos dispuserdes a obedecer as minhas ordens. Logo que eu tiver expirado, cerquem esses homens que agora estão sob guarda ze soldados, o mais rápido possível, e matem-nos, para que*

*toda a Judeia e cada casa, ainda que contra a vontade, sejam compelidas a chorar a minha morte".*

— Que horror! - exclamou Tecla, levando as delicadas mãos ao rosto.

— Pôncio Pilatos - prosseguiu Zizo -, que era governador quando o Messias foi morto, qual aconteceu a Herodes, também terminou os seus dias cometendo suicídio! Em seguida, no reinado de Cláudio, que sucedeu a Caio na soberania do Império, sobreveio grande fome, que assolou toda a Judeia.

De fato, em "Atos dos Apóstolos", capítulo 11, versículos 27 a 30, Lucas registrou o que Eusébio de Cesareia registrou na sua "História Eclesiástica": *"Naqueles dias desceram alguns profetas de Jerusalém para Antioquia e, apresentando-se um deles, chamado Ágabo, dava a entender, pelo Espírito, que estava para vir grande fome por todo o mundo, a qual sobreveio nos dias de Cláudio. Os Discípulos, cada um conforme as suas posses, resolveram enviar socorro aos irmãos que moravam na Judeia; o que eles, com efeito, fizeram, enviando-o aos presbíteros por intermédio de Barnabé e de Saulo".*

As previsões mediúnicas de Ágabo, notável médium do Cristianismo nascente, se confirmaram, e tão grande fome assolou a Judeia, que, em breve, não havia mais nenhum cão andando nas ruas das cidades, porque eram capturados e mortos!

Tudo aquilo, sucedendo logo após a crucificação do Cristo, induzia muitos espíritos à reflexão, levando-os a considerar que haviam agido de maneira equivocada, erro do qual, pelos séculos afora, se arrependeriam amargamente.

Ao chegar a casa, Mésimo, perguntando à esposa pelo paradeiro da filha, dirigiu-se à biblioteca, que sabia ser o re-

fúgio preferencial de Tecla. Com passos decididos, dirigiu-se à sala repleta de livros e manuscritos bem conservados. Aproximando-se dela, depositou-lhe na frente um beijo paternal, comentando, agastado:

— Vocês não hão de ver que acabaram de chegar à Icônio dois forasteiros - na verdade, dois maltrapilhos, que se dizem seguidores daquele homem morto na cruz! Eles já chegaram, provocando uma verdadeira arruaça, porque dezenas e dezenas de pessoas os estão seguindo, ouvindo as mentiras que se especializaram em contar. Não sei o que acontece com as nossas autoridades, que não os metem na cadeia!... Amanhã mesmo, a perdurar este estado de coisas, irei falar com o Governador da cidade!...

— Mas, papai, que foi que eles fizeram ou estão fazendo?! - perguntou Tecla, ansiosa por maiores detalhes.

— Dizem que, logo ao chegarem, impuseram as mãos sobre Ruben, aquele paralítico que vive se arrastando a mendigar, e ele, de pronto, se levantou... Isso é bruxaria! Não podemos consentir algo que venha a contrariar os nossos preceitos religiosos! É por isso que Jeová está nos castigando com pestes e fome... *"Não terás outros deuses diante de mim"*, é o que consta do Decálogo!...

— No entanto - redarguiu Tecla -, curar um paralítico como Ruben, que mendiga para ele e para a mãe doente que tem em casa, será pecado?!

— Sim, porque o povo está se perguntando que Deus é esse, o desses homens, que parecem tomados por um espírito maligno, já que não pronunciam meia-dúzia de palavras, sem que falem no nome daquele embusteiro morto entre ladrões! Daqui a pouco, os nossos templos estarão completamente vazios...

Zizo, conhecendo o temperamento do patrão, permanecia em silêncio, sem coragem de se pronunciar. Mas, desejoso de ouvir-lhe a opinião, Mésimo perguntou de chofre:

— Que tem você a dizer, Zizo, desses maltrapilhos que andam tomando conta das estradas de toda a Judeia, anunciando a vinda do Reino de Deus?! O mestre deles parece lhes ter ensinado toda a espécie de sortilégios, porque abrem a boca e hipnotizam a multidão... Ainda agora, ao fazerem com que Ruben caminhasse, foram aplaudidos freneticamente.

— Senhor - respondeu com receio o professor -, eu não conheço a doutrina que eles pregam... Sei apenas que os seguidores do Nazareno, embora extremamente pobres, são considerados homens de bem. Quer dizer, até onde sei, nunca fizeram mal a quem seja! Ao contrário, eles têm sido enxotados de muitas cidades, apedrejados alguns, escorraçados outros...

— Não me diga que você nutre alguma simpatia pelas baboseiras que andam espalhando entre a plebe! Estaria eu confiando a educação de minha filha a quem não seja de minha inteira confiança?...

— Absolutamente, senhor! - respondeu Zizo, com voz trêmula. — Posso não ser assíduo frequentador da sinagoga, mas o Deus de minha fé é o mesmo Deus em que o senhor acredita! E depois - emendou com subserviência que contrariou a Tecla -, esse homem nazareno pode ter feito o que dizem que fez, mas jamais, em tempo algum, se igualaria a Moisés, que abriu as águas do Mar Vermelho para que o povo judeu escravizado pudesse escapar, e, para que o povo não perecesse de sede, em Mara, ele transformou as águas amargas em águas doces...

— Finalmente, Zizo, eu ouço de seus lábios palavras sen-

satãs. Você deveria contender com esses falsos profetas, porque, em Icônio, não há quem possa contestá-los, ainda mais àquele Saulo, traidor do Sinédrio, e que por isso foi renegado pelo seu próprio pai.

— Todavia, senhor, eu não sou dado a contendas, porque, devido a minha idade, por vezes, as ideias me fogem, e, ao invés de derrotá-los, acabaria sendo humilhado por eles publicamente, ficando pior para o que pretendemos.

Saindo em defesa de seu mestre, Tecla endossou-lhe as palavras, com discreta piscadela:

— Papai, tranquilize-se! Zizo tem razão, porque, às vezes, ele se esquece hoje do que me disse ontem... Não vamos expô-lo a um vexame! Deixemos que as nossas autoridades cuidem do caso. Quem sabe, eles não se demorem entre nós!...

## 6

### A Conversão

**C**erta noite, aproveitando-se de ter o pai viajado e de que a mãe, Teóclia, se deitara mais cedo, Tecla, em companhia das duas servas tessálias de sua casa, saiu com a intenção de ouvir uma das pregações de Paulo.

Misturando-se à multidão, adentrou o recinto repleto de gente de toda espécie, inclusive de familiares conduzindo os seus doentes, atraídos pela fama que os dois apóstolos possuíam de curar enfermidades e de expelir demônios.

Vale ressaltar que, àquela época, desde que Jesus dera início à sua missão pública, os espíritos sofredores, praticamente, infestavam as cidades, e, entre homens e mulheres, até mesmo adolescentes, eram inúmeros os que eles molestavam. Dir-se-ia que, atraídos pela luz do Senhor, aquelas entidades que viviam nas Sombras, praticamente, nos subterrâneos da Crosta, abandonavam os seus escuros *habitats*, na esperança de renovação.

O mesmo conflito que a simples presença do Cristo causara entre os homens, na face do Orbe, registrava-se em suas imediações, entre os espíritos dos considerados *mortos*. Enquanto os escribas e fariseus, representando os adversários encarnados de sua Mensagem Libertadora, pelejavam para detê-Lo, imensas falanges espirituais, dominadas pelos asseclas do Mal, que as lideravam na vida de Além-Túmulo, se movimentavam para impedir os espíritos que subjugavam de virem se emancipar.

É que, desde muito, a Terra, dominada pela ignorância, era território reivindicado pelos espíritos opositores do Amor e da Verdade, dela fazendo uma de suas trincheiras na luta que os representantes das Sombras continuam travando contra as Leis Soberanas do Universo.

Esse fato, conforme se sabe, ficou patente quando Herodes, um de seus membros encarnados, indiretamente avisado pelos Reis do Oriente acerca do nascimento do Rei dos Judeus, no intuito de eliminá-Lo, mandou que todas as crianças de Belém e arredores, contando dois anos para baixo, fossem mortas! O propósito, evidentemente, era já o de eliminar o Excelso Senhor, ainda no berço, impedindo que ele cumprisse a Missão para a qual fora designado por Deus.

Uma das razões de o Cristo ter permanecido no anonimato, dos doze aos trinta anos de idade, aguardando o momento de dar início à pregação da Boa Nova, é que, caso se tivesse exposto antes, com certeza, seria morto, porque, nos seus três anos de vida pública, Ele, praticamente, viveu sendo perseguido pelos agentes das Trevas que pretendiam inviabilizar a Obra do Evangelho. Durante, pois, todo o tempo, Ele pregou em fuga, até que, no Getsêmani, ao ser preso, admitiu que aquele fosse o instante de seu supremo testemunho: *"Diariamente, estando eu convosco no templo, não pusestes*

*as mãos sobre mim. Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas" !*

Sem dúvida, o episódio da prisão do Senhor nos leva a pensar que, dificilmente, alguém que se disponha a verdadeiramente servir aos propósitos divinos entre os homens, se isentará do testemunho no campo de seus ideais. De uma maneira senão outra, ele sempre terminará alvejado pelos que tentam ridicularizá-lo. Não obstante, permanecendo fiel à consciência, no reto cumprimento de seus deveres, embora possa ser sucessivamente ferido, ele não se verá mortalmente atingido pelos projéteis do Mal.

Em meio àquele grande número de pessoas, ninguém identificou Tecla, que, envolvida por uma capa com capuz, cobria o rosto, o mesmo fazendo as servas que a acompanhavam.

Chegando a hora da pregação, Onesíforo solicitou silêncio geral, para que Paulo e Barnabé começassem a falar. Inicialmente, apenas com a intenção de apresentar o orador, o companheiro tomou a palavra, tendo o ex-Doutor de Tarso ao seu lado:

*— Meus irmãos - disse - ouviremos o testemunho vivo de quem o próprio Senhor foi buscar entre os seus mais ferrenhos opositores... O Doutor Saulo de Tarso, hoje simplesmente Paulo, teve no deserto síriaco a visão do Cristo redivivo! Ele mesmo é a maior prova do poder transformador de quem nos é o Caminho, a Verdade e a Vida! O Cristo é o nosso libertador! Ele não veio para nos liderar numa guerra contra Roma, mas, sim, contra o império do Mal em nós mesmos! Busquemos, pois, escutá-lo com atenção!...*

A figura imponente de Paulo, que Tecla estava vendo pela primeira vez, impressionava-a profundamente. Não era

ele um homem possuidor de atrativos de natureza física, porém a sua presença irradiava tal magnetismo, que não havia quem não conseguisse olhá-lo. Um tanto calvo, de estatura meã, mas de compleição robusta, lembrando o tronco de uma árvore sem galhos, fortemente enraizada no solo, Paulo possuía olhos penetrantes que, quando pousados sobre alguém, parecia lhe vasculhar a alma. Então, quando abria a boca e começava a falar, a impressão que se tinha era de que "línguas de fogo", qual acontecera na festa de Pentecoste, pairavam, todas juntas, sobre a sua cabeça!

— *Meus irmãos - repetia a saudação de Barnabé - ninguém aqui ignora que, ainda há pouco, eu era Doutor no Sinédrio...*

E, de maneira eloquente, contava a história de sua conversão, penitenciando-se pelos seus erros. Os seus conhecimentos das Escrituras eram tamanhos, que não havia ninguém, por mais erudito, capaz de contestá-lo, quando, praticamente em todos os lugares onde pregava, fazia questão de frisar o que Lucas registrou em "Atos dos Apóstolos": *"Irmãos, descendência de Abraão e vós outros os que temeis a Deus, a nós nos foi enviada a palavra desta salvação. Pois os que habitavam em Jerusalém e as suas autoridades, não conhecendo a Jesus nem os ensinamentos dos Profetas que se lêem todos os sábados, quando o condenaram, cumpriram as profecias; e, embora não achassem nenhuma causa para morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto. Depois de cumprirem tudo que a respeito dele estava escrito, tirando-o do madeiro, depuseram-no em um túmulo. Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos; e foi visto, muitos dias, pelos que com ele subiram da Galileia para Jerusalém, os quais são agora as suas testemunhas perante o povo. Nós vos anunciamos o Evangelho da promessa feita a nossos pais".*

E prosseguia, praticamente sem pausa, citando o espe-

rançoso anúncio da vinda do Sublime Redentor, centenas de anos, em magnífica precedência do Profeta Isaías:

— *Que provas maiores podemos pedir da identidade do verdadeiro Messias, que há séculos e séculos esperamos?! A sua vida foi o cumprimento de todas as profecias a respeito de seu advento! "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro, foi levado ao matadouro; e, como ovelha, muda perante seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos vivos; por causa da transgressão do meu povo, foi ferido. Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve em sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca"...*

*Sua obra, passado já algum tempo da crucificação, está cada vez mais viva em Jerusalém, e, entre homens e mulheres, multiplicam-se os seus seguidores.*

*Ele, o Cristo, é o representante de Deus na Terra! A propósito disto, João, que foi seu Discípulo Direto, disse-me que, em diversas ocasiões, o ouviu dizer: "Eu e o Pai somos um"! Evidentemente, Ele não era Deus, o que seria uma blasfêmia, mas, se Deus não estivesse com Ele, aunado Ele com Deus, não poderia ter feito o que fez e continuar fazendo o que faz... Transformou a água em vinho, curou leprosos, fez andar paráliticos, devolveu a visão a cegos, expeliu demônios, ressuscitou mortos, andou sobre águas, acalmou tempestade, multiplicou pães e peixes para imensa multidão, sendo que, não obstante condenado injustamente e crucificado, ressuscitou dentre os mortos no terceiro dia... O Cristo é o Deus Desconhecido!...*

Nessa altura de sua pregação, quando Paulo se referiu

ao Cristo como sendo o "Deus Desconhecido", Tecla sentiu forte emoção e, sem que conseguisse conter-se, começou a chorar com discrição. Aliás, poucos ali, naquele templo que se improvisara em amplo salão, não derramavam lágrimas de esperança, sentindo grande conforto no coração, porque, afinal, o povo judeu vivia sem qualquer perspectiva em relação ao futuro - muito lhes custaram as fugas do Egito e da Babilônia, para agora se verem sob o domínio de Roma! Além do mais, os judeus ortodoxos formavam uma casta exploradora que vivia a expensas do próprio povo sofrido, espoliados por rigorosos impostos devidos a César e por doações forçadas às sinagogas. Não foi por outro motivo que Jesus, severamente, os repreendera: *"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque devorais as casas das viúvas e, para o justificar, fazeis longas orações; por isso sofrereis juízo muito mais severo!"*

— *Sei - continuou Paulo, com veemência - que muitos estão aqui apenas esperando serem agraciados pelos favores do Céu - isso é tão-somente o que vieram buscar, indiferentes à palavra do Evangelho! Poucos são aqueles que se preocupam com a salvação da alma! A maioria deseja a cura de seus males físicos, para dar seqüência à vida desregrada, pouco se importando de que, assim, haverão de perder a alma... Não se esqueçam, porém, de que muitos daqueles que o Senhor curou já voltaram a enfermar e muitos já morreram! Devemos buscar viver para a Eternidade e não para o momento que passa! — "Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me; porquanto, aquele que se quiser salvar a si mesmo, perder-se-á; e aquele que se perder por amor de mim e do Evangelho, se salvará. — Com efeito, de que serviria a um homem ganhar o mundo todo e perder-se a si mesmo?"*

A preleção se desdobrou por mais alguns minutos, e Tecla, naquele instante, sentia que, por fim, a sua vida começava

a fazer sentido. Nunca mais voltaria a ser a mesma pessoa! Depois de tudo quanto ouvira, não haveria retrocesso para ela! As suas angústias e incertezas, como por encanto, se desfizeram, mas, por outro lado, passara a pressentir que, doravante, grandes lutas a esperavam, muito semelhantes àquelas que Paulo, em síntese, descrevera decorrentes de sua conversão, que, em verdade, ainda repercutia entre os judeus.

Assim refletia quando ouviu dois homens conversando ao seu lado:

— Nada poderemos fazer agora, Saul! - dizia um deles ao outro. — É muita gente... Convém esperarmos melhor oportunidade.

— Mas fomos pagos para isto, Agripino! - retrucava de maneira quase inaudível o homem que escondia um punhal sob a túnica. — Provocaremos um tumulto e...

— Não, convém esperarmos - redarguiu o primeiro. — Poderemos ser trucidados pela multidão... O Sinédrio quer este homem morto, fomos pagos para isto, mas haveremos de esperá-lo quando ele deixar Icônio. O velho não nos será empecilho. Aqui, repito, seremos massacrados...

Neste ínterim, descendo do púlpito improvisado, feito por três peças de madeira sobre dois tocos da mesma altura, Paulo, em companhia de Barnabé e Onesíforo, começou a abençoar um a um os doentes que ali estavam.

Os dois homens, chamados Saul e Agripino, o viram passar bem próximo e chegaram a tremer, quando Paulo, como que a suspeitar de algo, lhes dirigiu o olhar demoradamente, sem, no entanto, trocar com eles uma única palavra.

Tecla, que tudo ouvira, pensara em avisá-lo, mas, para tanto, ela teria que sair do anonimato, o que considerou não

ser conveniente, mesmo porque, segundo pudera escutar, os dois homens haviam adiado a intenção de assassinar o Apóstolo. Não lhe faltaria, mais tarde, ocasião de contar a ele a conversa que pudera testemunhar.

— Abram caminho, por caridade! - gritou uma senhora, que não conseguira espaço dentro do salão. — Por caridade, deixem-me passar com o meu filho, que está morrendo!...

Instintivamente, o povo que se aglomerava à porta recuou; então, auxiliada por uma jovem e um rapaz, aquela aflita mãe conseguiu, a custo, adentrar o recinto, transportando desfalecido menino envolto num lençol.

— Por caridade, senhor! Por caridade! - tornou a apelar, entre lágrimas. — Cure o meu filho, que, hoje, de manhã, depois de cair numa cisterna, ficou assim, desacordado... Ele estava brincando com os amigos, quando, perdendo o equilíbrio, tombou dentro do poço. O médico diz que ele partiu alguma coisa à altura do pescoço... Ele é o meu único filho - falou, caindo de joelhos aos pés de Paulo.

— Sem a permissão do Senhor, nada podemos - respondeu ele, ante a expectativa que se criara -, mas, pela vontade Dele, tudo pode ser feito!...

Pediu que o corpo do menino fosse deposto ao chão, ajoelhou-se ao lado da criança, que não teria mais que dez de idade, impôs-lhe a mão sobre a fronte e elevou os olhos ao Alto, assim permanecendo por alguns minutos. O silêncio que se fez no recinto foi enorme, porque, em verdade, se tratava quase de ressuscitar um morto, porquanto a criança sequer conseguia mover as pálpebras e a respiração era imperceptível.

Quase todos os olhares dos presentes, acompanhando o olhar de Paulo, se fixaram num ponto qualquer da altura, de

modo que, à exceção da infeliz senhora, ninguém mais prestava atenção ao corpo inanimado do garoto, praticamente morto. Foi quando, decorrido algum tempo, um choro gemido de criança se fez ouvir no recinto. Então, extremamente assustados, todos voltaram a olhar para o pequeno corpo estendido sobre o lençol... O menino, que o médico desenganara, passou a choramingar e, abrindo os olhos com dificuldade, chamou pela mãe.

Foi preciso que Onesíforo, que era um homem muito forte, e outros amigos seus, impedissem que a multidão avançasse sobre Paulo, imaginando que estivesse à frente de um deus encarnado!

Tecla tornou a ouvir os dois homens conversando um com o outro: - Eu não lhe falei, Saul?! Agirmos aqui será suicídio. Nós é que seremos mortos!... Saíamos! Depressa, saíamos, antes que sejamos descobertos! Esse homem parece ter parte com forças demoníacas... Ao passar rente a nós, lançou-me terrível olhar!...

A mãe do menino, o qual, aos poucos, ia recobrando os movimentos, tomou as mãos de Paulo e se pôs a beijá-las, ao que o próprio Apóstolo, avesso a qualquer tipo de endeusamento, procurou rechaçar.

— Não, minha irmã! - disse-lhe com voz enérgica. — Não sou eu, não fui eu... A cura veio do Senhor! Louvores a Ele e não a mim, que não passo de pobre pecador!...

Enquanto este episódio se desdobrava, valendo-se da porta desguarnecida, um homem, completamente enfurecido, adentrou o salão e, possuído por espíritos que dele faziam instrumento, passou a proferir impropérios contra Paulo e Barnabé.

— Enganadores do povo! - gritava o possuído pelos gênios das Sombras. — Tudo isto é mentira! Mentira! Andam, de cidade em cidade, coletando dinheiro para os seus bolsos... Vocês não escaparão! Se Ele não escapou, que pretensão é essa de vocês - dois homens feitos de barro?!...

Ante o silêncio dos Apóstolos, que, momentaneamente, ficaram sem ação, acrescentava aos berros:

— Isso não passa de encenação!... Em todo lugar, é a mesma coisa! Falam mentiras e, em seguida, recorrem a mais sortilégios para impressionarem o povo... Não acreditem nelas, não acreditem! Apedrejem-nos e expulsem-nos da cidade! FascinadoresL.

De temperamento algo ainda impulsivo, Paulo, tomado de indignação com a sistemática agressão que o mundo invisível lhes movia desde Antioquia, como sempre, especificamente, haveria de mover contra ele, o Evangelizador dos Gentios, ergueu a destra e bastou esse seu gesto, seguido de duras palavras, para que o possuído se detivesse:

— Cale-se! Eis o que lhe ordeno, em nome de Jesus Cristo! Com os seus companheiros, retorne para o lugar de onde você saiu, porque a hora de vocês também já vem chegada! Respeite o nome do Senhor! Curve-se a Ele, que, mesmo aparentemente derrotado na Cruz, triunfou da morte em gloriosa ressurreição! Dobre-se! - ordenou. — Ajoelhe-se! Não diante de mim, que, como você disse, sou feito de lama, mas diante Daquele que é a Luz do Mundo!...

E insistiu, transfigurado:

— Em nome de Jesus Cristo, dobre-se! E deixe esse homem, que não é a sua morada!...

O próprio Barnabé, que, aos poucos, ia conhecendo no-

vas facetas do espírito indomável de Paulo, desejou conter o amigo, o qual não lhe atendeu as ponderações para que se acalmasse.

Como que magnetizado pelas palavras do Missionário, o corpo do homem escolhido para instrumento daquela perturbação dobrou-se, vencido por irresistível força coercitiva. Muitos dos presentes, alarmados diante do ocorrido, afastaram-se do recinto de reuniões, enquanto, gradativamente, Paulo, amparado por Barnabé e Onesíforo, ia retornando à serenidade. Quem não soubesse quem ali estava, talvez viesse a supor que o endemoninhado fosse ele e não aquele pobre homem que desfalecera.

Tecla, que tudo acompanhara, a cada vez mais impressionada com a figura espiritual de Paulo, que passara a defender o Cristo com a mesma determinação com que defendera Moisés e os Profetas, não percebeu que, no tumulto que se estabeleceu, o capuz lhe deixara o rosto descoberto.

— Vejam - disse um dos conhecidos de seu pai, apontando-a para algumas pessoas -, aquela é Tecla, filha de Mésimo! Ter-se-á tornado cristã?! Duvido que o seu pai saiba que ela está aqui!...

# 7

## Tecla Cristã

**N**o outro dia, a tarde, logo que Mésimo chegou da curta viagem empreendida, não faltou quem, já na entrada de Icônio, o abordasse, contando o rebuliço que as pregações de Paulo vinham causando.

— E Tecla, meu amigo - disse-lhe o intrigante interlocutor -, com as duas escravas de sua casa, estava lá! Eu a reconheci perfeitamente. Você sabe como os jovens são curiosos, mas notei que, enquanto aquele homem falava, ela até chorou... Estou lhe contando isto, porque nós, os pais, precisamos estar atentos contra as superstições que a doutrina do Nazareno anda espalhando, principalmente entre os jovens!

De espírito envenenado, Mésimo foi direto para casa, mal tendo cumprimentado Teóclia, que o esperava com ansiedade.

— Mésimo, que houve?! Você me parece tão irritado?!

- perguntou ela ao marido, o qual se dirigiu para a biblioteca, o recinto preferido da sua filha que ali passava horas e horas na leitura de manuscritos.

— Tecla! Tecla! - bradava, encolerizado. — Onde está você?!...

Percebendo o alterado estado de espírito do pai, a jovem pressentiu que ele já havia sido informado de tudo! Então, naquele momento, decidiu que não mais esconderia suas convicções.

— Estou aqui, papai! - respondeu resoluta. — Na biblioteca! Estou aqui!...

— Diga-me, minha filha - inquiriu, sacudindo-a pelos ombros -, diga-me se é verdade o que acabei de saber: você compareceu à pregação daquele embusteiro do "Caminho"? Esperou que eu viajasse para me trair e me colocar em dificuldades diante dos amigos, que, a esta altura, devem estar me ironizando em toda a cidade?!

— Papai - tentou ponderar Tecla, com serenidade -, sim, eu estive em uma de suas pregações, e confesso ao senhor que não presenciei nada reprovável... Aliás, pude presenciar cenas que muito me comoveram, como a cura de uma criança que havia caído numa cisterna... O menino estava praticamente morto e...

— Ilusionismo! Como você pode sertão ingênua assim?! Aquele homem, que tem sido expulso de todas as cidades por onde passa, é extremamente perigoso! Dizem, ainda, que ele seduz mulheres...

— Tal não me pareceu - redarguiu a jovem sem hesitar. — Ele e seu amigo, de nome Barnabé, um senhor de respeitável aparência, não me parecem fazer jus às acusações de seus

inimigos... Paulo, mostrando profundo conhecimento da Lei, falou de Jesus Cristo, crucificado injustamente pelos invejosos.

— Ele coloca esse Cristo acima de Moisés! Isso é um absurdo! Tal homem precisa estar preso!... Ele é uma farsa! Toda a gente sabe que foi ele mesmo quem denunciou os adeptos do "Caminho" e mandou matar por apedrejamento o irmão de sua noiva... Agora, fique sabendo que você está proibida de sair de casa! Enquanto o dito homem estiver na cidade, você estará proibida de ausentar-se destas quatro paredes!...

— Não, o senhor está enganado, pois ele não falou mal de Moisés... Ao contrário, ele demonstra grande reverência pela Lei e admiração pelos nossos patriarcas e profetas! O que enfatiza em sua pregação é que o Cristo é o Messias, que o próprio João Batista reconheceu...

— Vejo que você, infelizmente, já foi contaminada por essa epidemia, que se alastra por toda a parte, sem que as nossas autoridades consigam detê-la. Não vá me dizer que você também se tornou adepta do Carpinteiro - a loucura deste século! Um Messias morto numa cruz, entre dois ladrões!...

— Ele também falou a respeito disso, explicando que *"certamente a palavra da Cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus!"* Papai, que charlatão viveria entre os mais pobres, consolando os que têm sido socialmente escorraçados?...

Mésimo, caminhando de um lado para outro, notou que a filha dispunha de argumentos sólidos - argumentos que, por não ser um homem dado à leitura e à reflexão, ele não possuía.

— Tecla - apelou o genitor -, você está prometida a Tamíríde... Dentro de pouco tempo, oficiaremos o seu noivado, e a família dele está preparando em Listra uma grande recepção. Não nos envergonhe, a mim e à sua mãe! Você quer que nos transformemos em motivo de chacota?! Quer?! Não basta ter me contrariado e comparecido à pregação daquele sedutor?!...

— Eu jamais lhe desobedeceria, meu pai! O senhor sabe quanto o amo e respeito, mas se esqueceu de que a sua pequena Tecla cresceu, e, com base nos próprios livros que o senhor me manda estudar, formou outros pensamentos sobre a Vida!

— A culpa, então, é de Zizo! - exclamou Mésimo. — Mandarei que o açoitem e o despedirei, para que morra de fome.

— Não, a culpa não é dele! Aliás, não existe culpa em ninguém, nem no senhor, na mamãe, em Zizo ou em mim mesma! São tempos novos, meu pai! O Cristo é o legítimo continuador da doutrina de nossos ancestrais - Ele é o nosso Salvador! O que Ele fez e o que disse jamais foi feito e dito por nenhum sábio da Terra! Acredito mesmo que Ele seja superior a Sócrates...

A isto, com um gesto ríspido, Mésimo derrubou todos os manuscritos que estavam em cima de um balcão, sobre o qual se empilhavam!

Resolvida, de uma vez por todas, a colocar um basta naquela situação de seu futuro noivado, situação que muito a afligia, a jovem, encarando o pai de frente, elucidou:

— Quanto à Tamíríde, meu pai, eu comunico ao senhor que me entenderei com ele, pois, agora, quando encontrei o que procurava para a minha vida, não pretendo me casar!

— Quê?! - indagou Mésimo, basbaque. — Como se não lhe bastasse me envergonhar uma vez durante toda a infância, fazendo-me passar por homem fraco junto à própria família, pretende impor-me uma segunda humilhação?! Positivamente, as palavras de tal pregador a enlouqueceram! Que súbita mudança é essa?! Explique-se, Tecla! - gritou tão alto, que, até então se contendo, Teóclia veio em socorro da filha.

— Acalme-se, Mésimo! - ousou pedir a esposa, segurando Tecla pelo braço.

— Acalmar-me, eu?! Então vocês duas me desferem terrível golpe à traição, arrasam a minha vida, e você, Teóclia, ainda tem coragem de me pedir calma?! Que querem vocês de mim?! Que eu me transforme num mendigo?! Desprestigiado socialmente, os meus negócios irão à bancarrota! Abrirei os meus pulsos e...

— Não, meu pai, não há necessidade de que o senhor faça isso - interveio Tecla, amparada pela mãe. - Sairei de casa...

— Nunca! - vociferou Mésimo. — Você terá que se explicar a Tamírde... Dou-lhe prazo até amanhã para que mude de ideia. Você está fascinada, quiçá apaixonada por aquele homem, que deve ter idade para ser seu pai!...

— Estou, sim, apaixonada pelo Cristo e não por Paulo, que, como o senhor disse, tem idade para ser meu pai. Mas o meu pai é o senhor e é ao senhor que eu amo como tal!

— Se você me ama, que estranha forma de amor é essa a quem, até aqui, tem-lhe dado tudo?! Que amor é esse que não inclui o respeito e a consideração?! Isso não é amor: é, sim, ingratidão! E ainda tem a coragem de me dizer que está apaixonada por um homem morto, condenado à cruz dos escravos?!...

— O senhor não seria capaz de entender os meus sentimentos - disse Tecla, enxugando lágrimas no rosto. — O sono não me fará alterar o que sinto... E não foram apenas, meu pai, as palavras de Paulo que me fizeram mudar, pois, desde muito, estranha amargura me possui o espírito - a verdade é que sempre vivi insatisfeita comigo mesma! Não vim a este mundo para me casar e ter filhos...

— Se preciso - ameaçou Mésimo -, eu a levarei à presença do Procônsul! Mas aviso-lhe: caso não me obedeça, prepare-se para deixar esta casa...

— Isso não! - exclamou Teóclia. — Sem a presença de minha filha, eu morrerei! Isso não, Mésimo, por caridade!...

— Você está vendo como o maldito Cristo está destruindo a nossa família?...

— Meu pai, o Apóstolo disse que Ele ensinava que aquele que houver deixado, pelo seu nome, *"sua casa, ou seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, receberá o cêntuplo de tudo isso e terá por herança a vida eterna"*!

— Isto é uma conspiração contra a família! Onde é que você tem a cabeça, Tecla! Você foi enfeitiçada... E saiba que não falarei mais com você! - sentenciou o genitor, com mil planos obscuros na cabeça, evidentemente, incluindo o plano de mandar matar a Paulo! — Amanhã, cedo, conversaremos. Caso você persista nessas ideias abomináveis, iremos ao Procônsul. Eu mesmo a denunciarei como traidora de nossa fé!...

— Mésimo! - algo tentou dizer Teóclia.

— Quanto a você - retrucou o esposo com rispidez - por considerá-la cúmplice de nossa filha nesta situação, de hoje em diante, dormirá no quarto das escravas! Comerá e

dormirá com elas, até que tudo isto se resolva conforme espero.

Assim dizendo, rodopiou nos calcanhares e saiu, preferindo blasfêmias, disposto a cometer qualquer insanidade em defesa do que considerava como sendo sua honra.

Naquela noite, Tecla não conseguiu conciliar o sono. Permanecera ali mesmo, na biblioteca, pensando nas dificuldades que, certamente, enfrentaria no testemunho de sua nova convicção. Todavia, por mais refletisse, a jovem não podia imaginar que ela havia sido escolhida para ser uma das primeiras mártires do Evangelho nascente! Dali por diante, a sua trajetória de vida serviria de inspiração a milhares de outras jovens que tomariam a decisão de seguir o Cristo.

Era alta madrugada, quando, cochilando rapidamente sobre os manuscritos que, antes, o pai lançara ao chão, sonhou com uma estrela, que, tomando a forma de anjo, parecia pairar no espaço e roçar, de leve, as asas sobre sua cabeça, dizendo-lhe:

— Prepare-se, minha irmã, pois o seu Calvário está apenas começando! Mas nós não a deixaremos sozinha! Não apenas os homens serão chamados a construir na Terra o Reino de Deus!...

Tecla, evidentemente, não pôde identificar naquela a voz de Abigail, irmã de Estêvão e ex-noiva de Saulo, que, em nome do Cristo, se abalava das Altas Esferas e vinha ao seu encontro, para dar-lhe força e coragem no testemunho.

No outro dia, quando o Sol já se encontrava à meia-altura no firmamento, todos foram surpreendidos com a presença de Tamírde, que, necessitando vir à Icônio para tratar dos negócios de seu pai, praticamente amanhecera na casa da noiva.

— Tamírde - disse Mésimo, o qual se levantara mais tarde que o habitual - venha cá... Você precisa conversar com Tecla. Apareceu um autêntico bandido na cidade, por nome Paulo, acompanhado por um ancião, que transtornou a cabeça dela... Tecla não está bem! Ontem, à noite, discutimos feio. Ela está falando, inclusive, em retirar a palavra empenhada com você! Por favor, antes que eu seja obrigado a tomar medidas mais drásticas, converse com ela...

Dirigindo-se à biblioteca, onde a moça passara a noite, Tamírde que, em verdade, mais lhe admirava a beleza física que o espírito, osculou-lhe rapidamente a fronte e principiou a falar:

— Estive com o seu pai, tendo ele...

— ...disse-lhe a verdade - completou a jovem, sem titubeios. — Doravante, serei cristã!

E tirando da túnica o camafeu de marfim, que simbolizava seu comprometimento afetivo com Tamírde, estendeu-o a ele.

— Mas... que é isso, Tecla?! Afinal, de que se trata?!...

— Abandonei a crença nos deuses! Eis que Jesus Cristo é o "Deus Desconhecido" e maior que todos os deuses que já cheguei a venerar.

— Maior do que o soberano Zeus, de quem você sempre foi devota?! - isso, sem falar, claro, de nossas convicções judaicas! Que deus é esse que, de hora para outra, faz você renegar, de uma só vez, a Zeus e a Jeová?! Tolerável a sua admiração pela cultura grega, que os próprios romanos adotaram, mas como admitir que também se oponha ao Deus de nossos ancestrais?...

— Tamíride, o Cristo é o Messias! Sócrates e Platão, a meu ver, foram, na Grécia, os precursores de sua sagrada doutrina. Os profetas, ao longo dos séculos, prepararam-Lhe o advento! Paulo disse que João Batista, o qual muitos acreditavam ter sido a personificação do profeta Elias, O consagrou, em batismo público, no Rio Jordão...

— Tecla, você delira! Seu pai tem razão: você perdeu todo o senso! Que sortilégio é esse que lançaram sobre você?! O tal Paulo é um bruxo, homem extremamente perigoso, que precisa ser preso ou, então... morto!

— Como ousa falar assim de quem você não conhece?! Tamíride, eu nunca fui tão feliz quanto sou agora, acredite!...

— Mas o preço de sua felicidade é a minha infelicidade - a minha e, particularmente, a de seu pai, que é um homem de bem, mas que, a partir de agora, será ridicularizado em Icônio, Listra, Derbe... Volte para mim, Tecla! - insistiu o rapaz, tentando abraçá-la.

— Não! - evitou-o Tecla com veemência. — Você encontrará alguém que o faça feliz... Deixe-me, Tamíride! Sempre fomos amigos, desde a nossa infância, e o que existe entre nós é uma amizade que, de minha parte, não gostaria que fosse desfeita.

— Não é possível!... Seu pai tem razão: iremos ao Pro-cônsul. Quem sabe, escutando-lhe a autoridade, você muda de ideia. A epidemia "cristã" está se alastrando, pior do que a doença que acomete os imundos! Alguém precisa fazer alguma coisa para impedir que toda a Judeia enlouqueça e que esse mal se alastre por toda a Galácia...

— Numa sociedade como a nossa, na qual a mulher não possui quase direito algum, claro que serei forçada pelo meu

pai a comparecer perante o Procônsul, mas, ainda que ele me lance à prisão, ninguém poderá interferir em minhas convicções! Mais importante que a realização da minha felicidade afetiva, quase sempre uma manifestação do egoísmo do homem e da mulher, é a minha realização espiritual!...

— Primeiro, você enfrenta a autoridade de seu pai e, agora, você enfrenta a mim?! Eu não posso acreditar nisso! Que direito você poderia pretender mais que o amor de um homem? - perguntou com ironia.

— O direito de amar a Deus, sem que ninguém venha dizer-me como devo amá-Lo ou ser amada por Ele! - rebateu Tecla com lógica insofismável.

Enquanto Tamíride se refazia da crescente surpresa que ia tomando conta de seu espírito, a jovem argumentou:

— Com todo o respeito aos nossos antepassados - sim, porque tanto eu quanto você temos o sangue de Abraão correndo nas veias! -, em todo o Livro Santo, praticamente, não temos a inclusão dos feitos de uma mulher, que, segundo penso, devem ter sido propositadamente delas afastados. Todavia, para seu conhecimento, devo dizer-lhe que Rute, casando-se com Boaz, teve a Obede por filho, que foi o genitor de Jessé, pai de Davi, nosso Rei. Sobre Rute, que, igualmente, era profetisa, os registros nas Escrituras não excedem mais que algumas poucas páginas, e nós, mulheres, devemos considerar mesmo um milagre que não tenham sido completamente destruídas pelos homens!

— Você blasfema! - redarguiu Tamíride, retrocedendo.  
— Aquele homem, Paulo, de fato, enfeitiçou-a, e você bem sabe o que se destina a quem é acusado de bruxaria...

— A fogueira?! Pois saiba que, depois que o Messias foi

crucificado, ninguém que se disponha a lhe seguir os passos deve esperar melhor sorte!...

Sem dizer mais uma única palavra, Tamíríde, atirando o camafeu de marfim a um dos cantos da biblioteca, foi ter com Mésimo, que não pudera deixar de ouvir todo o exaltado diálogo entre a sua filha e o ex-noivo.

— Eu não lhe disse, Tamíríde?! Tecla parece ter enlouquecido - procurou justificar-se. — Marcarei audiência com o Procônsul e, enquanto isto, ela ficará presa dentro de casa. Não permitirei que entre em contato com ninguém, nem mesmo com Teóclia!

Durante todo o tempo em que Tecla permaneceu reclusa, apenas as duas servas tessálias, que também, em segredo, haviam se convertido ao Cristianismo, mantinham contato com ela e a punham a par dos acontecimentos envolvendo Paulo e Barnabé. Foram elas que a ensinaram a fazer o sinal da cruz, com que, então, os cristãos começavam a enfrentar os seus mais rudes testemunhos, os quais, dali para frente, haveriam de lhes custar supremas humilhações, quando não a própria vida.

Enquanto a futura mártir de Icônio, na solidão de seu cárcere doméstico, aprendia a se entregar à oração, Paulo, estando na casa de Onesíforo, fora preso e, na prisão, submetido aos trinta e nove açoites. Durante os cinco dias em que esteve detido, ele passou por toda espécie de privação, e todas as tentativas dos amigos em libertá-lo haviam sido infrutíferas. As acusações que pesavam sobre ele eram inúmeras: sedutor, desagregador da família, revolucionário e feiticeiro, entre tantas outras, e, para qualquer hora, esperava-se que, condenado à morte, fosse apedrejado em praça pública.

## 8

### Paulo em Listra

**D**iante das dificuldades surgidas em Icônio, Paulo, ao deixar a prisão, tendo as mãos inchadas e o rosto marcado pelos maus-tratos recebidos - a sentença dos trinta e nove açoites objetivava curar o homem de suas consideradas trinta e nove doenças, devolvendo-lhe, inclusive, a integridade psíquica - em conversa com Barnabé e Onesíforo, chegou à conclusão que na cidade não havia mais clima para eles.

— Precisamos partir - considerou o Apóstolo, um tanto entristecido com os acontecimentos. — Todavia, não recuaremos. A igreja está fundada em casa de Onesíforo, e, de certa maneira, a nossa tarefa está cumprida em Icônio.

— Que farão?! - indagou Onesíforo. — Voltarão para Antioquia?!...

— Não!-respondeu Paulo. — Já visitamos Antioquia. Se

Barnabé concordar, seguiremos adiante... Ainda não estamos de todo exauridos. Estou pensando em irmos para Licaônia.

— Bem pensado! - concordou Onesíforo de pronto. — Em Listra, tenho uma irmã viúva, Loide, que mora com a sua filha Eunice, além de Timóteo, meu sobrinho. Tenho absoluta certeza de que vocês serão muito bem recebidos e, durante algum tempo, terão onde ficar. A cidade é muito pobre, mas Loide, que era casada com um grego abastado, dispõe de recursos para recebê-los. Posso lhes dar uma carta de recomendação. E, se me fizerem um favor, gostaria de que Alexandre, meu filho, conhecesse o primo Timóteo.

— Então, está decidido - deliberou Paulo. — Amanhã mesmo, partiremos para Listra.

— Vocês poderiam, pelo menos, descansar por mais um dia ou dois...

— Melhor não! - redarguiu o incansável Apóstolo. — Já lhe causamos aborrecimentos demais! Depois, não sabemos como a cidade reagirá, porque os boatos que se estão espalhando a nosso respeito...

— Você tem razão - concordou Onesíforo. — Nossos adversários gratuitos estão dizendo que você enfeitiçou a filha de Mésimo e Teóclia, uma bela jovem de nome Tecla.

— Sinceramente, sequer a conheço.

— Sim, mas, às escondidas do pai, ela compareceu a uma de suas pregações e, ouvindo-o, tornou-se cristã. Trata-se de uma jovem inteligente e culta, com a qual, certa vez, tive oportunidade de conversar rapidamente. Ela é muito instruída nos ensinamentos dos filósofos gregos, admirando profundamente o pensamento de Sócrates e Platão.

— Um dia -tornou Paulo - ainda pretendo ir à Grécia!

— Mas não agora! - aparteou-o Barnabé. — Você está muito desgastado e, numa viagem como essa, por mais que eu quisesse, não disporia de saúde para acompanhá-lo.

Partindo em companhia de Alexandre, o filho de Onesíforo, espírito extremamente maduro para a sua pouca idade, Paulo e Barnabé empreenderam viagem, logo de manhã. Quando a cidade acordasse, eles não mais estariam lá, e, assim, os ânimos, que contra eles haviam sido acirrados, se acalmariam.

A determinada altura da viagem de pouco mais de trinta quilômetros, realizada por terreno árido e acidentado, sem um único poço d'água onde pudessem lavar o rosto empoeirado, ambos os viandantes se depararam com os cadáveres de dois homens sendo devorados por aves de rapina e por três cães.

Aproximando-se, embora estivesse de rosto quase completamente desfigurado, Paulo comentou:

— Não me parecem estranhos... Tenho a impressão de que já os vi!...

Eram Saul e Agripino, os dois homens que haviam sido contratados para matá-los!

— Certamente - falou Barnabé -, foram pegos pelos salteadores que vivem atacando a quem passa por estes caminhos... Eles estão despídos - devem ter-lhes roubado as vestes e, possivelmente, dinheiro.

E abaixando-se, apanhou uma moeda que quase desaparecera em meio ao pó da estrada.

— Veja! Devem ter deixado cair esta...

— Que faremos?! - perguntou Paulo. — Não podemos deixá-los insepultos. Pelo menos, cavemos uma vala rasa, para que não fiquem assim expostos, pois, afinal, sejam quem forem são nossos irmãos em Cristo!

Auxiliados pelo pequeno Alexandre, Paulo e Barnabé começaram a cavar com as próprias mãos, praticamente removendo a grande quantidade de areia que o vento trazia de lugares ainda mais áridos para sobre a estrada. Numa única vala, os dois cadáveres foram acomodados. Após dar-lhes sepultura digna, Barnabé pronunciou breve oração, pedindo a Deus que lhes amparasse os espíritos, que, com certeza, estariam a vagar nas imediações.

— Quem sabe qual seria a intenção destes dois, não?! - inquiriu Paulo, enquanto retomavam a jornada. — Talvez até pudessem estar à nossa espera...

Listra, que era praticamente uma aldeia, ficava numa saliência no vale que se formara entre duas montanhas maiores. Ainda faltavam uns quinze quilômetros de percurso, e, tendo o intuito de alcançá-la antes que escurecesse, os dois Apóstolos, sempre seguidos por Alexandre, imprimiram um pouco mais de rapidez à caminhada.

Admirado da resistência do menino, Paulo perguntou-lhe:

— Você não se cansa, bravo garoto?!...

— As minhas pernas doem um pouco, mas meu pai recomendou que eu não os atrapalhasse - respondeu com vivacidade. — Sou novo e ainda tenho muito que caminhar neste mundo afora!...

Impressionado com a decidida resposta, Paulo, que, até então, não conversara com Alexandre, resolveu cumprir o resto da viagem dialogando com ele.

— O que você acha do Cristo?! - inquiriu o Apóstolo, agora interessado na palavra do garoto.

— Ele é nosso Redentor! - disse com voz firme. — As histórias que o papai nos conta a respeito Dele são maravilhosas! Se não fosse um homem de Deus, Ele não teria feito o que fez e, mesmo depois de morto, continua fazendo!...

— Você vai gostar muito de Timóteo, seu primo - ponderou Barnabé. — Ele é só um pouco mais velho que você... Pelas minhas contas, deve estar com pouco mais de treze de idade. Mas você, Alexandre, embora mais novo, talvez tenha a mesma altura dele.

— Tenho certeza de que sim - respondeu o menino, sem dúvida, um daqueles espíritos que tinham nascido para secundarem a tarefa da implantação do Evangelho na Terra. — Quando eu era menor, a tia Loide esteve em nossa casa, e me falou de Timóteo. Desde então, fiquei com muita vontade de conhecê-lo.

— Você costuma brincar com os seus amigos em Icônio?! - indagou Paulo.

— Às vezes - disse. — Mas, desde que papai se tornou cristão, os pais dos outros meninos não gostam de que eles brinquem comigo. O papai me disse que, um dia, eles entenderão a Mensagem do Cristo, que, sobretudo, é de amor aos semelhantes. Por este motivo, eu não me aborreci com eles...

Paulo trocou significativo olhar com Barnabé e, avistando as primeiras casas de Listra, exclamou:

— Estamos chegando!

Não tiveram eles que andar muito mais para chegarem à moradia de Loide e Eunice, pois, pedindo informações a um homem que conduzia pequeno rebanho de cabras, souberam que a residência delas ficava bem no centro da aldeia, cercada por pequeno pomar de figos e romãs, tendo algumas roseiras plantadas à frente.

Loide estava justamente terminando de regar algumas roseiras, quando avistou os dois homens que se aproximavam com o menino, a quem, de pronto, reconheceu.

— Alexandre, filho de Onesíforo! E você mesmo?! - perguntou a venerável senhora, aproximando-se com alegria. — Que foi que houve?! Onesíforo está bem?! Sua mãe está bem de saúde?!...

Sem que Alexandre tivesse tempo de responder, Loide o abraçou demoradamente, depositando diversos ósculos nos cabelos negros e encaracolados do menino.

— Quem são os seus dois senhores companheiros de viagem?! - inquiriu em seguida.

— Paulo e Barnabé, amigos do papai - esclareceu. — Eles estavam conosco em nossa casa. O papai escreveu à senhora uma carta de recomendação.

— Se são amigos de seu pai, não precisam de recomendação escrita. Vamos, entrem! Eunice está preparando o jantar, e o seu primo Timóteo está com ela. Vocês devem estar com fome, não?!

— Com fome e sede, senhora! - atalhou-a Barnabé.

— A água do poço de Listra é muito boa! - E gracejou:

— Pelo menos isto a nossa aldeia possui: água pura e cristalina! Venham, venham! Vamos entrar! Ainda ontem, enquanto orávamos, Eunice e eu pensamos na família de meu irmão, em Icônio. Parecia que presentíamos a chegada de vocês...

Conduzindo os hóspedes para dentro da agradável vivenda, que herdara do esposo, a anfitriã fez com que se acomodassem nos bancos de madeira espalhados na sala e na cozinha, que, praticamente, se comunicavam.

— Eunice e Timóteo - disse ela, apontando para Alexandre -, adivinhem quem é este garoto?! - Você o reconhece, minha filha?! Ele é o filho mais velho de seus tios - filho de Onesíforo e Ester! Timóteo, este é o seu primo Alexandre. Abrace-o!...

Diante da felicidade de todos, os dois meninos, futuros Apóstolos do Evangelho, se abraçaram com enternecimento, como se, mais que primos, fossem o que verdadeiramente eram: espíritos afins que tinham reencarnado com o mesmo propósito de servir a Jesus!

Após terem lavado o rosto e as mãos, bem como saciado a sede, os três, agora em volta de pequena mesa, foram servidos com o jantar.

— Não reparem-solicitou Eunice-, pois aqui não temos o hábito de comer carne... Timóteo não deixa que compremos carne de nenhum animal! A nossa alimentação é muito simples... Às vezes, mamãe e eu, sem ele perceber, comemos algum peixe que compramos de comerciantes que percorrem muitas milhas para pescá-los.

— Eu também - respondeu Paulo - desde que conheci a Jesus Cristo, não quis mais ingerir qualquer tipo de carne, nem mesmo peixe! Portanto, Eunice, não se preocupe. E, de-

pois, a sua mesa está farta: figos, romãs, mel, pão, azeite, sopa de repolho... Para que mais?! Isto é um verdadeiro banquete!

Timóteo, extremamente educado, fez questão de servir o primo, ao lado quem se sentara em dois bancos colocados próximos à porta de entrada de casa. Lá fora, as estrelas já tremeluziam no firmamento, e, enquanto os adultos conversavam à mesa, eles se entendiam em sua linguagem adolescente.

— Alexandre - dizia-lhe Timóteo -, que bom você ter vindo me visitar, pois eu quase não tenho amigos! Aqui, em Listra, os meninos da minha idade costumam se divertir atirando pedras em pássaros, correndo atrás de lagartos para pisá-los ou pregando peças nas pessoas mais idosas...

— Eu também quase não tenho amigos - retrucou o filho de Onesíforo. — Desde que papai se tornou cristão...

— Cristão?! Que significa isto?! Que é ser cristão?! - perguntou Timóteo, interessado.

— Paulo e Barnabé também são cristãos! Creio que, depois do jantar, eles falarão a respeito de Jesus Cristo para nós...

— Jesus Cristo?!

— Então, primo, você não sabe que nosso Messias já veio?! A doutrina Dele está se espalhando por toda parte, mas todos os que tomam a decisão de segui-la têm sido perseguidos... Paulo e Barnabé tiveram que fugir de Icônio, porquanto queriam matá-los!

— Jesus!... Jesus!... - exclamara ainda Timóteo. — Este nome não me soa estranho ao espírito... Engraçado, não?!

Quando você o pronunciou, senti uma alegria diferente em meu coração...

— Timóteo! Alexandre! Venham, meus filhos! - chamou Loide os dois futuros Apóstolos do Evangelho nascente. — Vamos orar!...

Naquela casa, todas as noites, logo após o jantar, tinha-se o hábito de tomar as anotações em torno das Leis de Moisés e os ensinamentos dos Profetas, para lê-los e meditá-los. Era o culto da fé, praticado na intimidade das famílias, desde quando, durante quatro décadas, o povo judeu peregrinara no deserto.

Loide e Eunice, com o intuito de incentivar Timóteo à leitura e ao respeito aos textos sagrados, sempre pediam que fosse ele a ler o pequeno trecho escolhido para a noite. Certamente, por intercessão do Alto, justamente naquela primeira noite em que eles estavam orando todos juntos, Timóteo leu significativas anotações extraídas dos Salmos: *"Cães me cercam; uma súcia de malfeitores me rodeia; traspassaram-me as mãos e os pés. Posso contar todos os meus ossos; eles me estão olhando e encarando em mim. Repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitam sortes!"*

Paulo e Barnabé se entreolharam, quando, como era de praxe, ao receberem visitas que participavam da oração, a anfitriã convidou os hóspedes, amigos de Onesíforo, a lhes comentarem as palavras lidas naquela noite de bênçãos, em que o firmamento estrelado parecia ter jogado seu luminoso manto sobre aquela casa.

— *Esses três salmos* - começou Paulo a sua primeira pregação em Listra - *resumem, de maneira surpreendente, o que aconteceu ao Cristo, o enviado de Deus aos homens - o Messias que, ansiosamente, esperamos por séculos!*

E, passando a falar, detidamente, sobre as profecias que anunciavam o advento de Jesus entre os homens, até à vinda de João Batista, o Precursor, considerou:

— *Ele foi traído, vendido por algumas moedas, preso de maneira sumária e julgado sem direito a defesa alguma. Durante três anos, o Sinédrio tramou a sua perda, e Ele, praticamente sozinho, continuava acendendo luz na escuridão... Recomendou que déssemos a César o que é de César, mas que, por igual, entregássemos a Deus o que a Deus pertence. Por apenas ter feito o bem, fui perseguido como jamais nenhum malfeitor contumaz o houvera sido... O povo, sob escusa co-ordenação dos doutores da lei, que sempre viveram de benesses ilícitas, foi utilizado como instrumento de sua condenação - sobre Ele, nem mesmo Pôncio Pilatos encontrou qualquer culpa!*

*Moisés nos libertou do jugo da escravidão que, durante mais de quatrocentos anos amargamos no Egito, mas o Cristo veio para libertar o homem de milenária escravidão em si mesmo!...*

Loide, Eunice e Timóteo, magnetizados pela palavra fácil de Paulo, tudo compreenderam num átimo, porque a verdade é que a gleba de seus espíritos estava lavrada para a sementeira.

Assim, a primeira assembleia cristã em Listra foi fundada.

Ao término de suas considerações, a dona da casa informou aos dois companheiros que a cidade não possuía sinagoga, mas que seria interessante que, durante algum tempo, eles ali permanecessem.

— Vocês poderão pregar na praça do mercado - consi-

derou. — Improvisaremos uma tribuna, da qual poderão falar ao povo, que é de todas as procedências. Temos poucas famílias judias aqui, mas, infelizmente, convivemos com todo tipo de superstição, com muitos oferecendo sacrifícios sangrentos aos deuses.

— Vivemos - informou Eunice - em meio a intenso primitivismo, inclusive no que tange aos costumes sociais. Isto tudo vem entravando o crescimento da cidade, porque várias famílias têm-se afastado de Listra. Nós mesmas já consideramos a possibilidade de nos mudarmos para Icônio, a fim de, na companhia de Timóteo, ficarmos mais próximas de meu tio.

— Compreendo - respondeu Paulo - mas agora percebo que o Senhor as manteve aqui para esta hora, porque o Seu Evangelho não pertence apenas aos descendentes de Abraão.

— Vocês não se preocupem conosco - informou Barnabé. — Trabalharemos, para não lhes sermos pesados. Por onde passamos, é assim que procedemos, mesmo porque precisamos enviar recursos a Jerusalém, onde nossos irmãos vivem sobrecarregados no socorro a dezenas de desvalidos.

— Em absoluto, vocês não nos serão pesados! - exclamou Loide. — Temos alimento suficiente para nós...

— Eu trabalharei na horta com Timóteo - disse Alexandre, comovendo a todos. — E poderemos ir ao mercado para vendermos o que a horta produz! Você concorda, Timóteo?! - perguntou o garoto, que se revelava portador de sentimentos tão nobres quanto aqueles que, em Timóteo, impressionara Paulo.

— Sim - respondeu o filho de Eunice - e também po-

deremos falar de Jesus aos meninos que já perderam todo o respeito aos deuses de seus pais.

Assim, em Listra, naquela casa abençoada, fora fundada a primeira assembleia cristã, que, ao longo do tempo, seria valioso ponto de referência para a Boa Nova.

No outro dia, de manhã, Paulo e Barnabé, por diminuto salário, conseguiram se empregar numa das tendas da cidade, revitalizando a sua confecção de tapetes, pois ambos eram exímios tecelões.

## Diante *do* Procônsul

**E**nquanto os Apóstolos lutavam em Jerusalém, Paulo e Barnabé, em Listra, Tecla, em Icônio, dava início ao seu calvário.

Mésimo, com receio de que fosse denunciado ao Procônsul como adepto da doutrina do Nazareno, não hesitou em fazer com que a própria filha comparecesse diante dele, no que foi acompanhado por Tamíride, que se sentira humilhado com o rompimento do noivado.

Tudo isso fez com que Teóclia, vítima de mal súbito, se recolhesse ao leito, do qual não mais se levantaria. Acometida por um problema cerebral, a pobre senhora, durante alguns meses, permaneceria hemiplégica e sem poder falar, para, em seguida, deixar o corpo.

Os adversários do Cristo, embora ainda não se sentissem acobertados pela lei, que, mais tarde, passaria a consi-

derar o fato de ser cristão como crime, entre as matronas e autoridades das cidades, mobilizavam influências que, quase em toda parte, provocavam focos de perseguição contra os seguidores do "Caminho".

Depois da passagem de Paulo e Barnabé por Icônio, a cidade nunca mais voltaria a ser mesma, de vez que, em quase todas as rodas, não se conversava outra coisa, e o interesse pela Boa Nova havia sido definitivamente despertado.

Os judeus, notadamente os mais ortodoxos, que, por sinal, eram os mais situados socialmente, não concordavam, em absoluto, com aquele Homem que ousara desafiá-los como sendo o Messias - aquele Homem que, inclusive, chegara a pregar o amor aos próprios inimigos e não perdera ocasião de combatê-los em seu fanatismo dogmático.

Comparecendo diante do Procônsul, praticamente escoltada por Mésimo e Tamíríde, como se fosse uma prisioneira, Tecla, intimamente, orava, pedindo forças para não fraquejar no interrogatório a que seria submetida.

— Senhor - explicou-se Mésimo, diante da autoridade -, nas últimas semanas, depois de terem sido enxotados de Antioquia, chegaram a Icônio dois forasteiros que, com os seus estranhos sortilégios, passaram a insuflar o povo contra a relativa paz em que vivíamos... Infelizmente, eles enfeitiçaram esta minha filha, que, praticamente de casamento marcado com Tamíríde, honrado filho de nobre família, rompeu com o compromisso e, infelizmente, agora está se dizendo seguidora daquele malfeitor condenado à morte na cruz.

Fez uma pausa e, diante do Procônsul, que, com uma taça de vinho na mão, parecia insensível àquela questão, prosseguiu:

— Trouxe-a aqui, na esperança de que o senhor nos auxilie a reverter esta desagradável situação, pela qual a minha pobre esposa, Teóclia, já começou a sofrer, pois, diante dos conflitos inesperados, ela caiu enferma de uma hora para outra, dando-nos a impressão de que não se recuperará. Sinceramente, eu não sei por que motivo os romanos nos deixaram sozinhos com tal aproveitador, cuja doutrina, através de uma cadeia de mentiras, vem se propagando. Senhor Procônsul, imagine que estão a dizer haver ele chegado a ressuscitar pessoas mortas e, como se isso não bastasse, que, ao terceiro dia de sua crucificação, ele próprio se levantou do túmulo e anda aparecendo às pessoas! O homem que enfeitiçou minha filha, por nome Paulo de Tarso, tem espalhado a notícia de que ele mesmo viu a Jesus, o qual, segundo informações, era filho de um carpinteiro de Nazaré...

— Não se estenda em demasia - ordenou o Procônsul, esvaziando a sua taça de vinho. — Que é que você, Mésimo, deseja que eu faça?! Talvez a sua filha nunca tenha amado este jovem - disse, apontando para Tamíride. — Dificilmente, uma mulher leva em consideração o sentimento de um homem... É possível que ela se tenha apaixonado por outro! Quem sabe até mesmo por aquele homem, que, com certeza, deve ser muito mais velho do que ela...

Foi quando Tecla, que, até então, tudo ouvia em silêncio, levantou a fronte e disse com coragem:

— Não, Senhor Procônsul, eu não me apaixonei por outro homem! Muito menos por Paulo de Tarso, que, de fato, tem idade para ser meu pai. Isso não é verdade! Trata-se de um boato que espalharam para justificar a perseguição gratuita que, em Icônio, foi movida contra ele e seu amigo, vindos de Antioquia para nos ensinarem o caminho de nossa redenção espiritual!

— Ora, ora! - replicou o Procônsul, com ironia. — Que jovem voluntariosa! Quem lhe deu permissão para falar nesta assembleia, minha menina?! Porventura, a doutrina do Nazareno colocou em seu corpo de mulher o espírito de um homem?!...

Percebendo que Tecla, em sinal de respeito à sua autoridade, voltara a inclinar a frente, o Procônsul redarguiu:

— Agora, você tem permissão para me responder... Diga-me: é verdade que você se tornou adepta de tal seita, aliás, uma das inúmeras que os judeus têm sido pródigos em suscitar?! Parece-me que eles não se ocupam de outra coisa, a não ser com esse Deus que, em verdade, ao que sei, nunca fez nada por nenhum deles... Não fosse por Roma, todos estariam a morrer de fome!...

— Com todo o respeito, Senhor Procônsul - atalhou Méximo -, somando-se a todos os absurdos que contam a respeito desse tal Cristo, dizem que ele multiplicou pães e peixes...

— Delírio! Ignorância! - retrucou o servidor de Roma, com um gesto de fastio. — Quem é que pode acreditar numa coisa dessas: multiplicar pães e peixes! Chego à conclusão de que os judeus e todos os demais seguidores desse embusteiro, que, a bom tempo, Pôncio Pilatos condenou, estão tendo o que merecem! Deixaram que ele fosse longe demais... Todavia - insistiu -, responda-me, menina! Você abandonou os deuses por certo mendigo que vivia se banquetando de casa em casa, sem nunca se preocupar em ganhar o sustento com o suor do próprio rosto?!

— É verdade, senhor! - respondeu Tecla com voz firme. — Como Sócrates e Platão, eu também admito a existência de um único Deus! O Cristo no-Lo apresentou como Pai, mas não foi o primeiro a falar a respeito Dele! Antes que admitíssemos

a existência do Olimpo, nós próprios não começamos a adorar como deuses aos próprios animais?!

— Sim, mas isso...

— Com sua permissão, senhor - atalhou a jovem -, os próprios judeus, antes de adorarem um único deus, aceitavam a existência de vários outros... Em todas as culturas, sempre foi assim - no Egito e na Índia! Tudo, porém, evoluiu... Se as nossas leis e costumes evoluem, por que não haveriam de evoluir as nossas crenças?!...

— Mésimo - repreendeu o Procônsul -, eu acabo de descobrir o seu mal: você deu livros demais à sua filha! Pelo que vejo, o culpado foi você mesmo, que permitiu o espírito se envenenar com essas tolices... As mulheres não foram criadas para a literatura - elas foram postas por Júpiter neste mundo, com a finalidade de servirem ao homem!...

— Todavia, entre os próprios deuses do Olimpo, há lugar para a mulher - replicou Tecla. — Hera, Atena, Demetér, Ártemis, Afrodite, Vesta...

— E entre os seguidores da filosofia do Nazareno?! Qual seria o papel da mulher?! - inquiriu o Procônsul interessado.

— É o mesmo papel que cabe ao homem! - respondeu Tecla. — Ele tomou, publicamente, a defesa de uma considerada adúltera, que estava pronta para ser apedrejada! Para protegê-la, não hesitou uma vez mais em se confrontar com os escribas e fariseus...

— Ao que vejo, a doutrina desse homem representa um grande perigo para o Estado! Farei com que esta nossa entrevista chegue ao Imperador, em Roma. No entanto, levando em consideração a sua pouca idade, eu, que também sou pai, darei a você a oportunidade de abjurar... Abjure, diante de

mim e de seu pai! Volte para o seu noivo! Então, esqueceremos tudo!...

— Eu não posso, senhor, porque teria que conviver com o remorso pelo resto da minha vida! Com todo o respeito a meu pai e com todo o amor que devoto à minha mãe, a abjurar, eu prefiro a morte, porque cada um de nós vive com a sua própria consciência, e, caso traísse a minha fé, eu não mais conseguiria viver!

— Temo, então, que seja o que você virá a encontrar! - exclamou o Procônsul. — A sua influência pode se espalhar... Você é perigosa! De fato, aquele homem chamado Paulo a hipnotizou! Talvez, alguns dias na prisão...

— Paulo se diz prisioneiro de Cristo, e, semelhante a ele, eu me encontro de coração algemado ao meu Salvador!

— Salvador?!... - tornou a ironizar o servo de Roma. — Um salvador que não conseguiu salvar a si mesmo?! Estou perdendo o meu tempo... Nem eu mesmo acredito que esteja aqui a ouvir uma criança falando bobagens que parecem não ter fim! Emana de você certo poder maligno que envolve a gente... Eu estou sentindo isso!...

— É o mesmo poder - atestou Mésimo - que deve emanar daquele filho ingrato de Tarso, que expôs os pais ao ridículo! Com todo o respeito, senhor, isso é uma espécie de doença contagiosa... Eu não estou mais reconhecendo nela a minha filha!...

— E nem eu, a minha noiva! - endossou Tamírde que, de repente, se viu tomado por grande aversão em relação a Tecla. — Peço-lhe permissão para me retirar porque, agora, sou eu que nunca mais quero ouvir falar nesta jovem que, um dia, imaginei pudesse vir a ser boa mãe para a minha prole.

— Permissão concedida! - disse o Procônsul agastado.

Justo considerarmos que, naquela hora de seu primeiro testemunho de fé, Tecla não estava sozinha, pois que o espírito de Abigail a sustentava. Não obstante, por outro lado, as falanges das sombras não se encontravam inoperantes e lhes era extremamente fácil influenciar os opositores encarnados da Boa Nova.

Não podendo deter o Cristo em sua trajetória de luz, logo após o episódio do Calvário, os elementos das sombras se reorganizaram e, então, passaram a exercer tremenda pressão psíquica sobre os que lhes poderiam servir de instrumento no combate às ideias que o Senhor espalhara entre os homens, ideias que, semelhantes a prodigiosas sementes, insistiam em continuar germinando e produzindo frutos sazonados.

Na grande maioria das vezes, pois, quase todos os opositores do Cristianismo nascente, mormente aqueles que recorriam à violência para eliminar os seus adeptos, agiam como médiuns das forças do mal, as quais, sem eles perceberem, lhes possuíam o espírito. Àquela época, sem exagero, podemos afirmar que, em geral, os espíritos viviam como comensais dos homens encarnados, em estreita simbiose que chegava a lhes garantir a vitalidade física.

O Cristo viera promover definitiva cisão entre os psiquismos, fazendo com que o Mundo Espiritual inferior se destacasse do Mundo Material. Tanto foi assim que, apenas ao lhe pressentir a Divina Presença, os próprios espíritos se revelavam por si mesmos, como no célebre episódio do possesso de Gadara.

Quando Tamíride se retirou, lançando um olhar de desprezo na direção de Tecla, o Procônsul voltou ao diálogo prestes a se encerrar.

— Desconhece você, minha jovem, o seu dever em me obedecer as determinações?! No intuito de manter a ordem nesta desprezível cidade, erguida nestes confins da Terra, que me dá a impressão de ter sido assolada por algum demônio, possuo autoridade a mim concedida para fazer e desfazer... Obedecer-me-á?!

— Eu não poderia desobedecer a Deus para obedecer a um homem! - respondeu a jovem que, recém-convertida, já era atirada às feras humanas.

— Além do cárcere, onde você será encerrada, convém que não se esqueça do suplício das rodas e da fogueira... Se, diante desses tormentos, sem contar que ficará à mercê dos carcereiros que, cá entre nós, não são nada generosos com donzelas - e sorriu ele com extremado deboche de homem vulgar... — Se diante desses tormentos - repetiu -, quase todos os homens, por mais fortes e corajosos, capitulam, quanto mais você, frágil e teimosa menina! Nem mesmo os espíritos malignos que a possuem se animarão a continuar lhe possuindo o corpo...

Neste instante, como se estivesse a despertar de um pesadelo, Mésirno, ante a iminência de tudo perder, a esposa e a única filha, quis voltar atrás, rogando clemência para Tecla, mas o Procônsul lhe disse:

— Tarde demais!...

— Senhor, mas não era o que eu pretendia... Afinal, ela é a minha única filha, e a mãe dela, a minha pobre Teóclia, se encontra à beira da morte! Por piedade, não a envie ao cárcere! Sou um homem de posses e... - insinuou que poderia presentear aquele que, indicado por Roma, ali exercia as funções de autoridade suprema.

O Procônsul gargalhou, mostrando os dentes escurecidos pelo excesso de vinho.

— Eu confiscarei tudo o que você tem! Você, Mésimo, é um traidor do Estado!...

E, assim dizendo, ordenou:

— Guardas, prendam esta possessa e coloquem este homem para fora!...

— Meu pai! - exclamou Tecla, tentando confortar o genitor, que, agindo por impulso e por certo ódio que lhe fora inoculado contra o Cristo pelos espíritos das Sombras, praticamente destruíra sua família.

Não demorou Teóclia a sucumbir ao insulto cerebral que a acometera; quanto a Mésimo, sentindo-se irremediavelmente envergonhado de sua situação de penúria, tomando rumo ignorado, fugiu de Icônio.

À ordem do Procônsul, os litores, avançando, conduziram Tecla para aquele verdadeiro sepulcro que era o cárcere de Icônio. Os soldados, habitualmente desumanos, diante daquela jovem de porte altivo, moralmente intocada, não se animaram a lhe dirigir um gracejo ofensivo que fosse. Olhavam-na como se estivessem a escoltar um anjo para o recinto fétido da prisão, onde alguns homens e mulheres apodreciam vivos! Muitos deles exibiam feridas nas pernas, cheias de vermes, e dormiam em meio aos próprios dejetos naquele chão úmido, no recinto estreito das celas escuras. De quando em quando, um deles deixava escapar um lamento em tonalidade lúgubre que Tecla jamais tivera oportunidade de escutar escapar da boca de um ser humano!

Um daqueles prisioneiros, observando a movimentação

próxima, aproximou-se das grades e implorou de joelhos a um dos soldados:

— Por piedade, vare-me com sua espada! Por piedade, ponha fim ao meu sofrimento! A morte, por mais dolorosa, não pode ser pior do que isto aqui... Vare-me com sua espada, e bendirei seu nome aos deuses!...

Uma mulher, que tivera as mãos queimadas, arrastando-se naquele chão imundo, falou com dificuldade:

— Por ter roubado um pão, estou aqui há mais de ano... Ah, como os deuses são implacáveis! Nem mesmo água temos para beber aqui... Por caridade, água! Um pouco d'água! - implorava. — Eu, que já morria de fome, não quero vir a morrer de sede...

Pelo respeito que, naturalmente, o espírito da jovem Tecla lhes impunha, os soldados, sempre tão implacáveis com os prisioneiros, nada responderam. Abriram uma daquelas celas subterrâneas e, deixando-a na companhia de magérrimo ancião, estirado sobre um monte de palhas, entregaram-lhe uma cuia com água e um pedaço de pão escuro.

Pela constante falta de luminosidade, o ancião não conseguiu divisar o vulto de Tecla e, com voz enfraquecida, perguntou:

— Quem é o infeliz que veio se juntar a mim?! Seja quem for, perca as esperanças de, um dia, abandonar este "Hades"...

Sem, inicialmente, dizer palavra, a jovem se aproximou e se penalizou do estado deplorável daquele homem, que, praticamente, era só pele e osso.

— Meu senhor - falou, depois de intervalo silencioso,

mais ou menos longo - eu sou Tecla... Estou aqui por ser cristã! Se eu não abjurar, o Procônsul decidirá condenar-me à morte!

— Cristã?! Você, então, é seguidora do Nazareno?! Ah, eu o conheci! - disse, começando a chorar. — Eu fui um dos leprosos que ele limpou... Éramos dez e a todos ele nos curou! Infelizmente, ao que sei, muitos de nós, depois de nos mostrarmos ao sacerdote, sequer nos lembramos de voltar para agradecer a ele... Livre da doença, eu voltei à minha antiga vida de desregramentos. Ah, como me arrependo!...

— Então, o senhor o conheceu?! - perguntou Tecla, abaixando-se.

— Sim, mas só estive com ele uma única vez! Soube que o crucificaram... Isso é o que mais pesa em minha consciência, pois não fui capaz de me apresentar para defendê-lo das acusações que o condenaram. Eu estava morto e, apenas com um toque, ele me ressuscitou - de repente, todas aquelas chagas pustulentas desapareceram de meu corpo... Então, pensei: Quero aproveitar da vida tudo que eu ainda não aproveitei! Saí pelas tabernas a beber e - desculpe-me - a me divertir, em uma única noite, com quantas mulheres um pudesse...

— O senhor pode me dizer como ele era?! - indagou a jovem com compreensível curiosidade.

— Uma figura incomum entre os judeus - respondeu. — Olhos penetrantes e um tanto melancólicos, como se se penalizasse da condição humana. Suas mãos pareciam feitas de veludo, e delas pareciam emanar eflúvios semelhantes aos raios do Sol. Quando ele me tocou, senti que o sangue se acelerou em minhas veias... Nunca senti tamanho bem-estar!...

## Condenada à Fogueira

O ancião prisioneiro começou a tossir, vertendo sangue pela boca.

Sem qualquer escrúpulo, Tecla, rasgou um pedaço do próprio vestido, com que passou a limpá-lo.

— Você deve ser um anjo... Não é possível! Um anjo que, talvez, ele mesmo, penalizado de minha alma, me tenha mandado para me ajudar a morrer!

— Tome um gole d'água - disse a jovem, auxiliando-o a erguer a cabeça. — Beba, pois há de fazer bem ao senhor!

— Há dias que eu nada como ou bebo, pois não mais tenho forças para me levantar... Eles me isolaram aqui porque sabem que vou morrer e não querem que eu contamine os outros: eles devem morrer aos poucos! De quando em quando, vêm buscar os mais fortes para os seus sangrentos espetáculos públicos, sendo que alguns são enviados para morrer

em Roma, nos circos. Apenas, não sei o motivo de a terem colocado na minha cela!

— Talvez seja - redarguiu Tecla -, porque eu vá morrer amanhã... Todavia isto não importa! Conte-me mais sobre a figura do Cristo...

— Ah!, infelizmente, eu pouco notei nele, pois, assim que, diante de meus olhos, aquelas horríveis chagas desapareceram, rodopiei nos calcanhares e nem sequer lhe beijei as mãos de benfeitor... Conforme lhe disse, voltei para a minha vida de devassidão. Sei apenas que ele me olhou como se, estando a me curar por fora, não pudesse me curar por dentro! Compreendo hoje que, ante as doenças da alma, muitas vezes, a cura do corpo nada significa!

Voltara o ancião a tossir e a expelir grande quantidade de sangue pela boca. Com bondade, Tecla ajeitou-se na laje ao seu lado, recostando-lhe a cabeça sobre o seu colo, manchando todo o vestido com a seiva da vida a extinguir-se.

— O senhor sabia que ele é a Luz do Mundo?! - perguntou-lhe a jovem, dando início, no cárcere, à sua primeira pregação sobre o Evangelho, que ela ainda mal conhecia. — O Cristo é a luz do Mundo! Pude ouvir, dias atrás, dois de seus seguidores, Paulo e Barnabé, e me convenci de que ele é o Messias - um deus encarnado, maior que todos os deuses dos judeus e dos romanos!

— Eu creio! Eu creio! - exclamou o velho, que ardia em febre. — Como me arrependo de minha ingratidão!... Eu era um imundo, que vivia sendo, inclusive, apedrejado pelas crianças! Em meu corpo chagado, sequer restou uma cicatriz das feridas abertas pela lepra... Fui abandonado pela minha família e pelos meus amigos! Ele, porém, não teve asco de mim... Aproximei-me, sequer me perguntou pelo nome e me

impôs as mãos sobre a cabeça, pronunciando palavras que consegui entender. Alguns de seus seguidores, como se, mais uma vez, quisessem pô-lo à prova, a tudo assistiam...

Nova golfada de sangue, sufocando o prisioneiro, cujas faces, a todo instante, Tecla limpava com pedaços que ia rasgando de seu vestido.

— Não fale mais! - solicitou ela. — Descanse...

— Não! Não! - retrucou com extrema ansiedade. — Eu preciso falar, eu preciso falar a respeito Dele... Você tem razão, boa menina! Homem algum pode fazer aquilo que ele fez comigo e homem algum poderia ter feito com ele o que eu fiz! Que ele me perdoe! Você, que é um anjo, ore por mim, porque tenho receio de que esta febre seja para mim o prenúncio do Inferno...

Nada mais o leproso que fora curado por Jesus conseguiu dizer, pois, expelindo maior quantidade de sangue pela boca, acabou por se sufocar na própria coagulação, e cerrou os olhos em definitivo para as ilusões da vida física...

— Senhor - orou Tecla, deixando escapar uma lágrima -, tenha compaixão de nossas misérias e receba em Seu Reino este pobre irmão, cujo nome eu sequer pude saber, mas, com certeza, o Senhor bem sabe de quem se trata...

Sem a menor vontade de alimentar-se, a jovem não tocou no pão que era o único alimento fornecido aos encarcerados, em maioria, ali sentenciados à morte.

Os prisioneiros das celas mais próximas, tendo ouvido parte da conversa de Tecla com o ancião, tocados pela coragem e generosidade daquela menina, pediram-lhe:

— Fale-nos desse seu Cristo... Quem é ou foi ele?! Ouvi-

mos falar de um crucificado entre dois ladrões; temos notícias do que está acontecendo em Jerusalém, todavia nada mais sabemos a respeito dele...

Levantando-se com o vestido manchado de sangue, a passos leves, a jovem se aproximou das grades da cela e, ali, às vésperas de seu suplício na fogueira, começou sob a inspiração do espírito de Abigail, a pregar.

— Eu ainda não tive tempo de estudar sua doutrina, mas já ouvi o suficiente para saber que ele é a única esperança que nos resta neste mundo! Paulo, que pôde vê-lo redivivo no deserto, aonde vai, tem falado a respeito de seus feitos extraordinários. O próprio antigo Saulo, antes orgulhoso doutor da lei, se converteu à sua Mensagem e, não sei como, adquiriu parte do seu poder, pois, em Icônio, eu mesmo o vi ressuscitar uma criança que estava praticamente morta nos braços de sua mãe. Ainda pude testemunhar o seu poder ao expelir demônios...

— Paulo enfrentou os demônios?! - inquiriu um dos prisioneiros.

— Sim, e, pronunciando o nome de Jesus Cristo, eles se lhe submeteram! Os próprios demônios reconhecem a admitem a autoridade do Cristo. Assim, se os homens o têm ignorado, os espíritos das Sombras sabem perfeitamente quem ele é!

— Então, é verdade que ele ressuscitou?! - perguntou uma mulher que, igualmente, estava condenada ao cárcere.

— Sim - respondeu Tecla com alegria. — E não somente Paulo pôde vê-lo... O Pregador de Tarso nos contou que uma mulher, de nome Maria Madalena, também o viu e que, em seguida, conforme havia prometido, no terceiro dia de seu sepultamento, ele apareceu aos Apóstolos, na Galileia... Em

Jerusalém, as entranhas da Terra devem ter sido abertas, porque, em toda parte, os mortos têm se mostrado aos vivos... Ao que compreendo, o Cristo está liderando uma revolução espiritual sem precedentes na história da Humanidade. Nem Sócrates ou outro filósofo grego e nem mesmo um profeta judeu fez tanto quanto ele fez!...

— É verdade que, antes de morrer na cruz, ele perdoou aos seus algozes?! - inquiriu um prisioneiro mais jovem, com o corpo coberto de cicatrizes dos tormentos sofridos.

— Sim, é verdade - explanou Tecla. — Paulo disse que ele pediu a Deus perdoasse aos seus algozes, porque eles não sabiam o que estavam fazendo! No coração dele, não havia lugar para ódio... Paulo atestou que ele mesmo é a prova viva de sua infinita misericórdia, porque o referido rabino o estava perseguindo, quando ele lhe abriu os braços e acolheu o seu espírito prestes a se perder...

— Ele dava de comer aos famintos?! - quis saber outro prisioneiro.

— Dava de comer e dava de beber, pensava-lhes as feridas e os tratava com imenso carinho. Ao simplesmente ouvir o seu nome, vocês não sabem a felicidade que passei a experimentar em meu coração... Por isso eu não sinto temor da fogueira, amanhã!...

— Você será condenada à fogueira?! - tornou o homem que falara por último.

— Ao que presumo, sim, pois, se o preço de minha liberdade for a de renunciar à minha fé no Cristo, não hesitarei em morrer! O homem ou a mulher que não morre pelos seus ideais não tem motivos para continuar vivendo, pois a verdade é que, sem verdadeira fé em Deus, nossa vida carece de sentido!...

Um dos próprios carcereiros, o mais velho deles, ouvindo Tecla falar, havia se aproximado para mais bem escutar suas palavras. Aquele homem alto e forte, com muitas marcas nos braços e uma grande cicatriz de corte no rosto, estava cansado da vida que levava. Aposentara-se como gladiador, ganhara a liberdade, mas, não tendo para onde ir, aceitara o ofício de carcereiro, que cumpria a contragosto.

Ao vê-lo tão próximo, encostado a uma das paredes lúgubres da prisão, Tecla lançava o seu terno olhar para ele, que, cabisbaixo, permanecia imóvel e atento.

Naquela noite, ali, praticamente, ninguém dormira, pois a jovem condenada não se cansava de falar em Jesus àqueles corações tão sofridos - arrependidos uns, injustiçados outros.

Somente de madrugada, antes de o Sol despontar no horizonte, é que, vencida pelo cansaço, Tecla deitou-se próximo ao cadáver do ancião que expirara numa poça de sangue e adormeceu, vendo-se, então, fora do corpo.

Ao seu encontro, caminhavam juntas Estela, a menina grávida que ela socorrera, e Abigail, que ainda não se lhe identificara. Envolvidas ambas num halo de intensa luz, foi Estela quem lhe dirigiu a palavra:

— Tecla, minha irmã, nada tema -disse, pegando-a pela mão. — Esta que está ao meu lado é Abigail, a protetora das mulheres mártires do Evangelho que o Cristo veio trazer ao mundo! Abigail é um anjo de luz, Tecla, e, doravante, sempre que necessário, ela haverá de se entender diretamente com você.

Dizendo isto, Estela desapareceu, e, aos olhos de Tecla, o espírito de Abigail ainda mais resplandeceu.

— Minha irmã - falou-lhe a inolvidável irmã de Estê-

vão - você foi uma das escolhidas para que a Fé no Cristo se manifeste e desperte almas adormecidas. Você há de se transformar num símbolo para todas as mulheres que, por amor ao Evangelho, a tudo renunciaram! Prepare-se, porquanto rudes testemunhos a esperam... O seu calvário - repetiu - está apenas começando, e a subida para os Cimos é extremamente escarpada e perigosa! Velaremos para auxiliá-la a não recuar...

Assim dizendo, a visão se lhe desfez, e, quando ela despertou, o carcereiro que a escutara durante a pregação da noite, retirava de sua cela o cadáver do ancião morto.

— Apronte-se, minha jovem - informou -, porque o Procônsul logo irá recebê-la! Saiba, porém, que suas palavras foram um refrigério para mim... Estou cansado e, desde muito, me considero um morto-vivo. Se eu pudesse...

Sem deixar que concluísse o seu pensamento, Tecla observou:

— Nós nada podemos, mas o Senhor tudo pode!

— Conte com a minha amizade e a minha gratidão - balbuciou, para que ninguém o ouvisse.

— Qual é o seu nome?! - perguntou Tecla àquele homem que era mais velho que o seu pai.

— Tito - respondeu, enquanto arrastava o esquelético corpo daquele que fora um dos dez leprosos curados pelo Cristo num vale de povoado, no episódio narrado por Lucas.

Decorridas umas duas horas, os litores vieram buscar a jovem para estar diante do Procônsul, no tribunal, que, naquela manhã, estava repleto de curiosos. Na cidade, não se comentava outra coisa: a prisão de Tecla, que se declarara

cristã, e o confisco dos bens de Mésimo. A própria fuga de Paulo e Barnabé, que, de Icônio, se haviam dirigido a Listra, já estava praticamente esquecida.

Acorrentada, no momento em que a mártir surgiu no Pretório, a multidão que se apinhava, mesclada de piedade e de mera curiosidade ante o desenrolar dos acontecimentos, emitiu confuso murmúrio.

Perpassando olhar sobre os homens e as mulheres que ali estavam, muitos que a conheciam desde criança, Tecla, em vez de revolta, experimentou uma grande compaixão pelo povo vivente preso à ignorância que judeus e romanos sabiam explorar.

O Procônsul, já de taça de vinho na mão, porém agora de olhos maliciosos sobre ela, perguntou-lhe:

— Então, a noite passada no cárcere fez com que você mudasse de ideia ou ainda persiste enfeitiçada?...

— Não, Procônsul - respondeu sem hesitar -, de acordo com o que já lhe disse anteriormente, devo afirmar-lhe que o cárcere serviu para que a minha convicção ainda mais se fortalecesse!... Eu não posso abandonar um Deus que não me abandonou!...

A multidão presente manifestou-se admirada, provocando a ira do potentado romano, que, diante da firmeza daquela menina, se sentia desafiado em sua autoridade.

— Aviso-lhe que, dentro de instantes, será tarde demais! - gritou ele, a insistir em dobrar a coragem de Tecla. — Quando as labaredas começarem a lhe devorar o corpo, será inútil implorar por clemência... Esse seu Deus não virá apagar as chamas da fogueira! Porventura, o seu Cristo foi libertado do madeiro em que expirou, pregado entre malfeitores?! Ora,

quanta ingenuidade! - exclamou, arrancando sorrisos escarinhos de alguns daqueles que se reuniam no Pretório.

Chamando um de seus subordinados, algo cochichou em seus ouvidos e, num átimo, o homem voltava com uma estátua de Júpiter nas mãos, fundida em bronze.

— Volta a reverenciar os nossos deuses e esqueceremos tudo! - fez uma derradeira tentativa, porque, afinal de contas, a notícia de seu embate com aquela jovem, possivelmente, chegaria aos ouvidos de seus amigos senadores, e não ficaria bem para ele, caso viessem a saber que sequer estava conseguindo dobrar a coragem de uma menina. — Reverencia a Júpiter Capitolino para que, assim, ele aplaque a ira que a blasfêmia dos seguidores do "Caminho" vem provocando noutros deuses!...

— Tenho a convicção de que todos os deuses, dos romanos, dos gregos e dos judeus devem obediência a Jesus Cristo!

— Para a fogueira! - bradou o Procônsul, erguendo-se da cadeira de punhos cerrados.

E, solenemente, proclamou:

— Tecla, filho de Mésimo, por abandonar o culto de nossos deuses, aderindo à superstição cristã, é condenada a morrer na fogueira! Que esta sentença se cumpra de imediato!...

O exemplo da jovem mártir, que, até poucos dias atrás, por sua beleza e condição social, se fazia uma das mais admiradas de Icônio, valia por eloquente pregação em torno da mensagem da Boa Nova. Não foram poucos os que, naquele momento, passaram a se interessar pelo Cristo, o profeta Nazareno que doava forças aos seus seguidores para enfrentarem a própria morte com um sorriso nos lábios. É que, em

tempo algum, a violência conseguiu impor silêncio à voz da Verdade que ecoasse através de uma verdadeira criança!

As mulheres presentes ao julgamento, que, praticamente, viviam em estado de quase plena submissão aos homens, se projetaram em Tecla, que, dali para a frente, haveria de ser para elas um ponto de referência na defesa de seus direitos, no que tange às suas convicções religiosas.

Enquanto era escoltada para fora do tribunal, se, da parte de alguns, a mártir ouvia apupos e zombarias, da parte de outros era acompanhada com profunda simpatia, que ela sentia que não podia decepcionar. Por este motivo, orava em silêncio, para que o Senhor e o anjo que lhe aparecera em sonho na noite anterior não a deixassem fraquejar.

Ao som de trombetas militares, amarrada a um poste em meio à ampla praça, em frente ao pórtico do tribunal, lançaram resina nas achas de lenha que a rodeavam, tendo, ainda, o seu próprio corpo coberto de idêntica substância inflamável. A um gesto do Procônsul, o carrasco se aproximou e ateou fogo ao pinho ressequido, fazendo que espessa fumaça começasse a se levantar.

Tecla, embora tendo as vestes sujas de sangue, que o Procônsul interpretara com equivocada ironia, sugerindo que, à noite, ela tivesse sido molestada pelos soldados, mantinha-se serena, com uma mitra riquíssima a lhe prender os sedosos cabelos que lhe caíam nas espáduas.

Os soldados, praticamente, não tiveram trabalho algum em atá-la ao poste de seu sacrifício e tinha sido sem a ajuda de ninguém que a jovem subira ao tablado com elevação suficiente para que todos, por mais distantes estivessem, pudessem apreciar o desenrolar dos acontecimentos.

Depressa, as chamas começaram a se erguer, dando a impressão de que, em poucos minutos, tudo estaria consumado e aquele episódio esquecido. Todavia, as labaredas que o vento daquela manhã atiçava ainda mais não avançavam para o corpo de Tecla, que, de cabeça erguida ao Alto, caíra em estado de transe. As lascas de pinho estalavam e o fogaréu, inclusive, fazia com que os soldados se afastassem, receosos, mas o corpo da jovem permanecia intocado pelas chamas!

Percebendo o ocorrido, o Procônsul gritava para que os carrascos lançassem mais resina à fogueira:

— Alimente o fogo, corja inútil!... Vamos!

Tudo em vão. Como se o vento estivesse obedecendo a ordem de natureza superior, mantinha as chamas afastadas de Tecla e, mais, fazia com que elas investissem sobre a multidão, constituída por pagãos e judeus, os quais, horrorizados, se retraíam! Todavia, com inesperado e agradabilíssimo prodígio somente explicável pela intervenção de presença soberana e onipotente, teve a imensa multidão a glória de contemplar, maravilhada, o semblante sereno e bonito da virtuosa jovem, injusta e cruelmente condenada pela equivocada prepotência humana!

Tomado de louco pavor, o Procônsul, qual se, naquele momento, fosse possuído por forças espirituais ignoradas, desce de seu palanque e foge, dizendo impropérios, por uma das portas laterais do tribunal, enquanto a multidão em desvario disparava a correr sem direção!

Quando as chamas se apagaram, Tecla, sem que sequer tivesse as próprias vestes chamuscadas, ao voltar daquele entorpecimento provocado por ação de Abigail e de outros espíritos que a protegiam, estava sendo desamarrada pelos soldados romanos, os quais, de novo, a conduziram ao cárcere.

*Testemunhos de Fé*

**D**iante do ocorrido, o Procônsul, homem autoritariamente supersticioso, delibera mandar Tecla para a Frigia, cuja capital era Antioquia.

— Trata-se de uma feiticeira - justificara-se -, de uma maga como Locusta... Na verdade, ela é um demônio! Que seja fortemente escoltada até a Antioquia, onde se estão celebrando os jogos... O Prefeito há de ficar satisfeito com este presente para o anfiteatro! Eu lavo minhas mãos...

A Frigia era a terra das festas e da degradação, degenerando sua natural origem consagrada a Cibele, Mãe dos doze deuses do Olimpo. As suas ruas, por assim dizer, eram uma reedição de Sodoma e Gomorra, as cidades que, pelos seus desregramentos morais, haviam sido calcinadas pelo fogo que caíra do céu...

Atravessando as ruas de Antioquia, onde, aliás, Paulo e

Barnabé já haviam pregado, Tecla, caminhando sob a escolta de cinco soldados, despertou a atenção dos rapazes e moças que, entre sorrisos e as faces purpurinadas, se divertiam em plena luz do dia, abraçando-se e beijando-se com descontráida lascívia.

O Prefeito recebeu com certo descaso a prisioneira, pois, para ele, aquela jovem nada significava. Escutando as explicações do comandante do pequeno destacamento, o detentor da autoridade local, por simples obrigação que o cargo lhe impunha, perguntou a Tecla:

— Isso não é nada... Talvez, você esteja apenas enfeitada pela seita que, nos dias correntes, perturba toda a Judeia. Se você cooperar, resolveremos a questão agora. Renegue essa tolice e junte-se aos jovens de sua idade, que são a perene alegria de nossa cidade. Tão bela e...

— Infelizmente, eu não posso renegar a minha fé - testemunhou a pré-mártir com o estoicismo de sempre. — Eu não conseguiria trair minha consciência e continuar vivendo... Eu testemunho que Jesus Cristo é o Messias! Ele é superior aos nossos deuses e muito mais real do que eles, que foram criados pela imaginação humana!...

— Continua a blasfemar! - retrucou o Prefeito. — Vejo que, de fato, o Procônsul teve razão em enviar você para cá... Temos métodos muito mais eficientes que os dele de lidarmos com possessos! Nossas feras, aliás, estão famintas...

— Seja feita a vontade de Deus! - exclamou Tecla, para espanto do Prefeito e de quantos lhe ouviam o rápido interrogatório. — Sei que nada acontece sem a permissão Dele, que, caso não concordasse, nem o senhor estaria na posição em que se encontra...

— Além de tudo, insolente! - tornou o interlocutor. — Compare-se com os nossos jovens que, ao passar, você deve ter visto nas ruas, usufruindo das alegrias naturais da idade...

— O meu Deus também me faz alegre! - redarguiu ela serenamente. — Sinto indizível paz no coração... A minha alegria não é motivada pelos excessos de toda ordem, que, ao passar, pude ver sendo cometidos nas ruas de Antioquia! Aqueles rapazes e moças agem assim porque eles ainda não conhecem a Jesus, meu Salvador! Eles buscam, inutilmente, na bebida e nos desregramentos, o que lhes consiga preencher o vazio interior... O senhor mesmo, Prefeito, acende incensos sem ter muita convicção nos deuses, não é verdade?!

Naquele instante, o rude homem experimenta um choque, pois, afinal, como é que aquela jovem poderia saber disso?! Os olhares dos circunstantes haviam se voltado para ele, à espera de sua reação, diante das palavras que, de certa maneira, o punham a descoberto.

Tentando parecer complacente, para desviar a atenção das pessoas em torno, ele esbravejou:

— Não continue a blasfemar!... Insurgir-se contra os deuses chega a ser maior crime que insurgir-se contra o Imperador! Volta a adorar os deuses e, de bom grado, farei com que você volte sã e salva para sua casa, não sem antes desfrutar de nossa hospitalidade...

— Somente reverencio a Jesus Cristo!

— Tola! - gritou o Prefeito. — Em Icônio, não se sabe acender fogueiras, todavia, aqui, em Antioquia, somos especialistas nisto... Mas... nossas feras, afinal, estão famintas! Amanhã mesmo, você lhes servirá de repasto, pois, por certo, se agradecerão de sua carne nova, macia!... - sentenciou, sarcasticamente.

Durante os jogos, naqueles dez dias, o povo se divertia a valer, sem se importar com as explorações a que era submetido. O Prefeito, copiando o que acontecia em Roma, mandava que lhes fossem prodigalizados alimentos e divertimentos; daí, o clamor plebeu exasperado na legenda latina "Panem et circenses!" - pão e circo! E que os soldados não molestassem nenhum bêbado ou devasso, embora, em plena rua, este último estivesse se excedendo em intimidades com alguém.

No anfiteatro, os gladiadores lutavam até à morte, uns contra os outros ou contra os leões, ante a plateia que aplaudia com frenesi, principalmente, quando o sangue jorrava sobre a areia, tingindo-a de mortal vermelho. Enquanto os sentenciados à morte se estraçalhavam, apostas eram feitas e o descaso pela vida humana se mostrava sem precedentes.

As almas nobres de Antioquia, tocadas por mais elevado sentimento de reverência pela Vida, viviam quase reclusas em casa, lamentando tal estado de coisas que, naqueles tempos, era uma espécie de loucura coletiva!

Fora assim que os romanos encontraram meios de entreter os judeus, povo inconformado com a sua conquista territorial e que sempre vivia se insurgindo contra o poderio de Roma, qual se desabou, no ano 70, com a destruição romana e a dispersão mundial do povo judeu - a Diáspora. A Judeia, do ponto de vista de suas próprias riquezas, não valia a pena para o tesouro do Império, não obstante, para sua política expansionista, fosse considerada região estratégica.

A verdade, porém, é que a palestínica Judeia, em termos administrativos, custava muito mais a Roma que a própria Grécia ou a Gália.

Como se não bastassem as inúmeras revoltas que os romanos, com o endosso do Sinédrio, periodicamente, tinham

que sufocar, segundo eles, havia surgido a nova seita dos cristãos, fundada por um anônimo carpinteiro, que, infelizmente, a própria Roma guindara à condição de herói popular.

Naquela tarde, o anfiteatro regurgitava, porque, em Antioquia, já se havia espalhado a notícia do que, em Icônio, sucedera a Tecla, a qual, misteriosamente, fora rejeitada pelas chamas da fogueira! O fanatismo do povo fazia com que a expectativa em torno do tipo de morte que lhe estaria reservada aumentasse. Seria, novamente, levada à fogueira?! Atirada aos leões?! Pisoteada pelos touros bravios que investiam até mesmo contra um rato que, porventura, atravessasse a arena?!...

No intuito de promover suspense e solenizar o sacrifício daquela jovem enfeitada, o Prefeito ordenara que ela fosse o último espetáculo da tarde.

Quando, então, Tecla adentrou a arena, aos urros e apupos da furiosa multidão, todo o chão estava tinto de sangue, porque vários gladiadores já haviam lutado entre si, morrendo, e muitos escravos haviam perdido a vida nos dentes das feras, que, de propósito, ficavam dias sem se alimentarem, e nos pontiagudos chifres dos touros enfurecidos.

Sem dúvida, caminhando sobre aquele estranho charco, evitando pedaços de membros humanos, braços, pernas e vísceras com os quais se deparava aqui e ali, a figura líria de Tecla dava a impressão de um anjo que, de repente, se tivesse materializado aos olhos de todos.

Ao lado do Prefeito, alguém anunciou, com voz possante a reboar no anfiteatro:

— Essa jovem, de nome Tecla, natural de Icônio, foi condenada à morte por ser adepta da seita dos seguidores do

"Caminho"... Praza, pois, que sua execução sirva de exemplo para todos quantos menoscabam a crença em nossos deuses!...

Era a décima-quinta hora, ou seja, a hora nona, ou três horas da tarde, pois o dia começava à meia-noite (vigília), indo até às seis horas da manhã, quando seria o chamado dia até à meia-noite, e o Sol se mostrava escaldante.

Tem razão os poucos historiadores que, logrando algo registrar a respeito da vida de Tecla, escreveram que ela, praticamente, não tinha em quem se inspirar naquele momento do testemunho, porque, afinal, em tais precárias condições, ela pode ser considerada a Primeira Mártir do Cristianismo. Com mulher, nunca a perseguição contra os cristãos chegara a tais extremos! É certo que, em Jerusalém, algumas prisões de mulheres denunciadas como cristãs já vinham sendo efetuadas, e que, após a morte de Estêvão, se cogitava de condenar à morte outros homens cristãos. Tiago, irmão de João, sendo decapitado a mando de Herodes Agripa, também já pagara com a vida a ousadia de seguir a revolucionária doutrina do Nazareno.

Com justiça, pode-se dizer que Tecla foi escolhida para inspirar o martírio a muitas outras mulheres cristãs que chegariam a padecer maiores ultrajes que os próprios homens, posto que muitas delas, antes de serem mortas, na solidão dos cárceres, eram molestadas pelos soldados.

A turba, enfastiada dos espetáculos comuns daquela tarde, havia, então, começado a gritar, promovendo grande tumulto:

— A cristã! Queremos a cristã!...

— A cristã! - ordenou o Prefeito, fazendo coro com a

multidão desvairada. — E foi assim que, com um manto púrpuro às costas, para ainda mais provocar as feras, Tecla adentrara a arena, que, também em Antioquia, durante quase trezentos anos, seria palco de tantas dores e lágrimas para os adeptos da Boa Nova!

Vendo aquela jovem indefesa caminhar de passo resoluto para o centro da arena, alguns poucos homens e mulheres que não haviam exagerado no vinho naquele dia, não deixaram de sentir certa compaixão, embora, posteriormente, até mesmo as crianças, filhos de cristãos, viessem a ser condenados à morte nas mesmas circunstâncias. Em Roma, logo após o incêndio que se crê provocado por Nero, de uma só vez, cerca de vinte crianças, entre meninos e meninas, de oito a doze de idade, foram devoradas pelos leões africanos à vista de seus pais! É que, em geral, os cristãos haviam passado a ser considerados simples "pedaços de carne", os quais, para alimentarem as feras, custavam menos ao Estado que os cordeiros, pois precisavam ser comprados.

Ao chegar ao centro da arena, Tecla ajoelhou-se e, inspiradamente, persignou-se fazendo o sinal da cruz, o que, sobremaneira, intrigou a plateia, a qual, de início, imaginou tratar-se de sortilégio qualquer.

— Que é que ela está fazendo?! - muitos perguntaram entre si.

E, logo, a explicação fornecida por alguém se espalhou pelo anfiteatro com velocidade:

— Dizem que é o sinal dos cristãos! O chefe da seita deles morreu numa cruz, foi crucificado; desde então, eles adotaram tal gesto para se identificarem uns com os outros.

— Mas ouvi dizer - contestou rico comerciante de te-

idos - que, em maioria, por serem pescadores, o símbolo que adotaram foi o de um peixe, riscado com duas linhas onduladas e cruzadas... Eles se denominam "pescadores de homens"!

— Sim - retrucou um interlocutor -, todavia, ao que está parecendo, o símbolo da cruz prevaleceu! Com esse sinal é que eles se preparam para morrer, como quem os liderava morreu - pregado no madeiro!...

— Que coisa estranha! - exclamou o comerciante, ao mesmo tempo que experimentava repetir os movimentos que Tecla fizera com a mão direita.

— Deixe-se disso, Nabuco! - recebeu a repreensão. — Você pode ficar enfeitado como ela ficou... E, depois, os soldados podem interpretar mal o seu gesto e... lançá-lo às feras - sorriu o amigo, com deboche.

Entrementes, um escravo provocava enorme leão da Líbia com o seu chuço, para que, faminto e irado, quando a porta de sua jaula se abrisse ele saísse com toda a fúria e colocasse fim ao espetáculo da tarde, que, por conta daquela programação extra, estava se alongando em excesso.

Alguns leões da Líbia, várias vezes, já haviam conseguido o prodígio de saltar da arena sobre a plateia e, antes que fossem mortos por lanceiros, dilaceraram muitos corpos, em incidentes que, em certas ocasiões, tinham chegado a esvaziar o circo e valera a deposição do Prefeito anterior.

Com fome e sede, a pobre condenada permanecia de joelhos, completamente submissa à vontade de Deus, orando **para** que as forças não lhe faltassem naquele momento. Predestinada ao testemunho, por seu espírito, dava a impressão de que mesmo ansiava pelo sacrifício em favor da causa do Evangelho.

O feroz animal, ao se ver solto da jaula, soltou forte rugido, mostrou os grandes dentes afiados e sacudiu os fulvos pelos da juba, que brilharam ao Sol. Contrariando os que esperavam que, de imediato, ele corresse em direção à vítima, escavou o chão com uma pata, lambeu a areia suja de sangue, aguçou as narinas e, lentamente, pôs-se a caminhar.

Todo o anfiteatro se mantinha em silêncio, e o próprio Prefeito, acompanhado de vários cortesões bajuladores do poder, estranhou a atitude da fera, a qual, andando em círculos, se aproximava do centro da arena, em comportamento nunca visto em leão diante de vítima completamente indefesa!

— Esse bicho comeu antes?! - perguntou rispidamente a um de seus auxiliares que, a um só gesto dele, se aproximara. — Ele foi alimentado?!...

— Não, absolutamente! - respondeu, trêmulo, o subalterno. — Ele está há bem uma semana sem comer... Exceto água, nada mais ingeriu! O senhor pode observar o apetite dos outros leões que estavam com ele...

Envolvida pelo espírito de Abigail, a vítima permanecia imóvel, a todos revelando-se alheia ao perigo que se aproximava. De olhos fixos num ponto do Infinito, a atitude resignada de Tecla começara a modificar os sentimentos de dezenas de espectadores que haviam parado de gritar e, inexplicavelmente, passaram a torcer para que o animal a poupasse.

Finalmente, emitindo mais alto rugido, a fera dispara, mas, em vez de saltar sobre a sua presa, estaca rente a ela, e, para espanto geral, se lhe põe a lamber as mãos e os pés, qual domesticado felino a brincar com uma criança!

Pousando-lhe a delicada destra sobre a cabeça, Tecla

acaricia o leão, o qual, em seguida, se deita aos seus pés, em fenômeno nunca presenciado em nenhuma arena dentre as muitas que se espalhavam por toda parte, para diversão demagógica do povo!

— Trata-se, sem dúvida, de uma bruxa! - gritou o Prefeito, ordenando que, a valerem-se de chuços, os escravos procurassem enfurecer a fera, que, em vez de se enraivecer contra Tecla, rugia contra eles, como se quisesse protegê-la do mal que aqueles homens lhe pretendiam fazer!...

Dentre a multidão, houve quem se prostrasse de joelhos, nas arquibancadas precárias do anfiteatro, com receio de que o Deus daquela jovem, que se mostrava poderoso, pudesse querer se vingar das blasfêmias proferidas contra ele.

— Deve ser o Deus dela que a protege! Misericórdia! - escutava-se, aqui e ali, alguém a cochichar com quem estivesse mais próximo. — Estamos diante de uma força demoníaca ou, então, de uma força divina, que, de fato, o Nazareno veio nos revelar... Deve ser verdade que ele venceu a morte, pois seus discípulos afirmam que, ao terceiro dia de sua crucificação, seu túmulo foi encontrado vazio...

— Soltem outra fera! - gritou, entre áulicos também perplexos no palanque prefeitoral, tendo o alto magistrado os olhos tomados de espanto. — Soltem outra fera!...

Outra gaiola foi aberta, e uma leoa, rugindo de modo apavorante, escavou a terra com as patas e, após encolher-se, partiu com rapidez em direção à presa, a disputá-la com a primeira fera, a qual, ao vê-la aproximar-se em característica corrida de ataque, se levantou e, soltando tremendo rugido, barrou-lhe a trajetória.

O povo, tomado de admiração e espanto, embora a

grande curiosidade pelo desfecho do episódio, causando imenso tumulto, começou a abandonar o anfiteatro, inclusive com uns pisoteando outros e quase todos se perdendo de seus acompanhantes. Na dispersão precipitada, um deles despenca da altura, cai dentro da arena; então, a leoa, faminta desde muitos dias, o abocanha e passa a desmembrá-lo!

— Socorro! - clamavam muitos. — Arrependo-me! O deus dos cristãos é verdadeiro!...

Outros, no entanto, insistiam nas acusações:

— É uma maga infernal! Não é o deus dos cristãos que a protege: são deuses nossos, com os quais ela deve ter feito pacto... Ela precisa ser morta, mas... como?!...

— Atirem o bestiário às feras! - ordenou o Prefeito. — A culpa é dele, que não esfomeou os animais o suficiente... Às feras com ele! - vociferou, enquanto o pobre homem era lançado por dois musculosos soldados dentro da arena, no centro da qual Tecla permanecia em oração.

Mal o bestiário fora lançado à arena, a feroz leoa, largando os despojos ensanguentados de sua primeira vítima, se atirou sobre a segunda e, em questão de segundos, estrçalhou-a!

Em meio à balbúrdia que tomou conta do anfiteatro, outro animal bravio, uma pantera da Síria, soltou-se e, mansamente, se foi deitar nas proximidades da moça, sobre a qual o leão da Líbia continuava mantendo guarda, não consentindo que nenhuma das duas feras lhe viesse a constituir ameaça.

— Soltem-na! - centenas de vozes, partindo dos pontos mais altos das arquibancadas, começaram a gritar. — Soltem-na! Essa jovem está inocente... Não merece morrer!...

Enquanto os judeus insistiam em que Tecla deveria ser morta, tendo o convencional gesto do latino *Pollice verso* ("com o polegar para baixo") a significar golpe mortal aos vencidos, os pagãos, que ali estavam em maior número, passaram a advogar-lhe a causa, continuando a pedir, bradando em coro:

— Libertem-na!... Libertem-na!...

Acuado, o Prefeito, momentaneamente, não viu outra solução, senão ordenar que a jovem mártir, que ainda muito deveria padecer em seus testemunhos de fé, fosse libertada!

Os soldados, em número de vinte, protegidos por escudos e levando redes às mãos, com a finalidade de lançá-las sobre as feras, caso, porventura, fossem atacados, aproximaram-se de Tecla e, com rapidez, a retiraram da arena, na qual a leoa e a pantera devoravam suas vítimas.

## 12

### Primeira Mulher a *Pregar o Evangelho*

**E**m Antioquia, naquele dia, as conversões foram inúmeras. Através de Tecla, o Mundo Espiritual conseguira despertar muitas consciências adormecidas e, durante semanas, não se comentava senão o episódio das feras que, como por encanto, haviam sido domesticadas pela jovem.

As autoridades judaicas e romanas começavam a se sentir impotentes para enfrentar a força da nova fé e já lamentavam terem deixado sobreviver os Apóstolos, arrependendo-se de, igualmente, não os terem condenado à morte com seu Mestre.

Foi por esse tempo que, sendo perseguido por Herodes, o qual já havia mandado matar a Tiago, Simão Pedro é encerrado na prisão, com o intuito de, após a Páscoa, apresentá-lo ao povo e condená-lo à morte.

Segundo os registros de Lucas, em "Atos dos Apóstolos"

los", no capítulo 12, *"Pedro, pois, estava guardado no cárcere; mas havia oração incessante a Deus por parte da igreja a favor dele. Quando Herodes estava para apresentá-lo, naquela mesma noite, Pedro dormia entre dois soldados, acorrentado com duas cadeias, e sentinelas à porta guardavam o cárcere. Eis, porém, que sobreveio um anjo do Senhor, e uma luz iluminou a prisão; e, tocando ele o lado de Pedro, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. Então as cadeias caíram-lhe das mãos. Disse-lhe o anjo: Cinge-te e calça tuas sandálias. E ele assim o fez. Disse-lhe mais: Põe tua capa e segue-me. Então, saindo, o seguia, não sabendo que era real o que se fazia por meio do anjo; parecia-lhe antes uma visão"*.

Sentindo a necessidade de efetuarem registros sobre a doutrina que o Cristo lhes havia ensinado, os Apóstolos começaram a cogitar de escrever os seus relatos, mas, de início, somente Mateus tomara semelhante iniciativa. Foi quando começou a surgir a "Didaquê", pequeno livro constituído por dezesseis capítulos, contendo os ensinamentos dos Doze. Os historiadores afirmam que a referida obra teria surgido por volta do ano 60 d.C, mas a verdade é que os seus rudimentos surgiram bem antes, e os seus capítulos, qual ocorreu com os Evangelhos, foram escritos gradativamente.

Dentre os apontamentos da "Didaquê", vale ressaltar: *"E todo profeta que ensina a verdade, se as coisas que ensinar ele não fizer, é falso profeta"*. E, ainda: *"Vigiai pela vossa vida, as lâmpadas vossas não estejam apagadas e os lombos vossos não se cansem, mas tornai-vos preparados, pois não sabeis a hora em que o Senhor vosso vem"*.

É evidente que, diante dos exploradores da fé pública, muitos dizendo estarem possuídos pelo Espírito Santo, a preocupação central dos Apóstolos era a de fornecer elementos para que "o joio fosse separado do trigo".

Qual acontece com toda Verdade quando surge, revelando-se aos homens na Terra, os espíritos adversários de sua luz tratam de obscurecer-lhe a claridade. Isto aconteceu com o Cristianismo nascente, quanto, igualmente, vem ocorrendo com o Espiritismo, na tarefa da revivescência cristã.

Vendo-se livre da prisão, Tecla, em Antioquia, refugia-se na casa de uma viúva e, naquela mesma noite, diante de reduzida assembleia, dá início à sua pregação da Boa Nova, sobre a qual, a rigor, ela ainda pouco sabia. Expressando-se com facilidade e eloquência, depressa retemperada no testemunho, a jovem, sempre inspirada por Abigail, se transformou na primeira mulher a pregar o Evangelho.

Semelhante fato, por si, de uma mulher com dotes de oradora, não apenas parecia estranho a judeus e romanos, como também aos próprios Apóstolos, que logo ficaram sabendo do ocorrido em Icônio e Antioquia. Nas assembleias cristãs, de modo geral, a palavra às mulheres era vedada, sendo que o próprio Paulo chegou a recomendar em sua Primeira Carta aos Coríntios, capítulo 14, versículos 34 e 35: *"... conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seus próprios maridos; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja"*.

A posição conservadora de Paulo, em relação ao papel da mulher na igreja, seria, mais tarde, contestada por Tecla como talvez *recalque misógino* sobrevivendo do repúdio feito pela noiva Abigail, que, várias vezes, tendo oportunidade de avistar-se com ele, e de se fazer admirada pelo inesquecível Apóstolo dos Gentios, com ele discutira o assunto, levando-o a arrepender-se do que escrevera à comunidade cristã de Corinto. Não obstante, a verdade é que a influência de tal postura até hoje cerceia a liberdade da mulher na participação dos

cultos religiosos dentro da Igreja Católica, com grande prejuízo espiritual para toda a Humanidade.

Maria de Magdala, que, por muitos, é considerada na condição de Décimo-Terceiro Apóstolo, o que, pelo menos, de maneira simbólica, não deixa de corresponder à realidade, não era chamada a fazer uso da palavra sequer para descrever, por si mesma, a visão e o diálogo que tivera do Cristo Redivivo, quando, naquele inesquecível domingo de Páscoa, fora ao sepulcro onde o corpo do Senhor havia sido sepultado e o encontrara vazio! Somente entre os leprosos, no vale a que se recolheu, disporia ela de plena liberdade para anunciar o Evangelho. Séculos mais tarde, porém, reencarnando como a canonizada Teresa de Ávila, seria considerada Doutora da Igreja.

Na casa de Eleutéria, já um tanto refeita de tantas e tão graves e perigosas vicissitudes morais, depois de ter-se alimentado e descansado, à luz mortiça de uma candeia, Tecla, na presença de pouco mais de quinze pessoas, a maioria mulheres, agora, mais bem-disposta e segura, pregara:

*— Irmãos e irmãs, Jesus Cristo, em verdade, é o Messias! Hoje, através desta sua mísera serva, vocês puderam constatar isto com os seus próprios olhos... Quando foi que uma frágil mulher, sem ter ninguém que lhe advogasse a causa, poderia sair incólume da arena - inicialmente, da prisão, onde, aliás, pela graça de Deus, ninguém ousou me tocar?! Permaneço imaculada, para, desta maneira, servir ao meu Senhor pelo resto de meus dias, que suponho não venham a ser muitos.*

*Tive oportunidade de estar na presença de Paulo e Barnabé, em Icônio, e pude ouvi-los a respeito do Cristo. Naquela oportunidade, presenciei feitos extraordinários, como a cura de uma criança praticamente morta e o eficaz diálogo de Pau-*

*lo com um endemoninhado, que lhe fez terríveis mas falazes ameaças.*

*Desde muito, eu vinha estudando com meu professor, Zizo, sobre a doutrina de Sócrates e Platão - nada desconheço, inclusive, da crença nos deuses, a que muitos ainda se devotam! Jesus, no entanto, é o "Deus Desconhecido", a que os gregos que, pelos próprios romanos, se fizeram admirados pela sua sabedoria, sempre se referiram, chegando a lhe consagrar um nicho no Areópago, em Atenas. O "Deus Desconhecido", que os gregos mencionam, não é outro senão o Messias de que os nossos mais eminentes Profetas sempre anunciaram o advento. João Batista, reconhecendo-se na presença Dele, não hesitou em ordenar que os seus seguidores passassem a segui-lo, porque se fazia necessário que Ele crescesse e que João, a Voz Clamante do Deserto, diminuísse!*

A plateia, atenta, envolvida pelas vibrações do Mundo Espiritual, experimentava indizível consolo, com todos os presentes dando-se as mãos uns aos outros.

Tecla, completamente transfigurada - positivamente, ela não era mais a filha que Mésimo e Teóclia haviam conhecido! -, continuava a falar num misto de ternura e paz:

*— O Cristo não é um deus do Olimpo -Ele é o maior dos profetas que Deus já enviou ao mundo! Sua existência é real... Passo a passo, cumpriu todas as predições das Escrituras a seu respeito - até mesmo a de ser imolado como um cordeiro, sem que, no entanto, um único osso de seu corpo fosse partido!*

*Infelizmente, o seu roteiro missionário não incluiu a Galácia e outras regiões, todavia a sua Doutrina é universal! Segundo Paulo, Ele veio para os filhos desgarrados da casa de Israel, que somos todos nós! Devemos, docilmente, fazer parte de seu aprisco...*

*O mundo atual passa por grandes e inevitáveis transformações. Não nos iludamos, porque sempre haverá de ser assim; não obstante, o Cristo, possuidor das Palavras de Vida Eterna, há de permanecer para sempre no recesso de nossos corações...*

*Ouvi dizer - acentuou - que Ele quebrou todos os paradigmas nos quais as religiões antigas se estruturaram, notadamente o Judaísmo - e Ele era judeu, pertencente à menor das tribos de seu povo! A sua pregação não se efetuava nas sinagogas, sob o beneplácito dos doutores, mas nas ruas e nos montes, no meio do povo, de que os próprios judeus escarnejavam, rotulando-o de "pobres de espírito"... Por esse motivo é que Ele foi traído e crucificado: por não concordar com a hipocrisia dos que dizem amar a Deus e não amam o próximo!*

*Jesus é o Caminho! Seguindo-O, não mais nos sentiremos perdidos neste mundo, à mercê dos mais fortes, que nos usurpam os bens materiais e espirituais... Seus seguidores, até agora, têm sido chamados de os adeptos do "Caminho", mas aqui mesmo, em Antioquia, eles já têm sido denominados "cristãos"...*

*Eu sou cristã! - disse a inspirada expositora com profunda emoção na voz. - O Cristo representa tudo que sempre esperei e desejei para a minha pobre vida! Infelizmente, meus pais não me puderam entender o anseio de liberdade espiritual que experimentava, e queriam obrigar-me a uma união matrimonial sem sentido para mim, porque, na verdade, eu nunca pude amar homem algum.*

*Durante quase uma hora, a notável pregadora do Evangelho discorreu sobre o que sabia do Cristo e de sua Doutrina, esclarecendo e emocionando os presentes, alguns dos quais, ainda que tímida e temerosamente, lhe confiaram dúvidas, equívocos e apreensões. No outro dia, a residência de Eleuté-*

ria se mostrava de dimensões muito acanhadas para acolher as mais de cinquenta pessoas que ali compareceram para escutar a palavra de Tecla, a qual, sentindo que carecia de maiores instruções, começara a planejar ir ao encontro de Paulo e Barnabé, que ainda se encontravam em Listra.

No terceiro dia, da casa de Eleutéria, a reunião teve que se transferir para espaçosa gruta existente nas cercanias. Era mais seguro reunirem-se lá, porque, afinal, o frustrado Prefeito não desistira do intento e necessidade política de matar a jovem pregadora. Então, para sua surpresa, estando prestes a iniciar sua alocação da noite, percebeu a presença de Onesíforo no recinto. Informado dos últimos acontecimentos, o amigo de Paulo e Barnabé, bem como irmão de Loide, em cuja casa os dois amigos, na companhia de seu filho Alexandre, se hospedavam em Listra, viera conhecer Tecla, inclusive em seu propósito de escrever a Simão Pedro, em Jerusalém.

— Onesíforo! - exclamou a jovem ao vê-lo. — Que alegria recebê-lo entre nós!...

— Vim constatar - disse o ex-escravo - se é verdade tudo quanto estão dizendo a seu respeito! Sinceramente, eu não pude acreditar, mesmo porque - confesso - você me parecia um tanto perturbada...

— Sem o Cristo, quem é que não se perturba, meu amigo! - contestou-o ela de pronto. — Graças a ele, no entanto, estou recuperando minha pobre sanidade...

— Paulo e Barnabé, com Alexandre, meu filho, estão em Listra, na casa de minha irmã Loide. Na próxima semana, pretendo ir encontrá-los e, antes de estar com eles, considere de bom alvitre saber se as notícias que a seu respeito têm chegado a Icônio realmente procedem.

— O Senhor, por obra de sua Infinita Misericórdia, não buscou a Paulo no deserto de Damasco?! Por que, por obra de sua Misericórdia Infinita, não poderia buscar-me Ele dentro de minha casa?!...

Onesíforo percebeu que, de fato, aquela não era mais a mesma jovem, que, muitas vezes, vira em companhia de outras meninas, em Icônio. Argumentando com inteligência, ela o impressionava pela bondade mesclada de autoridade que em sua voz se expressava. Aquele espírito, sem dúvida, havia sido talhado para cumprir a difícil tarefa que lhe fora designada no início do Cristianismo, porque o Evangelho, numa cultura patriarcal, **também viera para colocar em nível de igualdade o homem e a mulher.**

— Concordo inteiramente com você! - redarguiu Onesíforo.

— Sócrates e Platão ensinavam que o espírito não se define pela condição sexual do corpo que ocupa... Você acredita na transmigração das almas?! - perguntou Tecla.

— Ainda não pude refletir sobre o assunto da ressurreição...

— Não, não se trata de *ressurreição*, mas, sim, de *palin-genesia!* - esclareceu a pregadora.

— Sim, sim, compreendo, mas ainda, conforme disse, não pude meditar mais a respeito. Paulo e Barnabé nada me falaram, especificamente, sobre o assunto.

— Contudo - retrucou a moça -, as Escrituras Sagradas estão repletas de referências em torno dele... Este é um dos problemas sobre o qual, quando possível, pretendo conversar com Paulo. Ele, ao que sei, foi instruído por Gamaliel, um dos mais sábios doutores do Sinédrio. Impossível que o Rabino

não tenha mencionado o assunto em seus diálogos com Paulo...

— Eu sei que Nicodemos interrogou Jesus a respeito - observou Onesíforo, que, estando em Jerusalém, se demorara em conversas com João, ouvindo os preciosos relatos que, somente mais tarde, o "Discípulo Amado" registraria.

— Que é que você sabe disso?! - inquiriu Tecla vivamente interessada.

— João me disse que o Senhor respondeu a Nicodemos que, sem nascer de novo, ninguém entrará no Reino do Céu e ficou admirado de o doutor da lei não conhecer o assunto mais a fundo. Mas alguns cristãos andam interpretando que o Cristo se referia a um nascimento de ordem moral, através do batismo e da conversão, e não do renascimento a que você está se referindo.

— Este equívoco, no futuro, nos será extremamente prejudicial - lamentou Tecla, que, pedindo permissão a Onesíforo, se dirigira para um dos lados da cripta, onde, subindo a uma das pedras mais altas, principiou a dizer à pequena multidão que ali se aglomerava, com o fito de ouvi-la:

*— Irmãos e irmãs, a paz de Jesus seja conosco!*

*Quanto mais sei a respeito do Cristo, mais se ampliam os horizontes da esperança em meu coração. Ainda agora, em conversa com nosso irmão Onesíforo, que nos visita, pude saber que o Mestre se referia à necessidade de nascermos de novo, a fim de podermos entrar no Reino de Deus, que, creio, seja o objetivo de todos os que acreditam na existência do Criador. O Cristo é o nosso Salvador, no entanto, aqui cabe uma pergunta: Como se salvariam aqueles que, vivendo antes, não tiveram oportunidade de conhecê-Lo?! De que ma-*

*neira, nossos antepassados, que tanto sofreram, aguardando a presença do Messias na Terra, e que morreram sem que pudessem vê-Lo e ouvi-Lo, poderiam se salvar?! Como haveriam de estar prontos no Dia do Juízo a que os judeus mais ortodoxos se referem!...*

Ante a surpresa de Onesíforo com seu raciocínio, prosseguiu:

*— Que pensarmos, por exemplo, de uma semente que se frustra em seu anseio de ser árvore?! Ou mesmo de uma árvore que não chega a crescer e produzir frutos, como tantas outras?! Por que a uma semente é dado germinar, florescer e frutificar, mas a outra, não?!*

*Em meus estudos, acredito, piamente, que a ressurreição tenha um significado de ordem mais transcendente, justificando a existência de um Deus justo, que a toda sua Criação concede as mesmas oportunidades de realização!*

*Sócrates e Platão, bem como Pitágoras e, antes deles até Tales de Mileto, pregavam que a essência imortal, que somos nós, tem oportunidade de voltar à Terra muitas vezes...*

*Superior a todos eles, em Amor e Sabedoria, eu não acredito que o Cristo tenha sido omissos nesta questão de tanta relevância para o homem. O diálogo que, segundo Onesíforo, Ele entretive com Nicodemos, por certo, deve ter tido desdobramentos que ainda não surgiram à baila. Não nos esqueçamos de que a nossa cultura greco-judaico-romana é milenar... Ideias arraigadas não se modificam da noite para o dia. Também por curar no sábado, o Cristo foi crucificado! Por defender uma mulher de ser apedrejada em praça pública, passou a ser perseguido por aqueles que a acusavam... Nunca furtou nada de quem quer que fosse, mas destinaram-lhe à cruz dos malfetores!...*

Embora maravilhado com as palavras de Tecla, Onesíforo ficou a recear por ela ante os próprios Apóstolos, que, de certa maneira, se consideravam os senhores da Doutrina do Cristo - o mesmo acontecendo com Paulo de Tarso, cuja palavra, muitas vezes, julgava definitiva em torno de determinados assuntos.

Sem dúvida, a jovem pregadora do Evangelho haveria de enfrentar oposição entre os próprios cristãos da primeira hora, que - diga-se -, propositadamente, deixaram de registrar, para a História, maiores detalhes sobre sua magnífica vida, a qual, em muitos lances, chegou a superar a de muitos dentre os mais fieis seguidores de Jesus.

Quase inacreditável que em "Atos dos Apóstolos" e, muitos lustros mais tarde, na "História Eclesiástica", de Eusébio de Cesareia, que se propôs efetuar um registro histórico dos primeiros quatro séculos da Igreja Cristã, praticamente, nada se encontre dos feitos de Tecla, que chegou a viver quase noventa anos!

Quando terminou a sua pregação, Tecla desceu da improvisada tribuna e pôs-se a caminhar entre os presentes, muitos deles portando enfermidades, a impor-lhes as mãos sobre a fronte, pensando-lhes as feridas.

Quase todos, então, embora ela ainda fosse muito jovem, passariam a chamá-la de "mãezinha", porque seu instinto maternal se extravasava no carinho e no afeto que distribuía a eles. Contudo, certa vez, quando alguém, em Antioquia, propôs que os seus seguidores se denominassem "teclaianos", com veemência, ela rebateu tal idolatria, lançando-se, embora judaicamente, numa poça de lama, da qual se levantou, dizendo-lhes:

— Vejam! Eu não sou mais do que isto: *lama!* Ninguém

é de Pedro, de João, de Paulo, de Barnabé, muito menos de Tecla!... Todos somos unicamente de Jesus Cristo!...

Eis que, na outra semana, em companhia de Onesíforo, Tecla deixa a casa de Eleutéria e ruma para Listra, a fim de avistar-se com Paulo e Barnabé. Não faltaram, no entanto, uma vez mais, insinuações maledicentes daqueles que comentavam ter-se a jovem apaixonado pelo converso da Estrada de Damasco. Maledicência que, até certo ponto, faria com que Paulo se retraísse da presença de Tecla, talvez, quem sabe, pressentindo nela a presença espiritual de Abigail, a desiludida noiva inesquecível.

# 13

## Com Paulo e Barnabé

**V**encendo a distancia entre Antioquia e Listra, Tecla e Onesíforo chegaram à casa de Loide e Eunice, quando o Sol estava quase a se esconder e as primeiras estrelas reluziam no firmamento. A viagem transcorrera sem maiores incidentes. Onesíforo havia recebido duas mulas, por serviços prestados a certo homem de posses, e, assim, na companhia de Tecla, ele não teve que viajar a pé.

Logo à chegada, Alexandre, que sempre se fazia acompanhar por Timóteo, veio saudar o pai, que, descendo da montaria, o estreitou nos carinhosos braços, osculando-lhe a fronte em nome das bênçãos que a mãe lhe enviara.

— Como vai, meu filho?! - perguntou Onesíforo ao menino.

— Estou bem, papai! - disse feliz. — Este aqui é Timóteo, meu amigo. Juntos, temos pregado o Evangelho de Jesus

para os meninos de Listra. Timóteo é um bom orador, mas sempre faz questão de que eu também fale um pouquinho...

Admirado dos progressos do filho, que, inclusive, aos seus olhos, parecia bem mais crescido, Onesíforo olhou para Timóteo, intuindo que aquele quase adolescente viria a ser um dos maiores baluartes do Cristianismo Nascente.

— Esta aqui é Tecla - apresentou a jovem que, com ele, viera de Antioquia. — Ela, como nós, se fez cristã! As chamas da fogueira não quiseram calciná-la e os leões não quiseram devorá-la...

— Quê?! - exclamou Alexandre, enquanto, de dentro da casa, Loide e Eunice, Paulo e Barnabé, escutando a conversa dos meninos lá fora, saíam para verem do que se tratava.

Quando perceberam que se tratava de Onesíforo, os dois Apóstolos abriram largo sorriso e abraçaram o amigo com efusão.

— A paz do Senhor seja contigo! - disse-lhe Paulo, olhando com certa desconfiança para Tecla, a quem igualmente saudou sem maior intimidade - ao contrário de Barnabé, que fez questão de abraçar a jovem e abençoá-la, para, em seguida, apresentá-la às duas senhoras que os hospedavam.

— Quando pregamos em Antioquia, Tecla fez questão de ouvir-nos na palavra do Senhor e, até onde sabemos, tornou-se nossa irmã de fé! Não é isto, minha filha?!

— Sim - respondeu a jovem, que, devido à reação de Paulo, experimentava certo constrangimento.

— Mas - disse Eunice -, vocês devem estar cansados da viagem... Deixem os animais com Timóteo, que lhes dará água e alimento. Vamos entrar, pois esta casa agora também per-

tence a Jesus! Vocês devem estar com fome! Em nossa mesa, há lugar para todos!...

— Que a paz do Cristo esteja nesta casa! - falou Tecla ao pisar na soleira da porta daquele abençoado lar.

As palavras da jovem não deixaram de impressionar a Paulo, que, sempre desconfiado, aos poucos, terminaria por ser vencido em sua resistência.

Lavaram as mãos, sentaram-se à mesa e fizeram breve oração, enquanto Loide e Eunice se desdobravam em gentilezas para servi-los.

— Onesíforo, meu irmão - perguntou a anfitriã -, como está Ester?! Tudo bem com ela e o nosso caçula?...

— Sem dúvida - elucidou. — Ela e Ruben, o nosso menor, estão muito bem... Graças a Deus, não nos tem faltado trabalho para o pão de cada dia. O único problema, que, para nós, não deixa de ser uma bênção, são as reações que a nossa condição de cristãos vem despertando nas pessoas - reações, por vezes, de hostilidade. Não raro, certamente, a mando de seus pais, crianças nos apedrejam a casa, e os adultos mais exaltados, quando passam defronte à nossa residência, não deixam de nos dirigir palavras rancorosas.

— Vocês precisam ter cuidado - advertiu Loide com natural preocupação.

— Todavia - entrevistou Paulo - nossa preocupação maior, por enquanto, não chega a ser com os gregos e nem mesmo com os romanos, mas, sim, com os próprios judeus, que parecem ver em Jesus Cristo a encarnação de alguém que lhes constitui a mais grave ameaça dentre todas as que já sofreram...

Tecla, até àquele momento, permanecia calada, sem a mínima manifestação verbal. Foi quando Loide, com o propósito de deixá-la mais à vontade, lhe indagou:

— E você, minha filha, que nos conta?!

Em rápidas palavras, a jovem sumariou os últimos acontecimentos que lhe tinham sobrevindo após a passagem de Paulo e Barnabé por Listra.

— Minha mãe, Teóclia, não resistiu ao desgosto de me ver cristã, e o meu pai, que, com o aval de meu ex-noivo, me levou ao tribunal, teve os seus bens confiscados. Atualmente, nada sei de seu paradeiro... Ao ver as consequências de sua atitude, que tinha esperança de que o Prefeito me fizesse recuar, meu pobre pai se arrependeu, mas, então, era tarde. Fui levada para a prisão, onde passei a noite, para, em seguida, ser imolada no anfiteatro. Sinceramente, não sei como consegui escapar às chamas e à sujeição às feras...

— Certamente - observou a dona da casa -, o Senhor a protegeu!...

Timóteo e Alexandre, que já tinham cuidado dos animais, haviam entrado e, acomodando-se num canto da pequena cozinha, se puseram, em silêncio, a escutar a conversa que, sobremodo, os interessava. Alexandre, falando baixinho ao ouvido de Timóteo, disse o que ninguém pôde escutar:

— Ah!, um dia, eu também quero morrer por Jesus Cristo!...

— Eu também! - devolveu o neto de Loide ao amigo a que se unira por laços de transcendente amor fraternal.

— Ainda estou sendo perseguida - esclareceu Tecla. — Não sei quando poderei voltar a Antioquia e mesmo a Icônio,

mas sou infinitamente grata à palavra de Paulo que me converteu - graças a ele e a Barnabé é que pude conhecer o meu Salvador!...

Logo após breve pausa, Tecla prosseguiu:

— Contudo, não estou aqui para fugir ao testemunho que me espera... Quando Onesíforo me disse que empreenderia viagem a Listra, para visitá-los, informando que Paulo e Barnabé aqui estavam hospedados, solicitei que ele me permitisse viajar em sua companhia, porque, em verdade, tenho grande sede de mais saber a respeito do Sublime Senhor... Eu quero divulgar a sua Mensagem, falar Dele em toda a parte!...

— Falar Dele?! - inquiriu Paulo com estranheza. — Não creio que isto seja pertinente a uma mulher... Com certeza, você poderá vir a servi-lo de outra maneira! A Palavra de Deus no mundo, desde tempos imemoriais, sempre esteve a cargo dos homens... Como é que uma mulher, de constituição naturalmente frágil, poderá viajar por estes caminhos tão hostis, ficando à mercê de quem possa atacá-la e desonrá-la?! E, uma vez desonrada, como ela poderá continuar anunciando o Reino de Deus?!...

— Paulo - tentou argumentar Barnabé -, não é bem assim...

— Como não é bem assim?! Ao que sei, o Senhor não convidou a nenhuma mulher para o seu Apostolado!

— Todavia - insistiu Barnabé -, elas sempre estiveram presentes ao lado Dele... Não se esqueça de que, no momento da Cruz, à exceção de João, todos os seus amigos homens o deixaram! Judas o traiu, o próprio Simão o negou e os demais não foram capazes de defendê-lo!

— Sei disso, José! - disse Paulo, que, por vezes, chamava

a Barnabé pelo seu nome de origem. — Sei que as mulheres não estão fora do Evangelho... Aliás, a mensagem do Senhor tem encontrado maior receptividade na alma feminina que na alma masculina!

— Pois então! - ponderava o companheiro de viagem. — Quando você se dirigiu ao Oásis de Dan, não foi na casa de Áquila e Prisca que conseguiu asilo?! Estando doente, não era Prisca quem cuidava de sua febre e lhe dava alimento na boca?! Onde estamos agora, senão na casa de duas senhoras viúvas que nos acolhem?! De quantos nos ouviram a palavra em Icônio, quantos tiveram coragem de romper com todas as convenções sociais e, expondo-se a inúmeros perigos, se animaram a nos procurar para saber mais do Cristo, como esta jovem, que, de certa maneira, ao ser abandonada pelos pais, está tendo destino igual ao seu?!

A argumentação de Barnabé era forte demais, para que Paulo pudesse contestá-la. Habitado a conviver com os Doutores do Sinédrio, estudando as Escrituras de modo literal, o grande Apóstolo dos Gentios não conseguia perceber o papel que a mulher desempenhava e ainda mais haveria de desempenhar na consolidação da mensagem cristã entre os homens.

Calculadamente, a fim de desarmar o amigo de suas objeções preconceituosas, remanescentes do Judaísmo, Barnabé arrematou:

— O Senhor, conforme sabemos e acreditamos no seu testemunho, foi buscá-lo no deserto, mas não se esqueça de que o instrumento de sua conversão ao Evangelho foi uma mulher - Abigail!

Naquele momento, tocado nas fibras mais íntimas de seu sentimento, Paulo fez pender a nobre fronte, como a ocultá-la, e não conseguiu evitar copiosas lágrimas de profun-

da tristeza, no que, de imediato, foi confortado por Loide e Eunice.

— Perdoe-me, Tecla!-disse, quando pôde falar. — Ainda não pude alijar de mim, completamente, o homem velho... Estou sempre em grande luta comigo mesmo!...

— Quem não estará em grande luta consigo mesmo, meu amigo?! - ponderou Tecla, tocando-lhe, de leve, a destra. — Porventura, você acha que não me sinto indiretamente culpada pelo que aconteceu à minha mãe e ao meu pai?! Por vezes, passa pela minha cabeça a ideia de que fui uma filha desobediente e ingrata... Não obstante, por amor ao Cristo, não precisamos nos esforçar para amar a nós mesmos cada vez menos?! Desde que me converti, tenho experimentado constantes açoites por fora e por dentro, e as injúrias que me lançam à face não me doem mais que aquelas que eu mesma me tenho feito, ao pensar que, talvez, eu tenha sido responsável pela infelicidade que se abateu sobre a minha família...

— Sobre a Terra, minha jovem - consolou-a Barnabé -, para sobrepor-se à ignorância dos homens, a Verdade carece muito mais das lágrimas de quem se dispõe a testemunhá-la do que da palavra de quem se propõe a divulgá-la!

Interrompeu-se por momentos e contou:

— Eu vivia em Chipre, com minha família - esposa e dois filhos! Desfrutava de invejável condição financeira, porque sempre procurei ser previdente. Fazia, como de praxe, as minhas oferendas aos deuses, imaginando que, assim, estivesse cumprindo com os deveres espirituais. Cheguei a ter muitos escravos em nossa casa, que, felizmente, nunca deixei de tratar com humanidade. Todavia, certa vez, um de meus filhos saindo de barco para o mar, naufragou em meio a grande tempestade. A esposa, enlouquecida, fugiu à minha vigilância

e, numa noite, atirou-se de um penhasco, encontrando a morte. Sobramos eu e o meu filho mais jovem, quando, em determinado dia, chega à Ilha um desconhecido que, observando a minha tristeza, entrou a falar do Crucificado... Aquele homem era natural de Cesareia e tinha conhecido Jesus.

Fez rápida pausa e continuou com as suas reminiscências:

— Diante da insensibilidade dos deuses de pedra, tornei-me cristão e encontrei grande conforto para o meu coração. Libertei todos os meus escravos. Depois de seis meses que a esposa se jogara de grande altura, o filho mais jovem contraiu inexplicável febre e, no anseio de curá-lo, entreguei quase tudo quanto tinha aos médicos, que não hesitaram em se aproveitar da minha situação. Inútil, porém. Dentro de pouco mais de ano e meio, eu havia perdido tudo que eu mais queria! Parti para Jerusalém, onde tive oportunidade de entrar em contato com Simão Pedro, chorando, inúmeras vezes, sobre os seus ombros a minha desdita. Com certeza, o Senhor me queria sozinho - o Senhor me queria aqui, neste momento, com vocês! Se nada tivesse acontecido comigo, até hoje, eu estaria acendendo incenso aos deuses, porque eu não tinha motivos para me interessar pela doutrina de um tal Homem crucificado como malfeitor...

Escutando a história de Barnabé, instintivamente, Alexandre e Timóteo se levantaram e foram se acomodar em seu seio. Aquele homem que perdera os seus dois únicos filhos ali estava sendo consolado por duas crianças que, compreendendo a sua dor, a ele se aconchegaram com imenso carinho.

Quase todos estavam chorando, porque a verdade é que, desde que se tornara cristão, à exceção de Pedro, poucos haviam se interessado pela saga daquele homem alquebrado pelas muitas provações.

— Nada de tristeza! - reagiu e conclamou. — O Evangelho é alegria! Acredito, sinceramente, que o Cristo conta muito mais com a nossa capacidade de amar do que com as nossas possibilidades intelectuais - disse ele, endereçando a Paulo significativo olhar.

— Anseio tanto por mais bem conhecer a Jesus! - exclamou Tecla. — Necessito de subsídios para minha palavra... Conheço a doutrina de Sócrates e Platão, como não sou alheia ao conteúdo de nossas Escrituras! Através do professor que, desde pequena, meu pai contratou para me instruir, tive acesso até ao que os egípcios pensam em torno da Vida e da Morte... Todavia - falou com certa entonação de tristeza - do Cristo, a não ser que nunca existiu alguém como ele, eu quase nada sei!

— Temos conosco - disse Paulo -, cópia de algumas anotações efetuadas por Levi... Se você dispuser de tempo para ficar durante alguns dias conosco, escreverei um exemplar para você! No momento, é tudo de que dispomos, mas as informações são altamente confiáveis, pois Levi, também chamado Mateus, foi um dos Doze!

— Seria, no entanto - observou Barnabé -, de bom alvitre, assim que possível você ir a Jerusalém, pois lá, principalmente com Simão e João, poderia conversar, obtendo testemunhos e esclarecimentos mais amplos. Os dois foram dos mais próximos seguidores de Jesus e dispõem de informações precisas a respeito Dele, tanto de Seus ensinamentos quanto de Seus feitos.

— Farei isto - concordou Tecla.

— Infelizmente, não poderemos acompanhá-la, pois, de Listra, pretendemos ir a Derbe e, se possível, um pouco mais distante. Estamos informados de que muitos caravanei-

ros cruzam essas paragens; então, aproveitaremos para falar a eles a respeito do Cristo. O vazio espiritual que, na atualidade, as pessoas, em geral, vêm apresentando é muito grande, e a hora é propícia para a boa sementeira. A própria vinda do Cristo é prenúncio do que estamos dizendo - não devemos nos atrasar na divulgação da Boa Nova! Todo e qualquer serviço pertinente ao Bem não deve ser deixado para depois...

— Contudo, se não fosse pedir-lhes muito, gostaria de ouvi-los falar sobre Jesus! Tudo quanto vocês me puderem dizer - tenham certeza disto - não se perderá em meu coração... Não apenas aprendi a ler como também a escrever corretamente, e o meu professor me submetia a constantes exercícios de memorização. Portanto, do que me puderem dizer, efetuarei os meus próprios apontamentos...

— Talvez isso não lhe convenha - aparteu Paulo, preocupado.

— Por que não?! - redarguiu Barnabé. — Acredito que, quanto mais pudermos escrever em torno do que Jesus fez e ensinou, mais cooperaremos para a propagação de suas ideias. Se Ele nada escreveu, é porque isto compete a nós outros, e, talvez, Paulo, pelo preparo que tem, você seja um dos mais indicados para tanto, não acha?! Aonde nossas pernas não puderem nos levar, as palavras escritas poderão chegar...

E, sem pestanejar, Barnabé e Paulo, alternando-se na palavra, começaram a contar, ante o vivo interesse de Tecla e de todos os outros, inclusive de Alexandre e Timóteo.

— *O Senhor-principiou Paulo - segundo pude ouvir de Simão, antes que viesse a chamá-los um a um, conhecia a todos os Doze pelos seus nomes... Contou-me João que, ao convidar Filipe, que era de Betsaida, para segui-lo, este, estando com Natanael, que, depois, passou a ser conhecido como Bar-*

*tolomeu, disse-lhe: "Achamos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e a quem se referiram os Profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José. Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê. Jesus viu a Natanael aproximar-se e disse a seu respeito: Eis um verdadeiro israelita em quem não há dolo! Perguntou-lhe Natanael: Donde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira!"*

— *Marcos, que é meu sobrinho - explicou Barnabé - contou-me que, em certa ocasião, quando Jesus, de novo, havia saído para junto do mar, ao pregar para enorme multidão que sempre o acompanhava, "quando ia passando, viu a Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu", de maneira incontinenti. Não houve ninguém que lhe dissesse "não", à exceção de Judas, que era de Iscariotes, por cuja resposta, pacientemente, esperou durante três dias.*

— *Nicodemos - tocou Paulo em assunto que, dentre outros, motivara Tecla ir ao seu encontro em Listra - que conheci, posto que sempre foi amigo de meu Mestre, Gamaliel, entrevistou-se pessoalmente com ele e ficou impressionado com a sua sabedoria...*

— *Marcos - prosseguiu Barnabé - que, a exemplo do que tem feito Levi, pretende escrever sobre os feitos do Mestre Nazareno, disse-me que ele tinha o poder de acalmar as tempestades, sendo que, ordenando ao vento e ao mar, ele evitou que, em determinado dia, já tarde, o barco virasse, quando alguns dos Apóstolos haviam saído para pescar...*

A noite avançava, mas Tecla, Loide, Eunice, Onesíforo, Alexandre e Timóteo não se cansavam de ouvir aquelas cativantes narrativas de Paulo e Barnabé, que se esmeravam em ser absolutamente fiéis ao que sabiam a respeito do Cristo.

Antes, porém, que se recolhessem naquela noite inescrutável, Tecla, que já se identificara pela sua independência de pensamento e as suas preocupações de ordem filosófica, perguntou a Paulo:

— Teria sido somente no encontro com Nicodemos, o doutor da lei, que o Mestre fez referência à necessidade de o homem "nascer de novo"?! E por que motivo, quando tive oportunidade de ouvi-lo em Icônio, você não mencionou o assunto, que, entre os gregos e mesmo entre alguns romanos que se dedicaram a estudar os ensinamentos dos druidas, quando da conquista das Gálias, nos anos 50, sempre foi de grande transcendência?!...

## "Casa do Pão"

— Não, Tecla - respondeu Paulo, que, aos poucos, ia se conformando inevitavelmente à inteligência da jovem estudiosa - ao que sei, não foi somente no encontro com Nicodemos que o Cristo se referiu à necessidade do "nascer de novo"... Todavia, as lições Dele sempre se centraram na necessidade de o homem renovar-se intimamente, porque o renascimento - como você disse -, cuja doutrina também é apregoada pelos gregos, é fenômeno de natureza periférica. Sim, porque o Cristo insistia em que, em essência, o renascimento deve acontecer no mundo interior da criatura.

— Compreendo - replicou a interlocutora - e, neste sentido, concordo, porque, em verdade, o renascer no corpo físico, através das múltiplas existências, apenas surtirá efeito, se cuidarmos de nosso renascimento espiritual...

— Daí, em nossa palavra, darmos ênfase ao renascer espiritual da criatura, sem o qual, evidentemente, o renas-

cimento físico não passará de operação quase nula em seus efeitos de ordem moral.

Finalmente, diante das explicações de Paulo, ela estava compreendendo a aparente omissão dos cristãos primitivos no que tange à Lei da Reencarnação, quer em seus escritos ou em sua palavra verbalizada.

Porém, a admirável servidora do Evangelho não era de dar-se por vencida com facilidade e, assim, voltou a argumentar:

— Apenas me preocupa outro ponto - falou com a sua profunda acuidade intelectual. — O conhecimento da doutrina do "nascer de novo", vinculada às consequências da menor ação que o homem possa vir a praticar contra si ou contra o próximo, o tornaria mais responsável pelo próprio destino... Temo que a nossa omissão, neste sentido, venha a inculcar, na mente humana, a redenção obtida através da suposta comodidade da lei do menor esforço.

— Como assim?! - interrogou Paulo, impressionado com a percepção de Tecla.

— É simples - elucidou ela. — Se a crença da unicidade da existência se disseminar, como, aliás, imagino que acabará ocorrendo, concorreremos para que se espalhe lamentável equívoco de interpretação no campo da evolução do espírito. Incorreremos no erro do Judaísmo, cuja doutrina se alicerça na ressurreição da carne, no dia do Juízo Final!

— Não, absolutamente - contestou Paulo. — O Cristo não falou em ressurreição da carne... Tenho procurado esclarecer o ensino "*semeia-se corpo animal e colhe-se corpo espiritual*". Ele mesmo, o Senhor, não esperou pelo dia do Juízo Final para ressurgir da morte... Tive oportunidade de vê-lo, com os meus próprios olhos, completamente redivivo, quan-

do, por mercê de sua misericórdia, deliberou buscar-me no deserto de meus desenganos! Eu não creio que conosco, os adeptos de sua Mensagem, isso venha a ocorrer...

— Contudo, o risco é grande - advertiu Tecla. — O homem precisa tomar consciência de que é o artífice de seu próprio futuro e que, inevitavelmente, responderá por todas as suas atitudes. Entre os hindus, os egípcios e os gregos, este importantíssimo fato é incontestado.

— Aqueles povos são pagãos! - contra-argumentou Paulo.

— Tão pagãos quanto ainda são os romanos e quanto nós o éramos, até ontem... Antes da crença no Deus único, que Abraão nos ensinou, igualmente, éramos um povo idólatra! E você se engana num aspecto - frisou a jovem, cujos dotes de inteligência se faziam cada vez mais admirados por todos. — Sócrates e Platão não eram pagãos... Porque não concordava com o politeísmo é que Sócrates foi levado a julgamento e condenado à morte pela cicuta!...

— Os gauleses, citados por você - prosseguiu Paulo - eram povos bárbaros... A crença no "nascer de novo", entre eles, não teve maiores consequências de ordem moral para a sua civilização.

— Não podemos generalizar... Segundo alguns informes produzidos em Roma e, especialmente, pelo próprio Júlio César, autor da conquista das Gálias, em seu "De Bello Gallico", iniciados gauleses, denominados "druidas", enfrentavam, naturalmente, oposições de caráter doutrinário - oposições semelhantes às que a doutrina do Cristo vem enfrentando agora! Portanto, embora respeite profundamente a sua opinião - ponderou Tecla - acredito que seja de fundamental importância disseminar-se a doutrina do "nascer de novo", para que o homem não continue vivendo na ilusão de que,

após a morte, ele se deparará com uma situação definitiva para o seu espírito...

A noite já tinha avançado pela madrugada, quando, deliberando colocar ponto final no diálogo para o qual não mais lhe sobravam argumentos, Paulo, também observando o cansaço de Loide e Eunice, concluiu que, logo à próxima oportunidade, eles poderiam continuar com a discussão.

Alexandre, filho de Onesíforo - que, mais tarde, reencarnaria como Orígenes, valoroso exegeta e teólogo grego (185-254) que proclamou o restabelecimento da Lei Natural da Reencarnação negada pelos fundamentos judaicos predominantes -, comentou com Timóteo:

— Tecla tem razão, você não acha?! Compreendi perfeitamente as explicações dela...

— Não sei - respondeu Timóteo. — Sem dúvida que, em tudo isto, existe muita lógica, mas voltar a nascer neste mundo?! De minha parte, eu não gostaria... Preferiria que não fosse assim!...

— Preferir por preferir, eu também preferiria que não fosse! - disse Alexandre, deitando-se, ao lado de Timóteo, numa esteira estendida no chão.

No outro dia, antes de o Sol raiar completamente, Loide e Eunice estavam já preparando o desjejum, assando alguns pães em forno de pedra, cujo agradável aroma se espalhou por toda a casa.

Mal haviam todos se levantado, batendo à porta da casa, quatro mendigos, sendo três homens e uma mulher, esmolavam algo para comer.

— Há dois dias, nada temos para saciar a fome - adian-

tou-se a mulher, dizendo: — Não temos lugar certo de moradia... Não conseguimos pagar os impostos, e os nossos bens nos foram confiscados. Por caridade, um pedaço de pão!...

Condoída com a situação do grupo, a dona da casa, abrindo a porta de pequeno cômodo anexo à residência, convidou-os a que entrassem e procurassem descansar um pouco. Logo, ela haveria de alimentá-los. Eunice, sempre pronta a colaborar com a mãe, impressionada com o aspecto sofrido dos quatro recém-chegados, serviu-lhes água pura, não sem antes dizer:

— Esta água foi, ontem à noite, abençoada em nosso momento de oração familiar... Ela também é remédio!...

Inteirados a respeito do assunto, Paulo e Barnabé, que não perdiam oportunidade de pregar o Evangelho, esperaram que o grupo se alimentasse para, em seguida, distribuir entre os quatro pedintes o alimento espiritual de sua fé.

— Que Deus os recompense! - agradecia a mulher, emocionada. — Estamos de viagem... Tenho um irmão que mora em Perge. Ele é possuidor de extensa gleba de terra e, com o meu esposo e meus dois cunhados, espero encontrar trabalho. Agora, esta é a nossa derradeira esperança neste mundo...

— Não! - exclamou Paulo. — A nossa única esperança neste mundo é Jesus Cristo!...

E entrou a anunciar-lhes o Evangelho.

— Então - inquiriu o esposo da pobre senhora -, o Messias já veio?! Meu cunhado, em Perge, não está sabendo disso! Vocês já passaram por lá?!...

— Sim - respondeu Paulo -, mas não pudemos nos demorar muito.

Havia sido em Perge que João Marcos, filho de Maria Marcos, irmã de Barnabé, tomara a decisão de não continuar seguindo viagem com eles. O imprevisto fizera com que Paulo, aborrecido com o episódio, quase altercando com Barnabé, tomasse a decisão de seguir adiante, na direção de Antioquia.

— Pois temos aí um excelente pretexto para estarmos com meu irmão Ibraim - alegou a pobre senhora. — Da última vez em que estivemos juntos, chegamos a conversar a respeito do assunto, e ele me falou da vinda iminente do Messias...

— Pois Jesus Cristo já veio - endossou Barnabé - e, infelizmente, não pôde demorar-se muito conosco... Para nossa grande desdita, nós o rejeitamos!...

— Como ele foi morto?! - inquiriu aquela senhora, para quem Loide estava preparando pequena sacola de provisões.

— Crucificado! - respondeu Paulo. — Ele deu cabal cumprimento a tudo o que as Escrituras falavam a respeito do seu advento. Porém nenhum osso lhe foi partido... Antes que anoitecesse, ele expirou, e, por intercessão de um amigo, de nome José de Arimateia, seu corpo foi liberado para que recebesse sepultura digna. Conforme dissera a seus discípulos, eis que ressurgiu no terceiro dia - por testemunho disso, seu túmulo permanece vazio!

— Seu corpo não teria sido roubado?! - indagou um dos homens do grupo.

— Não! - tornou Paulo com veemência. — Esta foi a falsa notícia que os escribas e os fariseus andaram espalhando, mas a verdade é que, para que não se deteriorasse, ninguém sabe o que Ele mesmo fez com seu próprio corpo...

Alimentando-se e levando consigo as sementes da Boa Nova, o grupo partiu em direção a Perge, não sem antes oscular as mãos de seus benfeitores.

Tecla, que tudo acompanhara com imensa alegria, se viu tomada de nova admiração por Paulo, que, de fato, se mostrava incansável semeador das verdades do Evangelho - era como se ele, num átimo, quisesse fazer chegar a todos os homens, notadamente aos considerados gentios (estrangeiros e não-profitentes da Fé Cristã), a Mensagem do Cristo! E notou que, justamente por ter sido ele, o ex-rabino, ferrenho opositor da Boa Nova, laborava como se desejasse correr atrás de si mesmo, no propósito de, se possível, fazer recuar o tempo até ao dia fatídico em que condenara o jovem cristão Estêvão à morte por apedrejamento.

Paulo e Barnabé precisavam ir para o trabalho de confecção de tapetes, e, sendo assim, despediram-se de todos, apenas levando Timóteo em sua companhia, que, embora a pouca idade, o patrão admitira como aprendiz em sua fábrica.

Eis quando a jovem de Icônio, enquanto Onesíforo entrara em conversação com o filho amado, Alexandre, pôde permanecer mais a sós com Loide e Eunice, suas devotadas anfitriãs.

— Loide - começou ela a dizer -, eu creio que tudo devemos fazer para que a Mensagem do Senhor alcance os corações... Pelo pouco que já pude ouvir a respeito, ele também sempre andava preocupado com as necessidades materiais do povo - alimentando famintos, curando doentes... Jesus, ao contrário de muitos sábios cuja vida pude estudar, não foi simplesmente um teórico de suas ideias! O Cristo era um homem de ação - ao mesmo tempo em que se defrontava com os doutores da lei e expulsava os vendilhões do templo, ele se mostrava extremamente compassivo para com os sofredores... Em várias ocasiões, Ele os alimentou e confortou!...

— É verdade - concordou a anfitriã, que, atenta, seguia o raciocínio de Tecla.

— Por que - prosseguiu a jovem - ao lado da instituição fraterna que Paulo e Barnabé fundaram em sua casa, vocês não instituírem pequeno serviço de assistência aos desvalidos, semelhante ao que Simão estabeleceu em Jerusalém?! No Sermão da Montanha, o pão que o Senhor multiplicou para a multidão, para essa mesma multidão se fez o veículo da luz, através das palavras das Bem-Aventuranças! Hoje, pela manhã, chegaram à casa de vocês quatro mendigos - foram convidados a entrar, a descansar e, depois, de convenientemente alimentados, ouviram de Paulo a mensagem da Boa Nova!

— Quanto ficamos felizes com isso! - exclamou Eunice, sempre ao lado da mãe.

— Sou de opinião que núcleos como o da "Casa do Caminho", em Jerusalém, carecem de multiplicar-se por toda parte... Mais que na Verdade, é no Amor que a Palavra do Cristo se vitaliza! O Cristianismo, surgindo com uma diferente proposta filosófica para a Humanidade, carece de ser uma filosofia de diferente aplicação. Vocês não acham?!

— Perfeitamente! - responderam em uníssono.

— E, para tanto, nossa casa está às ordens - fez questão de frisar Loide.

— Portanto, eis a minha sugestão: Seja aqui um posto de permanente socorro a andarilhos... E eles são tantos por estes caminhos! Quem, porventura, vier bater-lhes à porta, em vez de "pão e circo", terão "pão e Evangelho"!...

— Excelente ideia! - concordou Loide de imediato. — Nós, que podemos fazer tão pouco pela Causa, poderemos, então, fazer alguma coisa...

— E Timóteo - emendou Eunice, com justo orgulho do

filho - no campo da palavra, poderá fazer as nossas vezes, porque eu e mamãe não fomos agraciadas com este dom...

— Não obstante, vocês foram agraciadas com um dom mais importante: o dom do coração! Acreditem: amar é tudo! Ah! - lamentou-se a jovem Tecla -, como eu gostaria de que o meu chamamento para servir a Jesus não me requisitasse tanto no campo da inteligência! Percebo, contudo, que o Senhor não me possibilitou tantos anos de estudo, com o privilégio de meu pai poder contratar um professor particular para me instruir, para que os conhecimentos adquiridos de nada me valessem a fim de colocá-los a serviço Dele! Confesso-lhes, no entanto, que, de certa maneira, isto me dói no espírito, porque as lições do Cristo não são para serem debatidas, mas, sim, para serem vivenciadas!

— Minha filha - falou a bondosa viúva, com inspiração -, o Evangelho precisa de você como você é... Quando que uma mulher poderia levantar-se numa das sinagogas dos judeus e fazer livre uso da palavra? Os nossos serviços sempre foram requisitados para servir os homens - na cozinha, na limpeza da casa e na tarefa de ser mãe dos filhos que pretendessem gerar! Nunca sequer fomos ouvidas em nossa vontade de querermos ser ou não ser mães! Não interprete mal o que eu estou lhe dizendo...

— A senhora está com a razão! - replicou Tecla. — Por testemunhar de perto, em minha genitora, a vida que uma mulher levava em nossa sociedade, é que eu, desde pequena, ansiava por uma vida diferente, numa religião que não nos fosse tão opressora! Se, através da palavra de Paulo, em Icônio, eu não tivesse encontrado esse "Deus Desconhecido", a que Sócrates também se referia, eu não sei o que teria sido de mim!... Com todo o sofrimento que me possa esperar nos testemunhos que hão de vir, como, aliás, já vieram para mim, com certeza, eu estaria sofrendo muito mais!...

— Onesíforo - disse-lhe Loide -, contou-me, rapidamente, o que você suportou em Icônio e, depois, em Antioquia, sob o despotismo fanático do Procônsul e do Prefeito...

Erguendo as mangas do manto que trajava, Tecla mostrou a ambas as marcas roxas que as amarras lhe haviam deixado nos braços, quando fora atada ao poste, a fim de ser queimada viva.

— Todavia - explicou-lhes -, isto não foi o pior, porque o Prefeito de Antioquia, percebendo a fragilidade de meu pai, não hesitou em, diante dele, se me insinuar com lascívia, prometendo tudo esquecer, se eu cedesse aos seus intentos de homem vulgar. A atitude dele reforçou em mim o que penso do propósito da maioria dos homens com as mulheres...

E gracejou:

— O que Paulo pensa a respeito das mulheres é quase o que eu penso a respeito dos homens! E, neste campo, presinto que as nossas opiniões sejam inconciliáveis...

Loide e Eunice sorriram.

Envolvendo-se nas fainas da casa, o dia passara depressa para as três irmãs, cujos laços afins eram anteriores aos laços de amizade que tinham passado a uni-las naquela existência, nos compromissos assumidos em plena Vida Espiritual, no sentido de cooperar com a implantação do Evangelho na Terra.

À noite, todos estavam novamente reunidos, e, então, antes da pregação de Paulo e Barnabé aos que tinham sido convidados para ouvi-los falar, Loide e Eunice comunicaram o seu intento de transformar o próprio lar num pouso de paz para os peregrinos.

— Não dispomos - explicou a viúva - de tantos recursos assim, mas confiamos no Senhor. Ele, que transformou água em vinho e multiplicou alguns pães e peixes para uma grande multidão, nos auxiliará a socorrer os mais carentes - quem sabe, até mesmo alguns irmãos que, por aqui passando, espalhando a Boa Nova, necessitem refazer energias para a continuidade do trabalho.

E, de fato, assim foi. Enquanto viveram, as duas senhoras converteram a própria casa num dos principais pontos de referência do Cristianismo Nascente. Timóteo, não obstante as viagens que fazia na pregação da Mensagem Cristã, inclusive indo a Éfeso, onde Paulo, igualmente, fundara uma entidade cristã, não lhes abandonou a companhia.

Conta-se que, certa vez, um centurião romano, que por ali passava com parte de seu destacamento, travou conhecimento com as duas senhoras e tanto se tomou de simpatia por elas, que, fazendo-se cristão, as colocou sob a sua proteção, periodicamente, lhes encaminhando, inclusive, recursos financeiros para a tarefa de assistência!

Este oficial era Abenadar, árabe de nascimento, que havia, com seus comandados, montado guarda no Calvário, quando da crucificação de Jesus. Seu oficial subalterno, que também se fez cristão, era Cassius, que passaria à História com o nome de Longinus.

O certo é que, em Listra, a casa de Loide e Eunice, à semelhança da "Casa do Caminho", em Jerusalém, passou a ser conhecida como "Beth-Lehem", "Belém", que significa "Casa do Pão", pois todos os famintos do pão material e espiritual ali recebiam farto alimento para atenderem à sua fome.

## Rumo a Jerusalém

**D**espedito-se de Loide e Eunice, Alexandre e Timóteo, Paulo e Barnabé, Tecla, em companhia de Onesíforo, retorna a Icônio, com a intenção de seguir viagem a Jerusalém. Naqueles tempos, para uma mulher, viajar sozinha representava extremo perigo, porque os caminhos estavam repletos de homens que viviam à margem da lei e que não hesitariam em não apenas assaltar, principalmente, uma jovem que estivesse viajando sem companhia.

Noutras oportunidades, a Primeira Mártir do Cristianismo voltaria a se encontrar com Paulo, que, a pouco e pouco, vinha aprendendo a admirar-lhe o amor à Causa do Evangelho.

Vencendo a distância existente entre Listra e Icônio, logo que chegou, Tecla, aproveitando-se de que anoitecia, dirigiu-se à sua antiga residência, a qual encontrou completamente depredada. Com o sucedido, ante o confisco dos bens

de Mésimo, seu pai, a casa fora invadida por vândalos que pilharam todas as obras de arte e haviam tentado incendiar a biblioteca.

Onesíforo, ao se despedir, colocou-se à sua disposição. Ele precisava voltar para casa e retomar o trabalho. Alexandre ficara em Listra, na casa de Loide, empreendendo valioso estágio espiritual que viria a transformá-lo num dos principais nomes do Cristianismo dos tempos primitivos. A sua dedicação ao Cristo era tamanha, que o próprio Timóteo, carinhosamente, passara a chamá-lo de Alexandre de Jesus.

Demorando-se na biblioteca, que, desde menina, frequentara, entre as cinzas e os pergaminhos que se haviam queimado pela metade, Tecla abaixou-se e apanhou no chão alguns fragmentos prodigiosamente escapados ao incêndio. Eram valiosíssimos para ela, pois fora neles que tivera oportunidade de estudar o pensamento de Sócrates, notadamente alusivo à Reencarnação. Com lágrimas nos olhos, pôde ler num desses documentos: *"Não são as almas dos bons; são, porém, as dos maus que se veem forçadas a vagar por esses lugares, onde arrastam consigo a pena da primeira vida que tiveram e onde continuam a vagar, até que os apetites inerentes à forma material de que se revestiram as reconduzam a um corpo"...*

Ela ainda não conseguia entender, tanto no Judaísmo quanto no Cristianismo, o porquê da omissão em relação à crença nas vidas sucessivas ou, pelo menos, o motivo de tal crença não ser difundida com maior clareza. Se Jesus, ao dialogar com Nicodemos, afirmara a necessidade de se "nascer de novo", afora as afirmações que fez aos Discípulos quanto a Elias em João Batista e quanto ao cego de nascença - ambos os episódios constantes de Malaquias, 4.5,6; Mateus, 11.14; Mateus, 17.10-13; Marcos, 9.11-13; Lucas, 1.17; e João, 9.1-3.

Súbito, enquanto pensava, a luz da inspiração veio clarear-lhe a sombra da dúvida que, desde que conversara com Paulo a respeito, lhe perpassava o espírito intelectualmente inquieto, sempre ávido de novos conhecimentos. Naquele instante, foi como se uma voz inarticulada lhe soasse na acústica do ser, dizendo: — *Tecla, a crença nas vidas sucessivas não tem sido tão aceita entre os judeus, porque, tendo sido feitos escravos no Egito, eles jamais poderiam admitir, por exemplo, que um judeu renascesse na condição de um egípcio ou que um egípcio reencarnasse na condição de um judeu...*

Assim, num átimo, ela tudo compreendeu. Os judeus, do ponto de vista racial, eram exclusivistas demais, para aceitar a mais universalista de todas as crenças - a Reencarnação! A questão, pois, não era tão simples quanto ela imaginava, porquanto os judeus, espíritos exilados de Capela, eram os que, lá, mais se haviam comprometido no campo da fé religiosa, responsabilizando-se pelos desvios que induziram grande parte dos capelinos à incredulidade.

Daí, ao longo da História, a luta incessante do povo judeu pela crença no Deus único e, neste sentido, o seu excessivo conservadorismo, que, inclusive, impediu, até os dias atuais, de aceitarem o Cristo completamente.

— Paulo tem razão - monologou Tecla. — Precisamos dar ênfase à moral que o Messias nos ensinou, porque esta é a necessidade imediata das criaturas... Discussões de natureza filosófica apenas fariam que nos desviássemos do foco pertinente à nossa indispensável renovação íntima. No momento certo, a verdade da Reencarnação será trazida à evidência... E, então, talvez um tanto mais libertos de seus preconceitos de toda ordem, os homens se predisporão a aceitá-la sem tanta resistência.

Enquanto assim refletia, Tecla escuta passos de alguém

que caminhava pelos cômodos de sua antiga residência. Quem seria?! Um salteador que vasculhasse a casa em busca de algum remanescente objeto de valor? Alguém que, com a chegada da noite, procurasse um lugar onde pudesse dormir?!

Permaneceu em silêncio e, caso viesse a se sentir ameaçada, disposta a empreender fuga por uma das portas laterais da construção. Contudo, em meio às sombras, pôde divisar o vulto de uma mulher que, vagarosamente, deslizava... Reconheceu-a de imediato. Era Acácia, a escrava que, durante anos, servira Teóclia, sua mãe, e que sempre a tratara com maior ternura que a própria genitora.

— Acácia! - exclamou Tecla, ao vê-la.

— Tecla! - assustou-se a pobre senhora, supondo que, a essa altura, a jovem já estivesse morta. — Estarei tendo uma visão?!...

— Não, sou eu mesma, minha boa Acácia! Você não está me reconhecendo?! Ainda não foi da vontade do Senhor que eu deixasse esta vida...

— Menina! Por onde você andou?! Como foi que conseguiu escapar da prisão?! Não deveria ter voltado a Icônio...

— Estou de passagem para Jerusalém...

— Então, é verdade?! Você tornou-se mesmo cristã?!

— Sim, Acácia, pela graça de Deus, eu sou cristã!...

— Pois eu também sou, Tecla! O Cristo parece ter vindo ao mundo para todos os que vivem oprimidos e sem esperança... Ele é tudo quanto resta àqueles que nada têm!...

— ...e que, com Ele, tudo passam a ter! - emendou a jovem com alegria.

— Você não pode permanecer na cidade - alegou a antiga serviçal de sua casa. - Não faltaria quem fosse denunciada ao Procônsul. Não convém que sequer pernoite em Icônio.

— Após a morte de minha mãe, que aconteceu a você?! Conte-me!

— Ah, Tecla! Não pude encontrar emprego em parte alguma. O povo, em geral, considera que sua família foi vítima de uma maldição e, conseqüentemente, os que trabalhávamos com ela...

— Ninguém quis empregá-la?!

— Não! - respondeu. — Tenho esmolado o pão pelas ruas... Muitas vezes, apenas consigo algo para comer revirando o lixo que os mendigos disputam com os cães e as aves de rapina.

— Venha comigo a Jerusalém! - convidou-a Tecla. — Onesíforo não me pode acompanhar até lá e temo seguir viagem sozinha. Planejo conhecer os que estiveram mais próximos do Senhor... Alguns deles, como Simão Pedro e João, ainda vivem. Em Listra, estive com Paulo e Barnabé...

— Paulo e Barnabé?! Aqueles dois que aqui estiveram e que foram acusados pelos seus pais de terem sido os causadores de seu infortúnio?! A cabeça deles está a prêmio na cidade...

— Disso eu não sabia!

— O Procônsul estabeleceu uma recompensa para quem consiga prendê-los! São acusados de feitiçaria e de alta traição ao Império! Ouvi dizer que, inclusive, com o intuito

de lhes dar o mesmo destino do Cristo, o Procônsul mandou preparar duas cruzes destinadas à sua morte...

— Venha comigo, Acácia - insistiu Tecla. — Você e eu estamos sozinhas neste mundo - a não ser a Jesus Cristo, a mais ninguém temos! Eu preciso de alguém que me acompanhe em minhas peregrinações, porque não ficaria bem que eu sempre viajasse na companhia de um homem. Não sei quanto mais tempo de vida eu ainda terei, mas pretendo utilizá-lo, falando de Jesus, especialmente para as nossas irmãs.

— Conte comigo, Tecla! - respondeu sem vacilar a abnegada senhora. — Para mim, será uma honra continuar a servi-la...

— Não a mim, minha irmã! - replicou a jovem, que, aos olhos de Acácia, parecia ter-se subitamente tornado adulta. — Ambas somos e seremos servas de Jesus! Em Listra, Paulo disse, em uma de suas pregações, que Jesus, chamando-nos a si, afirmava que "seu jugo é leve e suave é o seu fardo"...

Após este rápido entendimento, as duas convertidas, caminhando de braços dados, abandonaram a casa na qual, um dia, supuseram ser a morada da felicidade, mas que agora estava quase reduzida a escombros.

Entre Icônio e Jerusalém, a distância a ser percorrida era enorme, mas, para a constituição física de duas mulheres, poderia ser considerada ainda maior. Tecla e Acácia levaram cerca de quatro meses para percorrê-la e, extenuadas, chegaram à Cidade dos Profetas.

Ao adentrarem o vasto lugar repleto de transeuntes, puderam ouvir que o assunto que prevalecia entre as pessoas que passavam por elas era a respeito dos cristãos.

— O Sinédrio - dizia um homem exaltado - precisa to-

mar providências enérgicas, porque, dia após dia, esses cristãos aumentam em número e estão ameaçando nossa economia... Estou quase arruinado em meus negócios, porque, pregando o desapego, a minha loja de quinquilharias logo irá à falência.

— Concordo com você - respondia o interlocutor. — Dizem que as sinagogas estão se esvaziando... As doações diminuíram sensivelmente. Sou fornecedor de uma delas e vai para mais de três meses que não recebo o que me devem. O tal homem que morreu na cruz parece nos ter lançado uma maldição terrível! Dizem que, antes de morrer, ele nos amaldiçoou... Blasfemava tanto, que, para que se calasse, tiveram que lhe desfechar um golpe de lança no flanco!...

Num grupo de pessoas, que conversavam numa esquina, gesticulando, enraivecidas, Tecla e Acácia puderam escutar:

— O que essa "Casa" dos cristãos tem atraído de forasteiros a Jerusalém é impressionante - a cidade anda enfestada de ladrões e de gente em estado deplorável! Os assaltos aumentaram e as confusões se multiplicam. A ordem parece estar fora de controle! Não podemos permitir que essa heresia continue a fazer seguidores!...

— Na semana passada, com um grupo, armamos uma cilada para aquele velho que comanda a "Casa" aquele tal de Simão Pedro, que também é um mago! Ele tinha ido ao mercado mendigar restos de legumes e verduras... Nós, então, o cercamos e atiramos pedras contra ele, mas, inexplicavelmente, não conseguimos que nenhuma delas o atingisse! Ele nos mirou com olhos tão profundos e penetrantes, que tivemos de fugir, pois ficamos com medo de que nos lançasse algum feitiço!...

— Dizem - argumentava um dos mais revoltados - que as palavras que eles pronunciam são cabalísticas... O homem que foi morto na cruz e que chegou a ressuscitar um morto era a encarnação do Demônio! Estamos dominados pelos seus sequazes... Em minha opinião, nem presos eles devem ser - precisam logo ser mortos, passados a fio da espada, tendo as cabeças decepadas! Eles falam em perdão, amor, caridade... Tudo isso é para atrair os incautos! Ora, a nossa lei é a do "olho por olho, dente por dente"... Moisés nos libertou do Egito, mas o tal de Jesus de Nazaré estava a serviço de Roma, que nos escraviza! Então, morte aos cristãos!...

Temendo, pois, até tomar informações sobre onde a "Casa do Caminho" se localizava, Tecla e Acácia quase que andaram praticamente a cidade toda, sentindo que a pressão sobre os adeptos do Cristianismo era intensa e que, em Jerusalém, a situação estava quase insustentável.

Porém, quando se aproximaram de um dos bairros mais populosos da cidade, viram grande movimentação de pessoas carentes a ocuparem uma das ruas mais largas. Tinha-se a impressão de que a escória de Jerusalém e arredores estavam ali concentrados. Eram aleijados, amputados, cegos, mães com seus filhos esqueléticos, moribundos, pessoas que, tomadas por espíritos, falavam sozinhas... Aquela massa humana em torno da "Casa" se constituía em verdadeira fortaleza, impedindo que os mal-intencionados se aproximassem. Era ali que o Cristianismo resistia bravamente às arremetidas das Sombras.

Com dificuldade, confundindo-se com a multidão, Tecla e Acácia conseguiram aproximar-se do portão central, do qual, naquele justo momento, presenciaram sair alguns homens e mulheres carregando panelas de pedra e outros improvisados recipientes maiores, de que emanava agradável aroma de succulenta sopa fumegante, feita exclusivamente com base de

legumes. Um jovem simpático de pequena estatura, de olhos meigos semicobertos pelos cabelos encaracolados, empurrava para fora um carrinho com pães recém-saídos do forno. Este era João Evangelista, o único que, praticamente, perseverara com o Senhor até ao fim, testemunhando, com Maria de Nazaré, o martírio na cruz.

Impossível conter a emoção naquele momento! Tecla e Acácia, não segurando as lágrimas que, espontaneamente, lhes vinham aos olhos, começaram a chorar de afetuosa admiração.

— Nunca vi nada tão belo assim! - exclamou a jovem de Icônio. — Sei que, de minha parte, parece um contrassenso, mas nunca imaginei que, um dia, fosse presenciar algo que me tocasse tanto!...

Enquanto sussurrava tais palavras a Acácia, Tecla percebeu que, no portão principal da abençoada "Casa", assomara a figura majestosa de um homem, de cabelos um tanto ralos, deixando à mostra parte da calva, e barbas grisalhas que quase lhe batiam no peito. Era Simão Pedro, a quem, quase em unísono, os mendigos e doentes mais próximos começaram a chamar de "Pai"!

Outros amigos, quase duas dezenas de homens e mulheres do "Caminho", desdobravam-se para a todos atenderem naquela tarefa quase impossível de mitigar a fome e confortar os corações desesperançados.

Cada côdea de pão, que João e seus auxiliares faziam chegar às mãos estendidas dos necessitados, seguia acompanhada das palavras que eram por eles pronunciadas e por todos ouvidas com imenso respeito: — *"Em nome do Senhor!"*

Aquela, sem dúvida, era uma luta diferente, mas as duas amigas se sentiam dentro de imenso campo de batalha,

no qual os heróis se destacavam pela generosidade para com o próximo.

Continuando, a custo, a abrir caminho em meio à multidão, avançando passo a passo, Tecla se aproxima de Simão, que, estando a distribuir a sopa com o emprego de uma concha, perguntou-lhe:

— *Minha filha, onde está a sua vasilha?...*

— Eu vim, senhor, trazer as minhas mãos para auxiliá-los - respondeu com humildade. — Eu sou Tecla, de Icônio. E esta é Acácia, antiga serva da casa de meu pai. Somos cristãs!...

— Tecla?! - inquiriu Simão, erguendo os olhos por instantes, sem que, porém, tivesse tempo para maiores indagações. — Se vieram em nome do Cristo - acentuou -, há muito trabalho a ser feito... Sejam bem-vindas!...

E, sem mais delongas, passou uma concha às mãos dela, que, em verdade, pela vez primeira, estava experimentando diferente contato com a prática indiscriminada da Caridade.

Os doentes, além de comida, disputavam o privilégio de, pelo menos, tocar o manto de Simão, que, a bem dizer, quase era arrastado de um lado para outro.

— Estou curado! - gritou um homem de pernas entevadas, que, fazia dias, esperava pela oportunidade de tocar ou de ser tocado pelo Apóstolo. — Estou curado! O Deus dos cristãos seja louvado!...

Bastou essa isolada manifestação para que muitos doentes, erguendo as mãos para o alto, comesçassem a pedir, cada qual formulando seu apelo.

— "Pai", toque também a mim - pedia um. — Expulse do meu corpo esta febre que me consome-clamava outro. —

Cure-me de minha cegueira -rogava um terceiro nas sombras de sua expiação. — Por favor, caridade para meu filho que é lunático - solicitava uma mãe tomada de aflição.

— Acalmem-se! - respondia Pedro às palavras que, partindo de todas as direções, lhe chegavam aos ouvidos em sentido clamor. — Acalmem-se! Comam e agradeçam ao Senhor... Não sou eu quem cura! Nem tampouco João ou Filipe, Tiago ou Bartolomeu... A cura pertence ao Senhor! Orem a Ele e não a nós, que não passamos de seus falíveis servos!...

Durante quase duas horas, Simão Pedro e os demais se empenharam naquela batalha, que, afinal, era praticamente de todos os dias. Na medida do possível, os doentes piores eram levados para dentro, e acomodados de acordo com as possibilidades de espaço da "Casa", sendo que, ao irem melhorando, se ofereciam para trabalharem ali como voluntários.

Simão e João, principalmente os dois, que eram os mais requisitados pela multidão, estavam extenuados. Tecla os observou juntos e, num átimo, teve a impressão de que, sem dúvida, sem que portassem nenhuma arma nas mãos, eram eles dos maiores guerreiros que, talvez, a Humanidade jamais viesse a conhecer.

Novamente, os seus olhos encheram-se de lágrimas - tal a imensa admiração. Ela e Acácia, igualmente, sentiam-se praticamente sem forças, mesmo porque não haviam comido um único pedaço de pão ou tomado qualquer caneca d'água.

A multidão, alimentada e confortada, por fim, se tranquilizara, sem, contudo, arredar pé das proximidades da abençoada "Casa", a que estava disposta a defender com a própria vida!

## Tecla e Simão *Pedro*

**O**s Apóstolos não dispunham de alimento suficiente para suprirem à fome da grande multidão, todavia, recordando a multiplicação dos pães e dos peixes, efetuada pelo Senhor, a solidariedade entre os próprios necessitados fazia com que os recursos se multiplicassem em benefício de todos.

A tarefa assistencial da "Casa do Caminho" era, sem dúvida, o mais poderoso argumento em favor da causa do Cristianismo, mobilizando a opinião pública que, a cada vez mais, se lhe mostrava simpática. Cansados da opressão e da violência que, em nome dos deuses, imperavam em quase toda parte, a verdade é que os considerados pagãos respondiam mais prontamente à Mensagem do Evangelho - eram como órfãos do espírito, que, de repente, estivessem sendo adotados por um Pai extremamente amoroso, que não fazia qualquer distinção entre os filhos.

Quando Roma acordou para o perigo que o Cristianismo

representava para as suas instituições, já era tarde, porquanto o desregramento moral que, a partir do Imperador, predominava entre os seus políticos e nas famílias mais abastadas, a fragilizara. Por outro lado, habituada aos constantes conflitos religiosos entre os judeus, Roma não valorizara as denúncias que os adeptos mais fanáticos do Judaísmo faziam chegar às autoridades que a representavam na Palestina.

Ao término da atividade de socorro à multidão dos necessitados, Simão, gentilmente, convidou Tecla e Acácia para conhecerem a "Casa" por dentro, aproveitando para se refazerem do esforço despendido, em que se revelaram notáveis colaboradoras.

Obviamente, aceitando o convite formulado, Tecla, atravessando a porta de acesso ao interior da abençoada Instituição, perante tudo quanto passou a ver nos doentes que, em leitos improvisados, se acomodavam aqui e ali, não soube definir se se tratava de um hospital ou de um templo de natureza religiosa. Praticamente, não sobrava o menor espaço para que alguém mais fosse acolhido!

Simão, que havia transpirado às bicas, apresentava seu manto encharcado de suor e todo respingado de sopa, dando a impressão de que, de fato, lá fora, ele travara uma batalha! João, que, a todo instante, parecia sorrir para ela e para Acácia, se encontrava na mesma situação, contudo, ao contrário de Simão, que ela se habituaria a ver sempre preocupado, extravasava alegria no semblante juvenil, em místico transporte de felicidade.

— Todo dia é assim?! - perguntou Tecla, procurando diálogo.

— Sim, minha filha - respondeu o ex-Pescador de Cafarnaum. — Ultimamente, porém, os necessitados vêm au-

mentando em número... Você sabe, as notícias se propagam com velocidade. E, depois, estamos atravessando um período que não foi favorável para as colheitas, crescendo que Roma parece estar perdendo o controle da situação.

— De fato, a fome tem-se espalhado e, com ela, as doenças se disseminam com maior facilidade...

— Até por isso estamos sendo culpados - lamentou-se Simão. — Agora, de tudo quanto acontece de ruim para a população, os cristãos têm sido culpados... Não passa uma semana, sem que o Sinédrio nos convoque a explicações. Recentemente, estivemos presos e quase fomos executados! Gamaliel, no entanto, tomou nossa defesa, e fomos soltos, não sem antes sermos, em público, açoitados de maneira impiedosa!

Realmente, observando a Simão com mais cuidado, Tecla percebeu que ele trazia nas mãos e no rosto equimoses e hematomas - sinais de espancamento. João que, naquele momento, a fim de higienizar parte do corpo, se livrara do próprio manto até à cintura, deixara à mostra as marcas de impiedosas vergastas nas costas.

A conversa ainda estava no início, quando surge Tiago, o mais ortodoxo dos Apóstolos e, talvez, por isso mesmo, o mais desconfiado em relação aos estranhos.

— Quem são vocês?! - perguntou com certa rudeza na voz.

— Eu sou Tecla, de Icônio - respondeu a moça -, e esta é Acácia, antiga serva da casa de meu pai. Ambas somos cristãs! Viemos de Listra, onde estivemos com Paulo e Barnabé.

Voltando-se para Simão, Tiago simplesmente comentou:

— Eu falei com você no que resultaria a intenção de Paulo em pregar aos gentios... Estamos expostos, porque muitos, fazendo-se passar por cristãos, têm vindo até aqui para nos espionar.

— Todavia - rebateu Tecla com firmeza -, este não é o nosso caso: não somos espiãs! Por Jesus Cristo, deixamos tudo para trás! Paulo e Barnabé poderão dar testemunho de mim, e, por minha vez, dou-lhes testemunho de Acácia. Como vocês, já estive presa e fui jogada aos leões, que apenas não me devoraram por intercessão das bênçãos do Senhor...

João, aproximando-se, trouxe um pouco mais de docilidade ao diálogo, que Tiago, por sua exasperação, estava tornando desagradável para as duas visitantes.

— Minhas irmãs, venham comigo-convidou-as, tomando a Tecla pela mão, qual se ela lhe fora conhecida de longa data. — Quero lhes mostrar todas as nossas dependências... Simão precisa descansar para o culto da noite. Irei ciceronear a vocês duas! Venham!...

— Acompanhem a João - disse Simão a Tecla, esboçando um sorriso. — Não se preocupem com Tiago, pois precisamos dele assim como ele é... Afinal, nestes tempos difíceis, não podemos ser apenas coração, e Tiago, com seu zelo, foi encarregado pelo Senhor de vigiar por nós.

Porém, se Tiago, filho de Alfeu, às voltas com questões de natureza teológica, sempre se conflitava com Paulo e outros, quando se tratava de Simão Pedro, seu respeito era enorme e, de hábito, ele não lhe contestava a autoridade.

Sendo conduzidas por João mais para o interior da 'Casa', Tecla se impressionava com a situação dos enfermos, principalmente das mulheres e das crianças.

— Infelizmente - explicou João com voz pesada - todos os dias, somos obrigados a sepultar alguém...

O número dos internados mais graves subia, facilmente, a mais de cinquenta, e faltavam braços para o serviço de enfermagem a todos eles.

— Não dispomos de medicamentos para todos eles - prosseguia o Apóstolo. — Contudo, duas vezes por dia, pensamos-lhes as feridas e oferecemos-lhes água, sobre a qual oramos, pedindo ao Senhor que se compadeça de suas dores! O mesmo costumamos fazer lá fora com a multidão que você pôde ver. Ah! - lamentou-se João -, quando o tempo está chuvoso, como sofrem os nossos irmãos e irmãs que não têm onde se abrigar de maneira conveniente!... Nossa "Casa" não comporta mais ninguém! Simão e eu já cedemos os nossos leitos e, para dormirmos, nos ajeitamos em qualquer canto...

— Vejo, então, - disse Tecla -, que não poderemos nos hospedar com vocês... Vim a Jerusalém para saber mais a respeito de Jesus Cristo! Infelizmente, não tive o privilégio que vocês tiveram...

— Irmãzinha, não se trata de privilégio - respondeu João, com ternura -, mas, sim, de imensa responsabilidade - responsabilidade que, por vezes, nos esmaga o coração. Por causa disso, muitas vezes, eu tenho surpreendido Simão a chorar... Aliás, todos nós choramos - o próprio Tiago, por mais procure disfarçar as lágrimas, muito tem chorado, sentindo a incapacidade de corresponder às expectativas que o Senhor depositou em nós. Ah, como somos miseráveis!... O Senhor se foi tão cedo! Afinal, que poderemos fazer...?

João não completou a frase, porque Tecla, tomando-lhe as mãos entre as suas, lhe falou:

— Já está sendo feito! Vocês não possuem ideia do que o trabalho que vêm desenvolvendo nesta "Casa" representa... Daqui, deste pequeno ponto em Jerusalém, tem partido a luz, que, intensificando-se a cada dia, resplandece em todas as direções e continuará a resplandecer, a cada vez com maior intensidade.

Então, entrou a narrar os feitos de Paulo e Barnabé, que, por onde passavam, estavam deixando a funcionar novos núcleos do Cristianismo - Chipre, Antioquia, Icônio, Listra, Derbe...

— Incontáveis são os que têm aderido à Mensagem Cristã! Esta "Casa" tem que resistir quanto puder!...

— Vocês duas - comentou João - poderão, sim, permanecer conosco pelo tempo que desejarem. Tenho certeza de que Simão não irá se opor, e pertence a ele a palavra final. E, claro, precisamos considerar que vocês não têm para onde ir! Carecemos de quem, junto aos doentes, nos auxilie no serviço de enfermagem. Filipe e as duas filhas são companheiros valiosos, todavia, em sonho, o Senhor apareceu a ele, e o chamou a pregar a Boa Nova em terras distantes. Com certeza, breve, Filipe partirá. Bartolomeu, igualmente, vem sendo inspirado a fazer com que a Mensagem chegue a outros povos...

Fez rápida pausa e contou:

— Após a crucificação, um tanto desalentados, estávamos os onze reunidos, quando a presença do Senhor se manifestou entre nós e nos falou: *"Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado. Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados!"*

— Esta aparição se deu logo após a crucificação?! - interrogou Tecla.

— Sim, porque estávamos tristes, não acreditando nas notícias que nos haviam chegado, dando conta de sua ressurreição... Então, Ele nos repreendeu pela nossa incredulidade e pela dureza de nossos corações! Alguns de nós tínhamos duvidado de Maria Madalena, que, no terceiro dia do triste episódio do Calvário, logo pela manhã, se dirigira ao túmulo onde o corpo do Mestre havia sido encerrado.

E emendou:

— Irmãzinha, como nós somos frágeis! Convivemos com Ele durante três anos, testemunhando as maiores maravilhas que ao homem, em toda a Terra, jamais havia sido dado presenciar, e, na hora do testemunho da fé, falhamos clamorosamente... Se todas as *"coisas que Jesus fez fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos"*!

— Por favor, João-solicitou Tecla-, conte-nos mais! Fale-nos mais a respeito Dele! A minha sede Dele é insaciável!...

— Não agora - respondeu o Apóstolo. — Vocês também precisam alimentar-se de algo... Reparei que, desde quando chegaram, vocês nada comeram! Devem estar cansadas e famintas. Venham comer alguma coisa e, depois, procurem se ajeitar em algum canto... Desculpem-nos não termos acomodações adequadas para oferecermos a vocês duas! Descansem, pois, um pouco mais tarde, Simão nos irá dirigir a palavra.

Assim dizendo, João conduziu Tecla à cozinha da "Casa" e pediu que duas senhoras a prosseguirem na lida servissem dois pratos de sopa, com algumas fatias de pão às duas novas hóspedes.

— Nada sobrou, João! - respondeu uma delas. — A não ser uma sopa rala, que, com certeza, mal dará para encher diminuta tigela...

— Para nós duas - aparteou-a Tecla -, será mais que suficiente, porque a verdade é que, desde que aqui chegamos, estamos sendo regamente alimentadas, não é, Acácia?!

— Sim - respondeu a companheira. — Eu nunca participei de tão lauto banquete!...

As duas dividiram a pequena tigela de sopa que havia sobrado dos latões, comeram uma fatia de pão e, exaustas da viagem, com o corpo alquebrado pela sua intensa atividade espiritual, recostaram-se ali mesmo, rente à cozinha, e adormeceram.

Não demorou a que a valorosa cristã se visse novamente fora do corpo, em notável faculdade de desdobramento que lhe era frequente. Outra vez, viu-se em verdejante campina, repleta de flores miúdas, percebendo que, ao seu encontro, como que emergindo de um túnel iluminado, caminhava Abigail, o espírito que a protegia.

— Tecla, minha irmã - disse-lhe a irmã de Estêvão -, aproveite para se fortalecer, porque, doravante, maiores lutas a esperam... A fim de que venha a florescer e produzir frutos sazonados, a sementeira do Evangelho há de ser regada com as lágrimas vertidas nos testemunhos inevitáveis. Somente a partir de nossas dores suportadas com resignação é que o mundo acreditará no incomensurável amor de Jesus! Nada tema, porque reafirmamos que sempre estaremos ao seu lado, encorajando-a nas provações.

Como se lhe fosse uma visão recorrente, Tecla olhou para o lado, e, novamente, viu que um jovem extremamente belo, caminhando à frente de um grupo de espíritos recém-

-libertos da carne, os liderava em sua chegada às Dimensões além da Crosta.

Todos eles, à exceção de qualquer, estavam assinalados por múltiplas cicatrizes, que, em seus corpos, eram os sinais que lhes conferiam livre acesso àquelas Paragens. Todavia, entre eles, não havia quem mais resplandecesse senão aquele jovem, cuja luz chegava a ofuscar a luz que se desprendia do corpo espiritual de Abigail.

— Aquele - apontou Abigail, com um sorriso de felicidade - é o meu irmão Jeziel, chamado Estêvão! Foi ele o primeiro a tombar por amor ao Evangelho do Cristo!...

Aquele *gladiador* diferente, que, nas arenas do mundo, caíra em defesa da fé, exibia em seu peito desnudo, e em sua frente, estrelas de vários tamanhos, cada uma delas correspondendo às pedradas que recebera em sua própria lapidação.

Pela vez primeira, Tecla notou que, embora sem se aproximar, Estêvão sorriu para ela; então, ela pôde sentir que o mártir não lhe era de todo desconhecido...

Foi num transporte de alegria, de semblante quase iluminado, que a jovem despertou com Acácia ao seu lado, sempre a velar pela sua tranquilidade.

— Descansou, minha menina?! - perguntou, alisando-lhe os cabelos castanho-claros. - Pelo jeito, você teve um sonho bom...

— Sim - respondeu - e quisera eu que fosse muito mais que um sonho!

Não puderam dar continuidade à conversa, porque, naquele instante, Simão Pedro, como sempre fazia, dava início à

sua pregação, da qual, por vezes, ainda que às ocultas, alguns anônimos benfeitores da "Casa" vinham participar.

— *Irmãos e irmãs, que a paz do Senhor esteja conosco* - iniciou o Apóstolo, com a voz carregada de emoção. — *Eu também neguei a Jesus... Por este motivo, compreendo aqueles que ainda não puderam aceitá-Lo na condição de Messias! Se eu que, durante três anos, estava sempre a seu lado, presenciando-lhe os feitos extraordinários e sua sabedoria incontestável, o neguei, não posso esperar que aqueles que sequer o conheceram acreditem que Ele seja quem foi e para sempre será!*

*Ele me havia advertido, dizendo: "Simão! Simão! eis que Satanás te reclamou para te peneirar como trigo. Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quanto te converteres, fortalece teus irmãos!" O Senhor conhecia as minhas fraquezas e sabia que, em essência, eu ainda não me havia convertido... Estava sempre com Ele e me sentia disposto a lutar e morrer por Ele, mas, no momento crucial, eu o neguei!...*

*Cheguei a lhe dizer: "Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão como para a morte". Conhecendo-me, porém, melhor do que eu mesmo pudesse ou possa me conhecer, Ele me respondeu: "Afirmando-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que me conheces, antes que o galo cante!"*

*"Antes que o galo cante!" - frisou o Apóstolo, com triste entonação. — Vocês sabem o significado destas palavras?! Não acreditem que o cantar do galo tenha denunciado minhas fragilidades pessoais... Não, absolutamente. Se assim fosse, o galo jamais haveria de fechar o bico, porque tenho consciência de que as minhas fraquezas, em relação ao que o Senhor espera de mim, ainda persistem quase as mesmas. O*

que Ele, recorrendo à imagem do cantar do galo, quis dizer é que eu, cedo, o trairia, como, de fato, cedo, o traí...

Mal Ele havia sido preso e introduzido na casa do sumo sacerdote, uma simples criada, me reconhecendo, disse a outros: "Este também estava com ele"! Sem pestanejar- e isto é o que mais me dói no coração! - eu lhe respondi: "Mulher, não o conheço"! Sendo seu amigo, neguei conhecê-Lo! Por três vezes, eu neguei que O conhecia!...

Digo-lhes, no entanto, que, depois da negação, tal remorso se instalou dentro de mim, que, hoje, no dizer de Paulo, a minha fraqueza tem sido a minha força... O arrependimento que me possuiu o espírito e com o qual, todos os dias, eu sou obrigado a conviver, é que me tem servido de alerta para que, outra vez, eu não venha a ser traído pelas próprias fragilidades.

Ontem, eu apenas dizia que estava disposto a morrer por Ele, mas, hoje, eu sei que quero morrer por Ele e, de certa maneira, anseio por isto! Porque, para mim, a vida sem Jesus Cristo deixou de fazer o menor sentido!...

Promoveu pequeno intervalo e continuou:

— Irmãos e irmãs, a proposta do Senhor é revolucionária... Sua Mensagem tem se espalhado, como o vento que carrega o perfume das flores para longas distâncias! Nada a deterá!... Ele dizia que tinha vindo trazer fogo à Terra e que tinha pressa de que esse fogo se alastrasse. Pois bem! O fogo simbólico, que é o clarão da Verdade, está se alastrando com maior rapidez que as chamas se alastram no campo ressequido... Temo, no entanto, que a oposição física que agora enfrentamos não seja nosso maior adversário na difusão da Mensagem Cristã - a morte, em defesa da fé que abraçamos, não é nosso maior inimigo, mesmo porque o Senhor, com sua ressurreição, nos provou que a morte não existe!...

## A Mulher e o Evangelho

Quando Simão terminou sua alocução, como era de praxe, ele franqueou a palavra a outro companheiro que desejasse discorrer sobre a mensagem da Boa Nova. Além dele, comumente a tribuna da "Casa do Caminho" era ocupada por João ou por Tiago, como outrora havia sido ocupada por Estêvão.

Como, naquela oportunidade, ninguém se manifestasse, Tecla, que, maravilhada, acompanhara a inspirada palavra do Apóstolo de Cafarnaum ao lado de Acácia e de João, tomada pelo espírito de Abigail, que a envolvia, experimentou incontido desejo de levantar-se e dar ali o seu testemunho.

Ao perceber que a cristã de Icônio, ante o silêncio da plateia, se preparava para fazer uso da palavra, Tiago tocou com discrição o braço de Simão, sussurrando algo ao seu ouvido.

Olhando firmemente para o companheiro, como a re-preendê-lo, Simão, com um gesto, aprovou a intenção de Tecla, a qual, perante a expectativa de todos, começou a falar:

— *Meus irmãos e irmãs, em primeiro lugar, peço que me perdoem a ousadia de dirigir-lhes a palavra, após termos escutado a preleção de Simão, que, ao mesmo tempo, nos emocionou e fez refletir.*

*Sei que, em nossa antiga cultura religiosa, não é hábito franquear a palavra a uma mulher... No entanto, gostaria de recordar a vocês, que, até onde sei, o Cristo veio ao mundo para quebrar paradigmas e, justamente, em várias ocasiões, por tomar a defesa da mulher publicamente, Ele também acirrou o ódio dos escribas e dos fariseus contra Si mesmo.*

Simão Pedro, discretamente, tornou a olhar para Tiago, o qual, de semblante contrariado, parecia não querer ouvir o que a pretendente a expositora dizia.

— *Todavia, aqui não estou para lançar desafios a quem seja nem para contrariar a autoridade moral dos que, todos os dias, arriscando a própria vida, permanecem à frente das atividades desta "Casa", que, de súbito, aprendi a amar e reverenciar.*

*Reconheço que, sem dúvida, a minha palavra deveria ser aqui a última a ser ouvida, mas não posso resistir à força que me impulsiona para falar a vocês de minha conversão.*

E, procurando ser breve, narrou o que lhe aconteceu ao ouvir a pregação de Paulo, em Icônio.

— *Desde criança, eu vivi na expectativa de encontrar um real sentido para a minha própria vida, porque a verdade é que a crença em nossos deuses não mais satisfazia os anseios de meu espírito - tampouco o que nossos Profetas nos ensi-*

*naram não mais logravam pacificar-me interiormente, de vez que, em meu coração, persistia um grande vazio existencial! Confesso a vocês que somente no pensamento de Sócrates, grande sábio grego, eu ainda conseguia encontrar algum conforto de ordem espiritual. Sócrates, à semelhança do Mestre Nazareno, também terminou por encontrar a morte sumária, justamente por discordar das doutrinas sofísticas dos que se autointitulavam sábios, os vendilhões que ele igualmente expulsara do templo...*

*O Cristo, no entanto, é o maior dentre todos os Profetas e dentre os mestres de todas as filosofias que pude estudar - porque sua Mensagem não é dirigida tão-somente ao pensamento, mas também ao coração!*

*Ele, o Senhor de nossas vidas, nos ensinou que todos somos irmãos - judeus e gentios, gregos e romanos - e que Deus não nos distingue uns dos outros sequer pela nossa condição sexual, de sermos homens ou mulheres!*

Neste trecho da pregação de Tecla, foi a custo que Simão conseguiu manter Tiago acomodado a seu lado, porque, a cada palavra da recém-conversa, ele parecia perturbar-se.

*— Deus, que é Deus de toda a Natureza, não poderia ser menos Pai das mulheres que dos homens!...*

Então, passou a dirigir-se especialmente às mulheres, que, mesmo na comunidade dos cristãos primitivos, permaneciam em condição subalterna.

*— Não somos chamadas a testemunhar o amor a Jesus Cristo apenas para morrerem nos circos de martírio! Temos, sim, outro papel a cumprirmos neste mundo, semelhante ao que aos homens está destinado. Precisamos, pois, compenetrar-nos de nossas responsabilidades e, quanto possível, ir além de nossas atribuições femininas!*

*Carecemos de organizar-nos e, ao lado de nossos irmãos, ir à luta para que o Reino de Deus sobre a Terra seja realidade! Eu não me casei nem pretendo casar-me. Não desejo ter a vida de subserviência que teve minha pobre mãe! Ao contrário do que se apregoa, não fomos criadas apenas para perpetuarmos a espécie... Na mulher que revela vocação, a maternidade, sem dúvida, é sublime missão, mas nem toda mulher foi criada para entregar a castidade ao homem.*

Agora, através de sua palavra, Tecla dava ênfase ao que, praticamente, a vida inteira, ela haveria de defender, ou seja: o recato sexual das mulheres, as quais deveriam procurar em Jesus Cristo o transcendente amor de suas vidas! Ela foi a primeira a pregar que a mulher deveria manter-se intocada, doando-se de corpo e alma ao Senhor-sob sua inspiração, e de outras notáveis mulheres do Evangelho, é que começariam a surgir as comunidades das Irmãs de Caridade, que se consagrariam à Enfermagem e à Educação.

Tecla, verdade seja dita, a vida inteira, mesmo quando mais idosa, lutaria para manter-se intocada do ponto de vista sexual, porque muitos homens, passando a considerá-la uma ameaça a sua hegemonia no campo social da Vida, chegariam a pagar a outros homens para que a desonrassem, o que, felizmente, nunca haveriam de conseguir!

Devido ao adiantado da hora, Tecla sentiu que precisava encerrar, mesmo porque não desejava que sua palavra continuasse a ser tomada por Tiago e por demais que ali, porventura, pensassem como ele, como uma afronta, pois, fosse como fosse, aqueles eram tempos extremamente difíceis para as mulheres.

— *Quanto aos gregos - encerrava a eloquente oradora - as mulheres sempre tiveram posição mais eminente entre os homens que no Judaísmo - o mesmo, inclusive, pode-se*

*dizer em relação à sociedade dos romanos! Os egípcios, que, durante séculos, nos escravizaram, chegaram a ter uma ilustrada mulher como faraó - Hatshepsut!*

*O Cristo, evidentemente, a fim de ainda mais não agredir nossos costumes, não poderia ter dado à mulher maior posição de destaque, mas todos devem saber que, em momento algum, Ele deixou de prestigiá-la, sendo que, de minha parte, começo a temer em torno dos registros que se farão deste fato histórico.*

E Tecla tinha razão, porque os Evangelistas, sob a forte influência reinante do Judaísmo, praticamente haveriam de omitir a atuação da mulher no Evangelho, à qual destinariam, quando muito, papel de simples coadjuvante... Conforme dissemos, Eusébio de Cesareia, em sua obra, registrando os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã, em relação a Tecla, por exemplo, a ela fazia menção uma única vez, como se o movimento pertencesse exclusivamente aos homens!

Quando a corajosa jovem terminou de falar, Tiago, levantando-se, dela se aproximou e disse com rude franqueza:

— Você exagerou! Seu discurso, para mim, chega quase a ser um convite à rebeldia, à sedição...

— Perdoe-me! Não tive essa intenção-defendeu-se ela.  
— Contudo, pude observar, aqui dentro e lá fora, várias mães misérrimas com os filhos, a mendigarem por eles um pedaço de pão... Poucas mulheres, no entanto, estavam acompanhadas pelos maridos! Onde será que eles estão?!...

Ante a resposta obtida, Tiago, sem mais nada acrescentar, retirou-se, sumamente contrariado.

— Tecla, minha filha - ponderou Simão -, eu compreendo sua posição e não posso deixar de lhe dar parcela de

razão... Acredito, no entanto, que você, por causa dela, enfrentará o ódio encarniçado de muita gente!...

— Posso entender esse ódio nos judeus ortodoxos, mas não consigo entendê-lo nos cristãos! - redarguiu com firmeza. — O Cristo não discriminava...

— Não! - tornou Simão sem vacilar. — Jamais! O Senhor não discriminava... Certa vez, chegando a pensar que viera somente para nós, os pobres e oprimidos, o recriminamos por Ele ter-se convidado a comer na casa de Zaqueu, que, além da riqueza, considerávamos homem de má vida... Ele nos respondeu que o amor que coloca limites a si mesmo não é verdadeiro amor! Sentimo-nos envergonhados e não tivemos alternativa a não ser acompanhá-Lo!.

Entrementes, João se aproxima e, como se, permanentemente, trouxesse o coração à flor dos lábios, lhe falou:

— A sua palavra, minha irmãzinha, foi a palavra pela qual eu ansiava ouvir... No momento da Cruz, sinceramente, não sei onde pude encontrar forças para lá estar - eu não pude deixar de amparar nossa Mãe - Maria de Nazaré! Foi ela que me levou ao Gólgota e não eu que a conduzisse! Porque, digo-lhe, eu também estava apavorado... Contudo, naquela hora crucial, apenas quatro mulheres ousaram desafiar o perigo: Maria, Sua Mãe; a irmã dela; Maria, mulher de Cleopas; e Maria Madalena!...

— É verdade - confirmou Pedro, entristecido. — Naquele justo momento, eu O estava negando...

— Ele, antes de expirar - prosseguiu João -, vendo que a Mãe, desfeita em lágrimas, se apoiava em meu braço, disse-nos: "*Mulher, eis aí teu filho. Filho, eis aí tua mãe!*"! E, desde aquela hora, senti que deveria tomar nossa Mãe sobre meus cuidados diretos.

— Então, ela reside aqui, com você?! - inquiriu Tecla com o coração aos saltos.

— Ela não está aqui conosco - esclareceu o discípulo amado. — Seria extremamente perigoso, porque, de maneira constante, estamos na mira do Sinédrio, e já correu notícia de que o Sinédrio, igualmente, cogitou de pedir a condenação dela à morte por apedrejamento.

— Sob que alegação?! - interrogou a jovem.

— De que o ventre que gerou a um embusteiro pode gerar outros mais! Por este motivo, sob os meus cuidados, ela permanece em local isolado, fora de Jerusalém!...

— Ah, como eu gostaria de conhecê-la! - exclamou Tecla. — Ajoelhar-me diante dela, beijar os seus pés e pedir que me abençoe!...

— Talvez - observou João -, você ainda tenha esta oportunidade - de conhecer a ela e a meu filho!...

— Você tem um filho?! - perguntou a interlocutora com admiração. — É casado?!...

— Não, não sou casado - respondeu o Apóstolo, apressando-se a esclarecer-, sou apenas pai! Ele se chama Inácio e é natural de Antioquia! Certa vez, o Senhor o tomou em seu colo... Estávamos preocupados com várias crianças que brincavam nas proximidades e com os ruídos que faziam enquanto Ele nos ensinava. Então, Inácio, que ainda não tinha dez de idade, ludibriando nossa vigilância, aproximou-se Dele. Tentamos afastá-lo, mas, ao perceber nossa intenção, o Senhor, chamando-o para perto de si, nos repreendeu dizendo: *"Digo-vos, em verdade, que, se não vos converterdes e tornardes quais crianças, não entrareis no Reino dos Céus. — Aquele, portanto, que se humilhar e se tornar pequeno como esta*

*criança será o maior no Reino dos Céus e aquele que recebe em meu nome a uma criança, tal como acabo de dizer, é a mim mesmo que recebe"!*

João, após silenciar por momentos, prosseguiu:

— Inácio é uma criança órfã e portadora de pequeno defeito na perna, que o faz mancar... Os outros meninos, principalmente os maiores, por vezes, troçavam dele, chamando-o de "coxo"! Então, tomando para mim as palavras que o Mestre nos dissera, eu o adotei... Agora, ele é um belo rapaz e, em sua convivência com nossa Mãe, muito tem aprendido sobre a vida de Jesus!...

— Simão! Simão! - chamou uma senhora de semblante aflito, interrompendo o diálogo entre Tecla e os dois Apóstolos. — Por caridade! Meu marido está agonizando!... Venha à minha casa! Residimos numa ruela próxima, mas eu não tenho forças para trazê-lo aqui! Somos apenas nós dois... Por caridade! Em nome do Senhor, eu lhe peço! Ele está morrendo!...

— Minha irmã - tentou argumentar o Apóstolo, que, naquela hora, ainda tinha muito trabalho pela frente. A multidão lá fora, outra vez, precisava ser alimentada, e muitos dos presentes à sua preleção desejavam que ele os ouvisse em particular.

— Simão! - disse-lhe João, com imenso respeito. — Vá com ela!... Entre todos nós, o dom de curar, Simão, está principalmente com você! Vá com ela! Afinal, não é assim que o Senhor agiria?! Ele nunca se negou a ninguém...

À evocação do nome do Cristo, enchendo os olhos de lágrimas, Simão solicitou que lhe consentissem ausentar-se do serviço da "Casa" por alguns minutos, sendo que, então, Tecla, com grande humildade, pediu permissão para que o

Apóstolo Ihe consentisse acompanhá-lo no atendimento ao agonizante.

Levando Acácia consigo, que sequer por um instante a deixava, Tecla e Pedro, guiados pela aflita senhora, dobraram esquinas abaixo, chegando a uma casa extremamente pobre, localizada não muito distante dali.

De fato, aquele homem idoso tremia de febre e tinha os olhos esgazeados, como se estivesse a fitar um espectro que o apavorasse. Agitava-se em seu grabato e pronunciava palavras desconexas.

— Há dias que ele se encontra assim e nada come! - explicou a esposa. — Já tentei todos os paliativos e dei todo o dinheiro que tínhamos por uma beberagem inútil que me ofereceram.

Aproximando-se do doente, Simão, sem articular palavra, orou em silêncio por instantes, impondo-lhe a destra sobre a fronte suarenta. Bastou este gesto para que, ganhando força descomunal, aquele homem começasse a se contorcer no leito, sem, no entanto, conseguir levantar-se, como se força invisível o contivesse em seus ímpetos de violência.

— Ele está possesso, subjugado, minha irmã! - esclareceu o ex-Pescador de Cafarnaum.

Convém esclarecer que, àquela época, tanto quanto hoje, era muito grande o número de obsidiados, que viviam em estreita simbiose psíquica com as entidades que os molestavam - mormente naqueles dias, que, de acordo com o que dissemos anteriormente, ante a presença do Cristo, os espíritos se mostravam em grande agitação nos Dois Lados da Vida, sem que se possa saber com precisão quantos, estando nas Trevas, ansiavam pela sua Luz e quantos desejavam fazê-la eclipsar-se!

— Quem é você, meu irmão?! - perguntou Simão, planejando estender o benefício àquela entidade sofredora que, ao ouvi-lo assim questionar, soltou irônica gargalhada.

— Eu?! Ah - ah - ah! Para que a pergunta, se você já me conhece?! Eu faço parte da "Legião"! Lembra-se?! Seu Mestre nos expulsou de um corpo, mas temos muitos outros a nossa disposição... Vencemos! Ele foi pregado na cruz!...

Desafios como este, na vida dos Apóstolos, lançados a eles pelo Mundo Espiritual Inferior, eram constantes, porque os considerados endemoninhados chegavam a ser em maior número que os enfermos propriamente ditos. Os fenômenos mediúnicos de natureza física, provocados por tais espíritos, eram de causar espanto, quase se sucedendo com a mesma naturalidade do que aquele que, no dia de Pentecoste, havia se generalizado. Os próprios animais, com frequência, eram surrados pelas entidades, que, inclusive, não hesitavam em vampirizá-los, sugando-lhes a energia vital de que os seus densos corpos espirituais careciam nutrir-se.

— Ninguém jamais poderia vencê-lo! - retrucou Pedro sem titubeios. — Aparentemente derrotado, vocês apenas concorreram para transformá-Lo no Herói da Cruz! Suas palavras estão sendo disseminadas pelo vento... As próprias crianças já o reverenciam na condição de Messias Prometido! Portanto, meu irmão, inútil tentar medir forças com o Filho de Deus! E é em nome Dele, o Cristo, que eu ordeno que você deixe para sempre este pobre homem...

— Se ainda não vencemos, haveremos de vender caro nossa derrota! - blasfemou o espírito, a contorcer-se. — Muitos de vocês morrerão!... Este mundo nos pertence! Ele nos veio incomodar...

E, esbravejando, repetiu o que Evangelista Marcos, no

capítulo 5, versículo 7, de suas anotações, anotou das palavras do possesso de Gadara, que *"andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras": "Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes"!...*

— Como pode conjurar-me em nome de Deus, se em Deus você não acredita?! Que incoerência é essa, a de sua palavra, que, embora reconhecendo em Jesus o Filho do Deus Altíssimo, a Ele continua resistindo?! - tornou Simão, ante o espírito que, ao sair, deixou o homem como que completamente desfalecido.

Tecla estava impressionada, porque, uma vez mais, compreendia a extensão da luta que o Cristianismo estava sendo chamado a travar para que a Humanidade, um dia, viesse a libertar-se dos grilhões das Trevas. Referindo-se à luta, foi que Paulo, ao escrever aos Efésios, grafou no capítulo 6, versículo 12: *".. porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do Mal, nas regiões celestes"!...*

Dizendo à pobre senhora que faria chegar até a sua casa pequeno farnel de alimentos, recomendou que, todos os dias, ao lado do esposo, ela orasse, suplicando a intercessão do Senhor, porque, afinal, aquele espírito ou ainda outro com maior poder que ele, poderia voltar a atormentá-los.

## Novas Lutas

**E**nquanto retornavam à "Casa do Caminho", Tecla, ansiosa por maiores conhecimentos, perguntou ao Apostolo, o qual, na noite penumbrosa, caminhava, pensando na extensão das dificuldades:

— Simão - perdoe-me interromper suas reflexões -, mas, diante do que agora vi e mesmo do que presenciei em Icônio, na presença de Paulo e Barnabé, por que disse que aquele *demônio* - que os manuscritos gregos por mim estudados dizem ser a alma dos próprios homens - poderia voltar a perturbar o pobre casal ou vir mesmo outro com maior poder que o primeiro?!...

— Foi o que nos ensinou o Senhor - respondeu o líder espiritual da comunidade dos cristãos. — Certa ocasião, após se defrontar com uma entidade semelhante à com que, ainda há pouco, nos defrontamos - certa entidade que assediava uma das mulheres a viverem do comércio de seu próprio

corpo - Ele nos disse que, *"quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, procurando repouso, porém não encontra. Por isso diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada. Então vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa"...*

— Cada vez mais admiro e amo a Jesus Cristo! - exclamou Tecla. — Quanta sabedoria! Vejo que, para Ele, o intercâmbio entre os *vivos* e os *mortos* não tinha segredos...

— Se, para Ele, até os nossos corações não tinham segredos, minha filha! - replicou o Apóstolo. — Nada havia que o Senhor não pudesse saber; no entanto, ao conversar conosco, compreendendo nossas limitações, mesmo a nós, não raro, Ele falava por parábolas - em muitas ocasiões, tivemos de pedir que o Mestre nos explicasse o sentido de suas palavras! Não havíamos entendido, por exemplo, a Parábola do Joio do Campo...

— Ele deixou entrever que esta geração, a que chamou "perversa", estava possuída por vários espíritos...

— Infelizmente, é verdade - concordou Pedro. — De longe, tive oportunidade de assistir ao seu julgamento... A multidão, quando pediu que, em vez Dele, fosse concedida liberdade a Barrabás, estava sob o domínio dos representantes das Trevas, que, praticamente, através dos lábios de homens e mulheres de todas as idades, gritavam em delírio coletivo: — Soltem-nos Barrabás! Barrabás! Barrabás!...

O antigo pescador efetuou pequeno intervalo e prosseguiu, sem que lhe passasse despercebido que quatro homens estranhos os seguiam de perto:

— Os judeus, em geral, não aceitam esta realidade, pois não admitem que, deixando o corpo, os espíritos dos homens continuem convivendo conosco, mantendo-nos debaixo de sua influência salutar ou nociva.

Mal terminara de pronunciar as últimas palavras, um dos homens que os seguiam ordenou aos demais:

— Morte a este seguidor do Carpinteiro! Morte a este feiticeiro, desrespeitador de nossas tradições religiosas!...

Abaixando-se, apanharam pedras no chão e começaram a atirá-las com força na direção de Pedro, Tecla e Acácia, que, inicialmente, se sentiram sem ação, mesmo porque uma das maiores pedras atiradas alcançara a Tecla de cheio no peito, fazendo com que ela fosse ao chão. Temendo pelo pior, enquanto Acácia socorria sua benfeitora, Simão ofereceu o próprio corpo de anteparo às duas, sendo, igualmente, atingido no rosto, que logo se tingiu de sangue, por um dos pontiagudos calhaus que lhes eram lançados com fúria.

Contudo, por estarem próximos à "Casa do Caminho", os gritos de Acácia foram ouvidos e, quase de imediato, as pessoas carentes que sempre estavam nas proximidades, vieram ver o que estava acontecendo. Quando perceberam que Simão sangrava e que Tecla jazia estirada ao chão, os mendigos, igualmente, apanharam pedras e, em número maior, começaram a revidar o ataque desfechado contra seu protetor.

Os quatro homens, não esperando pela reação do povo, desistiram do ataque e fugiram dentro da noite, gritando improperios.

Tecla, com o auxílio dos assistidos pela benemérita Instituição, foi carregada, inconsciente, para dentro e colocada sobre um leito, enquanto, junto com Acácia, algumas senhoras, ficando a sós com ela, passaram a examinar a gravidade da fe-

rida. Uma costela fora partida e o tecido do tórax, macerado, começara a ficar arroxeadado. A pancada fora tão forte, que, por pouco, não lhe teria causado a morte, já que a pedra a atingira à altura do coração.

Durante quase três dias, Tecla permaneceria inconsciente, mergulhada em profundo estado febril-letárgico, que passara a preocupar a todos. Um médico, mandado chamar por Simão, apresentou-se e, após examinar a jovem detidamente, concluiu que, para se recuperar, ela necessitaria de muitas semanas acamada.

— Houve um afundamento no tórax - disse. — Uma costela partiu-se, e vamos precisar enfaixá-la. Sei que vocês são cristãos e têm muita fé no seu Mestre... Orem, pois, para que a ferida não seja contaminada por uma infecção.

Ao preparar-se para sair, Simão, chamando-o em particular, perguntou quanto lhe devia pela consulta à jovem mártir. Falando de modo a que somente o Apóstolo pudesse escutar, o médico respondeu:

— Absolutamente nada! Eu também - confessou - tenho simpatia pela doutrina do Carpinteiro... Estou cansado da hipocrisia dos homens do Sinédrio! Todavia, minha esposa, que é mãe de meus três filhos, é irmã de um dos sacerdotes do Templo... Preciso e devo conservar-me calado. Pelo que tenho ouvido constantemente, em conversas de minha esposa com o irmão dela, a vida de vocês corre perigo. Seria interessante que pensassem em sair o mais rápido possível de Jerusalém!

— Não podemos - respondeu Simão, admirando o gesto de simpatia do médico. — Já falhamos com o Senhor outras vezes... Agradeço pelo alerta, estamos conscientes do perigo que, todos os dias, corremos, mas não podemos...

— Se voltarem a precisar de mim - retrucou o médico, cobrindo as feições com um capuz - mande me avisar com a máxima discrição; de preferência, à noite, quando costumo sair para ver alguns doentes mais graves, passarei por aqui...

— Que o Senhor o abençoe! - despediu-se o Apóstolo do médico que passara a contar como amigo.

Durante a noite, Acácia e João se revezaram ao lado de Tecla, que teve sono agitado. O médico recomendara que, nas primeiras horas, além de um pouco d'água, evitassem dar-lhe qualquer alimento, porque, talvez, isto viesse a provocar-lhe vômitos.

Além do que já havia sofrido em Antioquia, na prisão e, depois, no anfiteatro, àquela cicatriz no tórax, ao longo de sua existência a serviço da Causa do Senhor, viriam se somar outras cicatrizes, de modo que, quando, por fim, deixasse a Terra, o corpo de Tecla estaria repleto de marcas dos futuros martírios que lhe seriam impostos. Todavia, aquele pequeno afundamento no tórax, em consequência da pedrada recebida, seria o que mais a incomodaria com constantes dores. Tempos depois, aos amigos mais chegados ela diria:

— Não tive méritos para morrer na Cruz como o Senhor, mas, pelo menos, as suas marcas não me foram negadas, e isto, para mim, é um consolo!...

Depois de quase três dias inconsciente, começou a acordar e, então, ainda sem maior noção de si mesma, perguntou a Acácia onde é que elas estavam, porque seu enfraquecimento físico era notório.

— Estamos na casa de Simão Pedro, em Jerusalém! - respondeu a companheira que passara a dela cuidar com carinho de mãe. — Lembra-se?!...

— Ah, sim! - sussurrou, porque o ato de falar lhe provocava grande desconforto. — Imaginei que não mais estivesse neste mundo... Certamente, o Senhor ainda não me julgou digna de dar a vida por Ele!...

O pequeno esforço provoca-lhe uma crise de tosse, o que lhe deu a sensação de que trazia agudo punhal cravado no peito.

— Tecla, não se esforce muito! O médico nos disse que sua recuperação será lenta...

Entrementes, João se aproxima, impõe a mão sobre o tórax da paciente, o que, de imediato, lhe proporciona pequeno alívio, fazendo com que a tosse cessasse.

— Onde está Simão?! - perguntou ela. — Recordo-me de que ele se colocara como escudo entre nós e os agressores... Ele também foi ferido?!...

— Que nada! - exclamou o ex-Pescador de Cafarnaum, que se aproximara. — Apenas fui atingido de leve no rosto, o que me rendeu esta diminuta cicatriz - apontou para a própria face que havia sido atingida - e gracejou. — Deixarei crescer um pouco mais a minha barba. — Pronto!, ninguém a perceberá! O Senhor recomendou-nos que a mão direita não visse o que a outra fizesse... Tomando tal providência, assim uma cicatriz não saberá da existência da outra!...

João sorriu, porque os Apóstolos não somente viviam a chorar, pois tinham eles, igualmente, seus momentos de descontração, próprios da natureza humana. O Senhor, certa vez, fazendo-os sorrir, chegara a comparar Herodes a uma raposa... A caminho de Jerusalém, estava Ele a pregar, quando fora interceptado por alguns fariseus que lhe disseram: "*Retira-te e vai-te daqui, porque Herodes quer matar-te*". Ao que o Se-

nhor respondeu: *"Ide dizer a essa raposa que hoje e amanhã expulso demônios e curo enfermos e no terceiro dia terminarei!"*.

Tecla que, igualmente, se havia esforçado para sorrir, em seguida, quis saber como as atividades da "Casa" estavam caminhando.

— Não se preocupe, minha filha! Está tudo bem... Amanhã, no entanto, João, Tiago e eu teremos que, outra vez, comparecer a fim de darmos explicações no Sinédrio. É a terceira vez que somos convocados. A primeira deu-se pouco tempo depois da partida do Senhor. Incomodados com que o aconteceu na festa de Pentecoste, eles queriam nos condenar à morte. Ficamos devendo às nossas vidas a Gamaliel, que nos defendeu!...

— Gamaliel, o preceptor de Paulo?! - inquiriu a jovem.

— Ele mesmo! O respeito que o Sinédrio sempre teve por esse notável Mestre da Lei sempre foi muito grande... Com habilidade, ele nos tomou a defesa e evitou que fôssemos presos e mortos! Felizmente, fomos somente espancados, o que, a bem dizer, nos suscitou grande alegria, porque, afinal, o Senhor nos considerou dignos de sofrer afrontas por Ele!...

— Vejamos o que eles haverão querer de nós desta vez! - exclamou João.

— Já fui informado a respeito do assunto, João - explicou-se Pedro. — Eles estão nos culpando pela situação, segundo pensam, insalubre, com tantos pobres à nossa porta... Acusam-nos de culpados pelo aumento do número de ratos na cidade e, conseqüentemente, das doenças que estão se espalhando. Já nos acusaram de tudo... Agora, estão queren-

do nos culpar pela iminência de uma peste, que sequer ainda deu qualquer sinal de existência. Alguns mais exaltados estão querendo a demolição de nossa "Casa"...

— Quê?! - inquiriu Tecla com visível preocupação.

— Acalme-se - recomendou Simão. — Temos argumentos que eles não poderão contestar, porque, se deixarmos de alimentar os pobres que nos procuram, com certeza, a violência nas ruas irá aumentar consideravelmente e ninguém estará seguro. Hoje, praticamente, a metade de Jerusalém está passando fome... Após a Crucificação do Senhor, sobreveio um período de grande seca, e as ovelhas chegaram a morrer nos campos, e nenhuma semente medrava. Aliás, esta fome havia sido prevista por Ágabo, que, envolvido pelo Espírito, alertou-nos a partir de Antioquia.

Assim dizendo, antes de saírem, Simão e João recomendaram que Acácia continuasse a desvelar-se pela enferma, que, sentindo a gravidade da situação, se afligia por se erguer da cama.

— Acácia, eu estou com fome - disse ela.

— Que bom sinal! - exclamou a benfeitora. — Providenciarei um caldo quente para você! Todavia, não tenha pressa em se levantar... O médico disse que a consolidação da fratura será lenta. Precisamos evitar uma recaída...

Pedro e João, desta vez sem Tiago, rumaram para o Sinédrio. Contudo, quando os mendigos souberam que eles estavam correndo o risco de ser presos e, novamente, espancados, deliberaram segui-los a certa distância. Pelas ruas centrais da cidade, que levavam ao Sinédrio, viu-se então aquela estranha procissão de aleijados que caminhavam com o auxílio de muletas, outros que eram levados em pequenos carri-

nhos-de-mão, mães em companhia de seus filhos pequenos, idosos maltrapilhos que, desnutridos, deixavam os ossos praticamente à mostra... Seriam eles, os miseráveis, os advogados dos dois Apóstolos. Na ocasião, Gamaliel já havia renunciado às suas atribuições no Tribunal dos Judeus e, portanto, não mais poderia interceder por eles, como fizera anteriormente.

Invocando a proteção do Cristo, Simão e João, assim que chegaram à porta central do Sinédrio foram revistados por soldados sem o menor escrúpulo, empurrados para dentro e recebidos pela hostilidade dos olhares de quase setenta juízes.

Balon, um saduceu, havia, à época, sucedido a Caifás, que, acometido por estranha perturbação, tivera que ser afastado de suas funções, inclusive pelas visões de moedas de fogo que, constantemente, lhe queimavam as mãos.

Caifás e o sogro Anás, que presidiram o julgamento de Jesus, condenando-o à morte, tiveram morte trágica. Caifás enlouqueceu, e Anás, enquanto dormia, fora picado por uma serpente venenosa.

Balon, ainda mais inclemente que os dois juízes predecessores, ao ver-se diante de Simão e João, não contendo sua grande ira, levantou-se da cadeira e foi, ele mesmo, esbofeteados repetidas vezes no rosto, intrigado com o fato de tanto um quanto o outro, ao serem espancados numa das faces, lhe oferecerem a outra...

— De joelhos! - gritou após. — De joelhos!...

Tomando uma toalha, pôs-se a enxugar o sangue que, com os seus bofetes, arrancara à boca dos dois Apóstolos, os quais nenhuma palavra disseram.

— Vocês têm ideia do que estão fazendo?! Quando nos

libertarão desta loucura?! Temos sido objeto de maior escárnio da parte dos romanos, que nos acusam de não podermos lidar com nossos próprios problemas... Vou condená-los à degola! Não são vocês os cabeças das sandices do Carpinteiro, morto entre ladrões?!...

Neste instante, porém, um dos guardiões do Sinédrio, pedindo permissão, aproxima-se, anunciando que, lá fora, concentrava-se significativa multidão de mendigos, que exigiam a libertação de Simão e João.

Balon, então, foi à loucura. Disse improperios, rasgou as vestes, completamente transtornado. Num átimo, tirou da cintura uma afiada adaga e correu em direção dos Apóstolos, que, naquele momento, esperavam ser imolados ali mesmo.

Contudo, dois dos juízes mais velhos do Tribunal, Acabe e Noaz, o interceptam com rigor.

— Não faça isto, Balon! Jerusalém não suportaria mais dois mártires... Teremos uma revolta sem precedentes, e, com certeza, nenhum de nós sairá daqui vivo. Cerca de quinhentas pessoas estão lá fora!...

Possuído pelos espíritos que o influenciavam, Balon, aos poucos, foi-se controlando nas atitudes, sem, contudo, lograr pacificar-se interiormente. Doente e obeso, a respiração começou a lhe faltar e tombou ali mesmo, vitimado pela cólera de que se deixara possuir.

Houve, então, tumulto dentro do Tribunal, com a maioria interpretando o fato como poderosa maldição da parte dos Apóstolos, que se conservavam imóveis. Muitos dos juízes, temendo que algo semelhante lhes sucedesse, saíram pelas portas dos fundos, enquanto Acabe e Noaz, os mais sensatos, liberaram a Simão e João, que, quando saíram, foram saudados com efusão por aqueles "filhos do Calvário".

Dois dos mendigos, porém, começaram a incitar a multidão, dizendo que o Sinédrio deveria ser invadido, porque lá dentro existia muito ouro!...

— Não! - disse Pedro, erguendo a mão. — *"Quem com ferro fere, com ferro será ferido"* - repetiu as célebres palavras que o Senhor lhe dissera, quando, impensadamente, no intuito de evitar que Ele fosse preso, desembainhara a espada e ferira a orelha do soldado Malco. — *"Misericórdia quero e não holocaustos!"* - repetiu as palavras do Senhor, que, ao dizê-las, se reportara a Oséias. — Voltemos para casa - ordenou.

Um dos mendigos, no entanto, espírito ocioso e com tendências de inflamar a multidão, resistindo à ordem de Simão, ainda tentou influenciar pequeno grupo rebelde.

— Aproveitemos a oportunidade! - insistia. — O Sinédrio está repleto de ouro, conseguido à custa de nossa miséria... Vamos invadi-lo!...

— Espírito! - bradou Simão com a mesma autoridade com que lidara com Ananias e Safira, que haviam mentido para o Espírito Santo. — Em nome de Deus, não conspire contra Jesus Cristo!...

No mesmo instante, o agitador, acometido por uma síncope, desfalece, fazendo que o grupo prestes a se rebelar se dispersasse. Seguidos, então, pela multidão dos verdadeiros carentes, os dois Apóstolos, ainda com os lábios sangrando, retornam à "Casa do Caminho", aos prenúncios de maiores dores.

## Tecla e Maria *de* Nazaré

**F**oi por essa época que Simão Pedro, embora não dispondo de muito tempo para escrever, começou a registrar alguns apontamentos, que, mais tarde, haveriam de se transformar em Epístola endereçada a todos os cristãos. Infelizmente, o que dela se conhece no "Novo Testamento" representa ínfima parte de seus registros.

Exatamente nesse dia, após ter sido, pela terceira vez, chamado ao Sinédrio para explicações, recebendo pública humilhação da parte do Sumo-Sacerdote Balon, é que, com muitas lágrimas nos olhos, ele redigiu o que consta de sua formosa Carta, no capítulo 2, versículos 18 a 25: *"Servos, sede submissos, com todo o temor, aos vossos senhores, não somente aos bons e cordatos, mas também aos perversos; porque isto é grato, que alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente, por motivo de sua consciência para com Deus. Pois, que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso,*

*o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também o Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca, pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente, carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas fostes sarados. Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo das vossas almas"*

As notícias que, de toda parte, chegavam a Jerusalém, davam conta de que os cristãos sofriam as mais terríveis perseguições e que, em Roma, depois de presos, eles já começavam a ser oferecidos nos circos em espetáculos sangrentos! Com tudo isso, no entanto, o interesse pelo Cristianismo aumentava prodigiosamente, porque a verdade é que os cristãos encarnados não estavam empenhando-se sozinhos nessa luta - através de diversos medianeiros, as Profecias, ou seja, as comunicações do Mundo Espiritual para a Terra continuavam a verter-se de maneira ininterrupta, e os fenômenos de cura, que tanto intrigavam os judeus e falavam da autenticidade da Boa Nova, se multiplicavam, bem assim, de maneira assustadora, os templos pagãos e as sinagogas perdiam frequentadores.

Depois de várias semanas, Tecla se mostrava quase inteiramente recuperada. A fratura da costela se consolidara, mas lhe deixara pequena saliência à altura do coração, que, troçando consigo, ela passara a chamar de "meu espinho", dizendo: "*Não é só Paulo que traz um espinho na carne... Eu também trago um, e bem visível!*".

Com a perseguição aumentando, as doações à "Casa do Caminho" haviam diminuído sensivelmente e já não era mais possível socorrer a tão grande multidão de necessitados. Com isso, o grupo de pessoas ali sempre presente se havia reduzido à metade, mas, mesmo assim, os carentes continuavam sendo em número superior ao que os Apóstolos pudessem cuidar, sendo que, nesta fase, eles tiveram de passar a se alimentar uma única vez ao dia. Paulo, Barnabé e outros prosseguiram enviando recursos às obras assistenciais mantidas em Jerusalém; não fosse por isso, talvez o trabalho não pudesse sustentar-se. Pedro, com o intuito de angariar recursos, havia pensado em voltar à pesca, mas, em sonho, o Senhor lhe aparecera, ordenando-lhe que não arredasse pé da obra. — *"Pedro - falara-lhe - você se recorda de que, em Cafarnaum, com o intuito de efetuarmos o pagamento das duas dracmas, eu lhe disse que fosse ao mar, lançasse o anzol, e, do primeiro peixe que fisesse, lhe tirasse da boca um estáter?!..."* Como Simão poderia ter-se esquecido do que se arrependera por ter considerado um delírio de seu inolvidável Mestre?! Porque, em realidade, obedecera ele ao Senhor, como se, uma vez mais, simplesmente, desejasse colocar à prova o seu poder... E, novamente, amargara terrível arrependimento, feito criança ingênua que não sabe o que dizer diante do que não pode compreender.

Tiago, em que pese a sua postura um tanto rígida, dando, por vezes, a impressão de sua frieza de espírito, havia disposto de todos os seus mantos e sandálias e chegara a vender a própria manta com que se cobria do frio, inteiramente feita com lã de ovelhas, a fim de conseguir dinheiro para que o serviço de assistência aos pobres não se interrompesse. Não foi sem lágrimas nos olhos, que Simão recebera a pequena quantia que Tiago lhe passará às mãos, depositando-lhe fraterno ósculo no rosto. Não poderia ser outra a postura daquele que, mais tarde, escreveria em sua Epístola: *"Assim também a*

*fé, se não tiver obras, por si só estará morta".* Durante muito tempo, o referido Apóstolo, embora, não raro, altercasse com Pedro e Paulo, de quem chegou a discordar frontalmente em seu propósito de anunciar o Evangelho aos gentios, contemporizou relações entre o Sinédrio e a "Casa do Caminho", na inútil tentativa de fazer com que o Judaísmo se aproximasse do Cristianismo e, se possível, se fundissem em uma só crença, como, aliás, desejava!... Sua postura política, ao longo da História, haveria de lhe render injustas incompreensões, porque a verdade é que Tiago jamais deixou ser fiel a Jesus!

Na companhia de Acácia e de um jovem por nome Ananias, Tecla, por recomendação de Simão, partiu na direção do Hebron, cidade que ficava localizada cerca de 32 milhas de Jerusalém. No trajeto, ela teria condições de conhecer a Belém de Judá, a pequena localidade em que o Senhor viera ao mundo.

Além do desejo de estar com Maria de Nazaré, que lá se encontrava hospedada e protegida na casa de uma tia de João, Tecla aproveitaria para, longe dos conflitos de Jerusalém - conflitos que eram de todos os dias -, restabelecer-se por completo.

A distância entre Jerusalém e Belém não era mais que 7 milhas, contudo, o esforço foi o suficiente para que Tecla, viajando por aquelas estradas irregulares, sentisse muitas dores.

Quando chegaram àquele inesquecível burgo da Judeia, com discrição - porque os inimigos estavam em toda parte -, procuraram saber de um menino se ele conhecia a gruta em que o chamado "Rei dos Judeus" havia nascido. O garoto, demasiado esperto para seus doze anos, olhando de um lado para outro, respondeu que sim e se ofereceu para guiá-los até lá, recomendando, no entanto, que Tecla e Acácia descessem

de suas montarias e, para dar a impressão de que apenas procuravam dar descanso às mulas, as conduzissem pelas rédeas.

— Existem espiões por aqui - informou o pequeno guia.  
— E, depois, esta caverna tem sido considerada maldita por muitos judeus, que, com frequência, estão em Jerusalém. Diversas vezes, eles têm vindo até aqui, e, sem coragem de se aproximarem, lançam pedras sobre ela e proferem esconjuras...

Uma emoção diferente tomou conta de Tecla, que, caminhando com certa dificuldade, porque, a cada passo, a vértebra mal-consolidada lhe doía enormemente, chorava baixinho, repetindo: — "O berço de meu Senhor! Foi aqui que o meu Salvador veio ao mundo!..." E, instintivamente, recordou-se das palavras de Miqueias, um dos últimos Profetas, que, com exatidão, havia previsto o lugar do nascimento do Messias: *"E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar entre milhares de Judá, de ti me sairá aquele que há de reinar em Israel e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade!"*

À entrada da caverna, numa tarde fria e pardacenta, Tecla ajoelhou-se e, levando as mãos ao rosto, chorou convulsivamente, dando livre curso às lágrimas que trazia represadas no coração. Acácia e Ananias, igualmente, caíram de joelhos, enquanto uma chuva despencava, fazendo os três se esconderem na caverna, que, por sua singular conformação, desde muito também era utilizada por estrebaria.

O garoto havia se despedido e corrido de volta para casa, mas os três viajantes, cujo destino era Hebron, não tiveram alternativa senão decidirem-se por pernoitar ali mesmo, seguindo viagem no outro dia, antes que o Sol raiasse.

Acomodada sobre as palhas que se estendiam no chão,

Tecla, após singela refeição trazida, não teve dificuldade em adormecer, experimentando indizível paz. Sua noite foi povoada de sonhos bons, sentindo-se flutuar fora do corpo, como quem volitasse sobre aqueles sítios que o Senhor abençoara com sua presença.

De madrugada, a chuva havia parado e, no outro dia, antes que o Sol despontasse no horizonte, colorindo o firmamento com riscas douradas, a contrastarem com um lindo azul, os três amigos retomaram a viagem empreendida. Somente aí, quando deixaram a abençoada gruta que albergara o Senhor na noite em que ele viera ao mundo, é que Tecla percebeu que não mais sentia nenhuma dor no peito!

— Vejam! - exclamou para Acácia e Ananias. — As minhas dores desapareceram por completo! Fui curada pelo meu Mestre! Eu não estou sentindo mais desconforto algum!...

E, sorrindo, acrescentou:

— Ele somente me deixou o "espinho", mas extraiu dele todo o veneno! Louvado seja meu Senhor e Mestre!...

Tecla estava radiante, e, de fato, seu semblante, ao se despojar daquele estado de melancolia, parecia estar envolto numa aura de luz. O resto do percurso até Hebron, embora levando todo o dia, foi feito de uma só vez, sem que a Mártir de Icônio voltasse a experimentar o mais leve sintoma de dor.

Hebron havia sido uma cidade diversas vezes invadida por inimigos, que, então, a saqueavam e a deixavam semidestruída. A tia de João, em cuja casa Maria de Nazaré se hospedava, não morava propriamente na cidade, mas a menos de 3 milhas dela, no sopé de um monte. Com certeza, ali seria um dos últimos lugares onde a Mãe de Jesus seria procurada. Antes que, com João e o aconselhamento de Pedro, ela tives-

se tomado a decisão de procurar asilo, chegaram a pensar na casa de Marta e Maria, irmãs de Lázaro, em Betânia, ou mesmo em Nazaré, mas as notícias envolvendo estas duas cidades não eram nada animadoras.

Mesmo da parte dos adversários do Cristo, havia enorme respeito em torno da venerável figura de Maria, todavia, de maneira concomitante, tramava-se contra sua vida, acreditando-se que, ao lado de Simão, ela se tornara um dos símbolos do Cristianismo, o qual, a qualquer custo, precisava desaparecer.

Em que pesem as orientações fornecidas por João a Ananias, não foi sem dificuldade que o trio conseguiu chegar até a uma singela construção que, localizada entre as casas espalhadas da cidade, servia de abrigo para a Senhora, que, somente mais tarde, em companhia de João, se transferiria para Éfeso, cidade da Jônia, na Ásia Menor, atualmente em ruínas.

Recebidos à porta com natural desconfiança, Ananias se apresentou a Sara, tia de João, e a seu esposo, Joel.

— Estamos vindo de Jerusalém e da parte de João, de quem trouxemos uma carta.

A aparência inofensiva dos três tranquilizou a Sara e Joel, que, então, recebendo-lhes o documento, passaram a ler o que nele estava escrito. Em rápidas palavras, o autor fazia a apresentação de Tecla, Acácia e Ananias, na condição de seus amigos e fiéis adeptos do "Caminho".

— Contudo - disse-lhe Joel, temendo que a referida carta de apresentação, por exemplo, pudesse ter sido furtada de seu verdadeiro portador -, falta-nos o sinal...

Ananias que, na plenitude de sua juventude, pratica-

mente fizera todo o percurso a pé, tomou de um graveto que encontrou no chão e esboçou, com duas ondulações, o desenho de um peixe na areia... Este era o sinal através do qual os cristãos se identificavam entre si - na condição de "pescadores de homens", conforme o Cristo havia convidado a Pedro a seu apostolado, quando o encontrara às margens do Lago de Genesaré: *"Não temas: doravante, serás pescador de homens!"*

Somente assim é que, em Sara e Joel, os sorrisos se abriram e, com fraternidade, Tecla e Acácia foram convidadas a apelar de suas montarias, adentrando o recinto daquele lar, no interior do qual foram encontrar Maria de Nazaré, a cujos pés, num incontido impulso de veneração, Tecla se prostrou, dizendo: — Minha Mãe!...

— Levante-se, minha filha! - solicitou Maria com doçura, estendendo-lhe as mãos e apontando um banquinho próximo para que ela se acomodasse.

A Mãe do Senhor e Mestre, de cabelos precocemente encanecidos, na singeleza com que se trajava, era como se fosse um anjo do Céu que se demorava materializado na Terra! Dir-se-ia que dos verdadeiros anjos que haviam acompanhado a Jesus em sua descida ao Orbe, sendo de todos eles o maior, era ela um dos poucos remanescentes! Não obstante, a fim de que não encontrasse o mesmo destino do Filho Amado, deixando, assim, os cristãos completamente órfãos da tutela encarnada de um ser angelical, desde o dia fatídico do Calvário, precisou viver escondida...

— Sentem-se aqui comigo! - pediu com um sorriso de bondade. — Joel e Sara servirão a vocês um chá de romã... Vocês devem estar cansados da viagem, não?!

— Minha Senhora - explicou-se Tecla, com reverên-

cia - viemos de Jerusalém para vê-la! Já que não pude conhecer meu Salvador, desejava, pelo menos, conhecer aquela que lhe possibilitou a vinda a este mundo...

— Ah!, vieram de tão longe para conhecer alguém tão comum quanto sou?! - perguntou com graça e modéstia. — Em mim, nada há de especial. Procurei tão-somente cumprir com meu papel de mãe... Todavia, somente agora, reconheço que jamais estive à altura Dele, o Filho de Deus, de quem, afinal, somos todos irmãos!...

Enquanto os três saboreavam o agradável chá de romã que lhes era servido com pão, Maria continuou:

— Em verdade, eu e José nunca pudemos entendê-Lo, pois, desde muito pequeno, Ele se revelou completamente diferente. Preferia viver isolado, na contemplação da Natureza. Por vezes, altas horas da noite, íamos encontrá-lo observando o céu estrelado da Judeia - então, apontando para cima, diziamos: — *A casa de meu Pai!*... Era comum que o surpreendêssemos conversando com os animais! Os pássaros, praticamente, vinham pousar na palma de suas mãos... José, naturalmente, se preocupava, porque, afinal, imaginava que Ele sofresse de algum distúrbio mental.

E prosseguia em sua sublime evocação:

— Antes dos dez de idade, quis trabalhar com o pai na carpintaria e, verdade seja dita, revelou-se muito mais hábil que José. Eu não sei quem ensinava a quem! - sorriu. — Com Ele, a nossa casa era o reduto da felicidade... Certa vez, vimos que algumas sementes de trigo que Ele apanhara no chão começaram, como por encanto, a germinar na sua mão!... Era comum que visitasse as crianças doentes, filhos de nossos vizinhos, e lhes impusesse as mãos sobre a fronte, curando-as. Com doze anos de idade, fomos encontrá-Lo no Templo, expli-

cando algumas passagens das Escrituras a Doutores da Lei... Temeroso, José o repreendeu, porque percebemos que, se muitos deles lhe admiraram a vivacidade, outros não gostaram que um menino lhes falasse a respeito do que não conseguiam compreender. Ele, então nos respondeu: *"Não sabeis que, desde cedo, me cumpria estar na casa de meu Pai?"*. Quando estava para completar treze anos, Ele nos chamou e, conversando conosco como um adulto, nos comunicou que iria permanecer na comunidade dos essênios, mas que sempre poderíamos nos ver. Ele nos falava de tal modo, que não ousávamos contestá-Lo, mesmo porque eu e José sabíamos que Ele havia vindo ao mundo da parte de Deus. Depois que o meu Filho nasceu, chegamos, confesso, a duvidar da visão do anjo que nos apareceu, prevendo a sua chegada... Mas, talvez - disse-lhes a Senhora -, eu os esteja cansando com as minhas narrativas... A questão é que, hoje em dia, é de tais reminiscências que eu me alimento. Desde que José e Ele deixaram este mundo, nada mais me restou que uma imensa saudade!...

— Não! Não! - exclamou Tecla. — Por favor, continue! A não ser que a estejamos aborrecendo!

— Absolutamente! - prosseguiu a Senhora. — Como eu lhes ia dizendo, creio até que para proteger-nos, Ele preferiu ir morar com os essênios, na mesma comunidade à qual seu primo, João Batista, pertencia. Quase todas as noites, eles se reuniam e, então, Jesus lhes transmitia diversos ensinamentos, como se estivesse a prepará-los para importante missão futura entre os homens.

— A Senhora podia vê-Lo com frequência?!

— Ah, sim! - respondeu. — Quando menos esperávamos, Ele aparecia em nossa casa, sendo que, para os essênios, durante todo o tempo em que lá permaneceu, Ele não

tenha se ausentado da comunidade sequer um dia... Durante os quase dezoito anos em que com eles estive, numa das comunidades de Qumram, nas cercanias do Mar Morto, nós nos víamos com bastante frequência. Durante a enfermidade de José, meu esposo, que adoecera em consequência de uma queda, Ele, praticamente, esteve todo o tempo conosco - quase dois meses! Um dia, observando o sofrimento de José, perguntei ao Filho o motivo de ele, que possuía o dom de curar, não curar o próprio pai. Respondeu-me: — Mãe, esta é *a hora de meu pai da Terra, e não devo interferir na vontade de meu Pai do Céu! Nem que eu quisesse, como queria muito, nada poderia fazer!...*

Houve pequeno intervalo; Maria de Nazaré enxugou discretas lágrimas e continuou:

— Quando meu Filho começou seu Ministério, compreendi que, se José estivesse entre nós, possivelmente, ele haveria de encontrar a morte de maneira violenta, porque, vendo a Jesus tão perseguido, não conseguiria conter-se em seus zelos de pai. Não raro, para defender nosso Filho, José se indispunha com os vizinhos, os quais, como se estivessem possessos, sem qualquer motivo, implicavam com Ele! *Algo* que não sei definir nunca deixou de perseguir a Jesus, desde quando Ele nasceu; por isso, tivemos que empreender fuga para o Egito...

## Diálogo Inesquecível

**N**aquela humilde casa situada num dos vales do Hebron, Tecla e Maria de Nazaré prosseguiam dialogando, com a Mártir de Icônio colhendo preciosas informações a respeito da vida do Divino Mestre - informações que, depois, ela mesma haveria de registrar, o que, talvez, pudesse vir a se transformar no único Evangelho escrito por uma mulher. Não obstante, as palavras escritas por Tecla, muito semelhantes às anotadas por Lucas, não lograriam chegar aos dias atuais, tantos foram os impedimentos que, por sua condição de mulher, ela enfrentou da parte dos próprios seguidores do Cristo, que, logo após sua morte, trataram de incinerá-las. A verdade, porém, é que o Evangelho de Tecla chegou a esboçar-se e, em raras cópias, circulou entre alguns que se lhe fizeram admiradores.

— As perseguições contra o meu Filho - continuou a Senhora - sempre foram muito acirradas, e, durante todo o tempo em que Ele esteve no cumprimento de sua missão, não

conheceu trégua em um só dia... Desde as Bodas de Caná da Galileia, quando transformou água em vinho, seus inimigos se mostraram, e, então, na condição de mãe, sempre vivi temendo pela sua vida, chegando mesmo a ser um milagre o fato de Ele ter sobrevivido durante os três anos em que se dedicou à pregação da Boa Nova. Agora mesmo - explicou -, por orientação do Anjo, estarei de partida para a Bataneaia, porque, em Jerusalém, já suspeitam que eu esteja aqui, no Hebron. Dias atrás, enquanto orávamos, Sara caiu em transe, e, então, da parte de meu Filho, Gabriel, o mesmo que me anunciou seu Nascimento, solicitou que ultimássemos preparativos para deixarmos este lugar, que, para mim, não é mais tão seguro.

— Teriam eles, Senhora, a coragem de prendê-la?! - perguntou Tecla com pesar.

— Como não?! A intenção é a de se apagarem todos os vestígios que possam recordar a presença de meu Filho!... Lázaro, o irmão de Marta e Maria, que, um dia, esteve praticamente morto e foi ressuscitado por Ele, não se há de ver que foi também, sob a alegação de que compactuava com as suas mistificações para enganar o povo, assassinado por ordem do Sinédrio! Numa noite, quando voltava a Betânia - ele havia ido a Jericó -, segundo testemunhas, foi surpreendido por dois homens que o apunhalaram...

— Ouvi contar sobre Lázaro - observou tristemente a jovem.

— Nossas famílias eram muito amigas. José, meu esposo, efetuava serviços de carpintaria para Natanael, pai de Lázaro e de suas irmãs. Tínhamos estreito contato, e, quando trabalhava com José, em diversas ocasiões, Jesus esteve com eles em Betânia, nascendo assim uma grande amizade entre os quatro. Em muitas ocasiões, em suas andanças na pregação do Evangelho, meu Filho se hospedava com eles, para cuja

casa costumava acorrer grande número de pessoas para ouvi-lo pregar.

— Lázaro, então, foi assassinado?! - lamentou-se Tecla, observando a extensão do ódio que, um dia, sob a ação das Trevas, os homens haviam votado ao Cristo, ao ponto de tentar eliminar de sobre a face da Terra tudo quanto pudesse recordar sua divina passagem entre nós.

— Não apenas Lázaro foi assassinado! - prosseguiu a Senhora. — Um pobre parálítico, que vivia a mendigar nos arredores do tanque de Betesda e que, por ele mesmo, não conseguia lançar-se em suas águas, que adquiriam propriedades curativas, quando um anjo as agitava, também foi morto de maneira impiedosa!

— Mas por quê?!

— Unicamente porque, apiedando-se dele, que ficara parálítico ainda muito jovem, estando de passagem por Jerusalém, Jesus o curou num dia de sábado - Ele apenas perguntou se o parálítico queria ser curado e, ante a resposta afirmativa, ordenou-lhe: "*Levanta-te, toma teu leito e anda!*" Ora, aquele homem sofria com a paralisia havia trinta e oito anos... Ao ser curado, ele passou a ser um atestado vivo do poder que emanava das palavras de meu Filho! E, por ironia, mataram-no e lançaram seu corpo nas águas do tanque de Betesda!...

A noite avançava, com a Senhora dando sinais de cansaço, precisando repousar; por este motivo, a discreto aceno de Sara, Tecla se absteve de outras indagações.

— Antes que eu me recolha, minha filha - fez questão de concluir Maria de Nazaré -, deixe-me, em rápidas palavras, contar a você o que aconteceu em Caná, quando, praticamente, meu Filho deu início ao ministério que Deus lhe confiou.

Como que a evocar saudosas reminiscências, silenciou por instantes e narrou:

— Estávamos num casamento de parentes, em Caná da Galileia, cidade próxima de Nazaré. À época, os primeiros discípulos já estavam em sua companhia - Simão e André, João e Tiago, Filipe e Bartolomeu... A mãe da noiva, que era minha prima, veio me dizer que o vinho da festa havia acabado, porque o número de convidados havia excedido o esperado. Ela estava muito triste e chegou a me dizer que aquilo era um mau agouro, em relação à felicidade do casal. Comentei o fato com Jesus, que, olhando-me fixamente nos olhos, me falou: "*Mãe, que posso fazer em relação a isso? Ainda não é chegada a minha hora...*" Ele, no entanto, que nunca me negara absolutamente nada, logo em seguida, pediu ao esposo de minha prima que enchesse seis talhas de pedra com água... Ele apenas olhou para a água de que as talhas passaram a transbordar. Não disse nenhuma palavra que nos fosse audível e, tampouco, fez qualquer gesto que revelasse sua intenção. Simplesmente, ordenou que fosse retirado um pouco d'água numa caneca e levada ao mestre-sala, o qual, ao prová-la, passando a elogiar o noivo, afirmou de público que nunca havia provado vinho tão bom!...

— Diante do fenômeno da transubstanciação da água em vinho, não houve tumulto?! - indagou Tecla com espontaneidade.

— Não, porque, isso se deu reservadamente, somente na minha presença e na de seus discípulos, além, claro, da presença de meus primos e dos servos da casa, que ficaram sem entender o ocorrido... E, depois, quando a água que havia se transformado em vinho começou a ser servida, Ele deu-se pressa em sair e fomos para Cafarnaum.

Naquela noite, como era de se esperar, Tecla não conse-

guiu conciliar o sono. Acácia, que se acomodara a seu lado em esteira estendida no chão, cansada da viagem, adormecera logo, mas ela, pensando em tudo o que ouvira dos próprios lábios da Senhora, tinha a noite povoada de visões que se alternavam - visões da glória do Cristo e, por outro lado, do grande sofrimento reservado a seus seguidores.

Somente quase amanhecendo é que, vencida pelo cansaço, a jovem adormeceu e, então, pôde ver a si mesma sendo escorraçada pelos inimigos do Evangelho. Via-se padecendo sob açoites, sendo apedrejada, tendo o corpo retalhado por espinhos numa fuga e, sobretudo, via-se perseguida por homens inescrupulosos que pretendiam dela abusar.

Foi Acácia que, preocupada com seus gemidos, a despertou de leve, trazendo-a de volta do pesadelo, que, praticamente em todos os lances, haveria de confirmar-se para ela. Por incrível que pareça, desonrar Tecla, que, no Cristianismo, permaneceria como símbolo da mulher intocada, com o propósito de consagrar-se de corpo e alma, inteiramente, ao Senhor, passaria a ser um desafio para os inimigos da Mensagem Cristã.

Quando ela se levantou, enxugando o suor que lhe escorria no rosto, Sara já havia preparado o jejum da manhã. Ananias fora ajudar a Joel no campo, e Maria de Nazaré estava trabalhando na confecção de um tapete com que pretendia presentear o casal que a hospedava no Hebron.

— Como vai, minha filha?! - perguntou a Senhora, ao notá-la de semblante um tanto abatido. — Dormiu bem?!...

— Infelizmente - disse -, a minha noite se dividiu entre bons sonhos e estranhos pesadelos...

— Os bons sonhos - respondeu a Senhora -, quase sempre, estão relacionados ao futuro, porém, não raro, os

pesadelos dizem respeito ao presente - Deus nos concede a esperança por tempero da realidade, que, sobre este mundo, costuma ser muito dura! Mas, não se preocupe - disse. — Esta noite, eu também sonhei e pude ver que você fará muito pela Causa que nos é comum!...

Tecla alegrou-se, mas procurou conter o ímpeto de saber maiores detalhes.

— Isto é tudo o que mais desejo - falou -: servir a Deus, servindo ao seu Amado Filho! Ore por mim, minha Mãe, para que não faltem as forças necessárias, pois eu me sinto tão frágil!...

— Engano seu, minha filha! Você é muito forte, porque poucas jovens teriam feito a difícil opção que você fez!

E, enquanto elas se alimentavam frugalmente, Maria pediu a Tecla que falasse um pouco de si.

— Minha história é um tanto triste - buscou sintetizar. — Se eu não tivesse confiança em Jesus, poderia dizer que Ele, praticamente, destruiu minha família, porque tudo aquilo que os homens imaginam ser felicidade, eu possuía - um lar abastado, pais zelosos, um noivo que dizia amar-me... Nunca conheci a necessidade material, pois, em nossa casa, o pão jamais faltou, e meu pai possuía muitos servos. Em Icônio, éramos respeitados por todos. De repente, no entanto, depois que pude ouvir a Paulo em pregação, creio que me fiz instrumento de dor para aqueles que me amavam...

— Não diga isso, minha filha! - exclamou a Senhora, tomando-lhe a destra entre as suas mãos abençoadas. — Poderia eu imaginar que, em meu ventre, eu tenha gerado o causador de tanto sofrimento para tanta gente, inclusive para mim, que, desde então, no mundo exterior, conheci pouquíssimos instantes de paz?! Desde que Ele nasceu, nossa aparen-

te tranquilidade se foi... Não obstante, como Ele próprio nos dizia, é pelos frutos que se conhece a árvore! O que, com certeza, muitos poderão interpretar por maldição, eu interpreto como imerecida bênção! Até hoje, aos meus ouvidos ressoam as palavras do Anjo que me anunciou o seu Nascimento: *"Salve, agraciada! O Senhor é contigo. Bendita és tu entre as mulheres."* E acrescentou: *"Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus!"*

E disse:

— Sobre este mundo, minha filha, onde o mal ainda impera, o Bem não conseguirá impor-se, sem gerar aflições para os que nele passam a acreditar! Sem que, perante o mundo, nossa vida se desarranje, não conseguiremos nos arranjar diante de Deus! O meu Filho nos dizia: *"Julgais que eu tenha vindo trazer paz à Terra? Não, eu vos afirmo; ao contrário, vim trazer a divisão; pois, doravante, se se acharem numa casa cinco pessoas, estarão elas divididas umas contra as outras: três contra duas e duas contra três. — O pai estará em divisão com o filho e o filho com o pai, a mãe com a filha e a filha com a mãe, a sogra com a nora e a nora com a sogra"*

— Compreendo - balbuciou Tecla, com lágrimas nos olhos.

— Servir a Deus - prosseguiu Maria, com infinita ternura - é muito diferente que servir aos homens, aos quais, muitas vezes, a fim de que possamos realmente auxiliá-los, precisamos desagradar. Em que pese a sua luta íntima, qual é a vida que você prefere: a de hoje ou a de ontem?!...

— Não resta dúvida que prefiro a minha vida de hoje, minha Mãe, porque, ontem, eu não passava de uma semente sufocada sob a pedra...

— Não se preocupe com seus pais, porque Deus a eles não esquecerá! Jesus dizia-nos: *"Observai os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, nada guardam em celeiros, mas vosso Pai Celestial os alimenta. Não sois muito mais do que eles?"*... Quase sempre, o auxílio espiritual de que realmente necessitamos nos chega de forma que nos é desagradável! A questão é que, de hábito, valorizamos demais esta existência, que breve passa, em detrimento do espírito imortal! Aquele que se imagina estar de pé, sem que sofra o abalo da queda, em verdade, não consegue se aprumar! Você, porventura, crê que eu ou José não tenhamos enfrentado duras oposições familiares por nosso Filho?! Muitos se afastaram de nós, e, hoje, a rigor, minha família é a família espiritual de Jesus, porque, à exceção de Sara e Joel, no Hebron, ninguém mais quis oferecer-me abrigo...

— Todavia, quanto isto nos dói no coração, não?!

— Sem dúvida, minha filha!-argumentou Maria. — Mas vejamos o caso do próprio Simão, que chegou a ser chamado de pai ingrato pelos próprios filhos! Raros os que tiveram a mesma sorte de Filipe, que, em seu idealismo, contou com a aprovação de duas filhas! Paulo, após a visão de Damasco, ao retornar, doente, a casa, foi banido pelo genitor, que o tratou como a um mendigo... O testemunho se nos torna mais doloroso, quando, em determinados lances da Vida, precisamos nos apartar daqueles que se recusam a conceder-nos liberdade de colocar o amor a Deus acima de nossos caprichos e interesses!...

As palavras ditas pela Senhora caíam como um bálsamo sobre o coração de Tecla, que, na condição de filha, não podia esquecer-se de Mésimo e Teóclia, seus genitores. Sua mãe, de saúde comprometida, não suportara os conflitos que, a partir de sua conversão ao Cristianismo, se lhe desencadearam, mas por onde andaria seu pai, que, embora a incompreensão re-

velada em relação a ela, chegando a levá-la à presença das autoridades em Icônio e Antioquia, não deixava de ser seu pai?!

— Sinto-me mais confortada ao ouvi-la, minha Mãe! - exclamou Tecla. — Não que, em um só instante, eu tenha hesitado em minhas convicções, todavia eu não esperava da parte de meus pais semelhante reação... De repente, para eles, foi como se eu nada mais passasse a significar!...

— O problema, filha, é que nossa noção de família ainda é extremamente exclusivista.

E narrou:

— Certa vez, quando meu Filho falava ao povo, eu e seus primos-irmãos estávamos do lado de fora; um de seus primos, de nome Judas, sentindo-se desprestigiado, começou a gritar que éramos sua família e que as pessoas nos deixassem entrar a fim de estarmos com Ele. Judas exaltou-se tanto, que uma das pessoas, preocupada com o tumulto que se formava, fez com que meu Filho soubesse que estávamos ali. Então, ante o silêncio que se fizera, nós próprios pudemos ouvi-lo perguntar: "*Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?*" Em seguida, apontando para os Discípulos e para o povo que, tanto do lado de dentro quanto do lado de fora, se aglomerava naquela casa, elucidou: "*Eis minha mãe meus irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai Celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe!*" Judas, evidentemente, e os outros seus primos irmãos, saíram blasfemando, dizendo que ele havia perdido o juízo, mas, em meu coração, pude compreender o sentido profundo de suas palavras, que até hoje me norteiam os sentimentos...

— Nossa família é a Humanidade! - concluiu Tecla.

— Sim - respondeu. — No entanto, observemos que Ele

nos disse *"qualquer que fizer a vontade de meu Pai Celeste"* e não a vontade Dele ou ainda de seu pai terrestre - àquela época, José não mais vivia sobre a Terra! Naquele exato momento foi que, para mim, ficou mais claro que, de fato, meu Filho não era meu Filho, mas, sim, o que todos somos: filhos de Deus e irmãos uns dos outros! Desde então, eu deixei de ser sua Mãe, para ser um de seus discípulos, entendendo que sua genealogia espiritual transcendia minha própria existência!...

— Meu pai e minha mãe?...

— São seus irmãos - são nossos irmãos! - redarguiu a Senhora, passando a destra espalmada sobre os cabelos de Tecla, para pousá-la ternamente em sua face. — Os nossos verdugos, por mais nos façam sofrer, são nossos irmãos e como tal devemos amá-los! Um dia, haverão de compreender que o mal que intentam nos fazer, eles estão fazendo a si mesmos! Foi o que disse Jesus em suas derradeiras palavras, ao expirar no Calvário: *"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"*! Poucos de nós pudemos escutá-Lo a falar assim, porque Ele já estava completamente sem forças... Dois soldados que, montando guarda, estavam mais próximos, ao ouvi-lo falar em perdão, naquelas circunstâncias, caíram de joelhos e, profundamente arrependidos, se entregaram a convulsivo pranto, arrastando-se, sobre a lama, até onde eu me encontrava, na companhia de João, e vieram me beijar as mãos... E foi assim que me vi abraçando dois dos algozes de meu próprio Filho e os abençoando!...

Profundamente comovida, a Mártir de Icônio nada conseguia falar, porque, por mais que Maria se esforçasse para parecer-lhe uma figura humana, ela não conseguia vê-la senão na condição de um anjo do Céu transfigurado em mulher sobre a Terra.

Durante algumas semanas, Tecla, Acácia e Ananias ali estiveram, sob a hospitalidade de Sara e Joel, até que, um dia, a Senhora Ihes disse que não mais convinha permanecerem no Hebron, pois, em sonho, ela havia sido alertada de que os inimigos se aproximavam.

A viagem até Bataneia seria excessivamente longa, e eles precisavam partir com certa urgência.

— Minha filha - disse Maria, ao despedir-se de Tecla com um ósculo maternal -, seja forte! Pressinto que, doravante, você será chamada a mais amargos testemunhos, mas não esmoreça!... Orarei por você!...

Foi dali que, antes de retornar a Jerusalém, Tecla, na companhia de Acácia e Ananias, tomou a decisão de voltar a Icônio, passando pela cidade de Tarso, esperando encontrar a Paulo e Barnabé. No entanto, quando da passagem dela pela cidade de Tarso, os dois companheiros já estariam a caminho de Jerusalém, preocupados com a situação dos Apóstolos que lá seguiam enfrentando imensa luta!

## Tamar, a Filha Adotiva

**P**ode-se dizer que Paulo, sem dúvida, foi o grande modelo e exemplo de Tecla, que, tanto na palavra quanto na ação, procurava imitar o Grande Converso de Damasco.

Em sua viagem de volta à cidade natal, agora já retemperada pelo sofrimento e amadurecida pela convivência que procurava manter com quem pudesse instruí-la sobre a vida do Cristo, a fiel Discípula do Evangelho, peregrinando de aldeia em aldeia, não perdia tempo na sementeira. A qualquer pessoa que encontrasse no caminho, fazia questão de anunciar a Boa Nova.

Logo que saiu de Tarso, nas proximidades de Derbe, acompanhada por Acácia e Ananias, ela se deparou com um grupo de leprosos, semelhante a tantos outros que viviam a mendigar pelas estradas, cruelmente impedidos que eram de adentrar as cidades.

Ao avistá-los, impressionada com a sua condição de extrema indigência, em vez de evitá-los, como costumavam fazer os viajores, que os identificavam por chocalho ou guizo que traziam amarrado aos farrapos que vestiam, aproximou-se, apiedada de sua situação.

Um deles, imaginando que a jovem não os tivesse identificado na condição de leprosos, gritou, tomando a frente do grupo, composto por três homens, três mulheres e uma criança:

— Afaste-se de nós! Somos imundos! Afaste-se, porque fomos esquecidos pelos homens e por Deus!...

Obrigados por severa lei a se denunciarem, os doentes que assim, porventura, não procedessem, eram denunciados às autoridades judaicas, que, então, enviava soldados para matá-los por apedrejamento - o receio de contágio era tamanho, que, cumprindo a determinação, os soldados não se valiam de suas espadas, porque caso uma gota de sangue respingasse sobre um deles, este seria imediatamente banido pelos companheiros.

Sem dar ouvidos, pois, à advertência, seguida a certa distância por Acácia e Ananias, que chegaram a pedir-lhes passarem adiante, apenas deixando-lhes na estrada coberta de pó algum alimento, Tecla aproximou-se quanto nunca ninguém ousava se aproximar de um leproso. No Antigo Testamento, existe uma recomendação para que, inclusive, sobre uma pedra que um leproso tivesse sentado ninguém mais sobre ela se sentasse por cem anos - além do mais, a lepra era considerada "doença dos egípcios", aos quais os judeus haviam passado a odiar encarniçadamente.

— Se os homens os esqueceram - exclamou Tecla, apenando-se do pequeno animal que a transportava -, Deus não os esqueceu! Vocês já ouviram falar de Jesus Cristo?...

O curioso é que, estarecidos com a atitude da pregadora, os doentes, instintivamente, recuaram alguns passos, como se o contágio pudesse vir dela para eles e não deles para ela.

— Não, nunca ouvimos! - disse energicamente o homem, continuando a apelar para Tecla e os seus amigos os deixassem em paz com a sua desdita. — Você nos quer ver mortos?! Não lhe bastará o sofrimento que, dos pés à cabeça, nos assinala o corpo apodrecendo em vida?!...

E, assim dizendo, o homem se despiu da capa escura que o cobria, mostrando o corpo ainda relativamente jovem todo coberto de feridas pustulentas.

— Veja nosso estado! Afaste-se! Deixe-nos! Temos uma criança conosco... Não nos condene à morte! Se as autoridades souberem, amanhã mesmo mandarão soldados para nos apedrejarem; então, permaneceremos insepultos...

Ignorando os apelos do enfermo, Tecla, retirando da bolsa um pedaço de pão e algumas amêndoas, caminhou de mão estendida na direção da menina, que, de todo o grupo, era a menos atacada pela morféia.

— Venha, minha filha! - disse, abrindo um sorriso angelical. — Qual é o seu nome?! Não tenha medo de mim!... Não lhe farei nenhum mal! Venha! Chegue um pouco mais perto de mim - insistia com destemida ternura.

Então, soltando-se da mão de uma das senhoras, que deveria ser a mãe, a menina, estendendo a mãozinha, caminhou para ela, aceitando a dádiva do pão e das amêndoas, porque, em verdade, fazia dias que o grupo não encontrava nada para comer.

Como que magnetizada pela bondade de Tecla, a pequena não conseguia afastar-se, e, então, Tecla insistiu:

— Como você se chama?! Você é uma garota tão linda!...

— Tamar! - respondeu com timidez.

— Tamar, minha filha - falou Tecla, que, para ficar da mesma altura da menina, havia se ajoelhado no chão -, vou orar a Jesus Cristo por você! Você já ouviu falar Dele?! Sobre a Terra, nunca, desde os tempos de Abraão, houve um homem tão bom... Ela amava as crianças!...

Impressionados com a atitude de Tecla, o grupo foi se aproximando, porque aquela jovem mulher não poderia ser uma pessoa comum. Embora não ousassem maior aproximação, postaram-se atrás de Tamar, que, com uma das mãos, lhes havia estendido o alimento para que o dividissem entre si.

— Jesus, minha filha, é o Messias tão ansiosamente esperado por todos os homens... É Ele, verdadeiramente, quem nos pode sarar as feridas! Nós também somos doentes - disse. — Podemos não ter chagas em nosso corpo, mas trazemos muitas chagas na alma... A pior doença é a que nos acomete o coração!...

E, durante alguns minutos, Tecla falou do Senhor àqueles pobres leprosos que viviam percorrendo as estradas, sob as intempéries do dia e da noite, sofrendo ainda mais, fosse com o calor ou com o frio.

Encorajados pelo seu exemplo, Acácia e Ananias se aproximaram; então, tirando pães e amêndoas de suas bolsas e uma bilha d'água, deixaram a sua pequena oferta com o grupo, que, naquele dia, Jesus visitava através do virtuoso es-

pírito que tomara corpo na Terra para cooperar nos alicerces da construção do Reino Divino entre os homens!

— Tamar - falou Tecla à menina, antes de despedir-se. — Todos os dias, eu orarei a Jesus por você e pelos seus amigos... Acredite que Ele tem poder suficiente para curá-la! Você é uma garota tão linda! - repetiu. — Doravante, agora que ouviu falar no nome de Jesus, mais linda você há de ficar!...

— Como a senhora é boa! Nunca ninguém nos tratou assim! - exclamou aquela que era a mãe da pequena.

— Não, minha irmã! - respondeu. — A bondade que existe em mim não me pertence - sim a Jesus Cristo! Não se esqueçam Dele! Não se esqueçam deste Nome! Seja no corpo ou na alma, Ele representa todas nossas esperanças de cura!...

Depositando um ósculo na fronte de Tamar, a corajosa discípula do Evangelho despediu-se do grupo, porque o firmamento escurecido prometia forte tempestade e todos precisavam procurar abrigo.

— Não muito distante - informou a mãe da pequena -, há pequena gruta que, de quando em quando, utilizamos para nos proteger do Sol muito forte... Se vocês se apresarem, poderão lá chegar, antes que o temporal desabe.

— E vocês?! - indagou Tecla. — Onde vocês se esconderão?!...

— Ah, minha irmã! - respondeu a pobre enferma - somente assim é que conseguimos tomar banho e lavar as nossas vestes... Nem nós mesmos estamos a suportar o odor que vem emanando de nossos corpos e de nossas roupas!...

— Mas - argumentou a Mártir, que, a cada dia, mais se agigantaria em seu apostolado -, vocês poderão adoecer!...

Esboçando um sorriso de melancolia, a senhora respondeu:

— Mais do que já estamos, minha boa senhora?! Se adoecermos mais gravemente, a morte nos será o remédio de que andamos à procura... Não se preocupe!...

De fato, não demorou muito e forte tempestade se desencadeou, obrigando Tecla, Acácia e Ananias a passarem a noite na cripta rochosa que lhes fora indicada pela mãe de Tamar.

Acácia e Ananias, então, passaram a se comportar como quem estivesse na presença de alguém que se transfigurava, pois, após a viagem empreendida ao Hebron, depois de seu contato com Maria de Nazaré, Tecla não era mais quem eles haviam conhecido. Inexplicavelmente, seus cabelos começaram a adquirir um tom prateado e o seu semblante, embora conservando a beleza da juventude, deixava transparecer a maturidade espiritual, que, a cada ruga precocemente adquirida, ainda mais se lhe acentuaria no rosto.

Tecla, praticamente, passara a noite em oração, pedindo a Jesus que intercedesse em favor do grupo de leprosos, para o qual, por excesso de timidez de sua parte, ela não ousara qualquer tentativa de cura. Todavia a lembrança da pequena Tamar lhe apertava o coração e era principalmente pela menina de que se tomara de profunda simpatia que ela rogava a Jesus em suas preces.

— *Senhor - suplicava - todo e qualquer mérito que eu possa ter ou que, durante toda a minha vida, eu venha a ter, por caridade, peço-lhe que seja transferido para Tamar... Cure-a, Senhor, cure-a! Por conta de minhas fraquezas, não ousei impor as mãos sobre ela, e, invocando o seu Nome, pedir que ela fosse curada, pois, neste sentido, temi pelo meu*

*próprio fracasso... Em Seu nome, Senhor, eu não poderia falhar! Por minha causa, tive receio de que desacreditassem do que as minhas palavras lhes diziam a respeito de Sua bondade e de Seu amor! Perdoa-me, Senhor, perdoa-me! Todavia, que Tamar não seja punida pela minha fragilidade de fé... Em nome de Deus, cure-a, Senhor!...*

Foi assim que Tecla, a noite inteira, ante a chuva torrencial que caía lá fora, passou em oração, enquanto Acácia e Ananias, vencidos pelo cansaço, se haviam entregado a pesado sono.

Somente quando o dia começara a clarear, a tempestade se foi amainando, dando ensejo a que o Sol brilhasse no firmamento, tendo enorme arco-íris que se formou com a intenção de abraçar a Terra.

Tecla, que tanto se entregara à oração, estava um tanto abatida, com profundas olheiras decorrentes da insónia.

— Comamos alguma coisa! - disse-lhe Acácia, procurando o que lhes sobrava dentro das bolsas. — Creio que quase nada nos restou, mas estamos próximos de Derbe e lá poderemos nos reabastecer.

Assim, fizeram rápida refeição e, quando se preparavam para deixar a gruta em que se tinham abrigado, Tecla, em indizível transporte de felicidade, percebe a presença de uma menina que lhe abre um sorriso iluminado. Era Tamar que, inicialmente, ela imaginou ser um delírio de sua mente...

— Quem é?! - perguntou aos dois companheiros de viagem, realmente crendo-se vítima de alucinação.

— É aquela menina! - exclamou Ananias.

— É Tamar! - confirmou Acácia.

— Meu Deus! - tornou Tecla. Será que lhe estamos vendo a aparição?! Terá ela sucumbido sob a tempestade?!...

Contudo, toda a apreensão de Tecla se desfez quando Tamar, correndo em sua direção, se lhe atirou aos braços e, então, ela pôde constatar que sua visão não era fruto de perturbação psíquica de sua parte.

— Tamar! - exclamou com incomparável sentimento de alegria a tomar-lhe a alma toda. — É você, minha filha! Mas que houve com suas feridas?! Como você está ainda mais linda! Louvado seja Jesus Cristo! Ele a curou, minha filha! Ele a curou!...

Neste instante, sustendo a menina de sete anos em seus braços, Tecla pôde ver a mãe de Tamar, que, ao longe, lhe acenava com gratidão, como que a lhe agradecer pelo ocorrido e a lhe confiar a tutela da pequena que, evidentemente, não mais poderia continuar na companhia do grupo de leprosos.

Tamar, que Tecla passou a adotar, seria a filha que ela jamais teria, transformando-se em protetora de seus passos, quando, com o corpo desgastado pela ação do tempo e pelas muitas lutas que enfrentou, mal conseguiria caminhar. Ela e Acácia se desvelariam pela menina, que as passaria a considerar na condição de mãe e avó.

A Mártir não mais obteve notícias do grupo que encontrara na estrada para Derbe, recebendo informações não muito precisas de que, depois de não muito tempo, seus integrantes teriam sido trucidados a mando de um proprietário de terras nas redondezas, que, pela simples presença deles nas imediações, se sentia prejudicado em seus negócios.

Evidentemente, Tecla, em suas viagens na pregação do Evangelho, nem sempre poderia estar junto a Tamar, a qual, quando isso ocorria, permanecia sob os cuidados de Acácia,

mas sempre esperando o retorno de sua benfeitora ao lar, de quem recebia as mais preciosas instruções.

Tamar, a filha adotiva de Tecla, seria a noiva espiritual de Alexandre de Jesus, filho de Onesíforo. Impedidos de se unirem em matrimônio, pela consagração de ambos à Causa do Evangelho e por entenderem que, a todo instante, estavam com a sua vida em perigo, os dois, pelos laços mais puros do amor, haveriam de unir-se para a Eternidade. Cada qual passaria a ser a inspiração do outro, e, por esse motivo, quando Alexandre voltou à Terra sob a personalidade de Orígenes, porque não pretendia que a simples atração da carne o levasse a unir-se a alguém, fez voto de castidade, chegando ao extremo de causar-se mutilação!

Por isso somente aqueles que estiverem lendo essas narrativas com os olhos do espírito serão capazes de compreender sua essência espiritual, porque a história da maioria de seus personagens transcende a trajetória que eles foram chamados a cumprir na existência terrestre.

Sempre que possível, Tecla, em seus ternos diálogos com Tamar, explicaria à querida filha do coração:

— Tamar, minha filha, como você sabe, não sou eu a mãe que, no ventre, gerou o seu corpo... Sua verdadeira mãe nunca a abandonou! Jamais se permita pensar assim! Ela a amou tanto que, pela sua felicidade, foi capaz de renunciar à felicidade de tê-la consigo! Amor como o de sua mãe por você é muito difícil de encontrar-se em qualquer parte da Terra! Eu a amo profundamente, mas o amor de sua mãe por você é muito superior ao meu! Lembre-se sempre dela e seja-lhe grata!...

— Para onde foi mamãe? - inquiria a garota com vivacidade, nestas ocasiões.

Tecla, que era adepta da crença na Reencarnação, sempre respondia:

— Sua mamãe, querida, está protegendo você para além desta vida, porque Jesus Cristo, com a própria ressurreição, nos mostrou que a morte não existe! Você e sua mãe ainda estarão juntas muitas e muitas vezes!...

— Com a senhora também?!

— Comigo também! - elucidava a benfeitora.

— Porque eu nunca vou querer me separar da senhora! - dizia Tamar, enlaçando Tecla pelo pescoço e cobrindo-a de beijos afetuosos. — Eu sou a filha mais feliz do mundo, porque tenho três mães: a mamãe de verdade, a senhora e Acácia!...

— Mas não esqueça, Tamar, que existem muitas meninas e meninos, que não têm sequer uma mãe - são os completamente órfãos! Um dia, quando você puder, mesmo que não venha a ser mãe como eu não sou, que você procure ser mãe como o Senhor quis que eu fosse! Todos os filhos são filhos de todas as mães...

E a menina repetia o que já aprendera de cor:

— E todas as mamães são mamães de todos os filhos!...

— Isto mesmo - enfatizava Tecla. — Jesus se fez irmão de todos os homens e mulheres e, por nós, não hesitou em dar a Vida na Cruz!

De Derbe, passando por Listra, Tecla chegara a Icônio, procurando conservar-se no anonimato, o que, em verdade, não lhe custou grande esforço, porque, fisicamente, ninguém seria capaz de reconhecer nela a jovem de outrora, que, embora a contragosto, sempre se aprontava com esmero para sair às ruas.

Em Icônio, dirigiram-se à casa de um parente de Acácia, que, por ter-se feito também cristão, recebeu a prima e seus amigos com fraternidade. Todos se encantavam com a vivacidade de Tamar, que, em verdade, parecia ter recebido do Alto muito mais que a cura da insidiosa enfermidade.

— Como vão as coisas por aqui?! - perguntou Tecla, cuja história o primo de Acácia conhecia.

— As perseguições estão cada vez piores - esclareceu. — Soube que, na semana passada, em Antioquia, logo após o espetáculo dos gladiadores no anfiteatro, quatro cristãos foram lançados às feras. Existem espiões em toda parte; por isso, convém que procurem agir com a maior discrição, evitando, inclusive, sair às ruas.

E acentuou:

— Dizem, Tecla, que há uma ordem de prisão expedida contra você e que ainda está em vigor. O Procônsul não lhe perdoa por considerar que você o desmoralizou de público!... Ele, por vezes, é objeto de chacota da parte de seus inimigos, que falam de sua fragilidade perante você - uma simples moça! Aqui, em Icônio, duas cabeças estão a prêmio: a de Paulo e a sua! Espalharam que você deixou a Tamíride por ter-se apaixonado por Paulo...

## Estêvão

**D**eixando Tamar sob os cuidados de Acácia, passados alguns dias de descanso em Icônio, nos quais procurou agir com a maior discrição possível, Tecla, em companhia de Ananias, empreendeu viagem de volta a Jerusalém.

Copiando o exemplo de Paulo, que se fizera o maior divulgador da Boa Nova, a Mártir, por onde passava, não perdia oportunidade de espalhar a Mensagem do Evangelho, graças ao que, por seu intermédio, muitas agremiações cristãs, ditas *igrejas*, começaram a ser fundadas.

Portanto, com a finalidade de aproveitar ao máximo a sua ida a Jerusalém, Tecla deliberou cumprir diferente roteiro, o qual incluía, dentre outras, as cidades de Selinus e Perga, que se erguiam nas proximidades do Mediterrâneo. De lá, valendo-se da navegação, seguiriam até Cesareia e, desta, a Jerusalém, no interior da Judeia.

Chegando a Selinus, importante cidade portuária da época, pôde perceber a presença de pessoas provenientes de várias localidades da Ásia Menor, e, sendo assim, impulsionada pelo espírito Abigail, não perdeu tempo. Visitando o mercado da referida cidade, onde os negociantes propunham a excelência de suas mercadorias, notadamente os produtos da pesca, junto à barraca de uma jovem de nome Helena, começou a falar. De início, não logrou chamar a atenção de ninguém, pois, no mercado, era comum que, de inesperado, alguém se pusesse a efetuar propaganda verbal de seus produtos, e também que as numerosas vítimas de perturbações psicológicas dessem livre curso às suas alucinações e delírios, sendo que estes últimos, quando começavam a perturbar em excesso, eram expulsos até a bordoadas.

— *Irmãos e irmãs - pregou Tecla - aproximem-se para ouvir a palavra de Jesus Cristo! Ele é o Messias, de quem os profetas dos judeus sempre falaram... Aproximem-se! Jesus, o Filho de Deus, veio à Terra para nos ensinar o caminho da Redenção Espiritual! Ele mesmo, sendo crucificado pelos romanos, venceu a morte e, como havia previsto, ressurgiu no terceiro dia!...*

Quando Tecla fez referência à vitória de Jesus sobre a morte, mencionando os romanos, pelos quais os povos conquistados tinham tremenda aversão, muitos pararam para ouvir o que dizia aquela mulher, a qual, afinal, não tinha a aparência dos loucos que, em seus discursos, se punham a falar de modo ininteligível. E, depois, era muito raro que uma mulher tivesse a coragem de se valer da palavra em público - isso, inclusive, não era considerado de bom tom, a menos que, por exemplo, fosse uma meretriz a enaltecer os próprios predicados.

— *Jesus é o nosso Salvador!* - anunciava Tecla. — *Ele representa a síntese de toda a sabedoria humana e, sem dú-*

*vida, foi superior aos próprios sábios gregos a quem muitos admiram pelos seus conhecimentos. Com coragem exemplar, Ele enfrentou o poder dos romanos e o fanatismo dos judeus, revelando ao homem o caminho para a Vida Eterna! Suas virtudes não se revelaram apenas através das palavras, mas, principalmente, pelas suas atitudes... O Excelso Senhor curou leprosos, fez andar paralíticos, restituiu a visão a cegos, ressuscitou mortos! Em toda parte, muitos estão se fazendo seus seguidores... Eu mesma - continuava com admirável eloquência -sou uma prova viva de seu poder invencível, porque, antes, vivia triste e amargurada, sem nenhuma esperança na existência, que, a cada dia, nos consome! Não estamos caminhando para a morte, mas para a Vida! Foi isto que Ele nos ensinou... Os romanos se sentiram ameaçados por Ele e consentiram na exigência dos judeus em crucificá-Lo como um malfeitor qualquer. Todavia, os dias do Império estavam contados... O fanatismo religioso do povo judeu, que se contradiz em suas atitudes em relação aos mais pobres, foi superado por Ele, que nos ensinava a amar a Deus na pessoa do próximo, sendo ele quem fosse!...*

Selinus, evidentemente, era uma cidade repleta de judeus dos mais conservadores, fiéis à doutrina de Moisés, que era considerado por eles na condição do maior dos Profetas, que, guindado à condição de um deus mitológico, continuava, como muitos acreditavam, a viver no topo do Monte Nebo, onde deu por conclusa sua missão. Percebendo que Tecla, através de sua palavra, colocava a figura do Cristo acima do inolvidável legislador hebreu, uma voz se ergueu na multidão, conclamando o povo:

— Esta mulher é louca! Apedrejem-na! O que ela está dizendo é blasfêmia! Blasfêmia! É o Demônio que está falando por ela... Onde é que já se viu colocar um malfeitor acima de Moisés?! Façamo-la calar-se, antes que a ira de Jeová se volte contra nós!...

No mesmo instante, outras vozes se levantaram, fazendo coro ao que aquele homem dizia:

— Blasfêmia! Blasfêmia!...

E completavam:

— Como ousa uma mulher nos falar assim?!...

Abaixando-se, para cumprirem o estranho ritual, enchiam as mãos de terra e a lançavam sobre a própria cabeça, numa espécie de autopunição, até que um deles, apanhando uma pedra lançou-a na direção de Tecla, no que foi seguido por muitos outros, em sessão de apedrejamento que se consumaria, caso a vítima não tivesse contado com o auxílio de inesperada benfeitora.

Eis que, ouvindo-a falar, Helena, que já tinha escutado certa referência a Jesus, profundamente sensibilizada por suas palavras, a tomou pela mão, e, seguidas por Ananias, ante o tumulto que se fez, depressa deixaram o mercado.

Felizmente, desta vez, como se tivessem sido desviadas por mão invisível, nenhuma das pedras lançadas atingira Tecla que, guiada pela jovem salvadora, chegou às dependências simples de casa erguida no alto de um morro da cidade.

Somente aí foi que Tecla pôde conversar com Helena, inclusive, inteirando-se de seu nome, o qual, até então, era absolutamente desconhecido por ela.

— Que Deus a abençoe, minha filha! -agradeceu a valerosa tarefeira do Evangelho. — Não fosse por você, provavelmente, eu teria sido trucidada! Não consigo entender o que as pessoas podem ter contra Jesus Cristo! Muitos, ao simples pronunciar de seu Nome, como que se revoltam diante de grande ameaça!... Você é cristã?! - perguntou.

— Não! - respondeu Helena. — No entanto, através de um tio, que tem negócios em Jerusalém, pude ouvir falar do Nazareno... E, não sei por quê, desde então, eu me senti de espírito vinculado ao Dele!...

— Outros, como você - ponderou Tecla -, reagem desta maneira: ouvem dizer a respeito Dele e, de súbito, são tomados por singular simpatia por Ele! Aconteceu o mesmo comigo: quando ouvi o Seu Nome ser pronunciado pela primeira vez, era como se eu já o conhecesse e simplesmente estivesse à espera de Seu chamado!...

— Não reparem na singeleza da casa! - desculpou-se Helena, que, preocupada, observava o movimento lá fora por pequena abertura da janela. — Moro aqui sozinha e vivo do comércio de peixes... Fui criada pelo meu pai, pois se quer cheguei a conhecer minha mãe, que, quando deixou este mundo, ainda estava me amamentando.

— O que houve com seu pai? - indagou a pregadora do Evangelho.

— Há pouco mais de seis meses, ele também partiu - esclareceu, pesarosa. — Meu pai ficou doente... Os médicos disseram que ele teve um mal que faz com que o cérebro comece a sangrar. Cuidei dele durante muito tempo, mas papai já não conseguia mais dizer uma única palavra. Certo dia, amanheceu morto... Sinto-me culpada, mas o sono veio, e não consegui ficar acordada para impedir que a morte dele se aproximasse.

— Seu pai vive! - exclamou Tecla. — Jesus Cristo, com a própria ressurreição, provou que a morte não existe, e até mesmo o seu corpo desapareceu do túmulo! Não fique triste, Helena! Um dia, todos haveremos de nos reunir a nossos amados no Reino de Jesus, pois, conforme Ele mesmo ensinava, o seu Reino não é deste mundo!...

— Fale-me de Jesus - solicitou a jovem, que, ao ver que cessara a agitação lá fora, se tranquilizou.

— Jesus é a luz de nossa vida! - antecipou-se Ananias, sentindo-se atraído pela coragem e pela beleza de Helena. — Sem Ele, este mundo não faz sentido, porque o egoísmo torna nossa vida insuportável!...

Notando a afeição que nascia entre os dois jovens, Tecla entendeu dever alegar cansaço e, com a intenção de deixar que os dois conversassem com maior liberdade, pediu permissão a Helena para repousar um pouco. De fato, ao subir o morro correndo, o músculo cardíaco da Mártir de Icônio dera os primeiros sinais de um processo arritmico que haveria de acompanhá-la dali por diante.

— O Cristo veio ao mundo para renovar todas as concepções humanas, fazendo com que o homem se liberte de suas superstições e de suas crendices, que não mais têm a menor razão de ser. Com Ele é que passamos a enxergar o que, sem Ele, não enxergávamos - embora imaginando que tudo nós pudéssemos saber! Ah, Helena! - prosseguia Ananias. — Não há sacrifício que, por Ele, não possamos fazer, até mesmo o de Lhe oferecer a própria vida, quanto Ele nos ofereceu a Dele!

Em seu coração, Helena sentia renovado pulsar, qual se as palavras de Ananias lhe descortinassem nova motivação para viver.

— Sinceramente - continuava o jovem companheiro de viagem de Tecla -, eu não sei como alguém consegue viver fora do Amor de Jesus! Que é que este mundo tem a nos oferecer?! Que é que, afinal, sobre ele pode nos interessar?! Antes, as pessoas viviam crendo na existência dos deuses, que, em verdade, não passam de expressões materiais de uma crença

primitiva... Os deuses nunca desceram do Olimpo, para conviverem conosco! Jeová, o Senhor dos Exércitos, sempre nos inspirou mais temor que propriamente amor! Jesus, o Filho do Deus Verdadeiro, veio nos ensinar que o Pai nos ama! Eu nunca me senti tão amado por Deus!...

Embalada pelas doces palavras que Ananias dizia a Helena, Tecla adormeceu e, de novo, vendo-se fora do corpo, pôde, em espírito, uma vez mais, avistar-se com Abigail, que a conduziu à presença de Estêvão. Quem, porventura, tivesse a oportunidade de observá-los, com certeza, nada mais conseguiria ver que o encontro de duas estrelas!...

— *Tecla* - dirigiu-lhe o Protomártir do Cristianismo a palavra, diretamente, pela vez primeira - *em nome de Jesus, venho instar com você que não esmoreça em sua trajetória. Não importa que os nossos próprios irmãos de Ideal venham a esquecê-la... Não importa!* - repetiu. — *A História, quase sempre, não faz justiça aos que a escrevem em suas mais belas páginas! No futuro, a existência do próprio Senhor há de ser questionada por aqueles que se lhe opõem aos propósitos divinos. As Trevas urdem, e haverão de urdir, mil maneiras, no sentido de confundir as mentes incautas, retardando a hora de sua emancipação espiritual. Em seu natural anseio de expansão, todo espírito pagará alto preço aos que insistem permanecer imersos em sua ignorância voluntária.*

Após provocar pequena pausa em suas considerações, que somente registramos em sua essência sublime, o espírito iluminado de Estêvão continuou:

— *Pela sua condição de mulher, você ainda há de amargar muita incompreensão e menosprezo... Não se deixe abater! Durante séculos e séculos, no coração da mulher é que, de preferência, a semente da Fé se desenvolverá - semente da qual, na maioria das vezes, os homens apenas e tão-somente*

*colherão os frutos, sem que sequer se lembrem de agradecer a semente que os produziu! Eis que a alma feminina, simbolicamente, tendo-se originado de uma das costelas do homem, foi criada justamente a partir daquela que lhe sustentava o coração! Prossiga, em sua trajetória, a semear, porque, quando o Cristo nos falou em torno da Parábola do Semeador, ele não o identificou pela sua condição sexual... No Grande Futuro, a Humanidade, pela indiferença dos homens em relação às coisas do espírito, ao correr risco de sobrevivência, há de se socorrer do sentimento de Amor que existe represado no coração da mulher que se faz mãe e irmã dos filhos e irmãos rebeldes dos quais Deus lhe concedeu a tutela!...*

Novo intervalo, e prosseguiu o fiel Discípulo de Jesus:

*— Não aspire a vir ao nosso encontro tão depressa, porque carecemos de quem, verdadeiramente, se disponha a velar pela mensagem do Evangelho no mundo! Não se esqueça, no entanto, de que, por mais longo se lhe faça o desterro sobre a Terra, diante da Eternidade, ele não passa de um instante só! Cautela! Não se desvie dos passos do Cristo... Existe maior glória em morrer aos poucos por Ele do que por Ele sacrificar-se única vez, como quem, no fundo, pode estar apenas desejando libertar-se dos grilhões do cárcere terreno!...*

A visão se desfez e, sob forte enlevo espiritual, Tecla acordou, ouvindo Ananias dizer a Helena:

*— Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida! Ele é a luz que jamais se apagará! Por intermédio Dele é que estamos conhecendo a Verdade, que liberta!...*

Sem dúvida, aqueles cristãos da primeira hora do Evangelho na Terra eram diferentes de quase todos os espíritos que, quer pela breve passagem Dele entre os homens ou mesmo na superfície de outras Esferas, ainda não tinham co-

nhecido o Cristo. O compromisso espiritual que haviam assumido transcendia o de sua própria conversão ao Cristianismo sobre a face do Planeta!

Despertando mais descansada e com o coração batendo mais ritmado no peito, Tecla tornou a agradecer à jovem que, arriscando a vida, os acolhera em sua casa.

— Minha filha, o Senhor a recompensará! - exclamou, depositando-lhe fraterno ósculo em sua face. — Sendo você ainda tão jovem e tão frágil, como foi corajosa! Não tivesse sido pela sua intervenção, talvez nos tivesse sucedido o pior!... As palavras de nosso Redentor têm-se confirmado para nós outros, a cada passo: *"Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que tenha o Filho do homem"*! Segundo Simão, devemos interpretar que, para nós, Israel é o mundo, porquanto, em verdade, o povo escolhido pelo Cristo é a Humanidade inteira!...

Prestativa e generosa, assim que Tecla terminou de efetuar estas considerações, Helena levantou-se e repartiu com ela e Ananias o escasso alimento que possuía em casa.

— Vocês me perdoem, mas isto é tudo quanto tenho na despensa... Desde que o meu pai se foi, os negócios não andam bem! Fiquei sozinha e, nos dias presentes, que pode uma mulher sozinha?! Tenho suportado o assédio de homens inescrupulosos, que, a troco de serem meus amantes, se oferecem para me proteger...

— Mas creio - considerou Tecla, falando sob os auspícios de sua intuição aguçada - que você não estará sozinha por muito tempo...

Ao impacto de tais palavras, que soaram tão naturais

nos lábios da Mártir, Ananias, em sua timidez, não pôde esconder o rubor que lhe tomou conta do rosto.

Não obstante, mudando de assunto, Tecla, comentou:

— Que pena! Imaginei que, aqui em Selinus, à semelhança do que Paulo tem feito em outras localidades, pudéssemos fundar uma igreja!...

— E por que não?! - perguntou Helena, tendo os olhos a brilhar. — A minha casa é muito pobre, mas considerem-na como sendo de vocês... Quero me consagrar a Jesus! Será que Ele me aceita, assim como sou?!...

— Tolinha! - gracejou a interlocutora. — O Senhor não nos traça condições para segui-Lo! E, caso Ele não a aceitasse, como aceitaria a nós, que estamos tão longe de seus sentimentos tão puros?! A sua casa, doravante, também será de Jesus! Amanhã mesmo, quando cair a noite, se você nos permitir, realizaremos a nossa primeira reunião...

— Tenho dois amigos a quem poderei convidar - disse Helena com a alegria de alguém que tivesse sendo visitada pelo Céu. — Rafael e Ana, com certeza, se interessarão...

E inquiriu:

— Ananias, você iria comigo convidá-los?!

— Sim, claro! - respondeu o jovem num transporte de felicidade.

— Amanhã, então, eu não irei trabalhar...

— Considero prudente tal providência - concordou Tecla. — Precisamos ter cuidado, pois, embora o tumulto se tenha generalizado, pode ser que alguém nos tenha visto fugir conduzidos por você...

Assim se fez. No outro dia, com as presenças de Rafael e Ana, Tecla fundou em Selinus a primeira comunidade cristã.

Antes de continuar empreendendo viagem a Jerusalém - ela ainda desejava passar por Perga - a Mártir chamou Ananias e Helena, que, de fato, mostravam, dia a dia, maior afeição um pelo outro, e disse-lhes com a objetividade inegável:

— Desde o primeiro momento, percebi a afinidade que une os corações de vocês dois... Por isso, eu não posso permitir que você, Ananias, continue a me acompanhar. Farei o restante da viagem sozinha... Não temam, porque não haverá perigo. Perga é uma cidade tranquila, e por lá não me demorarei mais que o suficiente para verificar a possibilidade de fundar algum núcleo dos princípios que abraçamos no Evangelho.

— Mas... - tentou argumentou Ananias.

— Peço-lhe não discuta comigo! - redarguiu Tecla que, quando necessário, também sabia ser enérgica. — Não nos intrometamos nos Desígnios Divinos! O que aconteceu com vocês dois em Selinus não foi obra do acaso. Tenho absoluta certeza de que um estava à espera do outro!...

## De Atália a Jerusalém

**P**assando por Perga, Tecla partiu para Jerusalem, esperando que lá, novamente, pudesse avistar-se com Simão, João e Paulo. As notícias que, dificilmente, ela obtinha, davam conta de que a situação da "Casa do Caminho" não era das melhores, pois, com a perseguição recrudescendo, muitos dos mantenedores de suas tarefas assistenciais haviam debandado.

Para embarcar, de Perga, ela viajou até Atália, na Lícia. Em lá chegando, enquanto permanecia à espera de um barco que pudesse transportá-la com maior segurança, ela procurou uma hospedaria onde pudesse abrigar-se.

Atália era um povoado como Selinus, que vivia basicamente da pesca, porém mais próximo de Hierápolis, cidade vizinha de Laodiceia.

A senhora, dona do estabelecimento, era uma mulher

idosa, que coxeava de uma perna, em consequência de fratura mal-consolidada na juventude. Ela a recebeu com simpatia e perguntou:

— Você viaja sozinha?! É muita coragem de sua parte, mormente nestes dias em que os assaltantes pululam em todos os lugares, e, depois, se você for confundida com um cristão ou cristã...

Tecla, sem desejar expor-se, respondeu que tinha muitos amigos e que, desde pequena, aprendera a depositar a sua maior confiança em Deus, e não nos homens.

A sua resposta, contudo, deixou um tanto intrigada a dona da estalagem, pois não era comum que alguém se referisse a Deus naqueles dias, principalmente com a fervorosa entonação que identificara em suas palavras.

— Em Deus ou nos deuses?! - inquiriu Magda - este o nome da proprietária da pousada que era mantida em sua própria casa.

Compreendendo o alcance do questionamento, Tecla, sem hesitar, redarguiu:

— Em Deus!...

— Mas no Deus dos judeus - Jeová?! - tornou a mulher com extrema cautela, a olhar de um lado a outro, com receio de que alguém as escutasse conversando.

— Em Deus, nosso Pai! - esclareceu a corajosa Discípula, olhando fixamente para Magda, que, então, com a ponta do indicador, traçou sobre a mesa em que Tecla se acomodara para jantar, o vestígio do sinal da cruz, desfazendo-a quase em seguida com um pano que trazia na mão.

— Sim - disse Tecla, sem vacilar - é neste Deus que eu creio.

Magda esboçou discreto sorriso, pois ela também nutria grande simpatia pela doutrina do Nazareno.

Quando terminou o jantar, a hóspede perguntou a respeito das acomodações que poderia ocupar, a fim de passar aquela noite fria.

— Olhe, a pensão está cheia - disse-lhe a estalajadeira. — Se você não se importar, poderá dividir comigo o meu quarto, que é o maior da casa. Farei para você um preço especial...

E sussurrou-lhe aos ouvidos:

— Então, antes de dormir, poderíamos conversar... Você concorda?!

— Sem dúvida! - respondeu a Pregadora do Evangelho.

Entraram a conversar sobre os negócios do albergue, e, através de Magda, Tecla ficou sabendo que somente dentro de dois dias lhe seria possível tomar uma embarcação, a fim de seguir viagem, rumo a Jerusalém. De Atália, ela viajaria até Chipre e de Chipre até Cesareia, sita no litoral.

Quando anoiteceu, Tecla foi conduzida por Magda aos seus aposentos, que, gentil, naquela noite gelada, levava água quente destinada a que a sua hóspede se banhasse, reconfortando-se.

— Depois que você se trocar - disse - eu voltarei. Verei se tenho na cozinha alguma erva com que fazer um chá para nós.

Dali a pouco, a generosa hospedeira, com duas fume-

gantes canecas de chá nas mãos, voltava para também se recolher.

— Filha - disse-lhe - logo que chegou, fiquei impressionada, porque você se parece muito com a minha Virgínia, a única filha que, durante algum tempo, o Céu me concedeu.

— Que houve com ela?! - inquiriu a interlocutora, atenta.

— Eu a tive depois de velha e, tendo nascido muito frágil, cresceu com a saúde debilitada. Ela teve um mal que acomete o peito e que faz expelir sangue pela boca... Virgínia era o seu retrato!

— A senhora é viúva?! - deu Tecla sequência ao diálogo.

— Sim. O meu esposo era dono desta estalagem e de dois grandes barcos de pesca. Não suportando a dor pela morte de nossa filha, um dia, quando acordei, ele estava morto ao meu lado. Joaquim era o seu nome. Um homem extremamente bom, cinco anos mais velho do que eu.

Efetou-se uma pausa e Magda inquiriu:

— Mas, diga-me, você também é simpática à doutrina do Nazareno?! Não tenha medo, minha filha, pode confiar em mim! Quem me falou a respeito do Messias dos judeus foi um amigo de meu marido, residente na Ilha de Chipre, que, quando vinha por aqui, costumava se hospedar conosco. O nome dele é José, José de Chipre!

— José de Chipre?! - admirou-se Tecla, logo identificando neste nome a figura de Barnabé, o qual, ao converter-se ao Cristianismo, assim passara a ser tratado.

— Sim. Depois que perdeu toda a família, ele se fez cris-

tão. A última notícia que tive dele conta que foi residir em Jerusalém, a ver se se encontrava com um sobrinho de nome Marcos.

— Eu o conheço! - exclamou a heroína cristã, pondo-se a narrar detalhes de sua conversão em Icônio. — Tive oportunidade de conhecê-lo na companhia de Paulo, cidadão romano de Tarso, na Província da Cilícia, na Ásia Menor, tornada território romano por Pompeu e Vespasiano. Ouvindo-os falar sobre Jesus é que eu abracei a doutrina do Nazareno!

Magda, que não cabia em si de contente, replicou:

— Como este mundo, de fato, é pequeno! José de Chipre era um homem muito rico, e, graças a ele, é que, certa vez, não fomos à falência! Ele emprestou dinheiro a meu esposo para que recomeçássemos, pois, à época, repleto de mercadorias, o nosso único barco naufragara.

Então, em rápidas palavras, sempre conversando em baixo tom de voz - providência indispensável em tempos tão perigosos - Tecla resumiu a história de sua conversão ao Evangelho, dando à nova amiga notícias da Casa dos Apóstolos, em Jerusalém.

Ao falar a respeito da comunidade fundada por ela em Selinus, no lar de Helena, Magda manifestou o desejo de que a sua casa também se transformasse em reduto da Mensagem Cristã.

— Você está consciente do que deseja? - interrogou-lhe Tecla. — Se as autoridades da Sinagoga a descobrirem, com certeza, você haverá de ser denunciada e, então...

— Ah, minha filha! Desde que a minha Virgínia se foi, nada mais há que possa me prender neste mundo... E, agora, a única maneira de encontrá-la será dispendo de mim mesma

- e , para tanto, que melhor causa poderá haver do que esta?!  
Desejo, sim, que a minha casa se transforme em um núcleo da doutrina consoladora do Nazareno!...

Foi assim que, antes de partir para Jerusalém, prosseguindo em sua abençoada sementeira, Tecla encontrou ensejo de fundar mais uma igreja cristã na Ásia Menor. A cidade de Atália, onde Magda era muito estimada, devido à sua intensa atividade portuária, fez-se importante centro de difusão da Boa Nova.

Quando estava prestes a embarcar, Magda chamou a Tecla em seu quarto e, removendo de sob a cama uma das pedras do assoalho, tirou significativa importância em moedas de ouro e prata, e, ao entregá-la a Tecla, pediu que fizesse aquele dinheiro chegar às mãos de Simão Pedro.

— Pelo que você me disse - ponderou -, eles estão tendo dificuldades para sobreviverem... Este dinheiro, em absoluto, não me fará falta. Aliás, conservá-lo aqui, devido ao grande número de assaltos que vêm ocorrendo, põe a minha vida em risco! Eu não quero morrer por ele: se eu tiver que morrer, que seja pelo Cristo!

— Creio que a sua dádiva chegará num momento de extrema necessidade, porque, segundo sei, Paulo e Barnabé estavam retornando a Jerusalém com os recursos que angariaram em sua primeira viagem missionária, mas o percurso realizado não foi assim tão extenso. Simão e seus amigos estavam enfrentando enormes dificuldades para darem o que comer aos pobres e doentes, os quais, em verdadeira multidão, se aglomeram às portas de sua Casa.

— Procure tomar cuidado, filha - recomendou a bondosa senhora -, porque, mesmo dentro do barco, se alguém

descobrir que você é portadora de tal importância, não hesitará, por ela, em lançá-la às águas do mar...

— Tomarei! Não se preocupe! - respondeu. — Eu já estava triste por estar voltando de mãos vazias... Foi a Providência Divina que me fez bater às suas portas! Que o Senhor a abençoe!...

De Atália a Cesareia, a viagem de Tecla transcorreu sem consideráveis incidentes. Chovia muito, e a embarcação, açoiada pelas ondas, quase soçobrou, mas isso fez com que os tripulantes não tivessem outra preocupação que não a preservação de suas vidas.

Desembarcando em Cesareia, na Samaria, antes de chegar a Jerusalém da Judeia, a destemida seareira ainda teria que percorrer cerca de duzentas milhas, e, talvez, os mais perigosos de toda a sua caminhada!

A cidade de Cesareia ficava localizada no sopé sudoeste do Monte Hermon e chegara a ser visitada por Jesus. Foi justamente nessa povoação que o Mestre dirigiu aos Discípulos a célebre pergunta: *"Quem diz o povo ser o Filho do homem?"* Ao que, segundo consta em Mateus, Simão respondeu: *"Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!"* Segundo os registros de Lucas, neste diálogo com os discípulos, Jesus fez clara referência à Reencarnação, porque, ante a pergunta que Ele lhes formulara, se chegou a cogitar que o Mestre poderia ser Elias ou, então, algum dos antigos Profetas que retornara. Evidentemente que, caso não admitissem a possibilidade da Reencarnação, a resposta dos discípulos a Jesus careceria totalmente de sentido - *"Responderam eles: João Batista, mas outros, Elias; e ainda outros dizem que ressurgiu um dos antigos profetas!"*

Procurando não levantar suspeitas, Tecla sentiu necessidade de breve descanso. O esforço da viagem para o organis-

mo frágil de uma mulher começara a lhe pesar excessivamente. Contudo, naqueles dias, nas cidades da Palestina, ninguém se encorajava, mesmo em se tratando de uma mulher, a oferecer abrigo a estranhos, porque a perseguição aos cristãos era pretexto para quaisquer espécies de arbitrariedade.

Amados e, ao mesmo tempo, odiados, os cristãos, em toda a Judeia, estavam sendo considerados na condição de verdadeiro flagelo para o povo, e a cabeça de muitos deles começava a ser posta a prêmio. Convém esclarecer que muitas pessoas, sendo acusadas injustamente pelos que lhes ambicionavam os bens materiais, terminavam entregando-se ao Cristo, justamente por isto - ***pela delação de que eram vítimas por parte de quem os acusava indebitamente, com o propósito de ficarem com parte do confisco de suas fortunas.***

Foi o que aconteceu a um grande proprietário de terras, chamado Eli Ben Nohal, que, invejado por seus vizinhos, fora denunciado por um deles na condição de seguidor do Sublime Crucificado. Levado à presença das autoridades judaicas em Cesareia, a princípio, negou que tivesse aderido à doutrina do Cristo, porque, em verdade, ele não se fizera cristão. Porém, um dos juízes de sua causa, que, desde muito, lhe invejava a posição, ordenou que ele e seus três filhos menores fossem açoitados. Como não podiam fazê-lo confessar ser o que ele não era, o rude magistrado, que tudo tramara com o falso delator, mandou serem os seus filhos marcados com ferro em brasa! Não suportando ver a tortura a que os meninos estavam prestes a ser submetidos, Nohal, que, por sua vez, tivera sido espancado diante deles, gritou para que todos ouvissem:

— Até agora, eu não conhecia a Jesus senão pelo pronunciar de seu Nome, mas, doravante, eu sou cristão! Renego o Deus de Moisés e me entrego ao Deus de Jesus Cristo! Somente agora, pelo que vocês estão fazendo a mim e aos meus filhos, percebo que Ele foi injustamente pregado na Cruz!...

Tomou fôlego e, em lágrimas, voltou a dizer:

— Eu sou cristão! Eu sou cristão! - bradou, a contorcer-se entre as correntes que o prendiam.

Vendo o pai naquele desespero, o filho mais velho, um rapazinho de apenas quatorze anos de idade, endossou as palavras do genitor:

— Eu também, papai! Eu também sou cristão!...

Era assim que, sem sequer terem tido ainda oportunidade de conhecer a doutrina de Jesus, muitos se faziam cristãos.

— Sou cristão! - continuava o rapaz com estoicismo. — Sou cristão, por mim e por meus irmãos menores!...

Todavia, em vez de, mediante confissão, quando seguida de abjuração, serem libertados, como era de praxe, Nohal ouviu a sentença:

— Hoje, teremos espetáculo! - proclamou o insano magistrado que ansiava por lhe usurpar os bens. — Que eles sejam trucidados pelos touros! Os cristãos são agentes do Maligno!... Desde que eles surgiram, nunca mais o povo judeu pôde saber o que é paz! Os romanos estão furiosos conosco, e, por isso, têm aumentando os seus impostos... Que os novos cristãos sejam levados para o "cercado"!...

Evidentemente que Cesareia, como quase a totalidade das cidades na Judeia, não possuía anfiteatro, mas em todas elas existia um espaço, denominado "cercado", ou pequeno "circo", destinado a lutas e competições, bem como a outros espetáculos públicos que também incluíam as festas.

De imediato, levados para o "cercado", uma espécie de arena precariamente armada, foram soltos os quatro, com

Nohal e seu filho mais velho tentando proteger os dois menores do que estava prestes a lhes suceder.

Em torno do "cercado", em semicírculo, a multidão, sempre curiosa pelo inusitado, aglomerara-se, na expectativa do que, dentro de instantes, se desenrolaria.

Três touros bravos, com os olhos devidamente vendados, foram trazidos e, sob a ordem do iníquo juiz, foram soltos no improvisado "circo". Era costume que, em espetáculos desta natureza, os touros, logo em seguida, fossem sacrificados, com as suas carnes ficando à mercê da plateia. Por este motivo, com o intuito de abatê-los, os lanceiros já se encontravam a postos. Muitas vezes, no entanto, acontecia um touro escapar e, até que fosse morto, promovia grande estrago à multidão, causando até outras mortes!

Assim, pois, que se viram livres, os três ferozes bovinos, atraídos pela presença de Nohal e dos filhos no "cercado", avançaram, com fúria, contra eles, sob o aplauso frenético do povo.

Com certo golpe, um dos touros, correndo e apontando os chifres pontiagudos para uma das vítimas, atravessou o peito do filho mais velho de Nohal, o qual, sem gemer, tombou numa poça de sangue! Os outros dois correram em direção ao pai, que, oferecendo o próprio corpo por escudo, na proteção aos outros dois meninos, igualmente caiu ferido de morte, sendo insistentemente escoiceado pelos bravos animais!

Desnecessário descrever como os dois outros menores pereceram sob as patas implacáveis dos ferozes e agressivos touros. Não obstante, naquele dia, o inesperado aconteceu, porque, como se estivessem possuídos, os mesmos temíveis bovinos, rompendo o "cercado", correram na direção

da multidão, chifrando e pisoteando a quem encontrassem pela frente. Um deles, tomando rumo contrário ao dos outros dois, precipitou-se na direção do iníquo juiz, que, tentando fugir, acabou varado pelas costas, tendo morte instantânea!

O povo, que se dispersara, interpretou o fato como sendo um castigo do Deus dos cristãos contra ele, espalhando-se a notícia de que tal divindade era poderosa e depressa se vingava de seus inimigos!...

Em Cesareia, depois daquele dia fatídico, muitos procuraram maiores informações a respeito da doutrina do Filho do Carpinteiro de Nazaré e, assim, se inclinaram à nova fé.

Como precisasse vencer a distância de duzentas milhas até Jerusalém, percorrendo estradas perigosas, sendo abordada por um mendigo de boa aparência, que lhe estendia a mão súplice, Tecla perguntou a ele se não conhecia ninguém confiável que tencionasse ir a Jerusalém - ela estaria disposta a pagar pela companhia.

— Minha senhora - respondeu o mendigo, que se chamava Petrônio -, há muito que pretendo ir a Jerusalém, mas não disponho de recursos para a viagem. Quase não posso caminhar... Se a senhora conseguir adquirir algum animal de transporte, eu não lhe cobrarei nada pela minha companhia. Conheço um mercador de jumentos que quer vender dois dos animais mais velhos de seu plantel.

— E que pretende você fazer em Jerusalém? - perguntou-lhe Tecla.

— Ah!, eu tenho ouvido falar muito do Messias... Dizem que Ele já veio e que foi crucificado. A senhora sabe, as notícias correm... Mas eu gostaria de saber isso por mim mesmo, pois meu pai afirmava que, segundo os seus estudos das Es-

crituras, o Messias estava para nascer! Então, deve ser verdade... As profecias adiantavam que Ele seria rejeitado!...

— No entanto, por que o senhor está a mendigar?! Não me parece que tenha sido mendigo a vida inteira...

— E, de fato, não, minha senhora - respondeu o homem. — Contudo, ser cristão sendo mendigo, talvez seja a melhor forma de sobreviver hoje em dia! Ninguém liga para mim! Muitos até supõem que eu seja louco!...

## "Atos *de* Paulo e Tecla"

**A** viagem da litorânea Cesareia a interioriana Jerusalém corria sem maiores incidentes. Em companhia de Petrônio, o qual passou a admirar a coragem daquela mulher que, sozinha, se arriscava constantemente na difusão do Evangelho, Tecla, durante o percurso, entregava-se ao fervor da oração. Foi quando, de súbito, se lhe desenvolveu a clariaudiência! O calor era intenso, e ela, não mais tão jovem quanto outrora, sentia que as suas forças se esvaíam, quando escutou gentis palavras de estímulo a lhe ecoarem aos ouvidos:

— Tecla, não esmoreça! Estamos com você... Principalmente, nossas irmãs necessitam muito de seus exemplos de fé e perseverança!...

Pensando que delirava ou mesmo que as palavras ouvidas por ela tinham partido de Petrônio, perguntou:

— Quê?! Foi você que falou, Petrônio?!... Não, meu irmão, eu não desanimarei... Apenas, estou um pouco cansada.

Estranhando a reação da senhora, que, para ele, de fato, parecia delirar sob o Sol escaldante, o companheiro de viagem, comentou:

— Mas eu não disse nada, senhora!... Procuremos a sombra de uma rocha, para descansarmos um pouco, pois eu também já ando com as ideias confusas.

— Isso! — Tornou a ouvir na acústica da alma a voz que, aos poucos, se lhe identificaria como sendo a de Abigail. — Descansem um pouco... Jerusalém já não está tão distante assim! Refaça as energias, Tecla!

Encontrando a sombra de pequeno monte que se elevava próximo à estrada, ambos para lá se dirigiram e nele se recostaram, esperando que o calor amainasse.

— Eu não sei - comentou Tecla - como possa existir alguém que se sinta inútil para servir a Deus neste mundo, se até uma pedra bruta, esquecida num trecho de caminho deserto, pode nos servir de abençoado refúgio...

Petrônio, o mendigo, concordou dizendo:

— Já fui um homem de posses, senhora... Infelizmente, eu não soube ser providente o suficiente, pois, caso contrário, não estaria na condição em que hoje estou...

— E não teria encontrado a Jesus! - redarguiu Tecla com precisão. — Alguns encontram a Jesus porque O procuram; outros, porque são procurados por Ele...

— Que modo estranho tem o Mestre de nos chamar ao Seu Reino, não?! - observou o companheiro de andança.

— Por certo, meu amigo, quando, noutras oportunidades, Ele nos chamou de maneira diversa, nós não O ouvimos... Mas, Petrônio, diga-me: não foi você que falou comigo, quase o tempo todo, durante a viagem?! Porventura, cruzamos com alguma caravana?!...

— Não, senhora! Não era eu! Tampouco cruzamos com quem quer que fosse - o caminho esteve sempre deserto! Imaginei que a senhora estivesse orando em voz alta; por isso, não quis incomodá-la.

É que, dali em diante, à sensibilidade intuitiva dela viria juntar-se a faculdade psíquica da clariaudiência, que, em muitas ocasiões, lhe seria extremamente útil no apostolado cristão. Aliás, a mediunidade, na sua Primeira Carta aos Coríntios, seria qualificada por Paulo de "*dons espirituais*", chegando a escrever que "*a manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso*".

Quando o Sol começou a se esconder, Tecla e Petrônio, com as montarias igualmente descansadas, deliberaram continuar viagem. Contudo, ao se prepararem para montá-las, quatro homens surgidos de repente, armados de pedras e paus, os cercaram, anunciando, ameaçadores:

— É um assalto! Não reajam, pois, caso contrário, os mataremos... Queremos apenas os animais!...

Temendo pelo pior, Petrônio quis esboçar alguma reação, mas, de imediato, foi contido por Tecla, que, com serenidade, lhe tomou das mãos as rédeas do jumento que ele montava e, junto com o seu animal, entregou as duas alimárias aos quatro assaltantes.

— Podem levá-los - disse. — Talvez lhes sejam mais úteis que a nós. Faremos o restante da viagem a pé...

— Vocês têm dinheiro?! - perguntou o chefe do bando.

— Não! - respondeu Petrônio.

— Temos, sim! - replicou Tecla de imediato. — Nem ele mesmo sabe, mas temos, sim! - confirmou, ante a surpresa do mendigo. — Temos, mas ele não nos pertence...

O chefe do bando sorriu e ironizou:

— De fato, não lhes pertence porque, doravante, será nosso!

— Não, meu irmão! Não nos pertence porque pertence a Jesus Cristo! Eu apenas o estou transportando a fim de que se transforme em pão para os pobres de Simão Pedro, em Jerusalém.

Ouvindo o nome de Jesus ser pronunciado, os quatro homens, instintivamente, recuaram, com um deles desatando a gritar:

— Ela é uma bruxa!... Fugamos! Ou a maldição dos cristãos nos acompanhará para sempre!...

Assim dizendo, sem olharem para trás, os quatro assaltantes, que nem sequer quiseram levar consigo os jumentos, saíram correndo em direção ignorada!

Sem conseguir deixar de sorrir, Tecla comentou, enquanto procurava acomodar-se no dorso do pequeno animal que a servia:

— Você viu como o nome de Jesus pode nos proteger de várias maneiras, Petrônio?! Se, por conta Dele, muitos correm atrás de nós; por conta Dele, muitos correm de nós...

É que, naquela época, pelas curas que realizavam e

pelos espíritos que expulsavam dos ditos endemoninhados, bem como pelo que acabava sucedendo aos perseguidores dos cristãos, como, por exemplo, a conversão do próprio ex-doutor Saulo de Tarso, os adeptos do Nazareno, pelos mais supersticiosos, eram tidos como poderosos feiticeiros...

Em Jerusalém, todos sabiam que um dos doutores da lei que, em pleno Sinédrio, esbofeteara a Simão, logo após fora vítima de grave problema de saúde e sofrera estranha hemiplegia - a mão com que ele agredira o inolvidável Pescador de Cafarnaum ficara parálitica! Depois desse episódio, nenhuma autoridade judaica ousava tocar diretamente um cristão - mandava que os seus subalternos o fizessem!

Chegando à considerada Cidade dos Profetas, Tecla e Petrônio se dirigiram à "Casa do Caminho", onde o mendigo ficou impressionado com o número de necessitados que, como se estivessem a sitiá-la, permaneciam nos arredores da Instituição.

— É sempre assim, meu irmão - esclareceu a Mártir. E, sorrindo, acrescentou: — Você sabe que muitos não vêm até aqui porque ficam com medo de contrair uma doença?!...

À porta da Instituição, foram recebidos por João, que, ternamente, os abraçou, sendo apresentado a Petrônio, com quem, pelas suas vestes de mendigo, ele depressa se identificou. (Petrônio, séculos mais tarde, reencarnaria na personalidade de Frei Leão, um dos mais fiéis discípulos de Francisco de Assis!)

— Tecla, minha irmã - indagou-lhe João -, como foi a viagem?! E Ananias?! Você esteve com a nossa Mãe?! Vamos! Entremos! Conte-me as novidades!...

Enquanto, rapidamente, comiam alguma coisa e tomavam um pouco de vinho, a recém-chegada, sintetizando,

narrou a João os principais lances de sua viagem a Hébron, onde pudera estar com Maria de Nazaré. Contou-lhe sobre a afinidade entre Ananias e Helena, o que fez João sorrir com imenso carinho.

— Onde está Simão?! - perguntou Tecla em seguida.

— Simão e Tiago - respondeu João - foram, outra vez, convocados a darem explicações ao Sinédrio, que, segundo soubemos, está sendo ameaçado pelo Imperador Cláudio, porque, em Roma, muitos se têm feito cristãos! Na Capital do Império, estão todos apreensivos, pois os seguidores de Jesus têm-se multiplicado! - Simão, inclusive, está sendo chamado com insistência para ir pregar em Roma! Breve, ele estará de partida...

Entrementes, antes que Tecla tivesse tempo de perguntar, eis que surgem Paulo e Barnabé, que não sabiam de sua chegada. O encontro dos três foi emocionante, pois, ao deparar com os reputados missionários, ela emocionou-se profundamente, pondo-se até a chorar, no que foi paternalmente confortada pelo segundo.

— Sossegue, minha filha! - disse-lhe Barnabé. — Está tudo bem! Que alegria em revê-la!... Simão e João nos falaram de seu trabalho! Que o Senhor seja louvado!...

Paulo, porém, um tanto mais reservado, limitou-se a depositar-lhe um ósculo na fronte, comentando:

— Você não mais se parece, em praticamente nada, com aquela jovem que conhecemos em Icônio...

Em verdade, as peregrinações, as lutas e as muitas privações faziam com que Tecla parecesse bem mais idosa. O mesmo, no entanto, podia se dizer de Paulo e Barnabé, espe-

cialmente deste, que, doente do coração e tendo os pés um tanto inchados, caminhava com dificuldade.

Muito reservada, Tecla, porém, evitou fazer qualquer comentário sobre o abatimento dos dois amigos, especialmente de Paulo, que dela sempre mantinha certa distância.

Não demorou que Simão e Tiago regressassem. Após os cumprimentos iniciais, em reunião informal, Simão pôs os companheiros a par do que estava acontecendo.

— As notícias são boas e também ruins - disse. — Boas, porque a mensagem evangélica, com velocidade, está se difundindo em Roma; ruins porque, com isso, podemos esperar medidas mais severas contra nós a qualquer momento. Muitos senadores estão exigindo que Cláudio renuncie em favor de Nero, seu filho adotivo, inicialmente, justo e brando, mas, depois, um verdadeiro tirano, cruel e sanguinário, mormente para com os cristãos. Se ele chegar ao poder!... O Sinédrio, ao que me pareceu, está perdendo o prestígio que tinha com Roma, porque não está conseguindo sufocar o nosso Movimento Renovador!

— E jamais lograrão fazê-lo! - exclamou Paulo.

— Sim - ponderou Simão -, mas, por outro lado, devemos considerar que, com a multiplicação de adeptos, o Movimento de expansão do Evangelho nos está fugindo ao controle... Muitos, indebitamente, já começam a falar em nome do Senhor... Falsos seguidores Dele enxameiam em toda parte!...

— Creio que isso seja benéfico - ousou comentar Tecla, embora com certa timidez.

— Não! - reagiu Paulo. — Isso não pode acontecer...

Ao dizê-lo, de imediato, foi seguido por Tiago:

— Paulo tem razão! Não podemos consentir que os pagãos se apropriem de nossas ideias - precisamos continuar centralizando o Movimento em Jerusalém...

— Não nos esqueçamos, no entanto, do que nos disse o próprio Senhor - considerou João, com propriedade: *"E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo!"* Sinceramente, acredito que o Messias não tenha vindo apenas para nós, os judeus, nem tampouco apenas para pagãos romanos... Ele foi bem claro: *"...atrairei todos a mim mesmo!"*

— Sempre fui favorável - redarguiu Paulo - a que a Mensagem Cristã chegasse aos gentios, pois eu próprio era e ainda sou um deles! Todavia, não concordo com o Movimento crescer desordenadamente... Neste sentido, temo pelo futuro!

— Mas eu não lhe disse, Paulo, que isso era um perigo?! - rebateu Tiago. - Quando me opus a que a Mensagem fosse levada aos gentios, era isso o que eu mais temia e mais continuo a temer!

— Agora, porém, é tarde... - considerou Simão.

— A questão - falou João, de maneira inspirada - é que não estamos pensando do mesmo modo que, talvez, o Senhor esteja pensando... Com o Movimento centralizado em Jerusalém, ele seria facilmente sufocado. Espalhando-se assim... Vocês se recordam do que Ele nos disse?! — *"O espírito sopra onde quer e ouves sua voz, mas não sabes donde ele vem nem para onde vai..."* Acredito que devemos continuar fazendo o nosso trabalho, zelando unicamente pela autenticidade da Mensagem que nos foi confiada pelo Mestre!

— Estou com João! -frisou Simão, indagando em seguida. — O que nossa irmã Tecla pensa a respeito?!

Não satisfeito com a atitude de Simão, pedindo o parecer de uma mulher, Tiago, alegando afazeres inadiáveis, levantou-se e saiu, no que, diga-se, quase foi seguido por Paulo.

— Eu também fui educada como pagã, pois meus pais, em que pese à ascendência judaica do genitor, Mésimo, por parte de alguns parentes, igualmente rendiam culto aos deuses. Agradeço ao Senhor que, através da palavra de Paulo, me resgatou da indigência espiritual! A Verdade deve ser livre, pois, se a prendermos, ela deixará de ser a Verdade! Com todo o respeito à opinião de Tiago e Paulo, bem como à de outros cujos pensamentos se identificam com os deles, não devemos nos preocupar com outra coisa que não seja semear, porque, a rigor, o crescimento da semente não reflete a vontade do homem, mas de Deus! Em Hébron, nossa Mãe nos falou a respeito da Parábola do Semeador...

Neste instante, percebendo a estatura espiritual de Tecla, Barnabé ousou sugerir:

— Paulo, talvez eu não possa acompanhá-lo ao longo de toda a sua próxima viagem: minha saúde se encontra um tanto comprometida. Sei que você pretende cumprir mais amplo roteiro. Sugiro que, com a finalidade de lhe fazer companhia, a irmã Tecla siga conosco.

— Uma mulher em minha companhia?! - reagiu o Apóstolo. — Que haverão de pensar de mim?!...

— E que haverão de pensar de Tecla, Paulo?! - rebateu Barnabé, constringendo o companheiro à reflexão. — O amigo Petrônio, se ele não se importar, poderá também seguir conosco.

O companheiro de viagem de Tecla, que a acompanhara de Cesareia a Jerusalém, concordou de imediato.

— Claro! Com a maior alegria! - respondeu. — E, depois, conheço bem todas essas estradas que cortam a Síria, a Cilícia, a Galácia e a Frigia, até a Macedônia...

Paulo, que ainda resistia, retrucou:

— Mesmo viajando em companhia de três homens, não sei se ficará bem ter uma mulher na peregrinação que pretendo empreender...

— Paulo - observou Tecla, inspirada por Abigail -, se as mulheres estão servindo para morrer por Jesus, por que não haveriam de servir para viver por Ele?!

O argumento foi definitivo. Pressionado pelos olhares de Simão, João e Barnabé, finalmente, Paulo anuiu, e não se arrependeria, porque, nas vezes em que o Apóstolo estaria doente, Tecla é que dele haveria de cuidar com zelos fraternais. Foi a partir desta decisão que começaram a se elaborar os célebres "*Atos de Paulo e Tecla*" que, injustamente, alguns estudiosos do futuro considerariam obra de natureza apócrifa.

Quando Tiago soube que Tecla, na primeira oportunidade, partiria em companhia de Paulo, ficou contrariado, mas não deixou de experimentar certo alívio, porque a presença dela na "Casa do Caminho" já era motivo de contrariedade para ele, principalmente, quando Simão Pedro a convidava a falar nos cultos que se realizavam.

Na noite daquele mesmo dia, após as laboriosas atividades de assistência aos desvalidos, a Servidora, que se acomodara num banco tosco junto a João e Petrônio, o qual se tomara por ela de grande afeição, esperando que a palavra a ser ouvida em pregação fosse a de Paulo ou a de Tiago, senão, então, a do próprio Simão, surpreendeu-se quando o líder espiritual da "Casa do Caminho" a convidou a falar.

— Ah, quem sou eu - procurou escusar-se ao convite formulado - que ainda não me considero completamente nascida do Senhor!...

— Pois nós, igualmente, ainda estamos a nascer Dele, minha filha! - replicou Simão, com humildade. — Aqui não há ninguém que do Cristo já se possa considerar completamente nascido!...

A palavra sábia de Simão fez os que ali se demoravam reconhecerem o valor e o direito da mulher na pregação da Boa Nova e silenciarem possíveis contestações ou resmungos.

Naquele mesmo instante, Tecla ouviu o que Abigail lhe sussurrava aos ouvidos:

— Levante-se e fale!...

Não obstante o pioneirismo dela e o heroísmo de tantas almas femininas em defesa da fé cristã, como Blandina, a jovem escrava, e outras tantas que permaneceram no anonimato nas páginas da História do Cristianismo Nascente, encorajando os homens que elas próprias geraram a morrer por amor a Jesus Cristo, por séculos e séculos, que agora estão quase a expirar, as mulheres se viram confinadas a mosteiros e conventos, quase completamente entregues a uma vida de contemplação totalmente nulificante!

Ainda no Concílio de Trento, em pleno século XVI, **a Igreja Católica, através** de seus teólogos, **discutia se a mulher realmente possuía alma**, já que, segundo diz a Bíblia, Jeová soprou apenas no nariz de Adão, esquecida de que, no século VIII, uma mulher de nome Joana, nascida em Constantinopla, extremamente inteligente e culta, entre os anos de 850 e 858, dirigira os destinos da Igreja com o nome de João VIII.

## Viagem Missionária

**S**imão e Paulo compreendiam que era preciso agir com rapidez, porque, intuitivamente, sentiam que não demoraria muito serem chamados a maiores testemunhos. Roma que, de início, lidara com os cristãos como se eles constituíssem apenas mais um dos muitos focos de sedição do povo judeu contra os dominadores, não lhes ligando, portanto, muita importância, começava a perceber o alcance daquele Movimento que, a cada dia, fazia mais adeptos na Capital do Império.

Cláudio, o desventurado Imperador, pressionado pelas forças políticas do Governo, publicou um edito pelo qual expulsava os judeus das terras romanas e, com eles, os cristãos, pois, até então, os latinos não faziam muita distinção entre uns e outros - o que mais irritava os adeptos do Judaísmo contra os seguidores do Cristo, culpando-os por todos os excessos com que, ultimamente, vinham sendo tratados pelos dominadores.

Ambos, Simão e Paulo, acalentavam o desejo de pregar o Evangelho em Roma, considerado o centro do Paganismo. Aliás, a presença deles dois era reclamada por cristãos romanos que, bravamente, vinham resistindo às prisões e aos espancamentos, mesmo à morte para que abjurassem a nova fé.

Mais tarde, ao suceder a Cláudio, o Imperador Nero daria a monstruosa mostra de como os cristãos haveriam de ser tratados por ele. Um jovem nobre e corajoso, de nome Alexandre, que se houvera feito cristão e que, por isso, se insurgira contra os deuses, na Bréscia, pregava abertamente sua crença na doutrina do Nazareno.

A referida cidade estava sob a tutela de Diana, irmã de Apolo - deuses romanizados, antes gregos: Ártemis e Febo. Alexandre, que passara a liderar os cristãos, combatendo a idolatria à deusa, desafiava os pagãos. Imitando Elias, que se defrontara com os sacerdotes do deus Baal, o jovem líder cristão convidou uma multidão ao templo da deusa, onde, à frente de todos, desafiou sua estátua de pedra, dizendo: — *Em nome de Jesus Cristo, ordeno-lhe, ó demônio Diana, que destrua logo seu altar e reedifique-o para nosso Deus!...*

Horrorizados com o que consideraram insuportável blasfêmia, os sacerdotes tentaram fazê-lo se calar, mas o desafiante continuou a falar: *Se, de fato, você é uma deusa e possui algum poder, fulmine-me com ele, pois, caso contrário, evoco o poder de Jesus Cristo contra o demônio que você representa!...*

Segundo a tradição, antes que os sacerdotes agissem contra Alexandre, ouviu-se grande ruído e a estátua da deusa, como se estivesse sendo destruída a martelo, transformou-se em ruínas, enquanto o jovem cristão prosseguia, com voz firme e resoluto: — *Ordeno que você fuja daqui... Afaste-se,*

*demônio enganador!*... Então, ainda segundo a tradição religiosa, estranhos rugidos de animal selvagem ecoaram no templo, acompanhados de ladridos de cães, para, em seguida, tudo voltar à calma!...

Quando a poeira se dissipou, à feição do profeta Elias, no Monte Carmelo, Alexandre estava de pé, contemplando, vitorioso, mas complacente, a multidão a apupar os sacerdotes da deusa! Então, não se dando por vencidos, avançaram de punhos cerrados sobre ele, o espancaram e o levaram à presença de Feliciano, que era o Prefeito da cidade.

— Queremos que ele seja condenado à morte! - exigiram os sacerdotes, que, desmoralizados, viam seus interesses definitivamente arruinados.

Feliciano hesitou. Conhecia a família de Alexandre e não desejava chegar a tais extremos. E, depois, também conhecia de perto o caráter dos sacerdotes do templo, que viviam de explorar a credulidade alheia.

Porém, pressionado, o Prefeito tentou fazer com que o jovem cristão reconhecesse que havia exagerado, e, assim, a sua pena seria comutada - apenas e tão-somente, ele seria obrigado a providenciar uma nova estátua da deusa.

— Nero - disse-lhe Feliciano - ordena que a seita cristã seja proscrita de todo o Império... Ser cristão é crime!...

— Não recuarei - responde Alexandre.

— Pelo menos - insiste Feliciano -, ajoelhe-se diante da estátua de Marte, o grande Deus da Guerra, e eu declararei você livre. Esqueceremos o episódio, mesmo porque a estátua de Diana pode ter sido destruída por um tremor de terra e não pela ação do Deus dos cristãos...

— Marte?! - exclamou Alexandre. — Trata-se de outro demônio... Não obedecerei!...

E, erguendo os olhos para cima, orou diante de Feliciano:

— *Senhor Jesus Cristo, ensina igualmente a este que somente o Senhor é Deus, que somente o Senhor é santo e poderoso!...*

Conta-se que, quando terminou a ardente súplica, a estátua de Marte, da qual Feliciano estava rente, se fez em pedaços e, em sua queda, quase o atingiu!

— Sacrilégio! - gritou o Prefeito, ordenando, de imediato, que o sacrílego iconoclasta fosse açoitado com correias de búfalo e que, depois de ter as carnes retalhadas, fosse amarrado à cauda de um touro bravio e cego, que deveria arrastá-lo por toda a cidade.

Ante o olhar desafiador dos sacerdotes, a ordem foi cumprida. Arrastado pelo búfalo enraivecido a correr sem rumo, o corpo do jovem supliciado ora era projetado contra pilastras, ora contras paredes de pedra das casas, deixando um rastro de sangue pelas ruas. A cidade, em estado de frenesi, aplaudia o espetáculo que lhe era proporcionado à ignorância. Todavia, quando o touro selvagem se deteve em sua correria desenfreada, Alexandre, para espanto geral, embora todo ensanguentado, levantou-se e, com as forças que lhe restavam, pôs-se a pregar triunfantemente o Evangelho!

— Em verdade - gritou Feliciano -, existe um demônio poderoso que o protege e que o possui... Vejamos, no entanto, como ele reagirá agora. Decepem os braços do condenado! - ordenou.

Sem, contudo, calar-se, Alexandre, imperturbável, con-

tinuava pregando Jesus Cristo, e, com a sua atitude estoica, a pouco e pouco, o povo começou a murmurar que, de fato, o Deus dos cristãos deveria ser uma grande Potestade - o Deus verdadeiro!

Obedecendo à ordem de Feliciano, os carrascos se aproximaram e, com fortes golpes de espada, lhe deceparam os braços, mas, mesmo assim, Alexandre, em estado de transe, sustentado por forças invisíveis, não se calou, com os aplausos do povo dando lugar agora a protestos veementes contra os sacerdotes e o Prefeito.

— Ah! - bradou Feliciano. — Você ainda não se cala?! Cortem a cabeça dele! Vejamos, assim, se ele continuará a falar...

Com um só golpe de espada, a cabeça de Alexandre rolou por terra, mas, efetivamente, era tarde, porque os sacerdotes pagãos haviam sofrido fragorosa derrota em praça pública, e o jovem mártir cristão passaria a ser aclamado santo. Somente naquele dia, quase todos os habitantes de Bréscia se tornaram cristãos.

Após ultimar preparativos para a viagem próxima, Paulo e Tecla conversavam com Simão Pedro nas dependências da "Casa do Caminho", de cuja direção, devido aos muitos afazeres do Apóstolo de Cafarnaum, Tiago, filho de Alfeu, gradativamente, ia assumindo a responsabilidade,

— Paulo - dizia-lhe Simão, também chamado Cefas, -, eu sinto que o tempo urge, e não podemos adiar realizações... Dentro em breve, deverei ir a Roma, de onde, sinceramente, não sei se voltarei. Nem mesmo posso dizer a você que não seja esta a última vez que nos estamos encontrando neste mundo...

— Ora, Simão - tentou desconversar o ex-doutor de Tarso -, não pense em ir-se reunir ao Senhor agora!... Precisamos muito de sua presença conosco, porque a sua autoridade moral impõe silêncio a muitas discórdias existentes entre nós.

Tecla, por sua vez, acentuava:

— O Senhor não solicitou que você, Simão, apascentasse suas ovelhas?...

— Sim - respondia o Apóstolo, de olhos marejados. — Pressentindo que eu O negaria por três vezes consecutivas, Ele me perguntou se eu O amava: "*Simão, filho de João, tu me amas?*" Obviamente, sem pestanejar, eu lhe respondi que O amava; então, Ele me pediu: "*Pastoreia as minhas ovelhas*". Mas, justamente por isso, sinto que devo ir a Roma...

Logo, ao intervalo que se fez espontâneo, Simão voltou a falar:

— Paulo, eu sei do carinho que você sempre nutriu pelos gentios, e, graças ao seu esforço neste sentido, como também ao de Tecla, o Evangelho vem se difundindo com rapidez até às cidades da Macedônia... Considere, porém, que todos nós estamos sujeitos ao imprevisível - se o Senhor enfrentou a morte no madeiro, não podemos esperar que a tarefa nos seja menos penosa. Utilize a facilidade de que você dispõe para escrever, Paulo, e escreva, como também você, Tecla - escrevam cartas às comunidades cristãs junto às quais não podemos estar com facilidade, pois a maioria de nossos irmãos são pessoas simples, carentes de uma palavra de orientação...

A sugestão de Simão, mais tarde, seria lembrada por Paulo, logo após a frustração experimentada por ele em Atenas, no Areópago. Impossibilitado de continuar atendendo às solicitações de todas as igrejas, ele registraria, pela intuição, a

voz de Estêvão a lhe dizer como se fosse a voz do próprio Senhor: — *"Poderás resolver o problema, escrevendo a todos os irmãos em meu nome; os de boa vontade saberão compreender, porque o valor da tarefa não está na presença pessoal do missionário mas no conteúdo espiritual do seu verbo, da sua exemplificação e da sua vida. Doravante, Estêvão permanecerá mais conchegado a ti, transmitindo-te meus pensamentos, e o trabalho de evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e das necessidades do mundo!"*

Reunidos no Mundo Espiritual, Estêvão e Abigail acompanhariam, de perto, a segunda maior viagem missionária de Paulo, também a mais extensa delas. Partindo de Jerusalém, ele passa por Antioquia, na Pisídia; vai a Tarso, sua cidade natal, na Cilícia, Derbe, Listra, Icônio, etc, chegando até a Macedônia, na Grécia, e que, em 146, seria reduzida a província romana.

Barnabé, Tecla e Petrônio, dentre outros, seus companheiros de viagem, o assessoravam em todas as suas necessidades, porque, no longo percurso, várias vezes, o Apóstolo dos Gentios viria a carecer dos cuidados fraternais que os amigos lhe dispensariam.

Antes, porém, que prossigamos com a nossa narrativa, carecemos de registrar a causa de alguns historiadores, equivocadamente, afirmarem que, em determinada altura de sua vida, traindo os votos afetivos com Abigail, Paulo se fizera pai de uma menina, inclusive com insinuações maledicentes a respeito de seu relacionamento com Tecla.

É que, após terem passado por Derbe e Listra, chegando a Icônio, Paulo teve oportunidade de conhecer Tamar, a filha adotiva de Tecla, que lá permanecia sob os cuidados de Acácia. Tomando-se de grande afeição pela garota, consentiu que ela passasse a tratá-lo por "Pai". Os inimigos de Paulo e

Tecla, que ainda eram numerosos em Icônio, encarregaram-se de espalhar a calúnia, dizendo que ambos, desde muito, se tinham feito amantes, e que, por tal motivo, Tecla rompera com Tamíride, mergulhando sua família em grande desgosto...

— Meu "Pai" - chamava-o assim a garota, que, por intercessão espiritual de Tecla, havia sido curada de hanseníase -, eu gosto muito do senhor... Não conheci o meu "Papai" verdadeiro e poucas lembranças tenho de minha "Mamãe", mas, para mim, o senhor e Tecla são os pais que eu tenho para amar!...

Diante de tanto carinho, Paulo, com a menina junto a si, não tinha coragem de rejeitá-la ou mesmo de pensar nas consequências históricas que o fato haveria de ter para a sua biografia de homem de Deus - e, com certeza, isso pouco lhe importava!

O próprio Simão Pedro, tanto em Cafarnaum quanto em Jerusalém, também era acusado de abusar de jovens possuídas que o procuravam para se livrarem dos espíritos que as atormentavam... Numa ocasião, no segundo ano da Missão do Senhor, muito entristecido, o ex-pescador procurara o Mestre para se queixar de certa maledicência que, neste sentido, vinha se espalhando em torno de seu nome.

— Senhor - queixou-se ao Divino Amigo -, eu estou sendo acusado de engravidar uma jovem que...

— Eu sei, Simão! - simplesmente, respondeu o Senhor.

— Juro-Lhe, no entanto...

— Não há qualquer necessidade disso, Simão! - interceptou-o o Mestre, antes que concluísse a frase. — Do Filho do Homem também dirão tudo isso e muito mais! Se, para me seguir, não estiver disposto a suportar o veneno da male-

dicência humana, como poderá, de mim, vir a prestar maiores testemunhos quando a isso você for chamado?!...

— Tamar, minha filha - dizia-lhe Paulo com a ternura que qualquer homem, tendo o mínimo de sentimento no coração, é capaz de se dirigir a uma criança órfã -, espiritualmente, todos somos de Deus, que é nosso Pai Maior! No entanto, eu me sinto, sim, seu pai pelos laços do espírito, porque você é a menina que todo pai gostaria de ter por filha!...

E logo entrava a lhe falar de Jesus.

— Jesus, minha filha - contava-lhe -, é nosso Mestre e veio a Terra para nos ensinar o caminho da verdadeira felicidade, quando, então, nos reuniremos todos numa mesma e única família! Ele nos ensinou amarmos a todos, indistintamente...

— Mesmo aqueles que nos maltratam?! - perguntava Tamar, sob as reminiscências das perversidades que ela e sua mãe, com o pequeno grupo de leprosos, experimentavam, de aldeia em aldeia, por onde passavam a mendigar.

— Sim, mesmo aqueles que nos maltratam! - respondia o Apóstolo. — Porque, em verdade, aqueles que pretendem nos fazer mal, não nos fazem mal algum, a não ser a si mesmos. Você entendeu?!

— Entendi, porque é isso que a mamãe Tecla e a "Vovó" Acácia me têm ensinado! - redarguia Tamar com vivacidade. — Ah, como Deus é bom! A minha mamãe de verdade não pôde ficar comigo, mas Deus me deu uma família muito grande - a "mamãe" Tecla, a "vovó", o senhor, que é meu pai espiritual, Jesus, que é meu "irmão", e o "tio" Petrônio...

Certa noite, porém, logo após o término da pregação, que tinham o cuidado de fazer, sem despertar a atenção de

curiosos, Tecla foi chamada por uma senhora, porque um pedinte reclamava lá fora sua presença.

Enquanto Paulo se entretinha em conversação com os que desejavam saber mais a respeito do Reino de Deus, Tecla, na companhia de Petrônio, vai até à porta da casa, onde se encontravam reunidos (tais reuniões, em Icônio, por medida de segurança, não tinham endereço fixo) e se depara com um mendigo em deplorável estado de saúde.

Aquele homem sequer tinha forças a fim de levantar a mão e pedir algo para comer. De barbas e cabelos extremamente crescidos e profundas olheiras, o mendigo fitou-a por instantes e, com dificuldade, pronunciou o nome dela:

— Tecla!

A senhora não teve qualquer dúvida - aquela voz era a de seu pai, Mésimo!

— Papai! - exclamou ela, amparando o pobre que, no esforço para chegar até ali, desabara ofegante. — Papai!...

Revirando os olhos enterrados nas órbitas, Mésimo, de fato, estava irreconhecível. O corpo, muito magro e febril, e a respiração difícil lhe prenunciavam o fim.

— Tecla!... - tornou o genitor. — Eu não... tenho... muito tempo, minha... filha! Você... estava... certa! Perdoe-me!...

— Papai! - repetia ela, abaixando-se para socorrer Mésimo, que, praticamente, agonizava em seus braços.

— Perdoe-me, filha! - insistia. — Perdoe-me! Eu... também... me fiz... cristão! Eu... a expulsei... de casa!...

— Não - redarguiu a Mártir -, o senhor apenas facilitou o meu encontro com Jesus Cristo!...

Quando Petrônio, que voltava, tentou lhe dar um pouco d'água na boca, Mésimo expirou, amparado pela filha, a quem, um dia, ele, praticamente, expulsara de casa.

Nesse ínterim, Paulo saíra de dentro da residência, chegando a tempo de ver que Tecla cerrava as pálpebras do próprio genitor, que, ao deixar o corpo, como se quisesse levar com ele a imagem da filha para o Mais Além, não fechara os olhos por completo.

— Paulo - elucidou a Discípula -, este era meu pai, Mésimo!

— Com todo o mal que ele, por desconhecer a Jesus, possa ter causado a você, Tecla, ele foi mais feliz que o meu pai, que, infelizmente, deixou este mundo, sem se fazer cristão!...

Com o auxílio de Petrônio e outros amigos, Tecla, na manhã do outro dia, tratou de dar sepultamento digno ao genitor, que, no passado, fora um dos homens mais ricos de Icônio.

Daí a uma semana, Paulo - junto a Barnabé, Tecla e Petrônio - passando por Listra, ainda trouxera consigo o jovem Timóteo; seguiria para Antioquia da Psídia, indo a Trôade e Filipos - cidades nas quais a presença do Apóstolo era reclamada.

— Mais tarde - comentou Tecla com o antigo rabino, referindo-se à paisagem próxima do Rio Orontes -, eu pretendo me instalar, em definitivo, nestas imediações. A não ser a fim de buscar Tamar e Acácia, para que fiquem em minha companhia, não mais pretendo voltar a Icônio.

Conforme está escrito em "Atos dos Apóstolos", no capítulo 16, versículos 6 a 10 - *"E, percorrendo a região frígio-*

*gaiata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu. E, tendo contornado Mísia, desceram à Trôade. À noite, sobreveio a Paulo uma visão, na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: 'Passa à Macedônia e ajuda-nos'. Assim que teve a visão, imediatamente procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o Evangelho".*

## Em Trôade e Filipos

**E**m Trôade, a saúde de Barnabé da sinais de piora, e ele, então, comunica a Paulo que pretendia seguir apenas até Filipos, porque não desejava atrasá-los na viagem, a qual sequer tinha chegado à metade do percurso a ser empreendido. Paulo traçara planos de ir a Bereia, seguindo até a Corinto e Atenas, passando por Éfeso. Barnabé, com dificuldade crescente de respirar, permaneceria em Filipos, em casa de amigos.

Filipos ficava na helênica Macedônia e, inicialmente, não constava do roteiro delineado por Paulo; todavia, atendendo à visão do varão macedônio que lhe solicitara auxílio, o Evangelizador dos Pagãos para lá se dirige, conforme Lucas descreve em "Atos dos Apóstolos", no capítulo 16, versículos 11 a 15: *"Tendo, pois, navegado de Trôade, seguimos em direção a Samotrácia, no dia seguinte a Neápolis e dali a Filipos, cidade da Macedônia, primeira do distrito e colônia. Nesta ci-*

*dade permanecemos alguns dias. Quando foi sábado, saímos da cidade para junto do rio, onde nos pareceu haver um lugar de oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que para ali tinham concorrido. Certa delas, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia. Depois de ser batizada, ela e toda a sua casa nos rogou, dizendo: 'Se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai'. E nos constrangeu a isso".*

Desnecessário dizer que Tecla, cuja presença é omitida nesta segunda viagem de Paulo, em "Atos dos Apóstolos", redigido por Lucas, era a única mulher que os acompanhava, sendo que Paulo, ao longo de toda a viagem, percebeu quanto a companhia dela se lhes fizera providencial, inclusive na pregação da Mensagem, de vez que, na maioria das vezes, eram justamente as simpatizantes e confiantes mulheres que abriam as portas de suas casas para o Evangelho.

Junto a Barnabé, Tecla se desdobrava em cuidados, procurando não deixar que o companheiro ficasse sem se alimentar durante muito tempo e, fosse por mar ou por terra, dele não se afastava com os seus serviços de enfermagem.

Navegando de Trôade a Samotrácia, debaixo de forte tempestade, a embarcação balançara tanto, que, várias vezes, Barnabé vomitara, chegando a desfalecer. Enquanto os homens, inclusive Paulo e Petrônio, Timóteo e Silas, bem como outros, lutavam para tirar o excesso de água que as ondas bravias lançavam para dentro do barco, Tecla se postara ao lado de Barnabé, aconchegando-lhe a cabeça cansada em seu próprio colo.

— Creio, minha filha - disse-lhe o amigo de Chipre -, que não poderei seguir com vocês... Meus pressentimentos estavam certos: eu deveria ter ficado em Jerusalém!

— Não diga isso, Sr. Barnabé - rebateu ela. — A sua presença é imprescindível para nós, e, mesmo porque - acrescentou, falando-lhe praticamente aos ouvidos -, conforme sabe, Paulo escuta apenas a você...

A verdade é que, por vezes, Paulo, não conseguindo deixar de se consumir pelo remorso, caía em periódicos estados depressivos; assim, de temperamento voluntarioso, costumava tomar decisões súbitas e não muito acertadas, sobre as quais somente capitulava sob a influência de Barnabé.

— Mas desconfio - acrescentava o Apóstolo - que, de fato, não poderei prosseguir, pois passaria a ser um estorvo para vocês, e longe de mim atrasá-los com a mensagem do Senhor a tanta gente que espera por ela! Talvez, minha filha, esteja mesmo chegando a hora de eu trocar de corpo...

Foi através daquele diálogo que Tecla, embora amiúde ele não se manifestasse a respeito, percebeu que Barnabé também esposava a crença na Reencarnação.

— Então?!...

— Sim, eu também penso como os gregos: sem a multiplicidade das existências, não alcançaremos a completa redenção, e, quanto mais velho e doente fui ficando, mais clara esta verdade se me tornou patente. Tornei-me cristão já sendo homem velho, cometi erros em minha trajetória de vida e, evidentemente, não me sinto justificado perante o Senhor e a própria consciência.

— Não fale assim! - replicou Tecla. — Se o senhor, que é um homem virtuoso, assim pensa de si mesmo...

— Não, minha filha - rebateu o ancião -, eu não sou tão virtuoso quanto você e outros possam imaginar... Ah, como gostaria de ter conhecido o Evangelho ainda na minha juven-

tude! Mas não há de ser nada... Voltaremos, não é?! - disse-lhe com uma piscadela.

— Intrigante é que Paulo evita falar a respeito do assunto - comentou a devotada Colaboradora.

— Pessoalmente, ele tem motivos para tanto - ponderou Barnabé. — Muito tem sofrido com suas reminiscências e não se perdoa pelo que fez a Estêvão e, conseqüentemente, aos seguidores, em geral, de nossa Causa. Para que amemos a Paulo, precisamos amá-lo como ele é e não como gostaríamos que fosse! A verdade, digo-lhe, é que nenhum dos Doze tem feito mais pela difusão da Boa Nova do que ele...

Barnabé, sofrendo outra crise de tosse, não pôde estender-se naquele diálogo com Tecla.

A tempestade se acalmou, e, por fim, eles chegaram a Filipos, cidade de clima extremamente agradável. Instalando-se numa hospedaria, e logo, como sempre fazia, procurando informar-se em torno da existência de templos na cidade, Paulo ficou sabendo que, nas proximidades de um rio de águas tranquilas, algumas pessoas costumavam reunir-se para orar aos deuses.

Dirigiram-se para lá, com Barnabé, amparado por Tecla e Petrônio, caminhando com dificuldade. Paulo se surpreendeu com o grande número de mulheres que ali estavam em silêncio, entregues à meditação. Eles, então, se assentaram, e, sem perder tempo, Paulo, após ter olhado para Barnabé, como a lhe procurar a aprovação, levantou-se e passou a anunciar Jesus Cristo ao grupo.

Porém, enquanto Paulo falava, Tecla era olhada com tanta insistência pelas mulheres, que, sentindo-se encabulado, o Converso de Damasco caminhou até a ela, que velava

junto a Barnabé, pela primeira vez, tomando ele mesmo a iniciativa de convidá-la à pregação.

Incentivada por Barnabé, Tecla caminhou até mais perto do grupo e, como sempre, inspirada por Abigail, começou a dizer, sumariando a história de seu encontro com Jesus:

— *Meus irmãos e minhas irmãs, como quase todos vocês, eu também acreditava na existência dos deuses...*

.....  
.....  
*Não obstante, um dia, encontrando-me, como hoje vocês aqui se encontram, às margens deste rio, na expectativa de uma resposta do Céu às minhas ardentes súplicas, pude ouvir falar de Jesus, que, filho de José e Maria, nasceu em Belém de Judá!*

*Ele teve existência real, e, em toda a Judeia, muitos podem testemunhar os seus feitos. O Cristo foi nosso contemporâneo - esteve entre nós ainda há pouco, e, após ser rejeitado pelos seus, foi morto pelos inimigos romanos. Todavia, conforme havia predito aos seus seguidores, no terceiro dia, Ele ressurgiu dos mortos!...*

A plateia, atenta, escutava a palavra tocada de emoção da Pregadora, notadamente, porque, sendo, em maioria, composta por mulheres, admirava-se de ouvir uma mulher predicando como um grande tribuno, mesmo porque, em quase todas as cidades da Ásia Menor, as mulheres também viviam em estado de extrema submissão aos homens.

Então, quando Tecla falou sobre as curas realizadas por Jesus, relacionando os muitos fenômenos que, a partir Dele, se desencadearam, como o da multiplicação dos pães e dos peixes para uma multidão de mais de cinco mil pessoas, o interesse pelo Messias foi aumentando.

Depois de alguns minutos, a Expositora calou-se e, sem nada dizer, caminhou para junto de Barnabé, deixando, assim, que a palavra que Paulo retomara tivesse melhor repercussão.

Naquele dia, porém, somente Lídia, uma vendedora de púrpura, se encorajara à conversão, convidando a todos para que fossem até à sua casa falar a respeito de Jesus aos demais familiares. A figura paterna de Barnabé, por fazê-la se recordar da fisionomia de seu genitor, inspirou tanta ternura à Lídia, que ela passou a tratá-lo com deferência especial, preocupando-se com seu estado de saúde. Então, a convite dela, o grupo se dividiu, com Tecla e Barnabé indo se hospedar em sua casa, enquanto os demais permaneciam nas dependências da estalagem.

Numa determinada tarde de sábado, o grupo, novamente se dirigindo para aquele lugar de oração em Filipos, foi abordado por uma jovem adivinha que, na cidade, desfrutava de certo prestígio, mormente junto ao comércio local, por suas indicações de beberagens e compra de artigos de natureza mística. A questão é que as pregações de Paulo e Tecla estavam começando a prejudicar os comerciantes que, assim, começaram a se aborrecer com a presença daqueles intrusos na cidade.

A jovem adivinhadora, que era médium equivocada, havia sido mandada para desmoralizar o grupo, principalmente a Paulo e Barnabé que o lideravam - o seu propósito era o de contestá-los publicamente. Acontece, porém, que, naquela tarde, incorporada pelo espírito que a assistia, em vez de desmoralizá-los, a médium e o espírito, dominados por forças espirituais de ordem superior, começaram, sim, a enaltecê-los, dizendo: *"Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação!"*

Diante do ocorrido, que Lucas, igualmente, descreve com certa riqueza de detalhes em "Atos dos Apóstolos", e, com maior riqueza ainda, é narrado por Emmanuel, na obra "Paulo e Estêvão", a jovem médium - para nos valermos de um termo utilizado por Allan Kardec, em "O Livro dos Médiuns" - tem as suas faculdades mediúnicas *suspensas*, ocasionando, assim, grande prejuízo aos que as exploravam. Revoltados com a situação, os comerciantes avançam sobre o grupo e apoderam-se de Paulo e Silas, levando-os à presença das autoridades da cidade.

Deixemos que o próprio autor de "Atos dos Apóstolos" nos fale a respeito das consequências do episódio: *".. e, levando-os aos pretores, disseram: Estes homens, sendo judeus, perturbam nossa cidade, propagando costumes que não podemos receber nem praticar, porque somos romanos. Levantou-se a multidão, unida contra eles, e os pretores, rasgando-lhes as vestes, mandaram açoitá-los com varas. E, depois de lhes darem muitos açoites, os lançaram no calabouço, ordenando ao carcereiro que os guardasse com toda a segurança. Este, recebendo tal ordem, levou-os para o cárcere interior e lhes prendeu os pés no tronco. Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam. De repente, sobreveio tamanho terremoto, que sacudiu os alicerces da prisão; abriram-se todas as portas; soltaram-se as cadeias de todos".*

O singular episódio incidente na prisão de Paulo e Silas surtira mais efeito na conversão de muitos em Filipo do que todas as pregações que, até então, Paulo, Tecla e Barnabé haviam promovido. Porque, não apenas o carcereiro que despertara vendo as portas do calabouço abertas se converteu - muitos dos prisioneiros, que ali estavam trancafiados por culpa de pequenos delitos ou mesmo por protestarem contra a deplorável situação social em que viviam, se fizeram cristãos.

Os próprios pretores, sabendo do acontecido, com receio do Deus que pregavam, desconsideraram as acusações que pesavam sobre eles.

Tomando a decisão de seguir adiante, visitando Anfípolis e Apolônia, Barnabé dialoga com Paulo e diz a ele que sua saúde não lhe consentiria continuar. Já que, em Filipos, não mais existia acusação contra eles, se demoraria algumas semanas na casa de Lídia, que o hospedava - assim que se sentisse em condições físicas mais favoráveis retornaria a Jerusalém, onde, certamente, poderiam se reencontrar.

Tecla, que tanto se afeiçoara ao irmão da ilha de Chipre, não querendo deixá-lo a sós, também desejou ficar para lhe fazer companhia, com o que o próprio Barnabé não concordou.

— Tecla, não se preocupe! - disse-lhe ele. — Eu ficarei bem... Se você puder deixar Petrônio comigo e se ele assim o quiser, eu lhe agradecerei. No entanto, você precisa seguir adiante. A sua palavra dirigida às mulheres é importante na sementeira de nossos princípios. Os homens podem não lhe dar crédito, como dão às palavras de Paulo, mas, de acordo com o que costuma nos dizer Simão, *"nenhuma profecia da Escritura provém de particular interpretação"*...

— Mas o senhor precisa de mim - insistia a valorosa Discípula.

— Lídia e Petrônio nada me deixarão faltar. Depois, de que nos valeria sair semeando, sem que deixássemos alguém para cuidar das sementes que germinam?!...

Respirando um pouco mais aliviado, embora tendo os pés muito inchados, Barnabé continuou:

— Ainda somos poucos e, a fim de que nossos esforços

se multipliquem, nossa aparente divisão é providencial... O Senhor nos recomenda: "*A seara na verdade é grande, mas os trabalhadores são poucos!*"! Estaremos sempre juntos, minha filha! Mesmo que, porventura, nossos passos não mais se cruzarem sobre este mundo, haveremos de nos reencontrar...

Tecla esboçou um sorriso triste.

Naquele momento, as palavras de Barnabé estavam sendo proféticas, porque, de fato, os dois não mais se veriam sobre a Terra! Depois de obter alguma melhora na casa de Lídia, o companheiro de Paulo delibera voltar a Jerusalém, mas suas forças não permitem que ele avance além de Antioquia da Pisídia, onde, sem ser martirizado como desejaria, e como alguns dos historiadores cristãos afirmam que ele o tenha sido, na própria Ilha de Chipre, Barnabé, o "Filho da Exortação", deixou o corpo enquanto falava do Evangelho a um grupo de cristãos.

Paulo demorou a ter notícias de seu desenlace, mas quando soube que o amigo havia partido, assim reagiu:

— Em espírito, tive dois grandes pais em minha vida: Gamaliel e Barnabé! Agora, verdadeiramente, me sinto completamente órfão!...

Antes que, da Tessalônica, chegassem a Bereia, Tecla, escutando a voz de Abigail, ficou sabendo que lá, na Sinagoga, os judeus eram mais estudiosos, e que, por isso, a palavra de Paulo teria melhor aceitação. Bereia, no entanto, era um reduto de "*mulheres gregas de alta posição*", e que, a estas, ela deveria procurar dirigir-se.

Assim, enquanto Paulo, falando na Sinagoga, concitava os judeus a examinarem as Escrituras, no ponto em que as profecias haviam se referido ao advento do Messias, e lhes fornecia suficientes subsídios para que, por si mesmos, che-

gassem à conclusão de que, no Cristo, elas já se haviam cumprido, Tecla, travando conhecimento com uma senhora de nome Achila, participava de uma reunião em sua casa com mais de dez mulheres.

— Amigas! - anunciou Achila a presença de Tecla. — Temos, hoje, conosco alguém que achei deveras interessante... Trata-se da cristã Tecla de Icônio, que me pareceu portadora de muitas virtudes relativas à sabedoria.

— Mas - indagou uma das senhoras - afinal, ela é judia, grega ou romana?...

— Digamos - respondeu Tecla com vivacidade -, que eu seja romana, grega e judia... Afinal - acrescentou -, como cada uma de nós poderia separar todas as gotas de sangue que nos correm nas veias pela sua nacionalidade?!...

— Então - insistiu a interlocutora -, você, ao mesmo tempo, é pagã e cristã?!...

— Fui pagã, sou cristã, mas, acima de tudo, sou alguém que, como os nossos mais notáveis filósofos, não se cansa de procurar a Verdade - Verdade que, para mim, começando com Sócrates, culminou em Jesus Cristo!...

— Não era Ele, no entanto, um fanático religioso que foi condenado como malfeitor?!

— Longe disso! - acentuou Tecla, que, de acordo com a condição cultural da plateia, sabia conduzir o seu discurso. — O Cristo contestava toda e qualquer espécie de fanatismo... Dizia-nos Ele: "*Seja o vosso falar sim sim; não não!*"! Por quase os mesmos motivos que Sócrates, Ele foi condenado à morte! E, porventura, o grande sábio, que - creio - todas nós admiramos, notadamente pela defesa que fazia de nossa condição de mulher, era um malfeitor?!...

— Em absoluto! - responderam elas, quase em uníssono.

— Pois Jesus, filho de José e Maria, cuja Mãe eu pude conhecer no Vale de Hébron, também era um defensor das mulheres.

E entrou a falar-lhes da singular intervenção que o Cristo fizera da mulher surpreendida em adultério, de seu diálogo com a mulher samaritana, de seu fraternal carinho para com Maria de Magdala, que foi a primeira mulher a segui-Lo, na condição de Mestre...

— Não obstante - inquiriu outra das mulheres gregas presentes -, se assim é, em que é que, porventura, o Cristo consegue superar Sócrates?!...

— Sócrates - respondeu Tecla com firmeza -, sem dúvida, era o mais sábio dos homens, mas o Cristo foi o Verbo Divino - a Sócrates, falava o seu *daimon*; pela boca do Cristo, era o Criador que nos falava, e, por suas atitudes, ainda era o Criador que agia...

— Podemos ler algo a respeito Dele?! - tornou a última que se pronunciara. — Por que você, que parece tanto saber da vida Dele, como fez Platão a respeito de Sócrates, não nos escreve algo sobre a sua Vida?!...

— Talvez, um dia, eu o faça! - respondeu Tecla no inteligente diálogo que, mais tarde, haveria de render sazonados frutos, de vez que aquelas senhoras nobres, possuidoras de muitos recursos financeiros, empreendiam constantes viagens a Atenas e outras cidades vizinhas, e, por certo, levariam consigo as informações que a Mártir lograra transmitir-lhes com tanta lógica e emoção.

# 27

## Em Atenas

Qual acontecia em todas as cidades por onde passavam, pregando a Boa Nova, Paulo e seus amigos - entre eles, evidentemente, Tecla - foram escoraçados de Bereia. Segundo Lucas, que, em "Atos dos Apóstolos", sumariou a trajetória missionária do ex-doutor de Tarso, *"logo que os judeus de Tessalônica souberam que a palavra de Deus era anunciada por Paulo também em Bereia, foram lá excitar e perturbar o povo"*.

Porque, àquela altura de sua viagem, não mais contava com a palavra amiga de Barnabé, Paulo buscava em Tecla o exemplo de coragem para seguir adiante, porque a Mártir de Icônio, sem que, por vezes, nada tivesse necessidade de dizer, justamente por ser mulher, lhe era valioso incentivo em tão ásperas lutas.

Tecla, a fim de ser útil ao pequeno grupo, que, ainda, era integrado por Lucas, Timóteo e Silas, extrapolava em suas

funções de Pregadora do Evangelho, porque, quando, não raro, tinham necessidade de parar em algum trecho de caminho para se alimentarem, ela fazia questão de aquecer a comida para todos.

Certa vez, em um de seus raros momentos de descontração, ao vê-la preocupada em encontrar alguns gravetos para acender pequena fogueira, Paulo gracejou: — *Tecla! Tecla! Você está preocupada com muitas coisas, contudo apenas uma é necessária...* Compreendendo a alusão do Apóstolo, que se referia a episódio ocorrido na casa de Lázaro, em Betânia, envolvendo Marta e Maria, suas irmãs, quando o Senhor advertira a Marta pela sua excessiva preocupação com as fainas domésticas, gracejando de volta em paráfrase, Tecla respondeu: — *Paulo! Paulo! Sei que nem só de pão viverá o homem, mas, no momento, eu também sei que é de pão que, para continuar vivendo, o homem necessita!...*

Fazemos questão de registrar o fato, porque, quase sempre, de maneira geral, se esquece o lado humano que, como não poderia deixar de ser, era pertinente a todos os Apóstolos, que não apenas sabiam chorar, no testemunho da fé em Cristo, mas também sorrir!

Foi assim que, aos poucos, Tecla conquistou a confiança e a simpatia de Paulo, que nela passara a ver a figura de uma irmã, sobretudo, se destacando pela rara inteligência que possuía, aliada a inegáveis virtudes.

Deixando Timóteo e Silas para trás, na companhia de Lucas e Tecla, Paulo, ao chegar à prodigiosa cidade de Atenas, ficou indignado com o culto aos deuses a que os gregos ainda se entregavam, além da exploração mercenária da fé que observava em cada rua por onde passava. Com seu temperamento forte, não conseguiu deixar de dizer com ênfase: — *Isto é uma sodomia do espírito!...*

Sem sequer tomar um gole d'água, ali mesmo, em plena praça, começou ele sua pregação, logo passando a contender com filósofos epicureus e estoicos, que, observando a figura simples do Apóstolo, quase lhes parecendo estarem novamente na presença de Sócrates, o ironizavam, dizendo: — *"Que quer dizer este tagarela?"*.

Convidaram-no, pois, ao Areópago, onde, com maior liberdade, ele poderia expor seu pensamento em torno do que consideravam uma nova doutrina, porque a verdade é que, após ter-se condenado Sócrates à morte, a Filosofia, na Grécia, começara a entrar em colapso, com falsos sábios enxameando as ruas da célebre metrópole helênica.

Com Lucas e Tecla, o Apóstolo se dirigiu ao referido templo e, sem rodeios, começou a falar de Jesus Cristo, que, a princípio, embora o descaso intelectual que votavam aos judeus, os quais consideravam por fanáticos religiosos, os atenienses escutando-o imaginaram se tratar de um filósofo que, de súbito, pudesse ter emergido da Judeia. Quando, porém, ele se referiu à ressurreição dos mortos, enfatizando a imortalidade e exemplificando com a ressurreição do próprio Cristo, que, redivivo, lhe surgira na estrada de Damasco, os gregos, literalmente, passaram a zombar de seu discurso e, sem o menor interesse mas com descaso, foram abandonando o Areópago. — *"A respeito disso - disseram-lhe -, nós o ouviremos noutra ocasião!"*

— Sinceramente - comentou Paulo com Lucas e Tecla - eu não saberia dizer o que é pior: se a mais completa ignorância em torno da Verdade ou se a soberba de quem se supõe estar na absoluta posse dela!...

— Eu diria - respondeu ela, confortando o companheiro de viagem -, que, neste caso, como em tantos outros, os ex-

tremos acabam se tocando, porque a soberba intelectual não é senão a outra face da moeda da ignorância!...

— Estou mais bem compreendendo agora - emendou o Apóstolo - o motivo pelo qual, antes de me estender a mão para que eu me levantasse, a fim de servi-Lo neste mundo, o Senhor me deixou cair tão profundamente!...

— A posição desses nossos irmãos atenienses - lamentou Tecla, referindo-se aos epicureus e aos estoicos -, que, por um lado, pregam a busca sistemática do prazer e, por outro, a excessiva austeridade ética, não se coaduna com a Mensagem do Evangelho, porque o Cristo não quer a morte do pecador...

Foi quando Paulo, ouvindo-a, pronunciou uma de suas mais belas frases, que, inclusive, teria oportunidade de inserir em uma de suas inesquecíveis Cartas, endereçadas aos coríntios: — *"Ai de mim, se não pregar o Evangelho!..."*

Registrou Lucas, em "Atos", que algumas poucas pessoas presentes no Areópago não deixaram de se interessar pela palavra do Apóstolo dos Gentios, destacando, entre elas, um homem de nome Dionísio e uma mulher chamada Dâmaris. E, antes que partissem para Corinto, foi justamente na casa de Dâmaris que o pequeno grupo conseguiu fundar a primeira igreja cristã em Atenas.

Embora, em muitas de suas pregações, Paulo, sem, contudo, guardar a menor consciência disso, se sentisse envolvido pelo espírito de Estêvão, com maior frequência era através do sonho que ele conseguia obter contato mais direto e lúcido com o Mundo Espiritual que o guiava. Se, em Atenas, a semente da Palavra não correspondera às expectativas, em Corinto, ela seria altamente favorável. — *"Teve Paulo, durante a noite, uma visão em que o Senhor lhe disse: Não temas; pelo*

*contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade."*

Com base nesse sonho e na acolhida que ali tiveram, Paulo, com seus amigos, passou um ano e meio *"ensinando entre eles a palavra de Deus"*. Os coríntios formavam uma comunidade singular, porque, de fato, muitos deles eram espíritos diferentes, que ali se haviam corporificado para servirem à Causa do Evangelho - inclusive, aceitavam com naturalidade o intercâmbio que, entre *vivos e mortos*, poderia estabelecer-se, e, por esse motivo, nas reuniões que com eles eram promovidas, as manifestações mediúnicas ocorriam com frequência.

Ao contrário dos atenienses, que ironizaram o que Paulo lhes dissera sobre *ressurreição*, para os habitantes de Corinto, ele pôde até mesmo mencionar a existência do *corpo espiritual*, explicando: *"Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual"* - em clara referência ao que, mais tarde, Allan Kardec denominaria *"perispírito"*!

Numa dessas reuniões com os cristãos de Corinto, Tecla, convidada por ele a falar ao grande número de mulheres presentes no recinto, sendo totalmente envolvida pelo espírito Abigail, assim se pronunciou:

*— Irmãos e irmãs de Corinto, que o Senhor seja louvado!*

*O Cristo é nova luz para o nosso entendimento da Vida, que não se limita à existência do homem sobre a face da Terra.*

*Ele veio para nos libertar e nos fazer entender que não somos o corpo que perece - que, para nós, o corpo que envergamos não passa de veste transitória, a fim de que possamos tecer a túnica nupcial que envergaremos um dia...*

*Muito, no entanto, ainda nos compete fazer sobre este mundo, onde apenas as balizas do Reino Divino estão sendo fincadas no solo de nossos corações... Não pensemos, assim, em salvação individual, porque o Cristo, que nada mais tinha a fazer na Terra, não nos esqueceu! Ele veio a nós por muito nos amar...*

*Os opositores de nossa Causa não são para serem odiados, e, sim, para serem a cada vez mais amados, porque "os sãos não necessitam de médico", mas os enfermos!*

*A rigor, não temos inimigos; portanto por inimigos não somos combatidos - somos combatidos por irmãos imersos na ignorância, na mesma ignorância em que, até ontem, nós nos encontrávamos imersos. Adquirindo esta compreensão de nossos adversários, lograremos perdoar-lhes, como o Cristo nos perdoou tê-Lo crucificado!*

*Aqui, neste recinto, em relação aos muitos erros cometidos, não há ninguém de consciência tranquila, todavia já conseguimos desfrutar de relativa paz, porque começamos a imprimir às nossas vidas um rumo diferente... Aceitar a Jesus, na condição de Senhor e Mestre, é o nosso verdadeiro renascer, porque de pouco nos vale sobreviver à morte do corpo, sem que promovamos nosso renascimento espiritual.*

Ouvindo as considerações de Tecla, que, visivelmente, se encontrava em estado de transe mediúnico, Paulo se impressionava e não conseguia mesmo controlar as lágrimas que lhe escorriam nas faces marcadas pelo sofrimento.

— *Irmãos e irmãs de Corinto!* - prosseguiu Tecla. — *Entendamos que o Evangelho é uma prova do amor de Deus a toda a Humanidade! Sem a luz da Verdade, que o Cristo veio acender nas trevas de nossa ignorância, que haveria de ser de nós?! Para onde continuaríamos caminhando?! Em que*

*novo abismo haveríamos de nos precipitar?! Como darmos sentido a palavras como "felicidade", "alegria", "esperança", "amor"?! Para onde iríamos?! Foi pensando justamente assim que Simão Pedro, um dos Doze escolhidos por Ele, teve oportunidade de Lhe dizer: "Senhor, para quem iremos?! Tu tens as palavras de vida eterna!" Naquele momento, inspiradamente, Simão falou a Jesus por todos nós - mesmo por aqueles que ainda O têm recusado e, com certeza, continuarão a recusá-lo pelo tempo em que permanecerem de espírito enrijecido...*

— *"Senhor, para quem iremos?!" - eis a pergunta que, mesmo antes de conhecê-lo, eu me fazia em Icônio, quando, um dia, ao ouvir Paulo, pelas palavras deste paternal amigo, Ele me respondeu...*

*Agora, mercê da Divina Misericórdia, não mais caminho sem rumo, porque sei qual é o Caminho - o Cristo é o Caminho!*

*Irmãos e irmãs de Corinto - encerrou Tecla com eloquência - as palavras de Jesus são palavras de vida eterna, porque Ele veio para nos tutelar a caminhada até a Eternidade! Ele é nosso Guia! Sem Ele, nossa existência neste mundo carece de fundamento, porque continuaremos a viver como se viver fosse o cumprimento de dolorosa pena, a que estamos condenados até que a morte dela nos liberte! Não! A vida na Terra não é uma cela onde fomos trancafiados por um Criador implacável, que, talvez, se divirta com as nossas dores... Deus é Pai! Deus é Amor! A vida neste corpo que animamos transitoriamente é oportunidade de aprendizado e crescimento, porque Jesus nos exortou: "Sede perfeitos como perfeito é vosso Pai celestial"! Eis, em suma, o que significa viver: voltarmos ao divinal e feliz regaço de nosso Pai Criador!...*

Quando Tecla silenciou, não havia quem não estivesse a chorar de emoção, naquela pequena igreja em Corinto.

Esperava-se que, como de hábito, Paulo, posteriormente, tomasse a palavra e fizesse a sua pregação, mas, naquela noite, tocado nas fibras mais íntimas, ele se escusou de efetuar qualquer pronunciamento. Durante longos minutos, a plateia permaneceu envolvida pelas vibrações das palavras que, ao mesmo tempo, lhe haviam tocado o coração e feito meditar. Tinha-se a sensação de que o Céu baixara à Terra, e o encontro das duas Dimensões fazia com que todos ali presentes se sentissem transferidos para outro Plano de Vida.

Em seguida, antes que as pessoas começassem a retirar-se, Paulo e Tecla, no que foram assessorados por outros, repartiram com todos os presentes os poucos pães que haviam conseguido para aquela noite.

Quando, então, estavam prestes a encerrar as atividades, uma pobre senhora adentra o recinto, trazendo nos braços de avó aflita a neta desfalecida. A menina, aparentemente, estava morta. Brincava à tarde, nos arredores de sua casa, quando fora picada por peçonhenta víbora. Os pais estavam na pesca, e a avó, em desespero, recorrera aos préstimos de um mago que vivia ali, na cidade.

— Entreguei a ele todo o meu dinheiro - disse a senhora -, e, durante muito tempo, ele empregou seus sortilégios em vão... Mandou-me embora, proferindo palavrões. Estava em minha casa, a velar o corpo de minha neta, de minha pequena Eulália, quando me falaram de vocês...

Paulo e Tecla se entreolharam, porque, afinal, a peçonha da víbora deveria estar agindo no corpo da menina havia várias horas.

— Falaram-me de vocês, os seguidores do "Caminho", e me disseram que, em nome de bondoso homem que morreu na cruz, vocês fazem milagres... Então, em desespero, trouxe até aqui o corpo de minha neta. Por caridade! Intercedam por

ela! Ela é tudo que temos neste mundo... Disseram-me que o Crucificado, de quem vocês são Discípulos, fez um homem levantar-se do túmulo, e Ele mesmo, ao ser morto e sepultado, ressurgiu da morte!...

— Minha senhora - tentou argumentar Paulo, naquele transe, mas, a um aceno de Tecla, o Apóstolo silenciou, ante a expectativa crescente de todos.

Pensando em que não poderiam falhar ali e que, talvez, tudo aquilo acontecia por artimanha das Trevas, para anular o êxito da reunião que se findava, Tecla ajoelhou-se, tomou a menina ao colo, descobriu-lhe a ferida que a víbora provocara na perna e, repetidamente, se pôs a sugar o veneno, que, lentamente, agia no corpo de Eulália.

Durante longos minutos, sem sucesso aparente, Tecla sugou na ferida arroxeadada na perna da garota, que permanecia inanimada, qual se, de fato, estivesse morta.

Porém, naquele momento, quando estava prestes a desistir, Tecla, elevando os olhos para o Alto, invocou o nome do Cristo.

— Senhor - disse ela -, que, para nós, seja feita a Vontade de Deus, mas que, para esta menina, seja feita a Sua misericórdia!...

Naquele instante, um líquido amarelo grosso, com rajadas de sangue, começou a escorrer lentamente da ferida aberta na perna da menina, como se, através de poderosa intervenção espiritual, o tóxico injetado pela víbora estivesse sendo todo expurgado de seu corpo!

O espanto era geral! O próprio Paulo, bem como Lucas, que era médico, jamais haviam presenciado um fenômeno daquela natureza!

A pequena Eulália, então, entreabriu os olhos, ao que a avó, notando o discreto movimento de suas pálpebras, desatou a gritar, promovendo comoção geral:

— Ela está viva! Minha neta reviveu! Jesus Cristo é verdadeiro!...

Tecla estava exânime. Nada conseguiu fazer, a não ser afastar, com veemência, a sua própria destra, dos lábios da senhora que insistia em beijá-la.

— Não! Não a mim! - exclamou. — Ao Cristo! A Jesus Cristo! - insistiu, desfalecendo de imediato, sendo socorrida por Paulo e Lucas, os quais, apanhando-a no chão, a convulsionasse, a colocaram em cima de uma laje à guisa de leito.

— O veneno! - gritou alguém. — O veneno da víbora passou para o corpo dela!...

De fato, no ato de sugar a peçonha da perna de Eulália, que apenas haveria de ficar, por sequela, com pequena atrofia de ordem muscular, Tecla acabara por ingerir certa porção do líquido amarelado, que, entrando em sua circulação sanguínea, lhe comprometeria a saúde por vários dias.

Conduzida à casa de Áquila e Priscila, sua esposa, durante quase duas semanas, a Mártir de Icônio se entregaria a repetidas crises convulsivas que, não fosse pela intercessão do Plano Superior, teriam precipitado seu desenlace! Todavia, ela ainda tinha muito a fazer antes de abandonar o corpo - precioso instrumento na tarefa que abraçara por amor ao Evangelho do Cristo. A saúde, porém, nunca mais haveria de ser a mesma, tanto assim que lhe faltaram condições físicas ideais para que seguisse com Paulo até ao termo de sua segunda viagem missionária, que, de Corinto, ainda se estenderia à parte da Síria, visitando Ceneireia e, posteriormente, Éfeso, onde ele pouco pôde demorar-se.

Quando, por fim, Tecla se viu livre das convulsões, estava excessivamente emagrecida e fraca, sem forças para retomar as pregações na igreja de Corinto. Mesmo assim, quando conseguiu pôr-se de pé, amparada por Áquila e Priscila, fazia questão de comparecer aos cultos, para desmentir os boatos que corriam em torno de sua saúde, com os adversários dos cristãos espalhando notícias de que não houvera nenhum milagre no caso de Eulália, de vez que a "feiticeira" cristã tinha sido envenenada pela própria farsa que encenara em nome do Crucificado...

Durante mais de ano, Tecla perdeu contato com Paulo e Barnabé, e as informações que lhe chegavam de Jerusalém davam conta de que a situação na "Casa do Caminho" era das mais difíceis. Alguns diziam que, após a partida de Paulo para a terceira viagem, praticamente repetindo o mesmo roteiro, Simão decidira ir a Roma, o que, desde muito, planejava fazer, porque o seu mais ardente desejo era o de testemunhar a Fé junto aos companheiros que vinham morrendo nas arenas. A verdade é que Simão nunca pudera se perdoar pelo fato de ter negado a Jesus por três vezes e, neste sentido, apenas haveria de sentir-se em paz quando, por fim, tivesse oportunidade de morrer hipotecando seu amor ao Divino Mestre.

Como tencionava, assim que as condições lhe permitiram, Tecla viajou a Icônio, para se reencontrar com Acácia e Tamar e, com ambas, se estabelecer na região da Selêucida, às margens do Rio Tigre.

## Morte *de Pedro e Paulo*

**C**om Nero no poder, sucedendo a Claudio, não tardou muito para que o ex-pupilo do virtuoso preceptor, Sêneca, renunciasse à Virtude em favor do Vício e aderisse integralmente à Crueldade Desumana! Eis, então, que os cristãos passaram a suportar as mais acerbos e desumanas perseguições. O referido Imperador, transformado em joguete das forças invisíveis que se opunham à expansão do Cristianismo, tornou-se responsável pelo incêndio de Roma, no ano 64, e culpou os seguidores do Cristo pela insanidade. Durante cinco dias, assumindo proporções inimagináveis, a capital do Império ardeu em chamas, sendo que quatro dos quatorze distritos da cidade foram totalmente reduzidos a cinzas e sete deles ficaram parcialmente destruídos!

Para acalmar o povo (milhares pereceram, e outros tantos tudo perderam!), os espetáculos nos circos recrudesceram. Nero ordenou que todo cristão que não abjurasse de sua

crença fosse sumariamente executado, jogado aos cães, a fim de ser esfaqueado, senão ser queimado vivo ou crucificado!

Foi pela época do reinado do Imperador (infelizmente, também matricida, ordenando a execução de sua própria mãe, Agripina, a fim de que pudesse se consorciar com Popeia Sabina) que Simão Pedro deliberou ir pregar o Evangelho em Roma, onde a sua presença, desde muito, vinha sendo reclamada pelos irmãos de Ideal.

Deixando Jerusalém, Simão, com a mente povoada por constantes visões do Mundo Espiritual, chega a Roma e logo implanta seu ministério, pregando inicialmente em catacumba abandonada, erguida num dos bairros mais miseráveis da grande cidade.

Os romanos, extremamente supersticiosos, sabiam, através de espionagem, que os cristãos costumavam se reunir nos ditos cemitérios subterrâneos, mas, mesmo os soldados, não tinham coragem de adentrar o Reino dos Mortos, que supunham ser governado pelo deus Hades, ou Plutão.

No entanto, aos cristãos, não restava espaço e alternativa para que promovessem suas reuniões noutros lugares, onde haveriam de ser facilmente aprisionados. Por esse motivo, nos é justo dizer que, à semelhança do que aconteceria ao Espiritismo, considerado a Doutrina dos Mortos, igualmente, o Cristianismo, durante trezentos anos, emergiu das entranhas da Terra!

Simão chega a Roma em meados do ano de 65 e, em lágrimas, constata que, efetivamente, a situação dos cristãos era dramática! Ninguém saberia explicar o prodígio de os seguidores do Nazareno continuarem a multiplicar-se, sob os piores reveses, que, ao longo da História da Humanidade, jamais seriam impingidos aos adeptos de nenhuma outra crença religiosa - nem mesmo os judeus, pela época do "Holo-

causto", padeceriam tanta perseguição quanto padeceram os cristãos, que as Trevas pretendiam extinguir da superfície do Orbe.

Indo residir na casa pobre de um amigo de nome Leocádio, que vivia nos arredores de Roma como se fosse indigente, foi também na condição de indigente que Simão, durante algum tempo, conseguiu ocultar-se e sobreviver em Roma, porque sua cabeça havia sido posta a prêmio por Tigelino, o Prefeito - tão fiel a Nero quão cruel para os cristãos!

O comandante da Guarda Pretoriana, informado da presença do Apóstolo de Cafarnaum na cidade, passara a considerar ponto de honra prendê-lo e executá-lo em público, acreditando que, com semelhante medida, por falta de liderança, deixaria os cristãos desmoralizados. O que, efetivamente, não era verdade, porque o movimento cristão, extrapolando da liderança do inesquecível Pescador, já contava com inúmeros outros inspiradores, que, com a morte de suas duas maiores expressões, Pedro e Paulo, no mesmo ano de 67, haveria de continuar em sua vitoriosa trajetória, até que Constantino, através do Edito de Milão, no tardio ano de 325, proclamasse o Cristianismo como religião oficial do Estado.

Simão e Leocádio, cuja esposa e único filho já haviam sido atirados às feras, disfarçados de mendigos, costumavam esmolar pelas ruas de Roma e, assim, se inteiravam das notícias e conspirações que Tigelino, de maneira obsessiva, tramava contra os cristãos.

Foi por esse motivo que, praticamente, durante um ano, Simão permaneceu em quase anonimato para os próprios companheiros, que, afinal, padecendo torturas, poderiam delatá-lo. Sem se revelar, ele comparecia às reuniões nas catacumbas, que eram realizadas altas horas da noite, quando a cidade adormecia, como se fosse um estranho, porque, ali,

poucos dos que o haviam conhecido pessoalmente seriam capazes de identificá-lo pelos traços fisionômicos.

Contudo, em certa ocasião, durante uma das reuniões, não mais suportando aquela situação e considerando que o momento de seu testemunho estava próximo, Simão, retirando o capuz que lhe cobria o rosto, disse em alto e bom som:

— *Meus irmãos, eu sou Simão Pedro! Fui eu que, antecedendo ao episódio da Crucificação, neguei a Jesus por três vezes... Não pretendo mais me ocultar porque, sinceramente, sinto vergonha de mim! Sei que minha cabeça está a prêmio, e não temo a morte! Vim para estar com vocês e morrer com vocês, como, um dia, Jesus morreu por nós! Ele vive, e nós viveremos todos! Não há razão para que continuemos a nos considerarmos imprescindíveis ao Evangelho... Não passo de mero soldado do Cristo, destinado a tombar no campo de batalha! Todavia, a vitória pertencerá a Ele e somente a Ele!...*

Naquela noite mais penumbrosa que todas as demais, no amplo espaço da catacumba onde estavam reunidos, uma fila de irmãos e irmãs se formou para que Simão os abençoasse. Era comovente a atitude de quantos dele se aproximavam e se prosternavam de joelhos, como se sua presença fosse a presença do próprio Senhor!

De todas as maneiras, o Apóstolo tentava esquivar-se dos que, então, passaram a lhe beijar as mãos e os pés, pedindo:

— *Abençoe-me, meu pai, pois sei que, amanhã ou depois, estarei entre os mortos da arena* - solicitava-lhe um ancião de barbas tão encanecidas quanto as suas.

— *Simão, dê-me forças para que eu não vacile!* - rogava-lhe uma senhora que trazia o neto pela mão. — *Eu não tenho com quem deixar o meu pequeno Vitória...*

— *Ah!* - exclamava um jovem, agarrando-se-lhe às vestes - *eu quero morrer por Jesus, mas tenho receio de abjurar... Não me deixe fraquejar! Que eu possa me fazer digno daquele que é o Senhor...*

Profundamente comovido, o Apóstolo, por sua vez, a todos se recomendava:

— *Orem vocês por mim, meus irmãos, para que eu não fracasse outra vez!...*

Nos primeiros meses do ano de 67, quando deixava um dos cultos realizados nas catacumbas, Simão, que, de fato, terminara denunciado, é preso por soldados pretorianos, a mando de Tigelino. Lançado à prisão, permanece vários dias sem comer, apenas recebendo uma caneca d'água no período da tarde, com a especial finalidade de que fosse mantido vivo...

Antes de sua execução, que, justamente na Via Ápia, se daria pela crucificação e não no circo, como muitos historiadores supõem, Simão é levado à presença de Nero, o qual desejava ardentemente conhecê-lo.

Quando a sua figura de homem aparentemente comum adentra o palácio imperial, o Imperador, que sempre vivia sob o domínio de tenebrosas forças espirituais a controlá-lo, dele se põe a escarnecer:

— Então, você é o líder dos miseráveis que incendiaram Roma e que seguem Aquele que foi pregado na cruz?! Eu não imaginava que você pudesse ser uma figura tão inexpressiva! - falou a rodeá-lo, lhe observando de perto o corpo outrora vigoroso. — Se é que sabe falar, diga alguma coisa para que eu possa ouvi-lo!...

— *Jesus Cristo reina!* - exclamou o Apóstolo, recebendo

do, de imediato, violenta bofetada que Tigelino lhe desferira no rosto.

— Quê?! Você deve estar louco!... Um rei cujo trono foi a cruz dos bandidos?!...

— *Jesus Cristo vive!* - tornou Simão, com destemor.

— Vocês não passam de ratos embarafustados nos esgotos das catacumbas e querem desafiar a mim, o Divino César?! - gritou em um de seus muitos acessos de cólera.

— *Jesus Cristo vence!* - redarguiu aquele que, a convite do Senhor, se fizera pescador de homens.

— Chega! Basta! - disse Nero a Tigelino. — Alguém tão sem expressão e tão sem substância... Como pode?! Isso mostra a incompetência de Cláudio para enfrentar esses judeus, que também sempre pesaram aos cofres de Roma.

E, com um gesto de teatral desprezo, ordenou:

— Crucifiquem-no nu! E que o seu corpo miserável sirva de repasto para as aves de rapina, na Via Ápia! Deixem-no apodrecer ao Sol!...

Foi assim que, no ano de 67, Simão Pedro, diante de Nero, após testemunhar o Cristo por três vezes, quanto por três vezes o houvera negado, foi crucificado, com a notícia da morte do considerado chefe da resistência dos cristãos se espalhando por toda a cidade. Não obstante, ao contrário de retraírem-se, os adeptos do "Caminho" mais começaram a se expor, com os seus exemplos de fé e resignação demolindo, a pouco e pouco, as consideradas muralhas inexpugnáveis de Roma, pagã e corrupta!

Conforme dissemos, no mesmo ano de 67, quando ain-

da imperava Nero, mas cujo magno laurel feneceria, meses depois, em 68, Paulo de Tarso é preso e, igualmente, condenado à morte.

No último capítulo de "Atos dos Apóstolos" de número 28, versículos 23 a 31, estas são as derradeiras notícias do Missionário, o qual também fora pregar a Boa Nova na Capital do Império:

*"Havendo-lhe eles marcado um dia, vieram em grande número ao encontro de Paulo na sua própria residência. Então, desde a manhã até à tarde, lhes fez uma exposição em testemunho do Reino de Deus, procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela Lei de Moisés como pelos Profetas.*

*Houve alguns que ficaram persuadidos pelo que ele dizia; outros, porém, continuaram incrédulos.*

*E, havendo discordância entre eles, despediram-se, dizendo Paulo estas palavras: Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por intermédio do Profeta Isaías, quando disse:*

*Vai àquele povo e dize-lhe: De ouvido ouvireis e não entendereis; vendo, vereis e não percebereis.*

*Porquanto o coração daquele povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente e fecharam os seus olhos, para que jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, para que não entendam com o coração, e se convertam e por mim sejam curados.*

*Tomais, pois, conhecimento de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão.*

*Ditas estas palavras, partiram os judeus tendo entre si grande contenda.*

*Por dois anos, permaneceu Paulo na própria casa, que alugara, onde recebia todos que o procuravam.*

*Pregando o Reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo."*

Paulo é preso na residência de Lino, sendo, na companhia do dono da casa e de sua esposa, conduzido a uma prisão do Monte Esquilino. Tigelino, que o considerava mais perigoso que Simão, ordenara que ele permanecesse incomunicável, porque, mesmo no cárcere, a palavra eloquente de Paulo poderia provocar a revolta de outros prisioneiros que, resignadamente, esperavam a morte.

Mais tarde, retirado da prisão por um destacamento de soldados, Paulo, que fora transportado num carro para um dos cemitérios da Via Ápia, ouviu as explicações de quem exercia as funções de chefe do grupo - explicações que, com a devida vênia, transcreveremos do que Emmanuel registrou nas páginas de seu insuperável "Paulo e Estêvão":

— *"O Prefeito dos Pretorianos, por sentença de César, ordenou que fôsseis sacrificado no dia imediato ao da morte dos cristãos votados às comemorações do circo realizadas ontem. Deveis saber, portanto, que estais vivendo os últimos momentos".*

*Calmo, olhos brilhantes e mãos amarradas, Paulo de Tarso, mudo até então, exclamou, surpreendendo os verdugos com sua majestosa serenidade:*

— *Ciente da tarefa criminosa que vos incumbe desempenhar... Os discípulos de Jesus não temem os algozes que só lhes podem aniquilar o corpo. Não julgueis que vossa espada possa eliminar-me a vida, de vez que, vivendo estes fugazes*

*instantes em corpo cornai, isto significa que vou penetrar, sem mais demora, nos tabernáculos da Vida Eterna, com o meu Senhor Jesus Cristo, o mesmo que vos tomará contas, tanto quanto a Nero e a Tigelino!*

*(...) Não sou digno de lástima. Tende antes compaixão de vós mesmos, porquanto morro cumprindo deveres sagrados, em função de Vida Eterna; enquanto que vós, ainda, não podeis fugir às obrigações grosseiras da vida transitória. Chorai por vós, sim, porque eu partirei, buscando o Senhor da Paz e da Verdade, que dá vida ao mundo; ao passo que vós, terminada vossa tarefa de sangue, tereis de voltar à hedionda convivência dos mandantes de crimes tenebrosos da vossa época!...*

*O algoz continuava a fitá-lo com assombro, e Paulo, notando a tremura com que ele empunhava a espada, concitou, resolutamente:*

— Não tremais!... Cumpri vosso dever até ao fim!

*Um golpe violento fendeu-lhe a garganta, seccionando quase inteiramente a venerável cabeça, que se nevara aos sofrimentos do mundo."!*

Ignora-se onde os corpos de Pedro e Paulo foram sepultados, não sendo os seus túmulos, na atualidade, mais que indicações simbólicas para os cristãos que, ao longo dos séculos, merecidamente, passaram a cultuar-lhes a memória como dois dos maiores Exponentes do Evangelho, em todos os tempos.

Lino, o dono da casa em que Paulo se encontrava quando foi preso, em Roma, passou a liderar os cristãos, após a decapitação do Apóstolo. Timóteo, Tito, Lucas e Alexandre de Jesus, dentre outros, bem como o próprio João Evangelista,

se tornaram pontos de referência espiritual para os que prosseguiram enfrentando o fanatismo dos judeus ortodoxos e o paganismo dos romanos.

Somente meses depois foi que Tecla ficou sabendo, em detalhes, do que sucedera a Simão e a Paulo. Ela já estava, com Acácia e Tamar, domiciliada na região da Selêucida, onde deliberara fixar-se.

Dois irmãos, chamados Crispo e Júlio, portando fragmentos da Carta que Paulo escrevera aos Romanos, bem como da Primeira Epístola de Pedro, chegaram a Mísia, onde, naquela oportunidade, Tecla se encontrava pregando. Eles estavam a caminho da Cesareia, todavia um naufrágio no Mar Egeu fez com que, providencialmente, eles fossem dar à costa de Mísia.

Inteirando-se, assim, do que acontecera aos seus dois grandes amigos, a quem considerava por seus pais espirituais, Tecla não reprimiu, uma vez mais, copiosas lágrimas por aqueles que, em verdade, sempre lhe serviram de inspiração, no bendito apostolado. Porém, reencarnacionista, um pensamento a confortava: com certeza, no Grande Futuro, os dois baluartes do Cristianismo dos primeiros tempos haveriam de voltar à Terra, dando sequência ao trabalho que, sob as sublimes diretrizes do Senhor, eles apenas haviam começado.

Tecla fez questão de copiar para si os documentos de que Crispo e Júlio, jovens quase adolescentes, se faziam portadores aos cristãos de Jerusalém, que davam continuidade às tarefas da "Casa do Caminho" - sendo que ela mesma, pela facilidade com que lidava com a palavra escrita, se encarregaria de fazer outras cópias da preciosa documentação que, somente em alguns de seus trechos, alcançaria o homem na atualidade.

Àquela altura, Barnabé também já demandara a Pátria Espiritual, como igualmente Tiago, filho de Alfeu. Dos Doze, ao que se sabia, apenas João sobrevivia, na crença literal que se depositara nas palavras com que o Cristo, respondendo a certo questionamento de Simão, havia pronunciado a seu respeito: *"Se eu quero que eu ele permaneça até que eu venha, que te importa?"* Tais palavras, obviamente, interpretadas fora do contexto da Reencarnação, mesmo tendo sido pronunciadas pelo Excelso Mestre, careceriam de sentido, porque a verdade reside em que, do ponto de vista físico, João, embora partindo em idade propecta, não permaneceu até que Ele viesse... Contudo, sendo o Espiritismo o simbólico retorno da Doutrina de Jesus ao mundo e assim, portanto, Ele mesmo, na chamada *"Parúsia"*, fácil deduzir-se que João Evangelista, na personalidade de Hippolyte-Léon-Denizard Rivail - Allan Kardec -, sempre permaneceu, como permanece, vigilante na defesa dos postulados cristãos.

Na Selêucida, pode-se dizer que Tecla, passando a habitar uma gruta de Isáuria, próxima a Pisídia, orientava inúmeros rapazes e moças na Doutrina Cristã, sendo ela, efetivamente, quem fundou a primeira escola com bases no Evangelho.

Não mais desfrutando de saúde para longas viagens, no máximo, por vezes, ela se deslocava até a Damasco, onde sua palavra era sempre aguardada com enorme expectativa.

Ela foi, assim, a primeira mulher a fazer-se eremita, à semelhança dos que, tempos depois, seriam denominados "Santos do Deserto", que se insulariam em austeras disciplinas, como Santo Antão, mas que, embora aparentemente fugindo do convívio social, cumpriam elevada função de ordem transcendente, pois sempre eram procurados por quantos neles desejassem inspirar-se na conquista da virtude e na renúncia aos apelos da vida mundana.

Quando a Mártir de Icônio não estava ocupando o tempo na orientação aos jovens, que nela procuravam pautar suas vidas, ou, então, em peregrinação missionária nas proximidades da gruta de Isáuria, passava o dia entregue à meditação e à escrita, trabalhando incansavelmente pela divulgação dos princípios cristãos, pelos quais ela a tudo renunciara na Terra.

## Últimos Dias

**T**ristes notícias chegaram a Tecla, a respeito de Helena e Ananias, em Selinus. O casal cristão não fugira ao testemunho por apedrejamento, a que fora submetido por instigação de judeus fanáticos da Sinagoga de Atália. Helena, recebendo violenta pedrada na frente, tombara de imediato, ao passo que Ananias, ainda agonizando ao chão, teve o corpo trespassado por um golpe de punhal no peito.

Contudo, a violência que contra os cristãos se generalizava em toda parte, provocava grande indignação nas almas nobres, que, espontaneamente, passavam a voltar-se para a doutrina do Cristo.

Quando Helena e Ananias foram martirizados, o trabalho que ambos estavam desenvolvendo em Selinus, como em toda a região, estava proporcionando os melhores frutos, de vez que outros pequenos núcleos cristãos se instalavam em casas daquela região da Ásia.

Petrônio, na companhia de João, que tomara Maria de Nazaré sob sua proteção, se exilara em Éfeso, passando a servi-los com extrema dedicação. Fora ele que presenciara o desdobramento do chamado "Vidente de Patmos", o qual, em transe, descrevera os quadros constantes do livro "Apocalipse". Informações davam conta a Tecla de que, em Éfeso, era sempre muito grande o número de peregrinos que procuravam conhecer a "Santíssima" que, na casinha pobre a que se recolhera, permanecia inspirando os espíritos ao Evangelho de seu Amado Filho.

Enfim, quase todos os amigos mais próximos de Tecla se haviam distanciado, sendo que a maioria fora morta em testemunho da Fé. Acácia, acometida por insidiosa enfermidade, expirara, aos poucos, sob os seus e os cuidados de Tamar.

— Não nos diremos "adeus" - disse-lhe Tecla, velando à sua cabeceira de moribunda. — Logo nos reencontraremos, minha boa Acácia! No Outro Lado, peço-lhe, não se esqueça de mim com os seus inefáveis zelos...

Durante alguns anos, Tecla viveu apenas em companhia de Tamar, a menina hanseniana que adotara por filha querida. Seguindo os exemplos da benfeitora, Tamar não quis consorciar-se, que, educada por Tecla, auxiliava-a nos serviços de pregação da Boa Nova. Aquela, no entanto, que, mais tarde, a Igreja passaria a considerar na condição de "igual aos Apóstolos", estava destinada a viver os seus últimos tempos na Terra em completa solidão. Tamar, escorregando numa pedra, caíra de relativa altura e fraturara a bacia, desencadeando-se em seu organismo uma infecção que não pôde ser debelada.

Tecla, de joelhos, orava incessantemente pela recuperação da filha do coração, implorando a Jesus a curasse. Porém, ela, que já intercedera uma vez em seu favor, não o pôde fazer

de novo. Em noite chuvosa e fria, Tamar expirou em seus braços, não sem antes confortar a mãe, que a pranteava:

— Não chore por mim, mãezinha!... Jesus é bom! Ele salvou-me duas vezes, sim. Primeiro, quando me livrou das chagas que haviam tomado conta de meu corpo; depois, quando, me entregando aos seus cuidados, Ele me ensinou o caminho para o seu Reino de Amor... Não chore!...

— Por meu intermédio, o Senhor curou a tantos! - soluçava Tecla, dizendo: — E alguns deles mais de uma vez; agora, Ele parece não mais ouvir minhas orações...

— Mas a senhora me ensinou que só Jesus pode nos curar para sempre, mãezinha! - redarguia Tamar com dificuldade. — E esta cura para sempre, conforme a senhora sabe, não está no corpo, que perece e morre, e, sim, no espírito, que vive para a Eternidade!...

Tecla sepultou o corpo da filha a poucos metros da gruta em que passara a viver, em Isáuria.

Certa noite, sentindo-se em maior solidão, sonhou que Tamar, voltando da morte, lhe dizia:

— Mamãe, Maria de Nazaré também viu seu Filho partir... Sempre pertenceremos uma à outra, para que, juntas, pertençamos a Jesus Cristo! Enquanto, pelo seu amor, tudo não perdermos sobre a Terra, nossos espíritos não se farão dignos Dele!...

E, sorrindo, acrescentou:

— O amor de Jesus nos pede exclusividade, mãezinha!...

Tecla acordou no meio da noite, tendo lágrimas nos olhos, mas, com discreto sorriso nos lábios, repetindo para

que ela mesma pudesse ouvir as derradeiras palavras que Tamar lhe dissera:

— O amor de Jesus nos pede exclusividade, mãezinha!...

— Com que, então - perguntou a si, de coração confortado -, o Senhor é assim tão cioso de nosso amor?! Mas como?! Se eu já me consagrei a Ele de corpo e alma?!...

Naquele instante, a inconfundível voz de Abigail lhe soou aos ouvidos:

— Não obstante, no amor que sente por nós, o Senhor é insaciável - Ele quer que, amando o próximo como a nós mesmos, não amemos o próximo mais do que devemos amar a Ele!...

Tecla, compreendendo, passara o resto do dia sorrindo. Estranhando a atitude descontraída, os amigos que, de quando em quando, a visitavam, lhe perguntaram:

— Que houve?! Qual o motivo de tanta alegria?!...

— Ah! - respondia ela - Eu descobri que o Senhor é ciumento! Ele nos quer, a cada um de nós, somente para Si! -e sorria, sendo que muitos começaram a imaginar que, aos mais de oitenta de idade, ela já estivesse prejudicada em sua lucidez intelectual.

Todavia, embora já alquebrada fisicamente, a locomover-se com extrema dificuldade, Tecla ainda tinha muitos inimigos, os quais não entendiam como ela, sendo cristã, lograra livrar-se de todas as perseguições em que milhares de adeptos da doutrina do Nazareno haviam sucumbido e continuavam a sucumbir!

Quando alguém a indagava sobre o assunto, sem perder o bom humor, ela simplesmente respondia:

— O Senhor ainda quer me testar um pouco mais em minha fé! Com certeza, Ele ainda não me considerou digna de Seu Reino e, como não me quer mandar para as Geenas...

A outros, redarguia:

— Ainda tenho muitas arestas, e o Senhor tem gastado comigo o corte de quase todos os Seus cinzéis... Eu já Lhe disse que espíritos como o meu só podem ser lavrados a machado, mas Ele não me ouviu!...

Um dia, um homem estranho, chegando à gruta em que Tecla vivia, sob a vigilância de amigos que, em verdade, nunca a deixavam completamente a sós, atirando-se-lhe aos pés, começou a dizer:

— Perdoe-me, senhora! Perdoe-me!...

Tratava-se de um antigo feiticeiro que, por invejar a condição espiritual da Mártir, muitas vezes a caluniara, dizendo que, à noite, ela, que era considerada uma mulher intocada, promovia verdadeiras orgias dentro da gruta...

— Meu neto estava gravemente enfermo, e eu, com todos os meus conhecimentos, não lhe podia devolver a saúde... Nenhum de meus amigos nada podia fazer por ele que, a cada dia, me parecia se aproximar das sombras da morte. Ele, então, me pediu que o trouxesse até à senhora... Era coisa que, em definitivo, eu não quis fazer!

Silenciou por instantes e prosseguiu contando:

— Ela pode me curar, vovô! - ele insistia comigo, sem que eu, por amor próprio, não quisesse atendê-lo. Eu nunca acreditei na doutrina do Crucificado... Fala-se tanta coisa, e, depois, hoje em dia, não há nada mais perigoso do que ser cristão - nem ser assassino é mais perigoso do que ser cristão!

Tecla, serena, ouvia a narrativa do homem que, de joelhos, se desmanchava em lágrimas.

— Naquela noite - continuou o feiticeiro - meu querido Pólux piorou tanto, com a febre e com os delírios, que, sinceramente, eu estava apenas à espera de que ele fechasse os olhos para que a sua agonia tivesse fim... De madrugada, vencido pelo cansaço da vigília de muitos dias, eu adormeci ao seu lado, escutando-lhe os gemidos, para, de manhãzinha, acordar com ele me chamando... — Vovô, vovô! - ouvi a sua voz, que me despertava de terrível pesadelo. — Vovô, aquela senhora esteve aqui esta noite! Ela me curou, vovô!... — Aquela senhora?! - perguntei a ele, sem entender o que estava acontecendo. — Que senhora, meu filho?! — Aquela mulher da gruta, vovô! Ela esteve aqui, ao meu lado, impôs a mão sobre a minha cabeça e orou chamando por um homem de nome Jesus... Eu estou curado, vovô! Curado! Tenho fome! Eu estou com fome!...

E, em pranto convulsivo, o velho feiticeiro, que vivia de explorar a credence alheia, exclamava:

— Foi a senhora! Foi a senhora! Meu neto pôde vê-la... Ensine-me esse sortilégio!...

— Mas eu não me lembro de nada! - respondeu Tecla com simplicidade. — Eu não saí daqui... E o único "sortilégio" que conheço é o de orar a Jesus Cristo, que é meu Mestre!...

— Perdoe-me! - insistia o homem. — Perdoe-me!...

— Perdoar-lhe de quê, meu irmão?! Você nunca me fez mal algum, mesmo porque o mal que pretendemos fazer a alguém é somente o mal que fazemos a nós mesmos!...

— Mas eu tinha que vir até aqui, para dizer à senhora que, desde muito, os meus amigos estão pretendendo

agredi-la, a fim de maculá-la em suas virtudes de mulher, que, agora, sei, são verdadeiras: a senhora é uma santa!...

— Santa?! - rejeitou Tecla o elogio. — Uma santa velha, caindo aos pedaços, que vive dentro de uma gruta?! Ora, meu irmão, não me tente dessa outra maneira!... Prefiro que você me crave um punhal no peito ou que me decepe a cabeça com um golpe de espada, antes que me inocule tal veneno no espírito!...

Tecla havia se levantado do tosco banco de pedra onde passava a maior parte do tempo e, com dificuldade, caminhava dentro da gruta, dizendo, agora tomada de indignação:

— Deixe que venham! Não possuirão mais que um remanescente de matéria imprestável!... Não é somente isto que, em geral, os homens acham que as mulheres têm para lhes oferecer?! Quanta mediocridade! Agora, melhor entendo meu Senhor, quando perguntou aos judeus: "*Até quando vos hei de sofrer?!*" Deixe que venham! - insistia, talvez, pela vez primeira, perdendo a serenidade que sempre a caracterizava.

O homem, assustado com semelhante transfiguração, emudeceu.

— Agora - ordenou a Mártir -, você se vá daqui e leve consigo a tentação que me trouxe... Eu sou e sempre fui lama! - exclamou, lembrando o que, muitas vezes, durante a existência de noventa anos, ela tivera oportunidade de repetir. — Seja grato a Jesus Cristo, que isto me basta! Vá-se daqui!...

O feiticeiro, porém, erguendo-se do chão em que continuava prostrado, saiu ainda mais convencido da santidade daquela mulher que ele, tantas vezes, caluniara.

O episódio, no entanto, caindo no conhecimento dos demais mistificadores da região, que se sentiam prejudicados

no comércio de explorar a ignorância e a superstição populares, acirrou-lhes o ânimo contra Tecla, que, aliás, em suas pregações, não perdia oportunidade de alertar o povo contra a ação dos falsos cristos e, neste caso, dos falsos profetas. — *"Guardai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco, cobertos de peles de ovelha, e que por dentro são lobos rapaces. — Conhecê-los-eis pelos seus frutos. Podem colher-se uvas nos espinheiros ou figos nas sarças?"* - ela sempre fazia questão de frisar.

Naquela época, a palavra "feiticeiro", evidentemente, era um termo genérico, que, com muita frequência, se empregava para designar todos aqueles que se punham a lidar com as forças invisíveis consagradas ao Mal, sendo que era muito comum que a tais, inclusive, se chegasse a encomendar a morte das pessoas através das poções venenosas, quando não delirantes, que eles se dispunham a preparar, em troca de dinheiro.

Três deles, então, prepararam um ataque contra a veneranda Tecla, combinando entre si que não deveriam matá-la, transformando-a em mártir, mas, sim, conspurcá-la em suas virtudes femininas - virtudes que, aliás, vinham servindo de inspiração para muitas jovens, que, ao colocarem-se a serviço do Evangelho, faziam opção pela castidade virginal. Tecla, conforme registramos anteriormente, seria, no Cristianismo, a precursora da clausura em que muitas mulheres cristãs passariam a viver na solidão dos mosteiros e dos conventos, que, naqueles tempos recuados, tiveram sua justa razão de ser.

Combinando o assalto para quando anoitecesse, usando capuzes que lhes cobriam as fisionomias exóticas, os três homens, furtivamente, se aproximaram da gruta, onde Tecla parecia estar à espera.

— Que pretendem?! - perguntou ao vê-los. — Vieram

abusar de uma morta?! Desejam possuir minha carne já inservível?!...

Ecoando dentro da gruta, suas palavras como que os paralisaram em sua ação.

— Vocês chegaram tarde, meus amigos! - disse-lhes. — Chegaram, porém, a tempo de serem as únicas testemunhas da minha partida deste mundo... Arregalem bem os olhos, porque, a partir de hoje, vocês não mais voltarão a enxergar a luz do dia!...

Assim dizendo, antes que os três homens, a portarem armas e cordas para amarrá-la, vencendo o medo que os tomara, decidissem pelo que, afinal, tinham planejado fazer, Tecla se retirou para os fundos da cripta, que tinha inúmeras passagens através da rocha, e não mais pôde ser vista por eles, mesmo porque, assim que a Mártir Ihes desapareceu diante dos olhos, os três ficaram completamente cegos!

Espalhou-se, assim, a lenda de que, com o intuito de proteger Tecla, o Senhor fizera com que uma rocha se abrisse e lhe abraçasse o corpo, livrando-a do intento de seus algozes!

A verdade, porém, é que ela, no esforço de enveredar por uma das passagens existente nos fundos da gruta, sofrera um mal súbito e rolara precipício abaixo, dando a impressão de que, qual o profeta Elias, fora, de corpo e alma, arrebatada aos Céus.

Os três feiticeiros, eles mesmos, se encarregaram de espalhar a notícia do fato aparentemente sobrenatural, que, antes de ficarem completamente cegos, haviam podido presenciar.

Por dois dias seguidos, os amigos cristãos de Tecla vasculharam a gruta, à procura de seu corpo, sendo que, somen-

te no terceiro dia, foram encontrá-lo numa estreita fenda, inteiramente preservado de qualquer decomposição! Contudo, com receio de que, caso ali fosse sepultado o seu corpo, o túmulo fosse profanado, os cristãos levaram-na a Selêucida, onde lhe deram piedosa sepultura, a qual, com o tempo, passou a ser objeto de peregrinação.

A valorosa Mártir, tendo cumprido cabalmente a tarefa para que, enfim, renascera, mas à qual, pelo seu próprio valor, superando expectativas, dera maiores dimensões do que se poderiam esperar de uma mulher em época tão difícil, retornava ao Mundo Espiritual, após ter escrito na Terra uma das páginas mais luminescentes no livro daqueles que souberam testemunhar sua fé no Evangelho.

Como Paulo, ela, igualmente, poderia dizer, que o Apóstolo dos Gentios grafou em sua Segunda Carta a Timóteo:

— *"Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé!"*

A notícia do desenlace de Tecla depressa chegou a Icônio, Listra, Derbe, Antioquia, Jerusalém, Roma... Durante longo tempo, suas lutas em prol da Causa Cristã foram citadas como exemplos para os cristãos do segundo e do terceiro século, mas, infelizmente, pouco ou quase nada em documentação escrita se deixou registrado sobre ela.

Por esse motivo, nos dias atuais, embora Tecla seja considerada um dos ícones da Igreja Católica, muitos há que supõem que sua vida não passou de mera lenda, ou, então, que seus feitos não foram assim tão grandiosos, para merecerem ser biografados pelos contemporâneos...

Precisamos, porém, dizer que, à semelhança da Grande Mártir, muitas mulheres houve às quais o Cristianismo muito

passou a dever, no campo da exemplificação. Segundo pudemos dizer alhures, essa lamentável omissão de nomes e feitos deve-se à influência da sociedade judaico-romana, excessivamente machista - influência à qual, infelizmente, até mesmo os homens cristãos mais proeminentes dos primeiros séculos não conseguiram se safar.

No livro "História Eclesiástica", de Eusébio de Cesareia, um dos poucos que conseguiram chegar aos nossos dias, documentando a História dos quatro primeiros séculos da Igreja Cristã, raríssimas são as menções do historiador a vultos femininos, sem os quais, no mínimo, os maiores nomes do Cristianismo Nascente não teriam ido ao mundo.

Não exageramos em dizer que, nos testemunhos de fé a que os cristãos foram chamados, nos primeiros três séculos do Cristianismo, o número das mulheres que pereceram nos circos, em espetáculos públicos ou isoladamente, nada fica a dever ao dos homens que morreram pela mesma causa, sendo, ainda, que muitos deles se fizeram mártires e heróis do Evangelho por inspiração de suas mães, esposas, filhas e irmãs.

Por esse motivo, escrevendo sucintamente sobre alguns episódios da vida de Tecla de Icônio, pretendemos também prestar nossa sincera homenagem àquelas anônimas heroínas do Cristianismo Nascente que, mais do que os homens, souberam atender as palavras que, em relação a Jesus, inspiradamente, fluíram dos lábios de Maria de Nazaré, nas Bodas de Caná da Galileia: *"Fazei tudo o que ele vos disser"!*...

## No Mundo Espiritual

**T**ecla cumprira abençoada trajetória na Terra, junto a tantos outros espíritos que, provenientes do sistema planetário de Capela, cujas diversidades geraram diferentes raças na Terra, haviam, outrora, rejeitado as lições do Senhor, que, em todos os orbes do Universo, se sintetizam no *"Amai-vos uns aos outros"*.

Tais espíritos, acolhidos pelo Cristo, na Terra, ao mesmo tempo em que teriam oportunidade de redimir-se, cooperariam no aprendizado dos primitivos habitantes do Planeta e de outros que para ele se transfeririam, em busca de experiência.

Podemos, pois, afirmar, uma vez mais, que os cristãos dos primeiros tempos, em maioria, não eram espíritos considerados propriamente terrestres, mas, sim, irmãos da Grande Família Universal, entre quedas e soerguimentos, em contínua ascensão para Deus.

Óbvio que muitos outros, cujo berço evolutivo tenha sido a própria Terra, aproveitaram a oportunidade da presença do Divino Mestre sobre ela e, ao contato com Ele, principiaram por iluminar-se interiormente, revelando notável aproveitamento.

Tecla, porém, repetimos, e outros, entre os quais os próprios Apóstolos e, ainda, Paulo de Tarso, eram espíritos que traziam consigo considerável bagagem evolutiva, dispostos agora a não mais se afastarem do caminho do Amor e da Verdade. Contudo, alguns deles, como Judas Iscariotes, por exemplo, ainda claudicariam no momento do testemunho, equivocado ele e os aliados por considerarem Jesus como Rei de Israel, ante a profética vinda do Messias; e, aos carmas que traziam consigo de outras Esferas, acrescentariam os carmas que, pela sua invigilância, viriam a adquirir no Orbe Terrestre.

O que afirmamos não se baseia apenas na revelação, mas, principalmente, na lógica, porque o mundo de há mais de dois mil anos, em nenhum aspecto - nem mesmo no biológico -, favorecia o aparecimento de homens e mulheres da estirpe espiritual que caracterizava os cristãos primitivos.

Deixando o corpo já nonagenário, Tecla, extremamente exaurida em todas as suas energias, viu-se fora da gruta de Isáuria, onde passara os últimos anos de profícua existência, na condição de asceta.

A princípio, com as ideias um tanto confusas, imaginou que estivesse apenas tendo um sonho, um delírio, igual a outros que, em muitas ocasiões, tivera, quando, mormente nos primeiros anos de sua conversão, se percebia numa campina verdejante, atapetada de flores. Mas, agora, ela fazia parte daquela imensa procissão de peregrinos que, assinalados por inúmeras cicatrizes, retornavam do campo de batalha...

De imediato, não pôde reconhecer a ninguém - a nenhum daqueles homens e mulheres que, às centenas, formavam um só bloco iluminado, caminhando sobre o tapete de grama esmeraldina, atraídos por imenso foco de luz a brilhar ao cume de um monte.

Aquela paisagem, com certeza, não lhe era de todo estranha, todavia, os rostos que podia divisar eram diferentes dos que ela se habituara a identificar, em seus desdobramentos.

Embora com certo abatimento, que não sabia bem se lhe acometia o corpo ou o espírito, contraditoriamente, ela caminhava com facilidade, quase como se estivesse a deslizar sobre a relva: ao mesmo tempo em que experimentava vontade de chorar, sentia tamanha alegria no coração, que nem todas as palavras do vocabulário conseguiriam exprimir.

Caminhando rente a ela, de frente alevantada e olhos postos no radioso foco de luz que lhes centralizava as atenções adiante, observou irmãos e irmãs que, em seu corpo espiritual, ostentavam as marcas do martírio que lhes havia sido impingido, em defesa do Evangelho - cada uma delas era como se lhes fosse, ao peito, uma medalha de heroísmo, conferida pelos Céus aos que não haviam desertado ao testemunho a que tinham sido convocados!

No entanto, eis que, agora, aqueles espíritos que, durante algum tempo, haviam se exilado no corpo, voltavam à Pátria de origem, a fim de prestarem contas de suas atitudes às soberanas Leis da Vida.

Tecla, olhando para si mesma, a não ser à altura do tórax, onde, certa vez, recebera forte pancada desferida por um calhau que lhe partira uma costela, não reparou em seu corpo nenhuma outra marca luminescente que se destacasse; en-

tão, considerou que, entre todos com os quais se pusera a caminhar, era ela o espírito mais apagado.

E assim pensando, envergonhada de si mesma, a Mártir do Icônio foi ficando para trás, até colocar-se no último lugar da fila dos peregrinos.

Quando, depois de muito e muito seguir, na direção daquele sublime foco de luz, que, ao mesmo tempo, se lhe mostrava a brilhar tão longe e tão perto, a pequena multidão estacou e, espontaneamente, se pôs de joelhos, como alguém que, humilde, se aquieta para ouvir um veredito.

Tecla, que se prostrara com dificuldade, era a derradeira...

Súbito, uma Voz melodiosa e inconfundível, emergindo daquela luz que parecia pulsar na Altura, começou a falar com extrema doçura:

— *"Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração, e achareis repouso para vossas almas, pois é suave meu jugo e leve meu fardo!"*

Evidentemente, nossa palavra não conseguiria traduzir toda a beleza das Palavras que, naquele momento, o Senhor fazia ecoar no coração de cada um daqueles espíritos que o haviam servido com fidelidade no mundo. O fenômeno, porém, era semelhante ao acontecido na Festa de Pentecoste, quando, comunicando-se com a multidão, os espíritos que se

manifestaram se puseram a falar de modo que cada um dos presentes os entendesse em seu próprio idioma!

— *"Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. Estavam, pois, atônitos e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos estes que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna, partos, medos e elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia; da Frigia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia nas imediações de Cirene e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes; como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?"*

Portanto, como se estivesse dirigindo-se particularmente a Tecla, aquela voz, cujo timbre nunca lhe havia soado aos ouvidos mortais, mas na qual ela adivinhava a voz do Divino Mestre, que tantas e tantas vezes anelara escutar, lhe dizia:

— *Bem-aventurada és, porque cumpriste todos os teus deveres com dignidade! Não te entristeças, porque, em meu Reino, os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros... Sobe, pois, filha, ao meu encontro e ao encontro daqueles que, há longo tempo, permanecem à tua espera!...*

Sem que soubesse explicar o ocorrido, como que por encanto, todo o cansaço da Mártir desapareceu, e, então, ela começou a experimentar uma sensação de leveza muito maior do que aquela a fazê-la deslizar sobre a campina - porém, à exata medida que subia, o ponto de chegada lhe parecia estar cada vez mais distante!

Foi quando, a determinada altura, quando já prestes a sentir vertigem, por não mais conseguir respirar o ar rarefeito daquele ambiente etéreo, sua visão se dilatou, e ela pôde enxergar inúmeros amigos que, sorrindo, vinham saudá-la em seu regresso ao Mundo Espiritual.

Dezenas deles, em fila, se punham a abraçá-la, depositando-lhe fraterno ósculo na fronte, fazendo com que, assim, gradativamente, ela se sentisse revigorada.

Em primeiro lugar, vinha Barnabé, sorridente, a dizer-lhe:

— Tecla, minha irmã, que Deus a abençoe! Rendo a você meu tributo de reconhecimento e minha gratidão!...

Depois, um a um, foram se sucedendo: Acácia e Tamar, o próprio Tiago, filho de Alfeu, Estela e Petrônio, Helena e Ananias...

Para sua imensa surpresa, como um dos integrantes da fila, apareceu Simão Pedro, que lhe abria os braços paternais.

Logo em seguida, veio Paulo, que, demoradamente, a abraçou em lágrimas, sussurrando-lhe, baixinho, aos ouvidos:

— Perdoe-me, Tecla!...

E, por último, de mãos dadas, assemelhando-se a duas estrelas, dois irmãos, dentre os mais belos espíritos que surgiram para recepcioná-la, apresentaram-se:

— Eu sou Abigail! - disse a jovem que, praticamente, em toda a sua trajetória terrena, tanto a protegera.

— E eu sou Estêvão! - exclamou o Primeiro Mártir Cristão, com extrema ternura no olhar.

— Meu Deus! - tornou Tecla, admirada, reconhecendo-o. — Você... Você é quem eu sempre vi em meus sonhos! À época, porém, tinha a impressão de que eu era mais jovem que você! Agora, no entanto...

— Você não deve ter-se observado bem, Tecla! - redarguiu Estêvão, sorrindo. — Você se esqueceu do que nos disse o Mestre?! E repetiu: *"Digo-vos, em verdade, que aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, nele não entrará!"*

Foi quando, então, reparando em si mesma, a Mártir glorificada se enxergou completamente transfigurada... Não mais era a mulher cujas faces o tempo assinalara com muitas rugas e que, nos últimos lustros, constrangera a caminhar com muitas dificuldades.

— Terei, porventura, assim, chegado ao Reino de Deus?! - inquiriu Tecla, que, fisicamente, se sentia tornar ao tempo de sua melhor juventude em Icônio.

— Ainda nos falta muito! - respondeu Estêvão, com o bom humor característico dos espíritos felizes. — Rejuvenescemos, mas ainda não nos fizemos crianças o suficiente!...

— Então, para onde vamos?! - perguntou ela, preocupada.

— Rumo a Jerusalém, para a "Casa do Caminho"! - atalhou Simão, elucidando.

— Mas - replicou Tecla -, ao que sei, a "Casa do Caminho" acabou sendo fechada; depois, por ordem do Sinédrio, foi incendiada...

— O Sinédrio, no entanto - disse Simão -, não pôde derrubar seus alicerces espirituais... A "Casa do Caminho", na

*Jerusalém Espiritual*, continua em franca atividade, e, por lá, temos muito trabalho a empreender!...

Volitando para as imediações da Crosta, em direção da chamada "Cidade dos Profetas", Tecla pôde anotar a extensão dos serviços que, de fato, os aguardavam, porque a tarefa de cristianização da Humanidade, que nunca se interrompe, sempre se desdobrou dos Dois Lados da Vida.

A "Casa do Caminho" com que a Mártir pôde se deparar no Além era de dimensões muitíssimo mais amplas do que aquela que, em Jerusalém, ela conhecera, um dia. E, passados cerca de dois mil anos em que semelhante fortaleza espiritual se ergueu sobre a Terra, a abençoada Instituição continua com o seu ministério e há de continuar, dentro dos mesmos padrões com que foi fundada, até que os séculos se consumem para a Redenção da Humanidade!

Por assim dizer, a "Casa do Caminho" e não os mais diversos templos religiosos que se ergueram após, chegando mesmo a descaracterizar os traços espirituais de sua singela arquitetura, há de prosseguir, sendo o simbólico vínculo do Cristianismo da Terra com o Cristianismo em suas origens.

A referida Instituição, segundo Tecla observou, prolongava-se do Infinito para a Terra, e vice-versa, sem que, contudo, ela mesma conseguisse atinar sobre que extremidade os seus alicerces, verdadeiramente, se apoiavam.

Notou, no entanto, que, quanto mais se aproximava da Crosta, mais a "Casa" perdia em luminosidade, ganhando, porém, em intenso trabalho de enfermagem junto às centenas e centenas de espíritos que estavam deixando o corpo, vítimas das perseguições com que as Trevas procuravam apagar qualquer rastro de luz que o Cristo havia deixado no mundo.

Olhando para um canto da Instituição, Tecla observou dois espíritos encolhidos, quase imersos na completa escuridão que irradiavam de seus corpos espirituais.

Ali, ninguém estava a conversar inutilmente. Simão e Paulo, assim como Estêvão e Abigail, se inclinavam sobre leitos improvisados para socorrer entidades que tinham os seus corpos lacerados e que, sem maior consciência do que lhes houvera sucedido, clamavam por água e pão.

Tiago, o filho de Alfeu, habituado a viver mais no mundo das ideias, abandonara, por sua vez, os próprios excessos teológicos e dispusera-se ao amparo de um casal de jovens que ainda pareciam debater-se entre os afiados dentes dos leões africanos que os haviam atacado na arena.

Sem vacilar, Tecla avançou na direção dos espíritos que, envergonhados de algo, pareciam ocultar a própria face de quem os pudesse identificar.

— Meus irmãos! - disse-lhes ela, um anjo a se colocar de joelhos diante da miséria humana. — Nada temam! Esta casa pertence a Jesus, cuja misericórdia sempre nos alcança!...

Então, um dos vultos sombrios, que permanecia de rosto escondido entre as esqueléticas mãos espalmadas, levantou, timidamente, os olhos encovados e, de inesperado, num misto de dor e loucura, desferiu um grito:

— Tecla!...

Era Teóclia, sua mãe, que, com Mésimo, seu pai, ali fora bater às portas daquela casa de caridade - o único reduto que, naquelas regiões espirituais, os espíritos carentes tinham para recorrer, nas proximidades do Orbe.

— Minha mãe! - exclamou a Mártir, segurando a forte emoção que a possuía naquele instante.

— Filha! - disse Mésimo em seguida, quase a ensandecer-se de todo. — Minha filha! Estamos perdidos - eu e sua mãe estamos perdidos!...

— Não, meu pai! - redarguiu Tecla, acariciando-lhes as faces. — Ninguém jamais se perde do Amor de Deus!...

E, sustendo os genitores em seus poderosos braços espirituais, que sobre eles se estenderam como se fossem duas asas, Tecla os conduziu ao leito mais próximo, num dos extensos pavilhões da "Casa", repleto de macas estendidas ao chão, no acolhimento amoroso aos necessitados de todas as procedências.

Teóclia e Mésimo haveriam de preparar-se, porque, durante ainda muito tempo, o Cristianismo precisaria de espíritos que, em busca da quitação de seus débitos perante a Lei, estivessem dispostos a voltar à Terra, a fim de que, no testemunho da fé, fossem capazes de viver e de morrer pela Causa do Evangelho!...



**E-mail: [edvitoria@mednet.com.br](mailto:edvitoria@mednet.com.br)**

**AV. CEL. JOAQUIM DE OLIVEIRA PRATA, 668  
FONES (34) 3336-5155 / 3336-6588  
B. BOM RETIRO . CEP 38022-290 . UBERABA-MG**

# Tecla *A Primeira Mártir do Cristianismo*

Neste livro de Irmão José, você acompanhará a trajetória de Tecla, a Mártir que se converteu ao Cristianismo através da palavra de Paulo de Tarso, quando, em companhia de Barnabé, ele pregava o Evangelho em Icônio.

Acompanhará o heroísmo dessa jovem que, para seguir o Cristo, a tudo renunciou e passou a sofrer acerbas perseguições, inclusive por parte da família, que não hesitou, ela mesma, em denunciá-la às autoridades da época.

Irmão José narra, com tocante simplicidade, as viagens que, sozinha, ou em companhia de Paulo e Barnabé, Tecla empreendeu, na divulgação da Boa Nova, descrevendo o ambiente espiritual da “Casa do Caminho”, em Jerusalém, a qual, sitiada pelas Trevas, resistiu, bravamente, às suas estocadas, com Simão Pedro e João à frente de suas múltiplas atividades junto aos “filhos do Calvário”.

Emocione-se com as páginas deste livro e saiba um pouco mais sobre as lutas que os cristãos dos primeiros tempos tiveram que enfrentar, no Testemunho da Fé.



ISBN 978-85-60628-48-3



9 788560 628483